

**Jornada de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão  
da UnUCSEH**

**VIII Seminário de Pesquisa dos Professores**

**IX Jornada de Iniciação Científica da  
UnUCSEH- UEG**

**23 a 25 de junho de 2014 | Anápolis**

**Os desafios do século XXI  
e o conhecimento interdisciplinar:  
Ciência, natureza e cultura na alta modernidade**

**ANAIS ELETRÔNICOS**

**ANAIS DA JORNADA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E  
EXTENSÃO DA UNUCSEH  
VIII SEMINÁRIO DE PESQUISA DOS PROFESSORES  
IX JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Anápolis, GO

2014



CÂMPUS DE CIÊNCIAS  
SÓCIO ECONÔMICAS  
E HUMANAS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
(Criada pela Lei nº 13.456 de 16 de abril de 1999, publicada no DOE - GO de 20 de abril de 1999)  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS**  
**COORDENAÇÃO ADJUNTA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO ADJUNTA DE EXTENSÃO, CULTURA E ASSUNTOS ESTUDANTIS**

**ANAIS DA JORNADA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E  
EXTENSÃO DA UNUCSEH  
VIII SEMINÁRIO DE PESQUISA DOS PROFESSORES  
IX JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Anápolis, GO

2014

Capa: *Gehard Richter. Landscapes series «Venice» (Island) 1986.*

Ficha catalográfica

---

S471a Seminário de Pesquisa dos Professores da UnUCSEH(8.:2014, Anápolis,GO) ; Jornada de Iniciação Científica (9.:2014, Anápolis,GO).

Anais do 8º Seminário de Pesquisa dos Professores da UnUCSEH e 9ª Jornada de Iniciação Científica, 23 a 25 de junho, 2014. -- Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Ciências Socio-econômicas e Humanas, 2014.

238 p.

ISSN 2175-2605

1. Pesquisa científica - Seminários - UEG/UnUCSEH. 2. Iniciação científica - Jornadas - UEG/UnUCSEH. 3. Ciências Humanas - Iniciação científica - Seminários. 4. Ciências Sociais - Iniciação científica - Seminários. I. Título.

CDU: 001.891:378(817.3Anápolis) (042.3)

---

Elaborada pela bibliotecária da UnUCSEH

Aparecida Marta de Jesus Fernandes

CRB1/2385

**GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS**

**Marconi Ferreira Perillo Júnior**  
Governador

**Mauro Netto Faiad**  
Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**

**Haroldo Reimer**  
Reitor

**Valcemia Gonçalves de Sousa Novaes**  
Vice-Reitora

Maria Olinda Barreto  
Pró-Reitora de Graduação

**Ivano Alessandro Devilla**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Marcos Antônio Cunha Torres**  
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis

**José Antonio Moiana**  
Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

**Eliana Machado Pereira Nogueira**  
Diretora do Núcleo de Seleção

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E  
HUMANAS**

**Marcelo Jose Moreira**

Diretor Acadêmico

**Silvair Félix dos Santos**

Coordenador Pedagógico

**Glauber Lopes Xavier**

Coordenador Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação

**Nádia Maria Farias Vaz**

Coordenadora Adjunta de Extensão, Cultura e Assuntos

**Waldir Ribeiro Guimarães**

Coordenação do Curso de Administração

**Antônio Jorge de Oliveira**

Coordenação do Curso de Ciências Econômicas

**Adriana de Azevedo Ramos Bandeira Arantes**

Coordenação do Curso de Ciências Contábeis

**Mary Anne Vieira Silva**

Coordenação do Curso de Geografia

**Maria de Lourdes Alves**

Coordenação do Curso de História

**Ivana Alves Monnerat de Azevedo**

Coordenação do Curso de Pedagogia

**Ewerton de Freitas Ignácio**

Coordenação do Curso de Letras

**Débora Cristina Santos e Silva**

Coordenação do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias

**Eliézer Cardoso Oliveira**

Coordenação do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado

**Aparecida Perpétua Nigri Moreira**

Coordenação Administrativa

## **APOIO FINANCEIRO**

Universidade Estadual de Goiás – UEG  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – CNPQ

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Akiane Miranda Bastos  
Diogo Jansen Ribeiro  
Elisabete Tomomi Kowata  
Glauber Lopes Xavier  
Ícaro Felipe Soares Rodrigues  
Márcio Dourado Rocha  
Nádia Maria Farias Vaz

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Dulce Portilho Maciel  
Elson Marcolino da Silva  
Ewerton de Freitas Ignácio  
Glauber Lopes Xavier  
Joana D´arc Bardella Castro  
Joao Roberto Resende Ferreira  
Marcelo de Mello  
Marcelo Jose Moreira  
Maria Aparecida de Souza Melo  
Maria Eugênia Curado  
Maria Idelma Vieira D´Abadia  
Mario Cesar Gomes de Castro  
Mario Roberto Ferraro  
Mary Anne Vieira Silva  
Robson Mendonça Pereira  
Sandra Rodart Araújo  
Veralúcia Pinheiro

## **ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS**

Akiane Miranda Bastos  
Glauber Lopes Xavier  
Ícaro Felipe Soares Rodrigues  
Vinícius Alves

## **AGRADECIMENTOS**

A coordenação adjunta de Pesquisa e Pós-graduação e a coordenação adjunta de Extensão, Cultura e Assunto Estudantis da Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás agradecem o apoio recebido por parte da Universidade Estadual de Goiás, bem como o aporte financeiro recebido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, indispensáveis para a realização deste evento. Agradece, ainda, aos professores que compuseram a comissão científica, bem como os (as) acadêmicos (as) e pós-graduandos (as) envolvidos (as) com a organização da Jornada. Finalmente, externa agradecimentos à todos e todas que participaram do evento, seja como ouvintes ou como apresentadores (as) de comunicações nos Simpósios Temáticos.

## APRESENTAÇÃO

A alta modernidade, fase tardia da sociedade moderna, é marcada por uma profusão de mudanças sociais, econômicas, políticas, estéticas e culturais. Ela viceja a necessidade de novas bases de produção do conhecimento considerando a complexidade dos fenômenos que a configuram. Questões como a problemática ambiental, as novas tecnologias, as crises do capital financeiro, o consumo e os conflitos socioterritoriais tem um ponto em comum: a discussão sobre ciência, natureza e cultura no novo século. É cada vez mais nítida a insustentabilidade do conhecimento parcelado na apreensão dos fenômenos em curso, como as questões inerentes a bioética e o desenvolvimento de tecnologias a serem acopladas ao corpo humano e outras que visam alterá-lo por meio da engenharia genética, bem como o debate sobre a questão ambiental e o recrudescimento das práticas de consumo em todo o planeta, assim como a questão ambiental e a biotecnologia aplicada à genética de plantas, ou, ainda, a natureza fantasmagórica do capital financeiro, a especulação imobiliária, o habitat e o estilo de vida ostentatório que é cultural e ideologicamente assegurado pela publicidade.

Tem-se, portanto, que apenas novos cânones a serem elaborados sob a forja da interdisciplinaridade poderão corresponder as novas demandas de pesquisas e, do mesmo modo, que a partir desses cânones ter-se-á a possibilidade de práticas políticas de intervenção numa realidade que se nos apresenta profundamente complexa. Assim, a IX Jornada de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão da UnUCSEH tem como principal objetivo fomentar debates e reflexões sobre os desafios do novo século e o conhecimento interdisciplinar. Este evento, que está em sua nona edição, tem se consolidado como importante espaço de diálogos entre as ciências humanas e as ciências sociais aplicadas na UnUCSEH. Neste ano contará com a participação, além das graduações (licenciaturas e bacharelados), dos Programas de Pós-graduação Stricto Sensu: Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT) e Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

A interdisciplinaridade dos programas de pós-graduação da UnUCSEH/UEG, bem como as parcerias de pesquisas entre os cursos da Unidade por meio de seus laboratórios, centros e núcleos de pesquisas têm colocado esta Unidade Universitária como referência na prática da interdisciplinaridade.

**Prof. Dr. Glauber Lopes Xavier - Coordenador Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação da UnUCSEH.**

## SUMÁRIO

<b>1. CIÊNCIAS HUMANAS.....</b>	<b>20</b>
<b>1.1. A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NA CIDADE DE ANÁPOLIS- GO.....</b>	<b>21</b>
Jane Meire de Oliveira Dias .....	21
<b>1.2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO A PERCEBER A REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ANÁPOLIS .....</b>	<b>23</b>
Bruna Carolina André Silva Santos.....	23
Elson Marcolino da Silva .....	23
<b>1.3. A AUTO ESTIMA NA INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS COM BAIXO LETRAMENTO 25</b>	
Andiara Magri Custódio Silva.....	25
Mylena Seabra Toschi .....	25
Nelson de Abreu Junior .....	25
<b>1.4. A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO VIA UNIVERSIDADES ESTADUAIS: CONTEXTOS E CENÁRIOS.....</b>	<b>28</b>
Renata Ramos da Silva Carvalho .....	28
Juliana Duarte Marques.....	28
<b>1.5. A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS .....</b>	<b>30</b>
Andréia Pereira da Silva.....	30
Elson Marcolino da Silva .....	30
Hellen Mariany.....	30
<b>1.6. “A MINHA FORÇA VEM DE DEUS”: ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DA VALENTIA JUDAICA ANTIGA .....</b>	<b>33</b>
Luana Katielly Araújo Ferreira.....	33
<b>1.7. A REPRESENTAÇÃO DA VALENTIA NOS CONTOS CARVALIANOS.....</b>	<b>36</b>
Wellida Mendes Pereira dos Santos .....	36
<b>1.8. AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA EMPREGADA PELAS PESSOAS IDOSAS E DE BAIXO LETRAMENTO NO USO DE DIFERENTES MÍDIAS DIGITAIS.....</b>	<b>38</b>
Eliane Gonçalves Costa Anderi.....	38
<b>1.9. AUTOESTIMA ENTRE PESSOAS EXCLUÍDAS DA ERA DIGITAL: UM ESTUDO APROXIMATIVO .....</b>	<b>40</b>
Nelson de Abreu Junior .....	40
<b>1.10. BERNARDO ÉLIS: A REPRESENTAÇÃO DA VALENTIA GOIANA .....</b>	<b>42</b>
Wellida Mendes Pereira dos Santos .....	42

<b>1.11. BRASÍLIA: ENTRE A MODERNIDADE E A MODERNIZAÇÃO DE UM PROJETO INTEGRADOR/FRAGMENTADOR DO TERRITÓRIO GOIANO</b> .....	44
Thalita Aguiar Siqueira .....	44
<b>1.12. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM BELCHIOR</b> .....	46
João Gabriel da Fonseca Mateus .....	46
<b>1.13. DA PENÍNSULA IBÉRICA AO SERTÃO GOIANO: UM CLOSE SOBRE AS CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS</b> .....	49
Ronypeterson Moraes Miranda .....	49
<b>1.14 DESAFIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ANÁPOLIS-GO</b> .....	51
Elson Marcolino da Silva .....	51
Leticia Batista Vieira.....	51
Liliane Alves São Boaventura .....	51
Sâmella Campos Popolin Silva.....	51
<b>1.15. DESAFIOS PEDAGÓGICOS DO CELULAR NA ESCOLA</b> .....	54
Tatiane Custódio da Silva Batista.....	54
Mirza Seabra Toschi.....	54
<b>1.16 FLUXOS E REDES: UMA DINÂMICA NO ESPAÇO</b> .....	57
Rubens Elias Santana Moraes .....	57
<b>1.17 INCLUSÃO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO</b> .....	59
Bruna Marques de Deus .....	59
Elson Marcolino da Silva .....	59
Gleiciely Oliveira Cardoso .....	59
Joyce Kelly Silva Pereira.....	59
<b>1.18 INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS DE LOCOMOÇÃO</b> .....	62
Tatiane Custódio da Silva Batista.....	62
Mirza Seabra Toschi.....	62
<b>1.19. O COTIDIANO ESCOLAR COM AS CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS: UM ESTUDO DE CASO</b> .....	65
Rhanielli Benelli Silva.....	65
Elson M. da Silva .....	65
<b>1.20. PODER E PROPANGANDA: JORNAL O POPULAR E FERNANDO COLLOR DE MELLO EM 1989</b> .....	68
Fernanda Soares Borges Perinelli.....	68
Marcelo Melo .....	68
<b>1.21. PROCESSOS EROSIVOS NO BAIRRO POLOCENTRO EM ANÁPOLIS (GO)</b> .....	70

Bernardo Cristovão Colombo da Cunha.....	70
Priscilla Fabiane de Brito .....	70
<b>1.22. REVISTA PEDAGÓGICA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA EM PEDAGOGIA .....</b>	<b>72</b>
Nay Brúnio Borges .....	72
Yonara Karollyne Plácido Cintra .....	72
Eleno Marques de Araújo.....	72
<b>1.23. SÉCULO XXI E DISCURSO DA CIÊNCIA E SUA FRAGMENTAÇÃO .....</b>	<b>74</b>
Joao Paulo Carneiro dos Reis .....	74
<b>1.24. TERÇO CANTADO EM ANÁPOLIS - GO .....</b>	<b>76</b>
Juliana Alves Machado; .....	76
Maria Idelma Vieira D' Abadia;.....	76
<b>1.25. UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE E INCLUSÃO .....</b>	<b>77</b>
Caroline Aidar Silvestre .....	78
Marlene Barbosa de Freitas Reis .....	78
<b>1.26. VILA DIMAS: REFÚGIO DE CANDANGOS E PIONEIROS NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA.....</b>	<b>79</b>
Manoel Messias Dias da Silva.....	80
<b>1.27. NOTAS SOBRE MEIO FÍSICO E EROSÃO LINEAR EM ÁREA DE CULTIVO DE CANA- DE-AÇÚCAR EM CERES-GO.....</b>	<b>82</b>
Levi Júnio de Camargo.....	82
Kesia Rodrigues dos Santos .....	82
<b>1.28. CAUSAS DE EROSÃO EM ÁREA RURAL NO MUNICÍPIO DE NOVA VENEZA (GO): ESTUDO DE CASO NA FAZENDA VARJÃO .....</b>	<b>85</b>
João Antonio Lopes .....	85
Kesia Rodrigues dos Santos .....	85
<b>1.29. SABER E FAZER: UMA COMPREENSÃO DOS ESPAÇOS CULINÁRIOS DAS FOLIAS DE REIS EM ANÁPOLIS - GO .....</b>	<b>87</b>
Ícaro Felipe Soares Rodrigues.....	87
Thaís Ruskai de Souza Silva.....	87
Maria Idelma Vieira D' Abadia.....	87
<b>1.30. DIFICULDADES/FACILIDADES DE IDOSOS COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS.....</b>	<b>89</b>
Sarah Rizzia Campos Luíz Miranda.....	89
Mirza Seabra Toschi.....	89
<b>1.31. O LABORATÓRIO DE MÍDIAS INTERATIVAS E INTERDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES (LIM/LIFE): ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES PESQUISADORES .....</b>	<b>91</b>
Eliane Gonçalves Costa Anderi.....	91

Mirza Seabra Toschi.....	91
Gláucia Xávier dos Santos Paiva.....	91
<b>1.32. CONTEXTO TEÓRICO PÓS-COLONIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS .....</b>	<b>93</b>
Mary Anne Vieira Silva .....	93
<b>1.33. UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DO PEDAGOGO: UNITAS MULTIPLEX.....</b>	<b>95</b>
Andréa Kochhann .....	95
Ana Paula Arantes da Silva .....	95
Naiara Gomes de Sousa.....	95
Thaís Tállita Ferreira Fernandes.....	95
<b>1.34. UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COM A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E ESTILOS DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>97</b>
Nay Brúnio Borges .....	97
Raiza Karoline .....	97
Andréa Kochhann .....	97
<b>1.35. PAULO FREIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES: ENFOQUE NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO .....</b>	<b>99</b>
Andréa Kochhann .....	99
Eliaine Cristina Nunes de Souza .....	99
Thaís Tállita Ferreira Fernandes.....	99
<b>1.36. INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL – A RELAÇÃO DOS IDOSOS COM AS MÍDIAS .....</b>	<b>101</b>
Mariana Soares da Silva .....	101
Mirza Seabra Toschi.....	101
<b>1.37. A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA.....</b>	<b>103</b>
Gisele da Fonseca Mateus .....	103
Wender Sobrinho Santos .....	103
<b>1.38. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DO CINEMA .....</b>	<b>105</b>
Yonara Karolliny Plácido Cintra .....	105
Jessica Carneiro Goncalves .....	105
Luiza Pereira Monteiro.....	105
<b>2. CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.....</b>	<b>107</b>
<b>2.1 ASPECTOS DA CONFIANÇA ORGANIZACIONAL NAS AGÊNCIAS REGULADORAS FEDERAIS E O AMBIENTE POLITICAMENTE DINÂMICO.....</b>	<b>108</b>
Apolo Marcos Sarmiento Silva.....	108
Maria Aparecida de Souza Melo .....	108
<b>2.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO: ABSTRAÇÕES METATEÓRICAS A PARTIR DA OBRA DE HENRI LEFEBVRE.....</b>	<b>110</b>

Juliano César Mendonça.....	110
João Paulo de Siqueira Carvalho.....	110
Glauber Lopes Xavier.....	110
<b>2.3 (RE) ESTRUTURAÇÃO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM GOIÁS: ESTUDO DAS REDES DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.....</b>	<b>112</b>
Wesley Vieira Borges.....	112
Divina Aparecida Leonel Lunas Lima.....	112
<b>2.4 VALORAÇÃO COTINGENTE DO PARQUE DA LIBERDADE EM ANÁPOLIS.....</b>	<b>115</b>
Leila Divina Cintra.....	115
Joana D’arc Bardella Castro.....	115
<b>2.5 VALORAÇÃO CONTINGENTE: UMA ANÁLISE PARA O PARQUE IPIRANGA DE ANÁPOLIS-GO.....</b>	<b>117</b>
Mariany Rodrigues Vieira.....	117
Joana D’arc Bardella Castro.....	117
<b>2.6. VALOR ECONÔMICO DOS PARQUES DE ANÁPOLIS/ GO: UMA APLICAÇÃO DO MÉTODO DE VALORAÇÃO CONTINGENTE.....</b>	<b>119</b>
Joana D’arc Bardella Castro.....	119
<b>2.7. VALORAÇÃO ECONÔMICA DE RECURSOS AMBIENTAIS: UM ESTUDO SOBRE O PARQUE DA MATINHA – ANÁPOLIS, GO.....</b>	<b>121</b>
Rafaela Carolina Lopes.....	121
Joana D’Arc Bardella Castro.....	121
<b>2.8 A MATRIZ DISCURSIVA DO AGRONEGÓCIO: MONOCULTURA E PENSAMENTO ÚNICO.....</b>	<b>123</b>
Glauber Lopes Xavier.....	123
<b>3. LETRAS, ARTES E LINGUÍSTICA.....</b>	<b>125</b>
<b>3.1. JORNADA DOS IMIGRANTES: UM CAMINHAR INTERCULTURAL SOBRE LÍNGUA, CULTURA E FÉ.....</b>	<b>126</b>
Aline Gomes da Silva.....	126
<b>3.2. A PESQUISA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA PRÁTICA AVALIADA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA.....</b>	<b>128</b>
Silvair Félix dos Santos.....	128
<b>3.3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS DO CENTRO DE IDIOMAS DA UNUCSEH.....</b>	<b>131</b>
Ricardo Wobeto.....	131
<b>3.4. DESLOCAMENTOS, ERRÂNCIAS E VIOLÊNCIA NA CIDADE: UMA LEITURA DA OBRA ROMANESCA DE CHICO BUARQUE.....</b>	<b>133</b>
Ewerton de Freitas Ignácio.....	133

<b>3.5. PAISAGENS URBANAS E DESLOCAMENTOS CIDADINOS EM <i>O CÉU DOS SUICIDAS</i> DE RICARDO LÍSIAS</b> .....	135
Carlos Alberto O. Neiva Júnior.....	135
<b>3.6. DESLOCAMENTOS E ERRÂNCIAS NA CIDADE: UMA LEITURA DE <i>O PASSAGEIRO</i>, DE CESÁRIO MELLO FRANCO</b> .....	137
Larissa Ferreira de Souza.....	137
<b>3.7. OPORTUNIDADES DE PRÁTICA DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE JOGOS ELETRÔNICOS E DE TABULEIROS</b> .....	139
Cláudio Henrique Costa Bueno.....	139
Barbra Sabota.....	139
<b>4. TRABALHOS DO MIELT</b> .....	142
<b>4.1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: UM ESTUDO A PARTIR DO CENTRO DE INSERÇÃO SOCIAL DE GOIANÉSIA-GO</b> .....	143
Nilda Gonçalves Vieira Santiago.....	143
Jorge Manoel Adão.....	143
<b>4.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A DIVERSIDADE NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	145
Flávia Karla Soares.....	145
Marlene Barbosa de Freitas Reis.....	145
<b>4.3. A IMPLEMENTAÇÃO E USO DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO ÂMBITO PROINFÂNCIA</b> .....	147
Emanoela Celestino Almeida Ramos.....	147
Daniela da Costa Britto Pereira Lima.....	147
<b>4.4. A LITERATURA NA TELA: ACIBERLITERATURA E A LEITURA</b> .....	149
Nara Rúbia G. D Xavier.....	149
Nismária Alves David.....	149
<b>4.5. A POÉTICA DOS AFETOS EM “UMA LEVE SIMETRIA” DE RAFAEL BÁN JACOBSEN</b>	151
Edimar Pereira da SILVA.....	151
Nismária Alves DAVID.....	151
<b>4.6. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE DAVID AUSUBEL</b> .....	153
Andréa Kochhann.....	153
Ândrea Carla Machado de Moraes.....	153
Elenaice Silva de Paula.....	153
<b>4.7. A PRESENÇA DO IDOSO NO UNIVERSO DIGITAL</b> .....	155
Márcia Mendes Marquez de Oliveira.....	155
Mirza Seabra Toschi.....	155

<b>4.8. ATELIÊ DIGITAL, DO PINCEL AO MOUSE: ARTE COMPUTACIONAL NA ESCOLA, DESAFIOS, ENFRENTAMENTOS E SUBJETIVIDADES.....</b>	<b>157</b>
Ana Cristina Luiza Souza.....	157
Maria Eugênia Curado.....	157
<b>4.9. A TEORIA PSICOGENÉTICA DE HENRI WALLON .....</b>	<b>159</b>
Graziella Pereira Vieira .....	159
<b>4.10. INTERAÇÃO DE LINGUAGENS E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS NAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>161</b>
Alessandra Almeida Santos .....	161
Maurício Gabriel Santo .....	161
Débora Cristina Santos e Silva .....	161
<b>4.11. DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O RACISMO NAS ESCOLAS.....</b>	<b>163</b>
Maria Helena David de Borba.....	163
Jorge Manoel Adão.....	163
<b>4.12. INTRODUÇÃO CRÍTICA À ANÁLISE DE DISCURSO: POR UMA AUTÊNTICA ANÁLISE MARXISTA .....</b>	<b>165</b>
Edinei Oliveira Vasco.....	165
<b>4.13. A TRADUÇÃO ELETRÔNICA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DESTES SOFTWARES DA LINGÜÍSTICA COMPUTACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....</b>	<b>167</b>
Sanderson Mendanha Peixoto .....	167
Barbra Sabota .....	167
<b>4.14. CIBERCULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INTERAÇÕES SOCIAIS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.....</b>	<b>169</b>
Ana Alice Gomes Teodoro .....	169
Hugo de A. Silvestre.....	169
Débora C. Santos e Silva .....	169
<b>4.15. EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO SÉCULO XXI: LENDO O MUNDO ATRAVÉS DE IMAGENS .....</b>	<b>172</b>
Marinês Juliana Carvalho Martins .....	172
Débora C. Santos e Silva .....	172
<b>4.16. CIRANDA DIGITAL DA CIDADANIA: UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL DE IDOSOS .....</b>	<b>174</b>
Mirza Seabra Toschi.....	174
<b>4.17. DISCURSOS DE DOCENTES: CAMINHOS E DESCAMINHOS DA DIVERSIDADE SEXUAL EM AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>176</b>
Clodoaldo Ferreira Fernandes .....	176

Ariovaldo Lopes Pereira.....	176
<b>4.18. O PEDAGOGO UNITAS MULTIPLEX OU TRABALHO RESTRITO EM SALA DE AULA: DUAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO .....</b>	<b>178</b>
Ândrea Carla Machado de Moraes .....	178
João Roberto Resende Ferreira.....	178
<b>4.19. LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS DO MULTILETRAMENTO .....</b>	<b>181</b>
Maria Eneida da Silva .....	181
Débora Cristina Santos e Silva .....	181
<b>4.20. MACBETH E KUMONOSU-JO: TRADUÇÃO E DISCURSO .....</b>	<b>183</b>
Gustavo Rezende de Souza.....	183
<b>4.21. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA.....</b>	<b>185</b>
Yara Oliveira e Silva .....	185
Mirza Seabra Toschi.....	185
<b>4.22. LITERATURA, CIDADE E VIOLÊNCIA URBANA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS EXPERIÊNCIAS URBANAS EM <i>O CORTIÇO</i>, DE ALUÍSIO AZEVEDO E EM <i>CIDADE DE DEUS</i>, DE PAULO LINS .....</b>	<b>187</b>
Jade Cardozo Magalhães dos Santos .....	187
Ewerton de Freitas Ignácio .....	187
<b>4.23. PRÁTICA PEDAGÓGICA CRIATIVA, ECOFORMADORA E TRANSDISCIPLINAR DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO.....</b>	<b>189</b>
Marcos Vinícius Guimarães de Paula.....	189
<b>4.24. O USO DE SITE DE REDES SOCIAIS PELOS SURDOS.....</b>	<b>191</b>
Juliana Guimarães Faria .....	191
Mirza Seabra Toschi.....	191
<b>4.25. POLÍTICAS PÚBLICAS DE DIVERSIDADE NO BRASIL: BREVES CONSIDERAÇÕES. 193</b>	<b>193</b>
Marlene Barbosa de Freitas Reis .....	193
<b>4.26. PAPEL DO GÊNERO REPORTAGEM NA CONSTITUIÇÃO HIPERGENÉRICA E DISCURSIVA DA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO .....</b>	<b>195</b>
Amanda Oliveira Cunha.....	195
Sostenes Lima.....	195
<b>4.27. PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE GOIANÉSIA-GOÍÁS.....</b>	<b>197</b>
Gomes Avelar Bernardes.....	197
Daniela da Costa Britto Pereira Lima.....	197
<b>4.28. PRODUÇÃO ORAL E APRENDIZAGEM COLABORATIVA DE LÍNGUA INGLESA: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>199</b>
Waldeir Eterno.....	199

Barbra Sabota .....	199
<b>4.29. REPERCUSSÃO DAS AÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SUPERIOR NO BRASIL.....</b>	<b>201</b>
Lívia Soares de Lima Sousa .....	201
Daniela da Costa Britto Pereira Lima .....	201
<b>4.30. UMA VISITA AO HIPERMERCADO DOS POEMADS: DO PROSAICO AO POÉTICO ...</b>	<b>203</b>
Maurício Gabriel Santos.....	203
Débora Cristina Santos e Silva .....	203
<b>4.31. REPENSANDO A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVAS E PARADIGMAS .....</b>	<b>205</b>
Carmen Silvia Neves Carvalho.....	205
Marlene Barbosa de Freitas Reis .....	205
<b>4.32. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O TRABALHO INFANTIL .....</b>	<b>207</b>
Fabiana Pessoni .....	207
Marlene Barbosa de Freitas Reis .....	207
<b>4.33. O PROFESSOR MEDIADOR NO ENSINO FUNDAMENTAL QUE USA TIC: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL .....</b>	<b>209</b>
Luciana Caprice Silva Santos da Rocha, .....	209
Jorge Manoel Adão.....	209
<b>4.34. O POTENCIAL HISTÓRICO, SOCIAL E EDUCATIVO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ANÁPOLIS: UM RESGATE DA IDENTIDADE DO POVO ANAPOLINO (APONTAMENTOS). .....</b>	<b>211</b>
Diogo Jansen Ribeiro .....	211
<b>5. TRABALHOS DO TECCER .....</b>	<b>213</b>
<b>5.1 EDUCAÇÃO, LIVROS DIDÁTICOS E REGIMES DITATORIAIS .....</b>	<b>214</b>
Fernanda Alves da Silva Oliveira.....	214
<b>5.2. SENADOR CANEDO (GO): A APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO MULTIESCALAR .....</b>	<b>216</b>
Gustavo Henrique Mendonça .....	216
Janes Socorro da Luz.....	216
<b>5.3. MEMÓRIA RADIOATIVA DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM NARRATIVAS SOBRE O ACIDENTE COM O CÉSIO-137 EM GOIÂNIA .....</b>	<b>218</b>
Isaias Martins de Souza .....	218
Ademir Luiz da Silva.....	218
<b>5.4. ENTRE O MORAR, CIRCULAR E VIVER: A REPERCUSSÃO DAS OBRAS DO PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC) EM GOIÂNIA (GO).....</b>	<b>220</b>
Francispaula Luciano.....	220

Marcelo de Mello .....	220
<b>5.5. CULTURA QUILOMBOLA E DOMÍNIO DO ESPAÇO: ESTRATÉGIAS DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO DE POMBAL PARA SOBREVIVER DO SEU TERRITÓRIO</b> .....	222
Neilson Silva Mendes.....	222
Dulce Portilho Maciel.....	222
<b>5.6. ASPECTOS DO DESORDENAMENTO DAS CIDADES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO</b> .....	224
Bruno Augusto de Souza .....	224
<b>5.7. “LUGARES DE OUTRO MUNDO”: ALTO PARAÍSO (GO) E O IMAGINÁRIO UFOLÓGICO-MÍSTICO</b> .....	226
Pepita de Souza Afiune .....	226
<b>5.8. INTERDISCIPLINARIDADE E ESCALA</b> .....	228
Marcelo de Mello .....	228
Genilder Gonçalves da Silva .....	228
<b>5.9. DOS DOIS LADOS DA TELA: O CAPIRA NO AUDIOVISUAL GOIANO</b> .....	230
Arnaldo S. de Moura .....	230
<b>5.10. REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA DO CERRADO NAS VISÕES DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX</b> .....	232
Lorena Borges Silva .....	232
<b>5.11. O PARADOXO DA VALENTIA: HOMENS BRUTOS NUMA SOCIEDADE PACIFICADA – ESTUDO DE CASOS DE REAÇÃO A ASSALTO EM GOIÂNIA</b> .....	234
Eliézer Cardoso de Oliveira.....	234
<b>5.12. QUILOMBOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA: UM ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DAS COMUNIDADES VÓ RITA E JARDIM CASCATA</b> .....	236
Fernando Bueno Oliveira .....	236
Maria Idelma Vieira D´Abadia.....	236

# 1. CIÊNCIAS HUMANAS

## 1.1. A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NA CIDADE DE ANÁPOLIS- GO

Jane Meire de Oliveira Dias  
Universidade Estadual de Goiás-UEG /UnUCSEH

A estrutura econômica da cidade de Anápolis está diretamente ligada ao comércio e indústria, sendo que nas últimas décadas, o desenvolvimento industrial contribuiu para um significativo crescimento populacional, atraindo população, conforme Santos “Os novos empregos criados chamam para a cidade numerosa migrante vinda da região e mesmo de todas as partes do país.” (SANTOS, 2008, p.115). Entre 2000 e 2010, a população Anapolina saltou de 288.085 habitantes para 335.032, conforme dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), concentrando 98,3% dos habitantes na área urbana. Essas informações agregadas aos dados da Fundação João Pinheiro (2007) que destacam a existência de um déficit habitacional de 4132 moradias para atender à faixa de renda de até três salários mínimos, demonstram a necessidade de discutir de forma sistematizada a questão da Habitação de Interesse Social (HIS) no município. De acordo com o Ministério das Cidades (2009, p. 15) déficit habitacional compreende “a noção mais imediata e intuitiva de necessidade de construção de novas moradias para a solução de problemas sociais e específicos de habitação detectados em certo momento”. Inclusive, enfatizamos na pesquisa a faixa de população que recebe até três salários mínimos, englobando o grupo prioritário para o desenvolvimento dos programas habitacionais de interesse social exemplificado pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Necessidades que são ampliadas no Município de Anápolis (GO) se forem consideradas as informações geradas pela Caixa Econômica Federal (2010) de que foram construídas apenas 3960 moradias ou, mesmo, os dados obtidos no diagnóstico que contribuiu para a elaboração do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) no qual o déficit existente no município alcança a casa de 18.900 moradias para a faixa de renda mencionada. Nesse sentido, entendemos que a demanda por moradia contribuiu para ampliar a especulação imobiliária na cidade. O que torna imprescindível a ação dos agentes e organizações sociais, já que o que tem sido feito, mostrou-se ineficiente para sanar a falta de moradia para a classe de menor renda e para garantir o acesso à moradia dessa importante camada social que não possui meios para aquisição da tão sonhada “casa própria”. Pois, conforme Corrêa (1995, p.8) “por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual”. E, essa desigualdade se manifesta especialmente na questão da moradia. Frente a essa desigualdade é importante que a sociedade se organize para promover o acesso à moradia e garantir que ocorra a justiça social. Por sua

vez, os grupos sociais excluídos abrangem grande parte da população nas cidades capitalistas, não possuem renda suficiente para pagar por uma moradia digna, (CORRÊA 1995). Também é nesse contexto que as organizações sociais, sob a forma de Associações de Moradores e Conselhos Comunitários, ganham relevância, pois, como agentes no processo de produção do espaço, sua capacidade de aglutinar os interesses da comunidade são maiores. Não é ignorado que na sociedade capitalista esses agentes estão em constante luta e a questão da moradia é fundamental na reprodução do espaço urbano. “Assim, no embate entre o que é bom para o capital e o que é bom para a sociedade hoje, o urbano se produz, a cidade se estrutura e a paisagem ganha sua configuração.”, (CARLOS, 2003, p 71). É nesse contexto que as organizações sociais, sob a forma de Associações de Moradores e Conselhos Comunitários, ganham relevância, pois, como agentes no processo de produção do espaço, formando organizações a partir da comunidade local, sua capacidade de aglutinar os interesses da comunidade são maiores, porém, é necessário elucidar o papel que os mesmos desempenham na cidade, o que justifica nossa participação no projeto ao qual este plano se articula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL/MINISTÉRIO DAS CIDADES/ Secretaria Nacional de Habitação. Déficit habitacional no Brasil 2007. Brasília, 2009
- CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados censitários de 2000 e 2010. Disponível em <http://www.ibge.br/sidra>
- SANTOS, M. **Manual de Geografia Urbana** (Coleção Nilton Santos). São Paulo: EdUsp, 2008.

## **1.2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO A PERCEBER A REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ANÁPOLIS**

Bruna Carolina André Silva Santos  
Universidade Estadual de Goiás  
bsantos0911@gmail.com

Elson Marcolino da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
smelson@ig.com.br

Esta investigação foi desenvolvida em 2013 na disciplina “Prática Pedagógica” no curso de Pedagogia da UnUCSEH/UEG. O interesse em aprofundar a temática “educação de jovens e adultos” surgiu mediante debates em sala relacionados ao assunto. Analisando, na sociedade atual, o grande número de alunos que interrompem seus estudos e, posteriormente, reingressa à escola no intuito de se qualificarem para o mercado de trabalho, a fim de conquistarem cargos mais “valorizados” socialmente com salários mais elevados. Com base nesta reflexão, tentou-se responder a seguinte problemática: Como ocorre a prática pedagógica na educação de jovens e adultos? Há, neste trabalho pedagógico, relação entre a teoria e a prática? Como procedimentos metodológicos, foi adotada a observação livre das aulas ministradas na modalidade EJA em uma escola pública de Anápolis. Na medida em que as observações foram sendo realizadas, anotações foram feitas em um diário de campo. Posteriormente, essas anotações foram analisadas à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCNEJA, 2000) bem como nas propostas de Paulo Freire (1985) para esta modalidade da educação. Segundo as DCNEJA (2000), a Educação de Jovens e Adultos é destinada às pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade aos seus estudos na “idade apropriada”. A EJA, antigo supletivo, passa a ser uma modalidade da Educação Básica sendo oferecidas nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, possuindo certas particularidades, tendo como principais funções a reparação, equalização e qualificação dos alunos que frequentam esta modalidade de educação. Nesta perspectiva, a EJA busca proporcionar uma educação igualitária aos que não conseguiram concluir seus estudos na idade “certa”. Os docentes que atuam nesta modalidade de educação têm um papel muito importante para que, de fato, ocorra ensino de qualidade, pois precisam adotar metodologias em sala de aula ligando dinamicamente teoria e a prática e, assim, propor reflexões que visem transformações sociais. Em relação à busca de respostas tendo como base o

levantamento do problema que orientou o estudo, chegou-se as seguintes inferências empírico-teóricas: a prática pedagógica na educação de jovens e adultos possui uma atividade chamada “trabalho de grupo”. Esta consiste em uma reunião, que acontece periodicamente, entre os professores que se reúnem para debaterem sobre os acontecimentos ocorridos no cotidiano. Esse dado, possibilitou inferir que a prática pedagógica docente embasa-se numa perspectiva freireana, uma vez que, nessa perspectiva é fundamental a avaliação coletiva das ações pedagógicas propostas em sala. No entanto, em outro momento de aula, identificou-se o professor fazendo correções de atividades matemáticas no quadro sem parecer se importar se os alunos estavam, ou não, prestando atenção na referida correção. Neste evento, boa parte dos alunos nem havia respondido os exercícios no caderno, pois estavam somente copiando a resposta certa do quadro. Grande parte da população se acostumou a pegar as coisas prontas, apresentando um sedentarismo mental preocupante pelo qual se absorve tudo que lhe é proposto, sem filtrar as informações. Deixando de lado o pensamento democrático e a liberdade de expressão, acabam por serem levados de um lado para o outro pelo pensamento consumista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parecer nº 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. 2000. Disponível em [Http://portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em: 05 de nov. de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

### 1.3. A AUTO ESTIMA NA INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS COM BAIXO LETRAMENTO

Andiara Magri Custódio Silva  
UnUCSEH/UEG

Mylena Seabra Toschi  
UnUCSEH/UEG

Nelson de Abreu Junior  
UnUCSEH/UEG

Atualmente a expectativa de vida entre os brasileiros cresce substancialmente (Fernandes *et al* 2009), levando a aumento do interesse e preocupação com a qualidade de vida de toda população, principalmente dos idosos. Simultâneo a esse aumento da expectativa de vida, a sociedade na Era da Informação vem se tornando cada vez mais complexa e dependente das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação. Estas variáveis, longevidade combinada com dependência das mídias interativas, vem favorecendo um fenômeno que ficou conhecido com exclusão digital entre os idosos (BEZ *et al*, 2006) e pessoas de baixo letramento, criando neles um provável sentimento de inadequação e desvalia. As novas tecnologias e a Internet têm causado alterações importantes na sociedade, alterações incorporadas tanto nas atividades de ensino e pesquisa, quanto naquelas voltadas para o mundo do trabalho. Partindo do pressuposto de que esse novo desenho social altera as demandas sociais, afeta políticas públicas e traz novas situações para se viver melhor e mais feliz. Torna-se relevante o estudo de pessoas idosas e pessoas com baixo letramento e entender como estes se desenvolvem em um mundo com tantas tecnologias. Práticas que antes eram simples e mecânicas, hoje são feitas de forma eletrônica e informatizada, aumentando a exclusão para os que já eram excluídos pelo não atendimento aos seus poucos direitos sociais. Com isso, esta pesquisa tem como objetivo entender consequências da exclusão digital sobre um elemento psicológico de grande importância para a qualidade de vida das pessoas, a auto-estima. Entre as definições de auto-estima, estudos recentes utilizam o conceito de Ryff (1989), que aponta o crescimento pessoal como uma dimensão do modelo integral, que representa o desenvolvimento contínuo do ser humano, portador da necessidade e de capacidade de atualização e realização do seu potencial de crescimento e expansão como pessoa no decorrer da vida, assim, o indivíduo deve estar aberto a novas experiências. Para Rosenberg (1965 apud FERNANDES, 2009) a auto-estima é definida enquanto a dimensão avaliativa quantitativa do

autoconhecimento referente à forma como um indivíduo formula apreciações acerca de si próprio, quer seja acerca da sua auto-imagem, quer seja da sua prestação num dado domínio de vida. Neste sentido, Maia (2005) indica as situações que, quando presentes na vida de uma pessoa, são precursoras de uma autoestima negativa: críticas, rejeições, humilhações, abandono, desvalorizações e perdas. Situações com alta frequência entre excluídos digitais com baixo letramento e ou idosos. Coopersmith (1981 apud JANEIRO, 2008), afirma que a autoestima refere-se à avaliação que a pessoa faz e usualmente mantém em relação a si própria e “reflete uma atitude de aprovação ou desaprovação, indicando a extensão em que o indivíduo acredita em si próprio como capaz, significativo e com valor” (p. 6). Rosenberg (1986) define a autoestima de forma semelhante, referindo-se a esta como uma atitude positiva ou negativa em relação ao *self*, “envolvendo sentimentos de autoaprovação, autorrespeito e autovalorização” (p. 120). Com a pesquisa busca-se investigar o componente auto-estima entre pessoas que serão sujeitos da pesquisa no Laboratório de Mídias Interativas (LIM) e sua relação com a exclusão digital. Para investigar as relações entre exclusão digital e a auto-estima, será desenvolvido um estudo com características qualitativas e quantitativas. Trata-se, então, de uma pesquisa de caráter quantitativo com o uso de aplicação de Inventários e Escalas cujo objeto seja a quantificação de níveis de auto-estima. De caráter qualitativo, conta-se com a suplementação de informações obtidas em entrevistas semi-estruturadas, observação, videogravação dos encontros, registro em fotos e preenchimento de protocolos de registro. Espera-se assim, que a pesquisa contribua com a evidenciação da importância que políticas de inclusão digital exercem sobre a qualidade de vida de importante parcela da população.

## REFERÊNCIAS

- BEZ, M. PASQUALOTTI, P. R. PASSERINO L. M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. Brasília – DF. In: Workshop em Informática na Educação (sbie). **Anais XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, SBIE, UNB/UCB. 2006, v. 6, p.61-70.
- DURAN, Débora. **Alfabetismo Digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações**. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07052013-162230/pt-br.php>>. Capturado em 13 de fevereiro de 2014.
- FERNANDES, H. M., et al. A influência da actividade física na Ryff, C.D. (1989a). Beyond Ponce de Leon and life satisfaction: New directions in quest of successful ageing. **International Journal of Behavioral Development**, 12(1), 35-55.
- Ryff, C.D. (1989b). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological. **Journal of Personality and Social Psychology**, 57(6), 1069-1081.
- Saúde mental positiva de idosos. **Motricidade**.v.5 n.1 Santa Maria da Feira jan. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-107X2009000100004&lang=pt](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2009000100004&lang=pt) Capturado em Abril de 2014.
- JANEIRO, Isabel N. Inventário de Auto-Estima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa . **Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e Contextos**, 2008.

Disponível em:  
[http://www.academia.edu/529334/Inventario de Autoestima de Coopersmith Caracteristicas psicometricas da versao portuguesa](http://www.academia.edu/529334/Inventario_de_Autoestima_de_Coopersmith_Characteristicas_psicometricas_da_versao_portuguesa) Capturado em Abril de 2014.

MAIA, Enrique. **Mas, o que é auto-estima?** 2005. Disponível em:  
<http://www.inpooline.com.br/autoestima/>. Acesso em 15 de Abril de 2014.

#### **1.4. A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO VIA UNIVERSIDADES ESTADUAIS: CONTEXTOS E CENÁRIOS.**

Renata Ramos da Silva Carvalho  
renataramosprof@yahoo.com.br  
Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Juliana Duarte Marques  
julianaduartemarques@hotmail.com  
Universidade Estadual de Goiás – UEG  
Bolsista CNPQ/OBEDUC.

O presente artigo tem como objetivo expor as considerações iniciais de uma pesquisa que visa analisar, comparativamente, como as universidades estaduais da região centro-oeste (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS; Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT e Universidade Estadual de Goiás – UEG) tem contribuído com o processo de expansão da educação superior nesta região do país, identificando a participação de cada uma delas na oferta da educação superior pública (graduação e pós-graduação) em seus estados. A pesquisa tem como subsídio o banco de dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP (Censo da Educação Superior) e o da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Apresenta apontamentos da fase inicial da pesquisa que está sendo realizada, que é o estudo e o levantamento de dados sobre as universidades estaduais no Brasil. As IES estaduais possuem importante participação no contexto da educação superior no Brasil. É importante considerar a participação destas, na geração de conhecimento, por meio dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, e na oferta de vagas públicas em diferentes áreas do conhecimento que se estende por todo país. O Brasil dispõe de uma rede de IES estaduais, composta por faculdades, centros-universitários e universidades, que atuam em capitais e regiões interioranas em todas as regiões do país. (CARVALHO, 2013). No centro-oeste brasileiro há quatro IES estaduais, sendo três delas universidades, uma faculdade localizada no Distrito Federal. A três UE da região são a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS; Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT e Universidade Estadual de Goiás – UEG. A análise inicial dos dados indica a o predomínio de atuação das UE da região centro-oeste em regiões interioranas, com importantes papéis no processo de interiorização da educação superior. As UE brasileiras surgiram em épocas diferentes e possuem características e contextos de atuação bem distintos, variando desde as universidades estaduais paulistas, que iniciaram sua atuação em 1934, que hoje se constituem referências acadêmicas nacional e internacionalmente, até as universidades

estaduais criadas bem recentemente como é o caso da UEMS, UNEMAT e UEG. Na região centro-oeste as UE possuem relevante participação na oferta de educação superior pública, também com significativa atuação no processo de interiorização. No entanto, é preciso problematizar essa atuação. Nossa pesquisa está em fase inicial e possui considerações iniciais sobre a atuação da UEMS, UNEMAT e UEG nos estados da federação em que estão localizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior**. Brasília: Inep, 1995 a 2012.
- CARVALHO, Renata Ramos da Silva. **Universidade Estadual de Goiás: histórico, realidade e desafios**. Goiânia, GO. 2013. 233 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Goiás.
- FERNANDES, Eloisa Bittencourt. **Expansão universitária em Mato Grosso do Sul -1979 - 2001**. Campo Grande, 2003. 141p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS.
- FERRONATTO, Eliane Terezinha Tulio. **Políticas de educação superior e as universidades estaduais: um estudo sobre os cursos noturnos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS**. Campo Grande, 2008. 128 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.
- GIANEZINI, Quelen. **O processo de expansão do ensino superior em Mato Grosso**. Porto Alegre, 2009, 250p. Dissertação. Programa de Mestrado em Sociologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **1.5. A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

Andréia Pereira da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
andrea6pedagogia@gmail.com

Elson Marcolino da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
smelson@ig.com.br

Hellen Mariany  
Universidade Estadual de Goiás  
nany\_freitas2011@hotmail.com

As reflexões apresentadas neste resumo fazem parte de uma pesquisa desenvolvida em 2013, durante a participação dos autores deste trabalho na disciplina “Prática Pedagógica”, ministrada no Curso de Pedagogia da UnUCSEH/UEG. O objetivo da pesquisa era analisar como a literatura infantil era trabalhada em sala de aula e verificar quais contribuições ela poderia estar ocasionando no processo de aprendizagem dos alunos. Como problematização, tentou-se buscar respostas para a seguinte pergunta: - Quais as contribuições que se obtém em sala de aula por meio da introdução da literatura infantil em estudo das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Com base nesta problemática, enunciou-se que a literatura infantil, quando trabalhada em sala de aulas com crianças do Ensino Fundamental, poderia produzir contribuições para o aprendizado dos alunos, por exemplo, para o seu processo de alfabetização; instigar coesão e coerência na produção de textos; desenvolver o gosto pela leitura e desenvolver a criatividade e a imaginação nas crianças. Como universo da pesquisa, o estudo foi realizado em uma escola pública municipal, localizada num bairro periférico da cidade de Anápolis. Nesta escola, foram realizadas observações em uma sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental. Com as observações realizadas, foram gerados protocolos e registros anotados num diário de campo o qual os pesquisadores utilizaram em suas análises. Para auxiliar na interpretação dos dados empíricos, foram selecionados autores cujas obras discutem sobre literatura infantil (Tavares, 2008) e perspectivas críticas de leitura no contexto escolar (Freire, 1993). Segundo Tavares (2008), a literatura infantil, quando trabalhada em sala de aula, possibilita que professores e

alunos abordem vários assuntos ligados, ou não, ao currículo formal da escola. Isto porque, para esse autor, a literatura infantil pode ser concebida tanto quanto “amarrada”, ou não, às áreas do conhecimento que integram o currículo escolar. Quando a literatura infantil é trabalhada em sala de aula sem preocupação de se relacionar aos conhecimentos curriculares, possibilita que as crianças e os adultos “viagem” com os personagens da obra, vislumbrando situações inimagináveis ou mesmo situações próximas dos sujeitos, porém que talvez nunca foram vivenciadas. Tavares (2008) ressalta, ainda, que, quando a criança faz uma junção entre a história contada com algo de sua realidade, a literatura se torna mediadora do conhecimento. Ainda que Freire (1993) não tenha voltado seus estudos mais importantes para a literatura infantil, o fato é que suas concepções de leitura podem servir de base teórica e metodológica para que a escola trabalhe a literatura infantil de forma mais prazerosa junto aos seus alunos. Isto porque, para Freire, a leitura de “mundo” é sempre precedida pela leitura da palavra escrita. Neste sentido, quando a criança lê uma obra infantil, antes ela “lê” o contexto em que vive, para só então “ler” a palavra escrita. Em relação à análise dos dados, onde se procurou verificar as contribuições que se obtém em sala de aula por meio da introdução da literatura infantil em crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, chegou-se aos seguintes aspectos: a) a literatura infantil, em sala de aula, é trabalhada de várias maneiras. Contudo, sempre com o objetivo principal de possibilitar às crianças fazerem ligações com o que se “lê” em sala de aula e o que se “vivencia” no cotidiano delas; b) percebeu-se uma valorização do livro literário como obra de “arte”, uma vez que o importante não era somente ler ou contar histórias, mas, sobretudo, mostrar a relevância do livro literário neste contexto; c) viu-se, também, essa valorização do livro literário quando se detectou uma preocupação da escola em promover um local apto e agradável para que os alunos pudessem desfrutar de maneira prazerosa da literatura; d) verificou-se que, por meio dos livros literários, as crianças “viajam” pelo mundo da imaginação, fazendo com que a sua capacidade criativa se amplie, refletindo, assim, na produção de desenhos e melhorando também o seu desenvolvimento psicomotor. O interessante é que a professora se utilizou da vontade das crianças de fazerem o desenho para aplicar os processos pedagógicos mais convenientes. Podemos concluir que a literatura infantil é trabalhada de maneira interdisciplinar e contextualizada, objetivando fazer uma ponte entre as vivências da criança e o que é trabalhado dentro de sala de aula. A valorização do livro literário é um fator da prática pedagógica dessa professora que chamou atenção, tendo em vista que isso possibilitou uma visão mais ampla e coerente dos alunos. A autonomia dada pela professora aos alunos possibilitou trocas entre os pares, ressaltando que a produção do conhecimento constitui-se um trabalho árduo ao qual a professora, ao que parece, cumpriu satisfatoriamente.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez. 1993. (Coleção questões da nossa época; v 13).

TAVARES, Beatriz Silva: **Análise da influência da literatura infantil na aprendizagem do aluno na perspectiva do letramento.** Monografia, Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2008.

## 1.6. “A MINHA FORÇA VEM DE DEUS”: ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DA VALENTIA JUDAICA ANTIGA

Luana Katielly Araújo Ferreira<sup>1</sup>

O homem estava bem amarrado e, desse modo, foi entregue aos seus inimigos que jubilaram quando viram o poderoso guerreiro submisso. Só que o júbilo durou pouco: “O Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele, que as cordas que tinha nos braços se tornaram como fios de linho queimados, e suas amarraduras se desfizeram de suas mãos” (Juízes, 15, 14). A partir daí, ele começou a agredir os seus inimigos impiedosamente até que mil deles morreram, esmagados por um pedaço de osso, improvisado como arma de guerra. Esse é um dos episódios da narrativa bíblica sobre Sansão, um dos mais valentes heróis do povo judeu, capaz de rivalizar-se de igual para igual com os heróis gregos. Só que há uma diferença: entre os gregos a valentia é humana, apesar de os heróis receberem os dons dos deuses ou terem parentescos com eles; já entre os judeus, a valentia é um dom de Deus, disponibilizado por Ele para servir algum objetivo – no caso de Sansão: libertar os judeus do jugo dos filisteus. Essa é a principal característica da valentia entre os judeus antigos: a força vem de Deus e não do homem. Os valentes do antigo testamento sempre usaram a sua força para defender o seu povo dos inimigos externos: esse é o caso de Josué, Sansão e Davi. A valentia pura, como destreza e habilidade individual para matar o inimigo, não era apreciada entre os judeus. Enquanto os gregos faziam torneios, como as olimpíadas para apreciar e celebrar os atos heroicos de seus guerreiros, entre os judeus não existiam esses torneios. Até a exibição do corpo masculino ni, estimulada entre os gregos, era proibida aos judeus, como demonstra os episódios descritos no Livro de Macabeus. Essa visão singular da valentia judaica fez com que muitos os acusassem de covardia. É o caso de Nietzsche, que em sua célebre teoria do ressentimento acusou os judeus de reverter os conceitos de bem e mal, forte e fraco, para justificar a sua fraqueza. Desse modo, para Nietzsche:

Os judeus – um povo 'nascido para a escravidão', como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, 'o povo eleito entre as nações', como eles mesmos dizem e crêem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os profetas fundiram 'rico', 'ateu', 'mau', 'violento', e 'sensual', numa só definição, e pela primeira vez eram cunho vergonhoso à palavras 'mundo'. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra “pobre” como sinônimo de 'santo' e 'amigo' reside a importância do povo judeu: com ele começa a rebelião escrava na moral. (NIETZSCHE, 1992, p. 95).

Não interessa nesta pesquisa aprofundar as discussões de Nietzsche sobre o ressentimento e nem radicalizá-la, numa proximidade perigosa com o antissemitismo, a ponto de considerar os judeus desprovidos de valentia. A hipótese é justamente o contrário: os judeus tem uma concepção própria de valentia, bem diferente daquela vigente nos outros povos, mas mesmo assim são valentes ao seu modo. Em uma sociedade que valorizava mais o profeta do que o guerreiro, a valentia tinha pouco espaço para ser reconhecida socialmente. As guerras de libertação eram os momentos em que a força do guerreiro era tão importante quanto a oração dos profetas. Esse pressuposto é de fundamental importância para a análise do principal documento desta pesquisa: as obras de Flávio Josefo. Nascido José Bem Matias em 34, tornou-se Flávio Josefo depois de cair na graça de Flávio Vespasiano, a quem passou a servir. Josefo, portanto, é um personagem ambíguo: admira a cultura judaica, mas serve os romanos. Essa ambiguidade vai ressoar no seu texto, recheado de características gregas, romanas e judaicas. A posição ambígua de Josefo permitiu-lhe relatar episódios de valentia de judeus e romanos. Aliás, percebe-se no seu texto uma apreciação de episódios de coragem individual que destoa um pouco da concepção judaica de valentia. Um desses episódios é o discurso de Tito, expressando a concepção de valentia romana:

Quem não sabe que os que morrem combatendo com invencível coragem apenas são libertados da prisão de seus corpos vão tomar assento no céu entre as estrelas, de onde suas almas heróicas são para os seus descendentes como espíritos bem-aventurados, que os anima à virtude, pelo desejo de possuir um dia a mesma glória? (JOSEFO, 2004: P. 1343).

Outro episódio bem ilustrativo da concepção singular de valentia de Flávio Josefo é o que aconteceu durante o cerco de Jerusalém, quando o pequenino Jônatas desafiava e insultava os romanos para um duelo individual. Até que não aguentando mais os insultos, um cavaleiro romano de nome Pudente se dispôs a enfrentar o judeu:

Como há motivo de se julgar, vendo-o tão pequeno, desprezou-o e marchou inconsideravelmente contra ele. A sorte não lhe foi menos contrária do que a sua imprudência. Ele caiu e Jônatas matou-o facilmente. Não se contentou de obter sem perigo tal vantagem, pisou-lhe todo o corpo; tinha na mão a espada molhada ainda em seu sangue e na esquerda, seu escudo, que ele fazia ressoar com o tinir de suas armas, insultando ainda a infelicidade do morto e continuando a tratar injuriosamente os romanos. Então um oficial chamado Prisco, não podendo tolerar tanta insolência, atirou-lhe uma flecha, que o atravessou de lado a lado. (JOSEFO, 2004, p. 1356)

Em vez de considerar a vitória de Jônatas sobre Pudente como uma repetição do combate entre Davi e Golias, Josefo avalia a coragem de Jônatas como um ato de imprudência que foi favorecido pela sorte.

O seu comprometimento com os romanos levou-o a silenciar-se sobre o covarde ato de Prisco, que matou um de seus corajosos conterrâneos com uma vil flechada.

## REFERÊNCIAS

JOSEFO, Flávio. Obra completa. **História dos Hebreus**. Trad. Vicente Pedroso. RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e dos mal**. Trad. Paulo César de Sousa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

**BÍBLIA SAGRADA**. Trad. João Ferreira Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

## 1.7. A REPRESENTAÇÃO DA VALENTIA NOS CONTOS CARVALIANOS

Wellida Mendes Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Goiás  
wellidamps@gmail.com

A obra de Hugo de Carvalho Ramos é marcada de grande sensibilidade estética, e muito releva sobre o modo de vida da população goiana e as transformações que a região sofria aos olhos do autor, pois denuncia o sofrimento da população sertaneja, vítima da economia agrária e do mandonismo político no interior de Goiás, enaltecendo a valentia do seu povo, frente a estes problemas. O trabalho pretende analisar as representações da valentia do autor Hugo de Carvalho Ramos (1895- 1921) na obra regionalista *Tropas e Boiadas* de 1917. *Tropas e Boiadas*, o único livro de contos de Carvalho Ramos, foi composto e elaborado pela Revistados Tribunais do Rio de Janeiro, publicado em 1917. Para Manuel Cavalcanti Proença (1965), a obra *Tropas e Boiadas* é “(...) célebre por muito merecimento e justiça. Porque, nas suas páginas, a paisagem é bela, os personagens vivem, e o autor nos aprisiona e nos conduz a aprender com ele a existência e o sentimento dos homens do sertão”. Para Albertina Vicentini, o autor praticou um regionalismo de denúncia das condições políticas e sociais de sua região ao seu tempo, avançado e contra-hegemônico ao regionalismo literário brasileiro do final do século XIX. (VICENTINI,2010,p. 03) A pesquisa está sendo desenvolvida através de leituras teóricas sobre História e Literatura sob uma perspectiva da História Cultural que ajudará a nortear nossa análise sobre a representação de valentia na obra. Em *Nostalgias... o caseiro do sítio*, narra histórias vividas em proezas de caça e pesca, como também de matanças de índios. E como em outros contos, Hugo de Carvalho Ramos demonstra representações diversas sobre a valentia no imaginário popular goiano, a exemplo de bravuras, atos impiedosos e as vezes de grande violência. No conto *Mágoa de vaqueiro*, o velho Tônico se viu desesperado com a fuga de sua filha que teria fugido com Zeca Menino, “um perdido de pagodeiras e do truque, brigão vezeiro nas redondezas, sujeito que além da garrucha e da besta de sela, só tinha por si essa estampa escorreita de mestiço madraço e preguiçoso!” (RAMOS, 1997, p.9). Na tarde daquele dia, ali ele permanecendo durante horas com um olhar perdido no horizonte, e não conseguiu cumprir seus deveres diários “como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, no rosilho campeador, a dar a mão de ajuda àqueles

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História da UEG – UnuCSEH.

forasteiros que lá iam, demanda das terras distantes e das feiras ruidosas dos sertões mineiros d'além Paranaíba” (RAMOS, 1997, p.11). Esses foram os primeiros passos de um trabalho mais complexo sobre a representação da valentia. A pesquisa também deverá ser permeada de outros pressupostos de análise, como o imaginário, a narrativa e a sensibilidade, que ajudará a nortear a análise sobre representação de valentia nos contos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PROENÇA, M. C. Literatura do Chapadão. In: RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 8 ed. Goiânia: Ed. UFG, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira,1997. RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 8 ed. Goiânia: Ed. UFG, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira,1997.

VICENTINI, Albertina. **Para uma edição da obra reunida de Hugo de Carvalho Ramos**. SOLETRAS, Ano X, Nº 19, jan. /jun.2010. São Gonçalo: UERJ, 2010

## 1.8. AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA EMPREGADA PELAS PESSOAS IDOSAS E DE BAIXO LETRAMENTO NO USO DE DIFERENTES MÍDIAS DIGITAIS

Eliane Gonçalves Costa Anderi

UnUCSEH/UEG

Compreender como pessoas com baixo letramento se comportam diante das mídias digitais no que se refere à leitura procurando identificar como estes resolvem seus problemas de leitura em um mundo permeado por tecnologias, tem como ponto de partida que o leitor experiente ao fazer uso da leitura emprega estratégias que lhe dá a possibilidade de compreender o que está sendo lido. Mesmo que esse leitor não tenha consciência dessas estratégias. Admite-se que o ato de ler a palavra escrita constituiu-se ao longo da história da humanidade como um elemento capaz de provocar mudanças tanto no modo de ser como no de pensar do ser humano. Para Solé (1998), o leitor se situa perante o texto e os elementos que o compõem provocando, nesse leitor, diferentes expectativas seja no nível da letra, da palavra, ou da frase, seja no nível da informação ou no semântico. Tais expectativas guiam a leitura e buscam, em nível inferior (léxico, sintático, grafo-tônico), e fazem com que o leitor utilize simultaneamente seu conhecimento de mundo e seu conhecimento de texto. Para construir uma interpretação sobre aquele texto, ele emprega simultaneamente a antecipação, a verificação e a inferência. Nesse sentido, pode-se afirmar que quanto mais informação o sujeito tiver sobre o que será lido, menos necessidade terá de fixar-se em unidades menores do texto. Mesmo aquelas pessoas que não são leitoras experientes empregam essas estratégias de leitura para inferir o sentido do que está escrito. A pesquisa a que se refere este texto tem como objetivo identificar e analisar as estratégias de leitura empregada por pessoas de diferentes gerações e com baixos níveis de letramento no uso de diferentes mídias digitais. Os sujeitos da pesquisa terão contato com diferentes mídias, como: *desktop*, *notebook*, *tablet*, *smartphone* e tv digital interativa, para identificarmos quais destas, são mais adequadas e fáceis de usar; também é importante compreender quais são os conhecimentos de leitura que eles acionam ao manusear o que equipamento e que lhes proporciona sucesso na ação. A observação será empregada como procedimento de coleta de dados e será usada em todas as suas fases. As habilidades exigidas do observador não são poucas nem simples. Lüdke e André (1986) afirma que desde o início do estudo o observador deve se preocupar em se fazer aceito. Ser capaz de tolerar ambiguidades, inspirar confiança, ser comprometido, autodisciplinado, sensível a si mesmo e aos

outros, maduro, consistente e ser capaz de guardar informações confidenciais (p. 17). Este aspecto é particularmente importante neste caso, uma vez que serão sujeitos da pesquisa pessoas que são excluídas socialmente e que devem, portanto, confiar ao observador suas dúvidas, impressões, receios e medos. O recrutamento e a seleção dos sujeitos, tem como critério o fato de possuírem baixo letramento e ou possuírem mais de 59 anos. A coleta de dados está organizada em quatro momentos: no primeiro, por meio de entrevista serão obtidas as informações para se identificar o nível prévio de informação sobre o uso de tecnologias da comunicação, como conquistaram esses conhecimentos, as facilidades de acesso a equipamentos tecnológicos e grau de interesse e motivação para aprender o uso dessas tecnologias; no segundo momento os selecionados manipularão os equipamentos livremente para se identificar em qual têm maior facilidade de uso e no terceiro momento será solicitado o conhecimento de uso de sites de busca é parte do terceiro momento do estudo, que incluirá atendimento e orientação inicial para buscas simples na Internet. Pesquisa mais aprofundada, envolvendo um problema a ser resolvido que necessite buscar informações em outros sites ou páginas da Internet, comporá o quarto e último momento da investigação. Os encontros serão videogravados, registrados em fotos, preenchimento de protocolos de registro das ocorrências dos encontros, bem como o acompanhamento pessoal junto aos idosos para que se possa identificar quais são as pistas que empregam para tomarem as decisões quanto a navegação na internet, o que os levou a tomar este ou aquele caminho. Este estudo incluirá uma amostra diferente do que, em geral, uma instituição educativa costuma pesquisar. Trazer para dentro da instituição os excluídos da era digital constitui-se em um novo desafio à equipe que a mobilizará para compreender a temática da inclusão em seus nexos mais complexos e desafiadores.

## **BIBLIOGRAFIA**

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa** – uma introdução – Elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUC, 1996.

SCLIAR, Moacir. O valor do simbólico na leitura. In **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto pró-livro, 2008, p 31 a 40.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## 1.9. AUTOESTIMA ENTRE PESSOAS EXCLUÍDAS DA ERA DIGITAL: UM ESTUDO APROXIMATIVO

Nelson de Abreu Junior  
UNUCSEH/UEG

Mylena Seabra Toschi  
UNUCSEH/UEG

Atualmente há um aumento de expectativa de vida (FERNANDES, 2009) e a sociedade na Era da Informação vem se tornando cada vez mais complexa e dependente das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação, mais especificamente das mídias interativas (*internet*). Estas variáveis, longevidade combinada com dependência das mídias interativas, vem favorecendo um fenômeno que ficou conhecido como exclusão digital entre os idosos (BEZ *et al.*, 2006) e pessoas de baixo letramento, criando neles um provável sentimento de inadequação e desvalia. Este estudo pretende investigar as consequências da exclusão digital sobre a autoestima - elemento psicológico de grande importância para a qualidade de vida das pessoas. O conceito de autoestima transita entre o senso comum e os fundamentados pela ciência da psicologia. Tal característica de ambiguidade conceitual exigiu desse estudo uma revisão bibliográfica acerca do tema, sua evolução histórica, referenciais teóricos e instrumentos de avaliação válidos. Janeiro (2008), refletindo sobre a autoestima, cita Coopersmith (1981) e Rosenberg (1986). Para Coopersmith (1981), a autoestima refere-se à avaliação que a pessoa faz em relação a si própria e “reflete uma atitude de aprovação ou desaprovação, indicando a extensão em que o indivíduo acredita em si próprio como capaz, significativo e com valor” (p. 6). Rosenberg (1986) refere-se a autoestima como uma atitude em relação ao *self*, “envolvendo sentimentos de autoaprovação, autorrespeito e autovalorização” (p. 120). O estudo desses autores esclarece que a autoestima tem relação com o valor que o adulto percebe, desde a infância, dos outros em direção a si, que é expresso em afeto, elogios e atenção; a experiência com sucessos ou fracassos; a definição individual de sucesso e fracasso, as aspirações e exigências que a pessoa coloca a si mesma para determinar o que constitui sucesso e a forma de reagir às críticas ou comentários negativos (GOBITA & GUZZO, 2002). Neste sentido, Maia (2005) indica as situações precursoras de uma autoestima negativa: críticas, rejeições, humilhações, abandono, desvalorizações e perdas. Situações frequentes entre excluídos digitais com baixo letramento e ou idosos. Este projeto objetiva investigar a autoestima entre os sujeitos da pesquisa no Laboratório de Mídias Interativas (LIM) da Universidade Estadual de Goiás e sua relação com a exclusão digital. Os sujeitos da pesquisa terão contato com diferentes mídias no LIM para identificarmos quais destas são mais adequadas e facilitadoras do uso por estes. Para

investigar a relação da autoestima com a exclusão digital é necessário: identificar o nível de autoestima dos usuários do LIM antes do início das atividades; capturar a percepção dos sujeitos sobre a relação entre a sua autoestima e a exclusão digital a que se vê imposto; identificar as manifestações verbais e relato de ideias que reflitam a autoestima dos usuários durante as atividades e identificar o nível de autoestima dos sujeitos após o período de aprendizagem das mídias interativas. Os instrumentos utilizados para a investigação da autoestima será a Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR (HUTZ, 2011), a observação dos sujeitos e entrevista buscando investigar em que medida a exclusão digital - se ela existir - reforça os prejuízos que o indivíduo percebe na sua autoestima. Esta pesquisa integra-se ao Projeto Inclusão Digital e Social – Conhecimento e Cidadania / Rede Goiana de Pesquisa em Políticas de Inclusão Digital (REPPID) e os resultados podem contribuir na elaboração das políticas públicas de inclusão digital e de atendimento à terceira idade.

## REFERÊNCIAS

- BEZ, M. PASQUALOTTI, P. R. PASSERINO L. M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. Brasília – DF. In: Workshop em Informática na Educação (sbie). **Anais XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, SBIE, UNB/UCB. 2006, v. 6, p.61-70.
- FERNANDES, H. M., et al. *A influência da actividade física na* Ryff, C.D. (1989a). Beyond Ponce de Leon and life satisfaction: New directions in quest of successful ageing. **International Journal of Behavioral Development**, 12(1), 35-55.
- GOBITTA, M., GUZZO, R. S. L. Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. **Psicologia Reflexão Crítica**, vol.15, n.1 . 2002
- HUTZ, C. S. e ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. **Aval. psicol.**[online]. 2011, vol.10, n.1, pp. 41-49. ISSN 1677-0471. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a05.pdf> Capturado em novembro de 2013.
- JANEIRO, Isabel N. Inventário de Auto-Estima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa . **Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e Contextos**, 2008.[http://www.academia.edu/529334/Inventario de Autoestima de Coopersmith Caracteristicas psicometricas da versao portuguesa](http://www.academia.edu/529334/Inventario_de_Autoestima_de_Coopersmith_Caracteristicas_psicometricas_da_versao_portuguesa) Capturado em Abril de 2014.
- MAIA, Enrique. **Mas, o que é auto-estima?** 2005. Disponível em: <http://www.inpooline.com.br/autoestima/>. Acesso em 15 de Abril de 2014.

## 1.10. BERNARDO ÉLIS: A REPRESENTAÇÃO DA VALENTIA GOIANA

Wellida Mendes Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
wellidamps@gmail.com

Bernardo Élis é considerado como um dos maiores escritores brasileiros, considerado por Francisco de Assis Barbosa, o “vanguardeiro de um novo ciclo de ficção brasileira – o sertanismo goiano – mineiro” (BARBOSA, 1967). A obra bernadiana se torna importante pela narrativa que mistura realismo e regionalismo. Para Albertina Vicentini

[...] região, em literatura, tem sido região nos seus aspectos físico, geográfico, antropológico, psicológico etc., subsumidos na história relatada (a temporalidade), seja ela predominantemente política, econômica, social e cultural, porque só a manifestação de todas essas facetas ao mesmo tempo é capaz de engendrar uma história no sentido narrativo do termo, isto é, uma totalidade de mundo representada. (VICENTINI,2008)

Desenvolvemos a pesquisa através de leituras teóricas sobre História e Literatura sob uma perspectiva da História Cultural que ajudará a nortear nossa análise sobre representação de valentia nas obras. O trabalho e a luta diária pela vida, são considerados pelo autor como valentia digna de ser exaltada. No conto *A Enxada*, da obra *Veranicos de Janeiro*, o autor reforça o bom caráter de Piano, que “era trabalhador e honesto. Devia ao delegado porque ninguém era homem de acertar contas com esse descomungado.” (ÉLIS, 2006, p.50). Em *Tropas e Carabinas*, o pobre menino de 12 anos, filho de Anastácio trabalhava tanto quanto o pai, que exigia muito esforço da criança. Honestino o admira: “Menino valente era aquele! - pensou Honestino. Como seria bom ter um filho como aquele! Ladino, trabalhador, valente” (ÉLIS, 1987, p.100), O autor se utiliza das aspas para fazer uma ironia à valentia do capitão Siqueira, um “homem muito ‘valente’ para quem estivesse preso ou algemado; gostava de humilhar as pessoas indefesas.” (ÉLIS, 1987, p.79). Bernardo Élis mostra em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, os problemas de uma população vítima da enchente do rio Corumbá. Em uma jangada que já não suportava o peso das três pessoas, Quelemente se viu obrigado a abandonar sua velha mãe, o que representa um grande ato de coragem: “Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola” (ÉLIS,1944, p.9). O historiador Bronislaw

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História da UEG – UnuCSEH, bolsista no Projeto de Pesquisa: “A Valentia em Goiás – Apontamentos Sócio-Históricos”.

Baczko (1985), citado por Sandra Jatahy Pesavento, acredita que “o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social” (PESAVENTO, 2005, p.43). Em diversas sociedades e épocas, as representações de valentia são integrantes do imaginário popular, como também pode ser observado na literatura bernadiana sobre o sertão goiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. Romance de Protesto. In: ÉLIS, Bernardo. **A Terra e as Carabinas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Coleção Almas de Goiás, vol.2.

ÉLIS, Bernardo. **A Terra e as Carabinas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Coleção Almas de Goiás, vol.2.

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de janeiro**. Goiânia: ICBC, 2006.

ÉLIS, Bernardo. Ermos e Gerais. In: **Obra Reunida de Bernardo Élis**. Coleção Alma de Goiás. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 2, 2008.

## 1.11. BRASÍLIA: ENTRE A MODERNIDADE E A MODERNIZAÇÃO DE UM PROJETO INTEGRADOR/FRAGMENTADOR DO TERRITÓRIO GOIANO

Thalita Aguiar Siqueira<sup>1</sup>  
Marcelo de Mello<sup>2</sup>  
Universidade Estadual De Goiás

Segundo Aragão (1993, p.187), “com o advento da criação de Brasília, nos fins da década de cinquenta. Houve a abertura da frente agrícola de expansão, voltada para a pecuária intensiva e o cultivo de soja”. O Cerrado foi discriminado por algum tempo por não servir para a agricultura e a criação de gado, por isso não despertava grande interesse. Mas com o passar do tempo, novas técnicas produtivas tornaram este domínio morfoclimático bastante procurado e utilizado por produtores rurais. A partir de então, tem início a valorização do Cerrado como espaço destinado a produção de produtos agropecuários. A redefinição do Cerrado no processo de integração do território nacional foi mediado por políticas governamentais para o povoamento da região. A intenção era promover uma modernização produtiva a partir de discursos amparados na modernidade expressa por Brasília. “Brasília nasce para ser o símbolo e/de representação do futuro. O plano urbanístico da cidade pretendia, desde o início, a formação de um sociedade diferente do resto do país, com características modernas que viessem, por fim, a transformar o Brasil.” (FREIRE; JÚNIOR, 2013, p.151). Não apenas no sentido da modernização da agricultura e pecuária no Cerrado goiano, Brasília assume a condição de símbolo de modernidade por meio de sua arquitetura. Brasília é conhecida mundialmente e seu projeto urbanístico deveria inaugurar uma nova era para a vida urbana. Diante de tantos atrativos, acabou por atrair grande quantidade de pessoas para esse território, que apesar de bastante moderno não foi preparado para receber essa grande quantidade de moradores, dando início então o processo de perda do sentido antes atribuído a nova capital federal, instalando-se a desordem a partir da fragmentação do território das cidades do seu entorno. Como em outras palavras já referido antes: “Brasília foi o elemento

---

<sup>1</sup> Graduanda do 2º ano de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de ciências sócio-econômicas e humanas de Anápolis. Bolsista PIBIC sob orientação do Prof. Dr. Marcelo de Mello. E-mail: [aguiarthalita29@gmail.com](mailto:aguiarthalita29@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela UFG e Professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado UEG/UnUCSEH e do Departamento de Geografia da UEG/ UnU. de Goiás. Idade estadual de Goiás.

privilegiado pelo projeto de integração do território nacional. Uma cidade-capital construída com o objetivo de integrar e articular as “distantes” regiões brasileiras. Se a integração traz consigo a fragmentação, essa capital federal interiorana se tornou o *locus* dessa contradição. O projeto se desintegrou e fragmentou a região diretamente atingida por ele.” (MELLO, 2009, p.16). A migração foi uma das principais causas dos problemas relacionados a fragmentação dos municípios do entorno da capital federal. A quantidade de migrantes fez com que as estruturas não suportassem a pressão, surgindo ocupações caracterizadas pelo desordenamento. Dentro deste processo novos municípios foram produzidos a partir da fragmentação do território de municípios que já existiam, como o caso do município de Luziânia, que deu origem a Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Valparaíso de Goiás e Novo Gama e Águas Lindas de Goiás. Essas cidades, devido ao seu crescimento desordenado, não possuem infraestrutura e serviços para atender seus habitantes. Nelas os problemas sociais comuns na maior parte das cidades brasileiras são mais severos: destacamos os déficits nas áreas de moradia, saneamento básico, educação de qualidade, emprego, saúde, etc. neste contexto, nota-se um certo grau de dependência em relação ao Distrito Federal, no que se refere a mercado de trabalho, estudo, equipamentos públicos, entre outros. O contraste entre o discurso e a realidade produzida fica evidente quando se verifica a realidade desses municípios atingidos pela migração perante a realidade do distrito federal. Brasília, sem dúvida, foi fundamental no processo de modernização produtiva que integrou o território nacional. A partir das políticas governamentais, novas dinâmicas alteraram a configuração dos territórios nacional e goiano. Em contraposição, um processo de fragmentação comprometeu os municípios do entorno, deixando um rastro de diversos problemas sócias. A nova capital federal tão anunciada, nascida de um sonho, símbolo de modernidade e organização, tem o seu sentido descaracterizado no processo de reprodução do espaço urbano, evidenciado pelas angustias presentes na formação da cidade

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, L.T. Ocupação humana no cerrado de Brasília. IN: \_\_PINTO, M.N(org.). **Cerrado: Caracterização, Ocupação e Perspectivas**. Brasília. 1993.p.187.
- FREIRE, J.M; JÚNIOR, D, F.C.R. Brasília Imaginaria: Natureza, Lugar e Paisagem na Identidade Mística da Capital Federal. IN: \_\_JUNIOR, G.F.C; SILVA, V.C.P. **Natureza e Representações Imaginárias**. Curitiba: Appris, 2013.p.143-160.
- MELLO, M. **Brasília, Aguas Lindas de Goiás e o (DES) encontro da Racionalidade com a Irrracionalidade**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009. 204 pp. Tese, programa de pesquisa e pós- graduação em geografia do instituto de estudos Socio-ambientais da universidade federal de Goiás, Goiânia 2009

## 1.12. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM BELCHIOR

João Gabriel da Fonseca Mateus\*  
 Graduado, especialista e mestrando em História  
 Universidade Federal de Goiás  
 joaogabriel\_fonseca@hotmail.com

“Com olhos opacos, contemplava a parede de livros. Odiava a todos eles, velhos ou novos, pretensiosos ou não, alegres ou tristes”<sup>2</sup>. Essas são as palavras de um enunciador sobre a vida de homem frustrado com as experiências de seu tempo e com a vida de modo geral. Esse é Gordon Comstock. O personagem de *Keep the aspidistra flying*<sup>3</sup> vive um dilema no seu agir do presente. Seu passado foi no convívio com a voracidade de uma Inglaterra do início do século. Num tempo de comercialização dos prazeres, o anti-capitalista Gordon, que escrevera um livro com vendagem de 153 exemplares (por isso e por outros, o ódio aos livros), desacreditado no dinheiro, abandona um futuro promissor como publicitário e vai viver da venda (risível e angustiante, no romance) de livros de poesia. Seu livro estava lá, largado e sem nenhum interessado na compra. Qual o significado daquela *doentia aspidistra*, plantada em um “vaso vitrificado de cor verde” que estava no peitoril de sua janela? Aquele significado de abandono da luta que vê o futuro permeado pelas ingerências do passado e do presente, que o fez um mero expectador do capitalismo, o fez também um desacreditado das mudanças. Friedrich Nietzsche em *Segunda Consideração Intempestiva*<sup>4</sup> ao indagar sobre o conhecimento história na vida humana irá traçar um paralelo entre nós, seres humanos históricos e os animais (a-históricos, especificamente, um rebanho). Ao transcrever as diferenças irá considerar que os animais não sabem o “(...) que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado” (NIETZSCHE, 2003, p. 7). O que faz, de tal modo, de acordo com o filósofo alemão, seres humanos diferentes dos animais são as cargas de experiências que carregamos no tempo e as lembranças dessas, considerando que nosso olhar para o passado nos “(...) impele para o futuro” (idem, ibidem). Tal qual em Nietzsche e no romance de

---

\* Graduado em Licenciatura em História (IFG); aluno do curso de Especialização em História Cultural: Imaginário, Identidades e Narrativas (UFG) sob orientação do Prof. Dr. Rafael Saddi. Atualmente é professor de História na Rede Privada de Ensino em Goiânia. É autor dos livros: *Escritos sobre a Imprensa Operária da Primeira República* (Pará de Minas: Virtual Books, 2013) e *Educação e Anarquismo: Uma perspectiva libertária* (Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012). Email: [joaogabriel\\_fonseca@hotmail.com](mailto:joaogabriel_fonseca@hotmail.com)

2 ORWELL, 1936, p. 13.

3 Publicada em 1936, a obra é conhecida no Brasil como *Mantenha o Sistema*.

4 NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Orwell, as experiências no tempo são fundamentais nas suas ações do presente e no seu projetar de futuro. Mas, deixando Orwell e o filósofo em segundo plano, como em Belchior, podemos compreender o passado, o presente e o futuro e quais são as conexões entre essas unidades de tempo? Para uma resposta a tais problemas, percorreremos uma trajetória nesse escrito. Primeiro, passemos pela definição dos conceitos aqui trabalhados relacionados com sua noção de tempo. Após isso, nosso trabalho é hermenêutico, ou seja, construir uma interpretação de suas canções em quatro passados: analisar sua compreensão de passado, presente, futuro e as manifestações de consciência histórica crítica em sua musicalidade. Logo, compreenderemos como o cancionista cearense utiliza dessas duas noções em suas músicas, mapeando nelas as conexões entre as unidades do tempo, além das pluridiscursividades presentes em sua obra. Nossa hipótese é a de que Belchior em suas canções não apenas ressignifica o presente, mas reconstrói um passado através de seu espaço de experiência e cria possibilidades para a construção de um futuro, inaugurando novas formas de agir através de seu horizonte de expectativas. É possível, conforme veremos adiante, perceber como o autor concebe o passado e estabelece as relações entre presente e futuro. Por assim dizer, as projeções de futuro nas letras de Belchior aparecem, ora com um ar de pessimismo, ora com uma esperança, com a possibilidade de inaugurar um *tempo novo* e radicalmente diferente ou na manutenção de um *status quo* determinante. Utilizaremos como fonte nesse escrito os discos *Belchior a palo seco* (Continental, 1974), *Alucinação* (Polygram, 1976), *Coração Selvagem* (Polygram, 1977), *Todos os sentidos* (Polygram, 1978), *Era uma vez um homem e seu tempo/Medo de avião* (Warner, 1979), *Objeto Direto* (Rio de Janeiro: WEA, 1980), *Paraíso* (Warner, 1982), *Melodrama* (Polygram/Philips, 1987), *Elogio da Loucura* (Polygram/Philips, 1988) e *Baihuno* (MoviePlay, 1993).

## REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

- BELCHIOR. **Belchior a palo seco**. Continental, 1974.  
 BELCHIOR. **Alucinação**. Polygram/Philips, 1976.  
 BELCHIOR. **Coração Selvagem**. Warner, 1977. LP  
 BELCHIOR. **Todos os sentidos**. Warner, 1978.  
 BELCHIOR. **Era uma vez um homem e o seu tempo/Mêdo de avião**. Warner, 1979.  
 BELCHIOR. **Objeto Direto**. Warner, 1980.  
 BELCHIOR. **Paraíso**. Warner, 1982.  
 BELCHIOR. **Cenas do próximo capítulo**. Paraíso/Odeon, 1984  
 BELCHIOR. **Melodrama**. Polygram/Philips, 1987.  
 BELCHIOR. **Elogio da Loucura**. Polygram/Philips, 1988.  
 BELCHIOR. **Baihuno**. MoviePlay, 1993

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Josely Teixeira. Palavra escrita (Bilac, Iessiênin e Augusto de Campos) e palavra cantada (Toquinho e Belchior): aspectos estilísticos do poema e da canção na Literatura e na MPB. **PER MUSI: Revista Acadêmica de Música** - n. 29, janeiro/junho, 2014 - Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2014, pp. 86 – 102.

CARLOS, Josely Teixeira. Muito além de Apenas um rapaz latino americano vindo do interior: investimentos interdiscursivos das canções de Belchior. Dissertação de mestrado (277 f.). **Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2007.

MENDES, Maria das Dores Nogueira. Construção identitária regional pelas topografias discursivas das canções do “Pessoal do Ceará”. **Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ORWELL, George. *Mantenha o Sistema*. São Paulo: Hemus, 1936.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa-PR, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2010.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: BARCA, Isabel; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba/Braga: Editora UFPR - Universidade do Minho (Portugal), 2010a.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 311-337.

SILVA, Gislane. Era uma vez um homem e o seu tempo: aspectos técnicos e estéticos na lírica de Belchior. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 27, p. 103-135, 2006.

### **1.13. DA PENÍNSULA IBÉRICA AO SERTÃO GOIANO: UM CLOSE SOBRE AS CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS**

Ronypeterson Morais Miranda  
Universidade Estadual de Goiás – UnU CSEH  
Prof. Orientador: Ademir Luiz da Silva

As Cavalhadas, esta, entendida como representação das Cruzadas travadas na Península Ibérica era, em Portugal do século XII ao XV, executada com os incentivos das autoridades locais, apresentando características diferentes de acordo com o seu local de realização dentro do interior do reino. Logo, esta celebração foi muito difundida por todo Brasil durante sua colonização, e em Pirenópolis, antiga Meia Ponte, as Cavalhadas acontecem conjugada com a Festa do Divino. Apesar dos festejos do Divino Espírito Santo acontecerem, desde o século XIX, com sua primeira data oficialmente registrada é de 1819, as Cavalhadas aparecem pela primeira vez em 1826. Desta forma, presente pesquisa analisa de forma sistemática a produção audiovisual acerca das Cavalhadas de Pirenópolis, teatralização que acontece anualmente no município, abordando a influência que a produção midiática tem sobre essa Festa na visão do morador da cidade e dos visitantes locais, observando assim, a atividade turística e sua demanda durante tal manifestação, que a cada ano aumenta, talvez, pelo seu grande recorte espacial e sua forma ímpar de expressão cultural. A comemoração em questão é um dos oito patrimônios intangíveis registrado pelo IPHAN, recebendo em 2010 o título de Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro. Acerca dos estudos sobre as Cavalhadas, propor-se-á a consulta à referências primárias já existentes, buscando fortalecer a pesquisa não apenas enquanto aspectos históricos, mas também as diversas interpretações já existentes a respeito dessa teatralização equestre. Destas, citar-se-á pesquisa de estudiosos como Brandão (1974), Maia (2008), Spinelli (2009), Silva (2001), Lima e Alves (2004) dentre outros. É salutar esclarecer que, busca-se seguir as etapas do método científico, entendidos por Dencker como “critérios que servem de referência no processo da explicação ou da elaboração de previsões em relação a questões problemáticas específicas” (2007, p. 29), considerando sempre a teoria, o método e a prática, contribuindo assim, na análise dos dados selecionados. Para o desenvolvimento da pesquisa, será usada a pesquisa qualitativa, que é “utilizada quando a informação disponível é pobre em dados, mas rica em descrições variáveis e não facilmente tratável com dados estatísticos” (PERES, 2005, p.11). E complementando a base teórica, será empregada também a pesquisa quantitativa, que “baseia sua análise na informação que dados e fontes de informação proporcionam” (PERES, 2005, p.12). Embasando-se nas obras de Geertz (1989), Eliade (1991) e

Durkheim (1989) espera-se identificar a função das mídias audiovisuais na formação do imaginário que se tem das Cavalhadas a partir dessas mídias, englobando de forma sucinta as imagens e símbolos festivos presentes nessa teatralização, assim como a religiosidade presente na construção da identidade local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ana Claudia Lima e. **Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente**. Brasília: PPGHIS/UnB, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalhadas de Pirenópolis** – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. 208p.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo: Planejamento, Métodos e Técnicas**. 9ª ed. Revista Ampliada. São Paulo: Futura, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo:Edições Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolo: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. Trad. Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GEERZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2003.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. (Tese de Doutorado em Geografia).
- PEREZ, Amparo Sancho (org.). **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo**. Tradução técnica: GUERRA, Gleice Regina; RINALDI, Thais Spiezzi. Roca, 2005.
- SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: AGEPEL, 2001. 229 p.
- SPINELLI, Céline. **Cavaleiros de Pirenópolis: Etnografia de um Rito Equestre**. UFRJ – IFCS, 2009. (Dissertação em Antropologia).

## **1.14 DESAFIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ANÁPOLIS-GO**

Elson Marcolino da Silva  
smelson@ig.com.br

Ingrid Batista Queiroz  
Universidade Estadual de Goiás  
ingridbqueiroz@gmail.com

Leticia Batista Vieira  
Universidade Estadual de Goiás  
letybel.vieira7@gmail.com

Liliane Alves São Boaventura  
Universidade Estadual de Goiás  
lilianeboaventura18@gmail.com

Sâmella Campos Popolin Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
sang3\_@hotmail.com

As discussões apresentadas neste resumo fazem parte de reflexões e estudos que estão sendo realizados no Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência- PIBID, Pedagogia da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas/UEG. Essas discussões se apoiam no objetivo de refletir sobre processo de alfabetização de alunos de uma escola pública municipal de Anápolis. Para tanto, elegeu-se como problemática a seguinte questão: Quais são os desafios que os professores e alunos enfrentam no processo de alfabetização em sala de aula? O trabalho insere-se dentro da abordagem qualitativa de pesquisa em educação, e é caracterizado como estudo de caso. Em relação aos procedimentos metodológicos, realizou-se observações semiestruturais das aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Os dados coletados foram registrados em um diário de campo e, posteriormente, foram analisados à luz da Análise de Conteúdo. Como teoria de base, selecionou-se a perspectiva construtivista de alfabetização de Ferreiro (1999, 2001). Para Ferreiro (1999), a alfabetização é compreendida dentro de uma visão sociocultural onde ela é construída e reconstruída pelos sujeitos por meios de várias práticas sociais. No âmbito escolar, a autora alerta que, durante o processo de alfabetização, a criança não é um ser passível que, simplesmente, recebe as “informações”

curriculares em sala de aula. Para ela, a criança elabora e reelabora o saber trabalhado em sala de aula. Como a alfabetização é tida como um processo que acompanha o desenvolvimento do sujeito por toda sua vida, Ferreiro (1999) entende que ela não pode ser considerada simplesmente uma técnica ou um estado em que os sujeitos se encontram. Trabalhar o processo de alfabetização das crianças em sala de aula dentro da perspectiva construtivista requer da escola e, principalmente, dos professores, sólido conhecimento de alguns procedimentos pedagógicos que vão auxiliar as crianças em seu processo de alfabetização. Entre eles, a questão de como os alunos desenvolvem suas capacidades de ler e escrever. O mundo social da criança é muito rico em termos de leitura e escrita, afinal não se vive numa sociedade que possa ser considerada ágrafa. Muito pelo contrário, a sociedade é considerada letrada, pois, para todos os lados que se olha, depara-se, direta e indiretamente, com escritas que vão impulsionar práticas sociais de leitura e, conseqüentemente, de escrita. Se o mundo social que as crianças vivem é tão rico de leitura e escrita, para que a escola precisa de cartilha para alfabetizar suas crianças? Claro que o uso da cartilha em sala de aula pode ser considerado importante e até auxilia o aluno a desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. Contudo, a questão é quando a cartilha é vista como quase que o único procedimento metodológico para fazer com que os alunos sejam alfabetizados. Usar a cartilha em sala de aula para desenvolver nos alunos o seu processo de alfabetização pode trazer conseqüências, principalmente quando o “conteúdo” posto nela é visto como um modelo a ser copiado e repetido pelos alunos. Para Ferreiro (2001), alguns professores se apoiam na visão de que a cópia e a repetição dos modelos apresentam bons resultados no processo de alfabetização das crianças. Contudo, o fato de as crianças serem “copistas experientes” dos conteúdos da cartilha não faz com que compreendam o verdadeiro sentido da apreensão do código linguístico-alfabético. A questão de interação é outro fator importante no processo de alfabetização, sobretudo de crianças, já que estas, diferentes dos adultos, estão em processo contínuo e mais aberto às aprendizagens. Em relação à problemática que orientou o estudo, identificaram-se os seguintes desafios no processo de alfabetização em sala de aula: a) os professores solicitam que os alunos simplesmente copiem as atividades de sala de aula, sobretudo aqueles que apresentam dificuldade na ortografia; b) pouca interação do professor com os alunos em sala de aula, pois esse primeiro escreve os exercícios no quadro e as crianças, após copiá-los em seus cadernos, tentam resolver sem a devida atenção por parte dos professores; c) o fato de os professores relacionarem cada letra a uma fonética específica ressaltando, constantemente, que aquela letra tem somente aquele som, provocando confusão na maioria dos alunos. Por fim, inferiu-se que a alfabetização, na escola pesquisada, é trabalhada de forma tradicional, pois, em seu processo, identificaram-se desafios a serem superados que vão desde cópias repetitivas de palavras à pouca interação entre os sujeitos durante o processo educativo.

**REFERÊNCIAS**

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

## 1.15. DESAFIOS PEDAGÓGICOS DO CELULAR NA ESCOLA

Tatiane Custódio da Silva Batista  
Universidade Estadual de Goiás /UnUCSEH

Mirza Seabra Toschi  
Universidade Estadual de Goiás /UnUCSEH

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2011, divulgou que 60% dos celulares estavam na posse do grupo com idade de 15 a 17 anos. Tais jovens demonstram familiaridade com as tecnologias digitais, as quais parecem provocar alterações na sociabilidade, afetividade e na forma de aprender. Assim, o objetivo deste estudo foi investigar estudantes do ensino fundamental e médio e a relação deles como uso do celular na escola. Múltiplas queixas do aparelho no ambiente escolar resultaram em regras e regimentos, que implicam na elaboração e aprovação de leis a fim de proibir o uso do celular nas escolas. Assim, se faz necessário atentar para o uso dos dispositivos e de como a escola e seus sujeitos têm enfrentado tal questão, bem como os possíveis problemas advindos com o uso, com a proibição, ou mesmo com a permissão, destes dispositivos dentro da escola. Para Pellanda (2003), os dispositivos móveis são instrumentos que possibilitam ao usuário não ser apenas receptor ou consumidor de informações e cultura, mas tornar-se autor e compartilhar o que produz. Para este autor, “em um ambiente de convergência digital cada uma das linguagens desenvolvidas ao longo dos últimos anos pela TV, rádio e jornal estão presentes para proporcionar ao receptor uma experiência rica em detalhes e interações” (p. 5). Pois celular é uma mídia que proporciona mobilidade e ubiquidade. Torna possível fotografar, ouvir, gravar, ler e salvar arquivos a qualquer momento e lugar, com capacidade de produzir e disseminar sua comunicação e imaginação, possibilidades do compartilhamento de fatos e situações para o mundo virtual. A facilidade de comunicação que o celular possibilita tem mudado a forma de interação social, profissional e, possivelmente, também vem mudar a educação e a escola, pois sua presença é uma constante nesta instituição e nas salas de aula. Caron e Caronia (2005) afirmam que estes equipamentos e meios se tornaram parte de nosso cotidiano e nos liberaram da maior parte das limitações espaciais e temporais de nossas vidas. Souza e Silva (2006) consideram o celular como uma mediação, “uma interface social, um meio digital que facilita a relação entre dois ou até mais usuários” (p.23). Apresenta ainda que “a comunicação por voz é o que os jovens menos utilizam nos celulares” (p. 25). A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, realizada com observação em duas escolas municipais do ensino fundamental em diversas situações do cotidiano escolar. Foram feitas fotos e filmagens de cenas com uso do celular feito pelos estudantes. Encontramos leis no âmbito do município, estado e do País que englobam a proibição do celular em unidades escolares de todos os

níveis. Ainda assim os corredores da escola foram palco de desfile de celulares, com várias marcas, modelos e tamanhos, circulando por ali o tempo todo. Na sala de aula percebemos que os estudantes usam muitas artimanhas para usar o celular apesar da proibição. Escondem atrás do caderno, do estojo de lápis, do colega, do cabelo, embaixo da mesa, etc. São várias as formas que os estudantes encontram para despistar a atenção do professor e burlar as regras. Constatamos também alunos que fizeram uso de seus telefones celulares como auxiliares no processo de aprendizagem. Os professores observados, por sua vez, não apresentaram o uso destes dispositivos com tanta frequência. Os professores não têm com o celular a mesma relação que os estudantes. Em uma das escolas percebemos que muitos problemas da gestão são resolvidos pelo celular. Foram muitas situações que percebemos os usos feitos pelos diferentes agentes escolares. Os alunos jogam, enviam SMS, acessam as redes sociais e utilizam os dispositivos do celular na aula, usando a calculadora, dicionário, calendário, etc. Observou-se que o grande uso do celular foi uma característica mais dos jovens, os que estão entre 15 e 17 anos têm uma relação íntima e constante com os dispositivos móveis, em especial o celular, e com as funções variadas deles. Mesmo com as leis e normas que proíbem o uso do celular nas escolas, foi frequente o uso destes, principalmente por alunos. Muitos deles nem se intimidam com os olhos que os observam ou com possíveis punições. Há professores que não percebem o uso, outros fingem não ver e há também os que se sentem incomodados e brigam com os alunos, ou tomam os celulares e mandam para a direção da escola. A direção pode tomar diferentes posturas, como entregar aos próprios alunos ou chamar os pais para devolução do aparelho e para conversar. É constrangedor ver os gestores encaminharem os aparelhos a instituições de naturezas e responsabilidades distintas às escolas, como, Juizado de Menores, Conselho Tutelar e Patrulha Escolar. É a escola abdicando de sua função educadora. Essas questões são muito novas nas escolas e trazem desafios sociais e pedagógicos para os quais os professores e gestores não foram formados. Assim, o resultado desta pesquisa poderá auxiliar em propostas para auxiliar os profissionais a refletirem e trabalharem esta questão e, principalmente, em favor do melhor envolvimento e aproveitamento de toda a população escolar.

## REFERÊNCIAS

CARON, André H. et CARONIA, Letizia, **Culture mobile: lês nouvelles pratiques de communication**. Les Presses de l'Université de Montréal, 2005.(tradução livre de Joana Peixoto)

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Domicílios e Empresas. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de informação e comunicação no Brasil. 2011**. Disponível em <<http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em 22 de abril de 2014.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento.** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf> > Acesso em maio de 2013.

SOUZA e SILVA, Adriana de. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In: ARAÚJO, Denize Correa (org.) **Imagem (ir) realidade** – comunicação e cibernética. Porto Alegre: Sulina, 2006.

## 1.16 FLUXOS E REDES: UMA DINÂMICA NO ESPAÇO

Rubens Elias Santana Morais  
Universidade Estadual de Goiás

Morais.res@gmail.com

As relações comerciais vinculadas aos fluxos e redes só se estabelecem devido a grande demanda que o capitalismo emprega na atualidade, assim essa dinâmica que os fluxos e redes possuem são mais perceptíveis quando envolvidas em grandes relações capitalistas. O reflexo das grandes produções e relações entre os grandes capitalistas se depositou na necessidade de meios de transportes para disseminar as grandes quantidades de mercadorias, as implantações de novos mecanismos de transportes e melhorias nos sistemas já existentes. Com a melhoria dos transportes e melhor escoamento das mercadorias, começa a se produzir cada vez mais. Isto gera uma grande exploração de recursos naturais e de forma consequente a escassez desses recursos, pois, com o avanço da tecnologia que facilita esse processo de exploração só se intensifica essa escassez. Alguns espaços são caracterizados pela produção de mercadorias e outros por obter matéria prima utilizados na produção dessas mercadorias. Dessa forma: A iniciativa privada se organiza para seus desafios competitivos, mas em termos de território nacional, a especialização dos lugares resulta na acentuação da diferença entre espaços competitivos e espaços secundarizados, pois uma política territorial em escala nacional na dimensão já ocorrida nos anos setenta não apresenta sua materialidade (SILVEIRA, 2011, p. 373). Algumas técnicas são utilizadas para que as empresas aumentem seus lucros: Se uma empresa utiliza grande quantidade de matéria prima para produzir, ela se transfere para o local onde extrai a matéria prima para que possa evitar as despesas com o transporte da matéria e a diminuição de fluxos. Isso gera uma re/funcionalização de um espaço acrescentando a ele mais uma especificidade. Nesse caso, a logística aparece como uma peça fundamental para o planejamento a gestão do transporte e também para as questões de armazenamento, o que colaborou para uma maior circulação dos produtos. A circulação deixou sua marca em escala global e atingiu seu ápice quando o homem foi capaz de se conectar em várias as partes do mundo. Fato que propiciou grandes negociações intercontinentais e, com isso, as melhorias nos transportes com o avanço da tecnologia, que os deixaram mais rápidos. Os meios de comunicação mesmo entendidos como fixos são fundamentais para a movimentação do capital, pois é por meio deles que ocorrem várias transações em escala regional nacional e global. Assim vemos o quanto é importante à dinâmica empregada para que a produção de mercadoria e a

disseminação da mesma potencializada pelo emprego de técnicas e tecnologias contidas nos fluxos e redes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, T. **Fabricação da Cidade e ideologia da circulação**. 2º ed. São Paulo Editora: Outras Expressões, 2012.

LUZ, J. S. **A especialização da atividade comercial atacadista**: o setor atacadista-transportador moderno de Anápolis-GO. Dissertação (mestrado em Geografia). Departamento de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVEIRA, M. R. **Circulação, Transporte e Logística**. São Paulo. Outras Expressões, 2011.

## 1.17 INCLUSÃO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Bruna Marques de Deus  
Universidade Estadual de Goiás  
brunamaarques@hotmail.com

Elson Marcolino da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
smelson@ig.com.br

Gleiciely Oliveira Cardoso  
Universidade Estadual de Goiás  
gleiciely-fjg@hotmail.com

Joyce Kelly Silva Pereira  
Universidade Estadual de Goiás  
joycinhaueg@gmail.com

O presente estudo é fruto da participação dos autores deste trabalho na Disciplina “Prática Pedagógica” ministrada em 2013 no primeiro ano do Curso de Pedagogia da UnUCSEH- UEG. Caracteriza-se como qualitativo e tem como objetivo apresentar discussões sobre a educação escolar no contexto dos alunos portadores de necessidades especiais educativas, revelando como é desenvolvido o trabalho pedagógico nesta modalidade da educação. Para tanto, elegeu-se o estudo de caso, no qual selecionou-se, para realização do trabalho empírico, uma sala de aula de um colégio estadual localizado na região norte de Anápolis. Nesta sala de aula foram realizadas observações e, com elas, foram feitas anotações em um diário de campo. As anotações realizadas no diário de campo serviram de base para a realização da análise do trabalho. Para guiar a análise dos dados empíricos foram selecionados teóricos considerados grandes especialistas na área da educação especial. Entre eles, Mazzotta (1990), Sasaki (1997) e Bonetti (1998). Segundo Mazzotta (1990), a educação especial é baseada na necessidade de proporcionar a igualdade de oportunidades, mediante a diversificação dos serviços educacionais de modo a atender as diferenças individuais dos alunos portadores de necessidades educativas. Para o autor, referir-se a educação especial é voltar-se para o âmbito de uma educação igualitária, porém para que um aluno portador de necessidades especiais tenha uma melhor compreensão e uma educação de qualidade, o seu aprendizado deve ser diversificado, exigindo, assim, uma atenção “mais específica” por parte da escola e principalmente do professor. Sasaki (1990) também apresenta o conceito de inclusão e exclusão na perspectiva da educação especial. Para esse autor, a inclusão diz respeito a todos

os alunos, sejam eles “especiais” ou não, pois se todos estão frequentando o ensino regular, passam a ter os mesmos direitos à educação de qualidade. Um dos grandes desafios da inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais educacionais é a real integração delas no contexto escolar para que possam viver como cidadãos. Para isso, devemos levantar alguns pontos considerados relevantes. Ao começar pelo o que é inclusão escolar, e como uma escola regular pode receber os alunos “especiais” dentro da perspectiva da inclusão. Um dos pontos que afetam a educação inclusiva é o fato de que a maioria das escolas públicas e privadas não têm infraestrutura adequada para desenvolver projetos inclusivos. Na perspectiva da inclusão “educacional”, entende-se, então, que as escolas devem se adaptar as necessidades físicas e emocionais de seus alunos, de modo que venham a oferecer diferentes modalidades de metodologias, incluindo aprendizagem, avaliação, recursos metodológicos e atendimento especializado. Garantindo, assim, que os alunos portadores de necessidades educativas especiais venham sofrer discriminação nas escolas. Falar em “inclusão”, requer também que se fale em “exclusão”. Segundo Bonetti (1998), excluir significa expulsar “algo” do mundo dominante e ainda eliminar “algo” que foge dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais, produzindo marginalização e desconsiderando a própria existência humana. Geralmente, os alunos que são portadores de necessidades educativas especiais são denominados como aqueles que não fazem parte de um determinado grupo de alunos considerados “normais”, sofrendo preconceito e discriminação de diversas ordens. Em relação a análises dos dados, o qual procurou-se compreender até que ponto o trabalho pedagógico realizado no colégio exclui ou inclui os alunos portadores de necessidades educativas, chegou-se aos seguintes resultados: Na perspectiva da exclusão, o colégio exclui na medida em que: a) permite que os alunos sejam matriculados e frequentem ano considerado desproporcional e inadequado ao seu desenvolvimento mental e seu nível de aprendizagem; b) professores não são capacitados tecnicamente e pedagogicamente para lidar com alunos portadores de necessidades educativas que cursam em turmas “normais”; c) a avaliação da aprendizagem é padronizada para todos os alunos da turma, ocasião em que a escola parece ignorar que, em se tratando de alunos “especiais”, inclusive com deficiência mental superior, no processo de avaliação da aprendizagem deveria se levar em consideração essa especificidade. Por outro lado, esses métodos realizados também podem estar inseridos dentro da perspectiva da inclusão. Isto porque o Colégio disponibiliza aos alunos portadores de necessidades especiais “acompanhante” que ajuda no planejamento e na orientação de atividades diferenciadas de acordo com a capacidade dos alunos. A partir dessas situações citadas, pode-se perceber que o trabalho pedagógico realizado neste colégio nos aponta aspectos que incluem e exclui esse aluno. Deixando a certeza que o trabalho pedagógico de inclusão deve ser repensado de um modo que não é o aluno que deve se adequar a escola e sim a escola se adequar a ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAZZOTTA, M. **Fundamentos da educação especial**. São Paulo: Pioneira, 1990.

SASSAKI, R. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

BONETI, Lindomar Wessler. **Estado e exclusão social hoje**. In: ZARTH, Paulo Afonso et al. *Os caminhos da exclusão social*. Ijuí: Edunijuí, 1998. p. 9-44. (Coleção Ciências Sociais).

## 1.18 INCLUSÃO DIGITAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS DE LOCOMOÇÃO

Tatiane Custódio da Silva Batista  
UnUCSEH/UEG

Mirza Seabra Toschi  
UnUCSEH /UEG

Castells (2003) versa, em artigo publicado no Brasil, que a Internet tem sido o tecido social de nossas vidas, referindo-se à grande rede de computadores que se comunicam entre si. Essa é uma realidade que tem aumentado em nosso país. A utilização das novas tecnologias e da Internet tem causado alterações importantes na sociedade. Essas alterações foram incorporadas tanto nas atividades de ensino e pesquisa, quanto naquelas voltadas para o mundo do trabalho, o que evidencia a necessidade de inclusão de todos nesse modelo social. Embora a Constituição Federal Brasileira inclua direitos a deficientes, reconhecendo o direito de acesso à saúde e educação, eles não são obtidos e respeitados. A deficiência precisa ser abordada em diferentes níveis: clínico, de reabilitação, educacional, social e político. Estigma, discriminação e incapacidade física e financeira limitam o acesso à educação e à saúde. Para Alpino (2008), a limitação funcional está associada à deficiência física e à ausência de adaptações ambientais apropriadas e, sendo assim, certamente, a acessibilidade e a participação desses indivíduos ficarão prejudicadas em diversas atividades. Dados do Censo 2010, divulgados pelo IBGE, indicam que 23,9% da população brasileira possuem algum tipo de deficiência. Os deficientes de qualquer tipo, quase sempre, são marginalizados e sua inserção depende, em grande parte, do contexto social, muito mais do que de suas próprias capacidades, a fim de garantir o acesso dessas pessoas a todos os espaços da sociedade. A interação social é um aspecto amplamente estudado, o que tem demonstrado cada vez mais sua relevância nesse aspecto de inclusão e inserção dessas pessoas na sociedade e em suas variadas áreas e funções. Silveira (2001) observa que a inclusão social passa pela inclusão digital, uma vez que é pela rede mundial de computadores – Internet – que circula a informação e negar a estas camadas já excluídas de importantes direitos sociais, como saúde e educação, conhecimento e possibilidade de acesso a essas tecnologias significa desvalorizá-las ainda mais, e por questões nas quais não são responsáveis e sim vítimas. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a Internet causam alterações perceptíveis na sociedade em geral, sendo incorporadas tanto nas atividades de ensino e pesquisa, quanto nas voltadas para o mundo dos negócios com uma nova forma de relacionamento social, a sociedade em rede. É perceptível o grande

crescimento das redes sociais para lazer, trabalho, criação e manutenção de relações, na vida social, com amigos próximos e distantes, inclusive nas empresas e entre as empresas. Neste sentido, o presente projeto propõe a inclusão social e digital de pessoas com necessidades especiais. O interesse em estudá-las e conhecer sua desenvoltura em um mundo permeado por tecnologias parte do pressuposto de que esse novo desenho social altera as demandas sociais, afeta as políticas públicas e traz novas situações para se viver melhor. O objetivo deste projeto é identificar e analisar o desempenho de pessoas com diferentes deficiências de locomoção, buscando conhecer como esses indivíduos reagem diante do contato com diferentes mídias. Quais formas de uso elas são adequadas e de fácil manuseio e entendimento para eles. Identificar suas particularidades no manuseio das diferentes tecnologias e também espera-se perceber as principais barreiras encontradas na percepção dos sujeitos pesquisados e dos observadores do estudo. Entendendo que o idoso, um dos nossos sujeitos da pesquisa, talvez seja portador das demais características que pesquisaremos neste projeto, como baixo letramento e deficiência de locomoção, o que exigirá muito preparo da equipe. Assim, mesmo com alguns problemas na instalação de equipamentos no laboratório, as oficinas foram iniciadas e tem contado com a participação de senhoras com mais de 60 anos e que demonstram individualidades quanto ao manuseio e acesso aos equipamentos, assim como manifestam também interesses distintos. Uma cursista se interessa primeiramente pelo contato com a leitura e escrita para então conseguir utilizar os equipamentos, porém, a bolsista e as professoras orientadoras da pesquisa indicaram que este contato já fosse realizado por meio dos dispositivos oferecidos. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, por meio de oficinas de vivência de contato com diferentes mídias no Laboratório de Mídias Interativas (LIM) e Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE). Para auxílio na pesquisa, também serão feitas videografações dos encontros, fotos, protocolos de registro das ocorrências. Estes dados coletados serão organizados por software de análise qualitativa de dados em formato de áudio, filmes e textos. Nesta etapa da pesquisa estão sendo utilizadas anotações em protocolos de registro. O estudo pretende que todos os envolvidos, como estudantes, docentes e a amostra, idosos, pessoas com pouca escrita e leitura e pessoas com dificuldades de locomoção, contribuam uns com os outros, colaborando para uma sociedade mais solidária, igualitária e humana.

## REFERÊNCIAS

ALPINO, A. M. S. **Consultoria colaborativa escolar do fisioterapeuta: acessibilidade e participação do aluno com paralisia cerebral em questão.** 2008. 191 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=145184](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=145184)

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Capturado em março de 2013.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. (p. 255 a 288).

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital** - a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

## 1.19. O COTIDIANO ESCOLAR COM AS CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS: UM ESTUDO DE CASO

Rhanielli Benelli Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
rhanielli.b.s@gmail.com

Elson M. da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
smelson@ig.com.br

Este artigo traz parte das discussões teórico-empíricas que surgiram com a realização de uma investigação qualitativa desenvolvida no segundo semestre de 2013. Como objetivo, o estudo procurou compreender o cotidiano escolar de crianças em condições “especiais”, com foco na atuação metodológica do professor em sala de aula. Para atingir o objetivo proposto, delimitou-se a seguinte problemática: - Do ponto de vista metodológico, como os professores ministram as aulas em turmas que frequentam crianças com necessidades especiais? Nessas turmas, os professores adotam metodologias específicas para as crianças com necessidades especiais? O presente trabalho configurou-se estudo de caso onde delimitou-se, para a realização do trabalho empírico, uma escola pública municipal localizada numa região periférica de Anápolis. Os sujeitos da pesquisa foram três professoras efetivas que atuavam nas séries iniciais do Ensino Fundamental desta escola. Nelas, aplicou-se questionário semiestruturado. Em relação à fundamentação teórica, apoiou-se, especialmente, em Bueno (1999) e Portela e Adrião (2011). Bueno (1999) infere sobre a importância de se ter clareza em relação aos conceitos de integração e de inclusão, sobretudo quando o assunto é educação especial. Segundo essa autora, a integração está relacionada com a alegação de que o “problema” surge nos perfis das crianças excepcionais. Já o conceito de inclusão se pauta no reconhecimento das distintas existências de suas particularidades e diferenças da criança portadora de necessidades especiais. Segundo essa mesma autora, a Declaração de Salamanca elaborada em 1994, e divulgada para muitos países a partir desta mesma década, trata sobre os princípios, políticas e práticas nas áreas sociais em que se fazem presentes as necessidades educacionais especiais, entre elas a educação escolar. Para Bueno (1999), a inclusão que era proposta na Declaração de Salamanca passava a ideia de que, em um “passe” de mágica, e apenas colocando as crianças portadoras de necessidades especiais nas escolas, os problemas em relação a essa modalidade educativa se resolveriam, pois essas crianças passariam a frequentar as mesmas salas de aula com crianças “normais”, e desta forma, estar-

se-ia garantindo a democratização do acesso à educação escolar. Entretanto, alerta a autora, a educação só será inclusiva de fato se as políticas e práticas avaliarem as reais condições das escolas públicas no sentido de elas estarem, ou não, preparadas para receberem os alunos “especiais” e, assim, possibilitar uma inclusão gradativa, contínua, sistemática e muito bem planejada das crianças portadoras de necessidades educativas especiais nos sistemas de ensino. Para Portela e Adrião (2011), a educação especial é uma modalidade da educação escolar brasileira destinada aos portadores de necessidades especiais educativas. Por ser uma modalidade da educação escolar brasileira, essa pode ser ofertada em todos os níveis de ensino. Segundo esses autores, a Educação Especial nos níveis Infantil e Fundamental é de responsabilidade dos municípios. Contudo, na medida em que a LDB 9394/96 institui que esses devem priorizar o Ensino Fundamental regular, isto tem passado o entendimento de que as políticas educacionais para a Educação Especial devem ser secundarizadas. Em relação às análises dos dados, evidenciaram-se os seguintes aspectos: a) a maior parte das professoras entrevistadas respondeu não ter sido capacitadas para trabalhar pedagogicamente com crianças portadoras de necessidades especiais; b) inferiram que, quando se trata de alunos “especiais”, o trabalho pedagógico precisa ser encarado em suas especificidades, considerando que as dificuldades que eles apresentam em sala de aula são sempre superiores às dos demais alunos, considerados “normais”; c) reconhecem sobre a importância de se realizar um planejamento pedagógico específico para alunos “especiais”, contudo e mediante os problemas enfrentados na escola, tais como grande número de alunos por sala; falta de estrutura física e pedagógica para a educação especial, elas acabam planejando suas aulas de forma homogênea. A realização do estudo possibilitou inferir que os professores ainda planejam e desenvolvem aulas dentro da noção pedagógica de padronização e hegemonização do ensino, desconsiderando as realidades e necessidades dos alunos portadores de necessidades educacionais. Por outro lado, os professores reconhecem a importância de subsidiarem seus trabalhos pedagógicos numa metodologia de acordo com as necessidades e capacidade de cada aluno, inclusive os portadores de necessidades especiais, trabalhando com atividades lúdicas e dentro das limitações que lhes são proporcionadas.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Thereza (Orgs.). **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades**. São Paulo: Xamã, 2011.

BUENO, José Geraldo Silveira.:(1999). **Crianças com Necessidades Educativas especiais, Política Educacional e a Formação de Professores: Generalistas ou Especialistas?.** Disponível em: [http://www.abpee.net/homepageabpee04\\_06/artigos\\_em\\_pdf/revista5numero1pdf/r5\\_art01.pdf](http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista5numero1pdf/r5_art01.pdf)  
acesso em 06/02/2014

PINHEIRO, Odinéa Quartieri Ferreira e CARVALHO, Erenice Natália Soares de Carvalho. **Educar na Diversidade: A Inclusão do Aluno no Contexto.** 01. Ed. Brasília: CETEB, 2007. V. 01. 62p.

## 1.20. PODER E PROPAGANDA: JORNAL O POPULAR E FERNANDO COLLOR DE MELLO EM 1989

Fernanda Soares Borges Perinelli  
Universidade Estadual de Goiás

Marcelo Melo  
Universidade Estadual de Goiás

Esta pesquisa objetiva analisar a relação do Jornal O Popular com o processo eleitoral à presidência da república em 1989, tendo em vista a influência da imprensa nos resultados de uma eleição. Nesse sentido, nos debruçamos sobre o jornal como fonte histórica capaz de levar ao entendimento das relações de poder que definiram os rumos do país naquele momento. Deste modo, a questão que apresentamos tem a expectativa de indagar, de investigar a ligação da imprensa com determinados projetos políticos. No processo eleitoral a imagem de Collor seria trabalhada para derrotar opositores da esquerda, alguns bem cotados nas pesquisas eleitorais. Renomados veículos de comunicação defenderam o projeto político de Fernando Collor quando percebeu que ele poderia ser a figura ideal para derrotar o projeto da esquerda, vinculados mais fortemente às imagens de Collor e Leonel Brizola. Collor é apresentado como um projeto viável para a nação. Segundo Marra, “o eleitor simples, estava completamente desiludido com os políticos profissionais e muito preocupado com a questão da corrupção”. (1.989, p. 56) Diante desta situação, o momento histórico facilitou a vinculação de Collor a uma espécie de governante ideal. Rede Globo astuciosamente produziu uma novela, a qual era protagonizada por Sassá Mutema, um boia fria analfabeto, esse personagem ascende na política, mas sua ignorância o torna manipulável por velhos políticos inescrupulosos. O personagem interpretado por Lima Duarte era uma tipificação do candidato mais combatido pelas elites, Luís Inácio Lula da Silva (PTP). Propagandeado como um metalúrgico analfabeto. O discurso de Lula e sua CUT que foi apresentado de maneira a causar temor à elite brasileira, serviu para personificar Collor. [...] um mesmo legendário: o do homem providencial, do chefe, do guia, do salvador. Personagens símbolos, através de um e de outro exprime-se uma visão coerente e completa do destino coletivo. Em torno deles cristalizam-se poderosos impulsos de emoção, de esperança e de adesão (Girardet, 1987: p. 70).

A figura cômica de Sassá Mutema, como um herói que nunca foi herói, transferia a Collor a imagem do homem providencial apontado por Girardet, no qual o processo de heroificação conferia a Collor a imagem do “salvador que a pátria precisava de fato. O principal recurso usado por Fernando Collor

contra os opositores, foi o poder da oratória, convertido em propaganda. Collor parecia ter um pacto com as elites nacionais, tanto que, em entrevista após sua eleição, foi questionado sobre o apoio recebido da burguesia brasileira e traduzido em aparato publicitário. “Ele respondeu que havia pago esta dívida derrotando Lula, a besta-fera das burguesias”. (Oliveira, 1992, p.19). Neste sentido concluímos que, a possibilidade que nomeia o mundo contemporâneo como o mundo das imagens está subestimada ao capitalismo monopolista que gere uma concorrência de marcas, de aparências pertinentes ao capitalismo atual, no qual o show midiático viabilizou uma nova dimensão pública incorporada num sentido de vivência onde grande parte do eleitorado se via representado no discurso do “salvador da pátria”. Enfim, pretendemos compreender como a elite local fora representada no processo, pelo Jornal de maior expressão de Goiás.

## **BIBLIOGRAFIA**

Baczko, B. Imaginário Coletivo. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 290-332.

CONTI, Mário Sergio. **Notícias do Planalto**: A imprensa e Fernando Collor: Campanha das letras: São Paulo, 1999.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Companhia das letras: São Paulo, 1987.

MARRA, Mendes Terezinha. **O encantador de marajás**. Frank Soudant: Brasília, 1999.

OLIVEIRA. Francisco. **Collor** : A Falsificação da Ira. Imago : Rio de Janeiro, 1992.

## 1.21. PROCESSOS EROSIVOS NO BAIRRO POLOCENTRO EM ANÁPOLIS (GO) <sup>1</sup>

Bernardo Cristovão Colombo da Cunha<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Goiás – UEG  
cristovao\_colombo@oi.com.br

Priscilla Fabiane de Brito<sup>3</sup>  
priscillabrito\_prisbrito@hotmail.com

A pesquisa em questão analisa os processos responsáveis pelo desenvolvimento das formas de erosão observadas na área e os impactos socioambientais causados por elas na área do bairro Polocentro, localizado na região Sudoeste de Anápolis. Erosões, podem se suceder de forma “natural, geológica ou normal” (OLIVEIRA, 1994, p. 6), ou podem ser provocada por meio da ação do homem. Sendo assim, é prudente advertir-se de que a erosão natural acontece, geralmente, de forma mais lenta e menos agressiva. Fatores como clima, tempo geológico, tipologia litológica, quantidade de energia cinética desprendida pela água, vegetação, são, naturalmente, os principais responsáveis pelo desencadeamento da erosão normal; já a espécie humana, considerada um poderoso agente geológico, atua de forma mais intensa, acelerando fortemente os processos naturais ou potencializando o desencadeamento de novos processos. Oliveira (1994), conceitua erosão de forma simples tomando como base o significado utilizado por pesquisadores da área de Agronomia. Dessa forma, uma erosão poderia ser caracterizada como sendo a separação de partículas que compõem o solo, o transporte e a consequente deposição das mesmas em outros lugares. Ainda segundo Oliveira (1994), as erosões podem ser do tipo laminar ou linear, sendo a primeira ocasionada pelo escoamento difuso do lençol superficial. É uma forma de erosão menos perceptível; a segunda, linear, ocorre de forma concentrada em “linhas preferenciais persistentes”, onde o escoamento tende a seguir essas “linhas”. O objetivo precípua dessa pesquisa é analisar os processos erosivos que evoluem na área e refletir acerca da relação entre a produção do espaço urbano e a alteração do ambiente, focalizando, especificamente a produção de depósitos sedimentares. Os procedimentos metodológicos utilizados foram aqueles comumente empregados em estudos geomorfológicos como, por exemplo, pesquisa e coleta de dados e informações em campo, tratamento de dados e posterior produção do texto explicativo, fases estas que ainda se encontram em execução. Segundo Oliveira (1994, p.5), “os sedimentos lançados pelos

---

<sup>1</sup> Trabalho parte integrante do projeto de iniciação científica: Saneamento básico, problemas ambientais e exclusão social em Anápolis;

<sup>2</sup> Professor da UEG. Orientador do projeto;

<sup>3</sup> Bolsista PIBIC.

rios nos oceanos aumentaram de 10 bilhões de toneladas por ano, antes da introdução da agricultura, intensiva, pastagens e outras atividades de uso do solo para um valor entre 25 e 50 bilhões após a interferência do homem que alterou as coberturas naturais do solo”. Dessa maneira é possível entender que tal quantidade de sedimentos desprendidos do solo, transportados e depositados nos oceanos, é fruto da agressiva ação antrópica em outros ambientes que fazem parte do sistema. Carvalho et al. (2006) consideram as erosões como graves problemas que podem desencadear desarranjos tanto para a área afetada, quanto para o entorno. Ainda para Carvalho et al (2006, p. 84) “Ela é o resultado da ocupação e do uso do solo sem o devido cuidado e planejamento, propiciando alterações no escoamento superficial susceptíveis de gerar erosão laminar, que com a concentração do fluxo das águas pluviais provocam incisões na superfície do terreno, em forma de sulcos, que podem evoluir por aprofundamento, para ravinas e voçorocas”. Erosões laminares são conceituadas por Oliveira (1994) como as que são provenientes do escoamento hídrico superficial difuso, e que não provocam maiores incisões no solo a curto prazo. A linear seria a responsável pela formação de sulcos, ravinas e voçorocas, visto que tal forma se desenvolve partindo de “linhas” concordantes com a declividade, onde o escoamento é concentrado, mostrando preferência ao percorrer o caminho destinado, já demarcado pelo constante escoamento de fluxos hídricos, provocando um aprofundamento cada vez maior dos filetes preexistentes. Na área urbana do município de Anápolis, em especial a do bairro estudado, são evidentes as marcas de avanço desses processos erosivos. Há a existência de sulcos e ravinas e conseqüente assoreamento dos canais fluviais. O fator preponderante que pode ser evidenciado como causa desses desarranjos socioambientais, é o uso e a cobertura inadequados do solo urbano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Camapum de et al. **Processos erosivos no Centro-Oeste brasileiro**. Editora FINATEC: Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Antônio Manoel dos Santos. **Depósitos tecnogênicos e assoreamento de reservatórios: exemplo do reservatório de Capivara, rio Paranapanema, SP/PR**. São Paulo, 1994. 222 p. 3v. v.1 Tese (Doutorado em Geografia Física – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo).

## 1.22. REVISTA PEDAGÓGICA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA EM PEDAGOGIA

Nay Brúnio Borges  
Discente de pedagogia da UEG

Yonara Karollyne Plácido Cintra  
Discente de pedagogia da UEG

Eleno Marques de Araújo  
Docente Da UEG

A “REVISTA PEDAGÓGICA: uma análise sociológica em Pedagogia” é uma iniciativa embasada no PDI – Projeto Desenvolvimento Institucional e do PPC – Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) da Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos, que discute a indissociabilidade pesquisa-ensino-extensão. Interage cinco disciplinas do 1º ano de Pedagogia (Teoria Social, Educação e Estado; Prática Pedagógica; Leitura, Interpretação e Produção Textual; Mídias e Educação, e, Arte e Educação), tem em sua matriz o eixo temático Educação, Estado e Sociedade. Tendo como objetivo maior a efetivação da práxis acadêmica (díade teoria-prática e indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão) através da elaboração da Revista Pedagógica levando a compreensão, por parte dos acadêmicos, das questões sociológicas que são intrínsecas à educação. Zabala (1998) alega que a ciência ao longo da história tentando compreender a realidade esfacelou o conhecimento em disciplinas, especializando-as a ponto de criar as gaiolas epistemológicas como apresenta D’Ambrosio (2003 *apud* FAZENDA, 2008, p.115). Para o autor “São verdadeiras gaiolas epistemológicas [as disciplinas]: quem está dentro da gaiola só voa dentro da gaiola, é não mais que isso. Somos pássaros tentando voar em gaiolas disciplinares”. Como afirma Fazenda (2000, p. 7) “[...] interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em mote”. Assim Paviani (2008), afirma que a interdisciplinaridade significa uma estratégia de flexibilização e integração das disciplinas, quando integrada a produção de novos conhecimentos e no domínio do ensino, numa ajuda mútua e contínuo entre as partes. Ação esta que torna-se complacente pela efetivação da práxis, vinculando a teoria e prática, tão discutida em PDI, PPC etc. Bem como a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, também o enfrentamento e superação das primeiras produções científicas iniciais na universidade. O projeto aborda atividades de pesquisa, devido a

elaboração de textos acadêmicos, críticos e reflexivos e também entrevistas e por fim a extensão com o lançamento e divulgação da revista nas cidades em que os(as) alunos(as) autores(as) residem, com palestras em escolas e entrega da revista. A divulgação da Revista é como lançamento no slideshare e youtube, para visitas e possíveis comentários. Discutir as temáticas sociais relevantes ao crescimento acadêmico-científico dos ingressantes na academia e na discussão sociológica expondo principalmente as teorias de Karl Marx e de Escola de Frankfurt, possibilitando ao grupo a escolha de um tema para a elaboração da revista. As inferências que se faz pelo grupo deste projeto de extensão é que a extensão universitária realmente advém do ensino e da pesquisa e é um fator de suma importância no fazer acadêmico do docente enquanto discente, visto que, novos conceitos poderão ser criados, questionados e logo trabalhados. A primeira edição do projeto, em 2013, lançou quatro revistas: Planeta Bola; Saúde e Beleza; O som da liberdade e As faces da violência. Tendo participação também em alguns eventos, com o objetivo de divulgar o projeto e mostrar os resultados obtidos até então.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani. C. (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

### 1.23. SÉCULO XXI E DISCURSO DA CIÊNCIA E SUA FRAGMENTAÇÃO

Joao Paulo Carneiro dos Reis<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Goiás – UEG

Trataremos aqui de uma abordagem atual no debate sobre a ciência geográfica, mais precisamente a do século XXI, no qual é possível se que a ciência em sua totalidade encontra se fragmentada juntamente com seus discursos. No século atual, outra questão diante dessa ciência fragmentada, por um espaço constantemente no campo acadêmico, a interdisciplinaridade, temos o intuito aqui de fazer uma breve discussão sobre esses elementos no geral. Para Hissa et al( 2011) A ciência desmembrasse em disciplinas. O discurso se fragmenta em vários discursos que, progressivamente, são diferenciado, e ampliam a dificuldade de comunicação de linguagem. Por meio de rupturas mais fortes e expressivas, desníveis de discursos, incluídos no mesmo processo, são estabelecidos entre ciência e sociedade. A disciplina pulveriza se em fragmentos que, muitas vezes, equivocadamente, são tomados como especialidades. O pensar e o agir, o puro e o aplicado, o saber e o fazer, a teoria e a prática passam a ser trabalhados como conceitos antagônicos e não como dimensões integradas de um mesmo processo. A ciência se esvazia de pensamento e torna se plena técnica, movida pelo sonho pragmático de progresso de raízes iluminista. Quanto a ciência geográfica Moreira(2007), o espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da geografia. É a categoria por intermédio da qual se pode dialogar com os demais cientistas que buscam compreender o movimento do todo da formação econômico-social, cada qual a partir de sua referência analítica. A noção de espaço como chão da geografia é, certamente, um tema que perpassa todos os discursos geográficos em todos os tempos, tal como se pode aferir duma simples confrontação da maneira como os geógrafo a vem definindo no tempo. Os gregos definam a geografia em seu sentido etimológico: como descrição da terra. O objeto da geografia seriam os fenômenos da superfície terrestre. Entende-se o elo entre essa disciplinas de certa forma, caracterizam a interdisciplinaridade, responsável em partes por es uma vez que logo abaixo os autores remetem HISSA et al (2011) “o projeto interdisciplinar é a manifestação do desejo de integração entre diversas áreas do conhecimento. Contudo, a interdisciplinaridade jamais se realiza como integração pelo motivo de que se faz a ordem própria da disciplina”. Nessa perspectiva, entende se que essa manifestação se dar pelo conhecimento especializado (grifos meus) vindo da formação fragmentada, e o que se busca com essa visão interdisciplinar anexar esse saber fragmentado e buscar intermediar com outro

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás no ano de 2014.

conhecimento fragmentado para tentar se ter uma visão da totalidade. Para, Gomes (2011, p.27) “A ciência, como elemento fundador da modernidade, está assim comprometida em sua base por esta discussão sobre a legitimidade e os limites da razão, e se encontra no centro dos debates críticos a modernidade”. Nesse sentido, pensarmos a ciência é partimos da compreensão do princípio da sua limitação ao campo da razão, que se constitui por de acordo com (GOMES, 2011, p.25) “modelos experimentais, segundos princípios galileanos. Os demiurgo platônico e a causa humana, pela natureza.” Ou seja pensarmos todo esse contexto histórico desde da institucionalização da ciência, até hoje, século XXI, e buscamos entender como a ciência ao logo do tempo ao mesmo tempo que tem se seu método de análise, torna se fragmentada, enquanto ciência, tendo dispersas áreas de estudo. É importante discutir o que nos leva a pensar no momento no qual vivemos, e as perspectivas que são apresentadas sobre a crise do método da ciência que ser dar partir do pensamento de interdisciplinaridade, com base na Hissa e et al, nos coloca “que a crise da crítica é a representação da modernidade, neste contexto á década discute o significado de interdisciplinaridade” (2001, p. 08). Ou seja, buscar compreender a ciência particularizada e integra – La a outra “partes” da ciência, a outra área do conhecimento para compreender o todo.

## REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

GOMES, P.C.C, **Geografia e modernidade**/ Paulo Cesar da Costa

4ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 368p

.GERARDI, L.H.O, MENDES, Iandara Alves (orgs) **Imagens da Geografia Contemporânea: Modernidade, Caos e Integração dos Saberes**. 20p. Disponível em CEV HISSA, LHDEO GERARDI - ... : temas da geografia contemporânea, 2001 - rc.unesp.br

MOREIRA, R. **PENSAR E SER EM Geografia**: ensaios de historia, epistemologia e ontologia do espaço geográfico/Ruy Moreira. – São Paulo, Contexto, 2007.

## 1.24. TERÇO CANTADO EM ANÁPOLIS - GO<sup>1</sup>

Juliana Alves Machado;  
Graduanda em Geografia. Bolsista PBIC/UEG  
Universidade Estadual de Goiás /UNUCSEH  
julianna\_jam@hotmail.com

Maria Idelma Vieira D' Abadia;  
Prof. Dra. da Universidade Estadual de Goiás /UNUCSEH  
cerradocorumba@hotmail.com

O terço cantado é uma manifestação cultural religiosa, popular e tradicional na cidade de Anápolis. Segundo Bossi (1987, p.11) “a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento”. As pessoas buscam nessas músicas dos terços cantados uma nova forma de adoração e valorização do convívio social. Na cultura popular são valorizadas as memórias de cada grupo, reforçando os seus valores e resgatando as suas raízes. As festas podem ser consideradas uma forma de manter viva a raízes da cultura popular. Pois é por meio da profanação que se preserva a participação dos fiéis. Pois é um ritual coletivo de fé, no qual as pessoas se reúnem para cantar, rezar e festejar. Segundo Bortoni

As famílias de uma comunidade estavam ligadas pelo sentimento de território comum, pela ética de solidariedade, principalmente manifestada na participação dos vizinhos nas tarefas de agricultura, e pelas atividades religiosas e de lazer (BORTONI, 1985, p. 22).

O terço cantado é um ritual coletivo de fé no qual as pessoas se reúnem para rezá-lo cantando, festejando, e referenciando um determinado santo. Após a parte do ritual religioso, vem à hora de vender as comidas e bebidas e o dinheiro arrecadado durante o evento é destinado à organização das festas de padroeiros e outros destinos dados pela igreja. Nos terços há uma grande diversidade de comidas, desde doces a salgados. Segundo os pensamentos de ROSA (2002, p.24)

Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, devoção, convivência, efervescência, excesso, ambiguidade, gratuidade e espontaneidade. A festa, no entanto, possui características peculiares, como um local e um tempo, mas não é uma experiência desestruturada socialmente (ROSA, 2002, p.24).

---

<sup>1</sup> Este resumo apresenta resultados parciais do projeto maior intitulado “Artes e saberes nas manifestações católicas populares” chamada 05/2012 – FAPEG, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dra Maria Idelma Vieira D'Abadia.

Geralmente os terço são encontrados em festas católicas, em devoção a santos e, é uma prática passada de geração a geração. Antes a prática do terço cantado era encontrada apenas no meio rural, mais hoje em dia encontramos o terço no meio urbano. Pois houve uma migração do campo para o urbano. O Rosário é uma oração católica em honra da Santíssima Virgem Maria formando tradicionalmente por três terços. Cada terço compreende a cinco mistérios da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Os mistérios são formados basicamente por um Pai-Nosso e dez Ave-Marias. Cada mistério recorda uma passagem importante da história da salvação, segundo a doutrina católica. A meditação de cada mistério acha sua base na Sagrada Escritura: é opcional a leitura do trecho que narra o que será contemplado, ou a divisão de um ou mais trechos em dez pedaços, de forma que seja lido parte a parte antes de cada Ave-Maria. Em sua maioria, as leituras são dos Evangelhos, mas também há trechos do Antigo Testamento. Os dois últimos mistérios (Assunção e coroação) não são do Evangelho, mas profetizados: por exemplo, no Livro de Judite, uma mulher salva o povo; nos Salmos, há frequentes elogios a uma figura feminina, presentes também no Cântico dos Cânticos; e, definitivamente, no Apocalipse, um sinal nos céus apresenta uma mulher como Rainha, que a Tradição Apostólica, desde os primeiros tempos. Em Anápolis o terço cantado é realizado nos meses de março, junho e outubro antes das festas de padroeiros São José, São Pedro e São Paulo e Nossa Senhora de Aparecida. Visitamos vários dos locais de realização dos terços cantados. Dentre eles destaca-se o ultimo terço de um numero de oito, este foi realizado na residência do casal Ju e Leila no bairro Pireneus em Anápolis. Com várias apresentações dentre elas a participação especial de Mozart & Moacir, modas de viola, catira, leilões, comidas típicas, pau de balinha, pula-pula, fogueira de 13 metros e queima de fogos.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-Ricardo, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Great Britain: Cambridge University Press, 1985.

BOSI, A. (Org.). **Cultura brasileira** — temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

ROSA, Maria Cristina. **Festa, lazer e cultura**/ Maria Cristina Rosa, *in*: Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de Queirós. — Campinas, SP: Papyrus, 2002. - (Coleção Fazer/Lazer).

## 1.25. UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Caroline Aidar Silvestre<sup>1</sup>

Marlene Barbosa de Freitas Reis<sup>2</sup>

O presente trabalho aborda o tema diversidade, reconhecendo e considerando as diferenças culturais, sociais, étnico-raciais, religiosas, sexuais, além das pessoas com incapacidades biológicas que tenham sua convivência social dificultada. Mas para que práticas pedagógicas que visem romper com a homogeneização presente na cultura escolar e docente se efetivem, torna-se necessário implantar políticas públicas educacionais, para incentivar a adoção de práticas em que as diferenças sejam entendidas como parte de nossa vivência. Para isso, é preciso que todas as especificidades que compõem o tema sejam consideradas e, nesse sentido, a escola surge como uma instituição importante para a disseminação de conceitos que valorizem a troca de experiências e a luta pelo direito e reconhecimento das diferenças. De acordo com Reis (2013), a diversidade não se refere aos alunos que apresentam algum tipo de deficiência, mas sim, a todos que possuam alguma dificuldade para aprender, o que consolida a proposta de uma educação para “todos” e não para “alguns”. Segundo Gadotti (1992), uma educação multicultural visa à diversidade cultural e social dos alunos, tendo como regra o pluralismo e o respeito à cultura do aluno, portando como valor básico a democracia. Gadotti defende a instauração da equidade e do respeito mútuo, para a superação de preconceitos de toda a espécie. Nesse sentido, a escola é chamada e precisa estar preparada para universalizar o seu atendimento. No entanto, esse papel não corresponde somente a ela, mas, sobretudo ao poder público, conforme destaca o item 66 da Declaração de Salamanca (1994) ao indicar que políticos em todos os níveis, incluindo o nível da escola, deveriam regularmente reafirmar seu compromisso para com a inclusão e promover atitudes positivas entre as crianças, professores e público em geral, no que diz respeito aos que possuem necessidades educacionais especiais. Entretanto, a garantia legal não tem o poder de efetivar o direito à educação em grande parte dos países, principalmente naqueles onde a sociedade apresenta contrastes e diferenças consequentes da desigualdade social, como é o caso do Brasil. Se a escola permite o desenvolvimento de atitudes e o acesso aos conhecimentos que torna as pessoas mais aptas a interagir no espaço da sociedade, ela se faz, então, ferramenta indispensável para todas as crianças e não

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 2º Ano, do 3º Período, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas.

<sup>2</sup> Orientadora. Pedagoga. Especialista em Planejamento Educacional. Mestre em Educação. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento. Docente do quadro permanente do Programa de mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias e no curso de Pedagogia, Câmpus Inhumas.

somente para aquelas tidas como normais. É preciso salientar que buscar saídas para a inclusão dos alunos no sistema de ensino remete-nos a considerar, necessariamente, os elementos geradores da situação de exclusão vivida por eles, o que significa tratar a questão educacional do seio da problemática social na qual está inserida. E, significa também, entendermos a escola como um espaço sociocultural, responsável pela abordagem pedagógica do conhecimento e da cultura, e em articulação orgânica com o contexto social em que integra. O presente trabalho se apresenta como relevante por revelar os avanços ocorridos nas políticas públicas voltadas para a inclusão, mostrando seu desenvolvimento (ou não) e sua trajetória histórica. E Também por ser mais um instrumento de reflexão para gestores, educadores e profissionais interessados em construir uma educação que leva em conta as diferenças individuais e os diferentes perfis intelectuais. Afinal, a educação, imersa nas contradições e conflitos que perpassam o cenário político e cultural da sociedade contemporânea, necessita ser pensada e discutida a partir de olhares que visem a problematizar os espaços de construção dos discursos educacionais que vêm se tornando legítimos e ocupando relevância na sociedade.

## REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em <[http:// redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf)>. Acesso em: 10/09/2013.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Política pública, diversidade e formação docente: uma interface possível**. 2013. 278 f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

## 1.26. VILA DIMAS: REFÚGIO DE CANDANGOS E PIONEIROS NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

Manoel Messias Dias da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
Universidade Estadual de Goiás /UnUCSH/Geografia

Vila Dimas nasce junto com Brasília, no ano de 1960, numa região localizada em Taguatinga Sul no Distrito Federal, servindo de refúgio aos pioneiros, candangos e trabalhadores migrantes vindos de todas as localidades da nação, sobre tudo do nordeste, comprometidos na construção de Brasília, vítimas da segregação socioespacial. A Vila Dimas teve como fundador, Dimas Leopoldino da Silva, pioneiro, camponês, religioso, natural de Bela Vista GO, que havia lutado ao lado de José Porfírio, líder da chamada Guerrilha das Trombas no Formoso, região norte de Goiás. Dimas chega a Brasília no dia 7 de setembro de 1957, se estabelecendo aos arredores da Cidade Livre, hoje cidade satélite do Núcleo Bandeirante, juntamente com a sua família, se acampam debaixo de uma gameleira com seu caminhão pau de arara. A história da Vila Dimas está intimamente ligada com a construção de Brasília, fundada por Juscelino Kubitschek de Oliveira e uma grande equipe de engenheiros, arquitetos e urbanistas com a missão de erguer em meio ao cerrado do planalto central a Capital da República. Uma boa parte dos pioneiros e candangos após a construção de Brasília permaneceu no Plano Piloto e foram testemunhas oculares da ocupação de áreas não prevista no plano original. A Vila Planalto próxima ao Palácio do Planalto e Paranoá permaneceram em seus locais de origem, devido à absorção de mãos de obra para o mercado de trabalho, utilizada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP. Ainda, no período da construção de Brasília, já era percebido um elevado número de aglomerados urbanos à sua volta, as vilas e invasões se formavam da noite para o dia, ao mesmo tempo em que eram executados os mais arrojados projetos no eixo central; a fragmentação socioespacial dá lugar à segregação das classes econômicas, propiciando os surgimentos de novos núcleos habitacionais ao seu redor, com construções de barracos de madeira feitos com as sobras dos canteiros de obras. A Cidade Livre era um núcleo provisório dos pioneiros e candango, um lugar de laser para os trabalhadores das construtoras. Lá abrigava variado comércio de bens e serviços, dois cinemas, cantinas e muitos botecos com música tocada por trios de forró, tradição nordestina. O outro acampamento provisório era a Candangolândia que ficava entre a Cidade Livre e a invasão do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários - IAPI. Na Candangolândia estava o presídio e a sede da Guarda Especial de Brasília - GEB. Esta guarda era um serviço de vigilância ligado à NOVACAP, que tinha a função de proteger os inúmeros canteiros de obras, bem como, manter a ordem pública. Mas tarde a GEB foi incorporada a Polícia Militar e a Polícia Civil do Distrito Federal. Para além, estava o Plano Piloto, centro administrativo com a esplanada dos ministérios, palácios, residências para o alto escalão do poder; as cidades satélites, conhecidas como cidades dormitórios, que em número reduzidos

não conseguiam absorver um elevado contingente populacional que chegavam diuturnamente em solo candango. "Candango" é o termo dado aos trabalhadores que migravam à futura capital para sua construção e também dado às pessoas que nascem no Distrito Federal. O surgimento da Vila Dimas está vinculado à primeira remoção da invasão do IAPI. Nesta invasão os moradores foram surpreendidos na manhã de 1º de maio de 1960, pela GEB, que dava ordem de despejo, reprimindo e retirando as famílias a força. Dimas liderou o movimento de resistência, negociou com o Governo a transferência de mais de três mil famílias desabrigadas para um chapadão do cerrado, localizado ao sul da fazenda Taguatinga a Oeste de Brasília. Taguatinga antes pertencente ao município de Luziânia Goiás. Desde 1958 que Taguatinga já acolhia um grande contingente populacional e se transformava em cidade satélite de Brasília. Anos mais tarde na década de 70, o Governo erradica de vez a invasão do IAPI criando a Campanha de Erradicação das Invasões - CEI, transferindo para a futura cidade satélite de Ceilândia e depois para a satélite da Candangolândia. O processo de ocupação da Vila Dimas foi ordeiro e pacífico, famílias eram assentadas em glebas de terras demarcadas pelo seu líder. Na Vila Dimas os moradores podiam contar com igrejas, feira livre e comércio ao redor da praça que estava localizada a sede administrativa, espécie de subprefeitura que promovia assistência social e filantropia para toda sua comunidade. Estes moradores foram vítimas de todas as sortes de preconceitos e da segregação socioespacial, imposição arbitrária e controladora do poder hegemônico às pessoas que não conseguiam se instalar nas poucas cidades próximas ao Plano Piloto, região central da Nova Capital.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Cidade Contemporânea: Segregação Espacial**. SP: Ed. Contexto, 2013.

VASCONCELOS, José Adirson. **Os Pioneiros da construção de Brasília-1992**.

BAHOOUTH, Alberto Júnior. **Taguatinga Pioneiros e Precursores- 1978** Ed. HP. Mendes. Brasília-DF.

## 1.27. NOTAS SOBRE MEIO FÍSICO E EROÇÃO LINEAR EM ÁREA DE CULTIVO DE CANA-DE-AÇÚCAR EM CERES-GO

Levi Júnio de Camargo  
Universidade Estadual de Goiás/UnU Itapuranga  
levijc.geo@gmail.com

Kesia Rodrigues dos Santos  
Universidade Estadual de Goiás/UnUCSEH  
K2r3s4@yahoo.com.br

O presente trabalho faz parte de um Projeto de Iniciação Científica intitulado: Erosão Acelerada em Áreas Rurais: comparação entre os impactos advindos de formas tradicionais e modernas de cultivo em solos de Cerrado. Traçou-se a área específica de estudo e foi detectada a influência de erosão do tipo laminar. A partir disto, os estudos iniciaram em função de conceituar e entender a relação entre esse tipo de erosão juntamente com o cultivo de cana-de-açúcar. Uma vez que essa monocultura tem certa predominância na microrregião de Ceres onde se avança e ocupa os solos do bioma Cerrado. Para compreender tal expansão, primeiro foi preciso identificar o que levou os proprietários a oferecerem suas terras, em forma de arrendamento, para as usinas sucroalcooleiras. Depois foi preciso identificar as principais usinas em ativação de toda a microrregião de Ceres e as que atuam predominantemente no município de Ceres. O município de Ceres é caracterizado com condições climáticas, a partir da classificação de Köpen, em que “há precipitação média anual de 1.300 mm, com temperaturas entre 25° C e, até, 40° C ,tendo a possibilidade de atingir valores mínimos de 10° C nos meses de maio, junho e julho”. (MARQUES, 2013). Este clima é ideal para o cultivo da cana-de-açúcar, pois há duas estações climáticas bem definidas, onde, Silva (2011), afirma que “a estação quente e úmida proporciona a germinação, perfilhamento e desenvolvimento vegetativo, seguida de outra fria e seca para promover a maturação e conseqüente acúmulo de sacarose”. Outra característica marcante na geografia do município é quanto a hipsometria do relevo, “a maior parte do território goiano apresenta relevo suave das chapadas e chapadões, com altitudes que variam de 300 a 1.000m”. A partir de análises constatou-se que, no território ceresino, “51% do total da área é de relevo ondulado” (MIRANDA, 2005 apud MARQUES, 2013). A vegetação no município de Ceres é composta por biomas de campos e cerrados. “Os campos são formados por vegetação rasteira com predominância de gramíneas autóctones e arbusto de pequeno porte e esparsos pela área. No cerrado, prevalecem árvores retorcidas e baixas, típicas de solo pobre e baixa precipitação”. (MARQUES, 2013). Quanto a sua geologia, Marques (2013), afirma que todo o “município localiza-se em uma unidade de formação geológica do complexo

Barro Alto, tendo como material originário produto de decomposição de rochas básicas com grande contribuição de material retrabalhado”. A economia do Município de Ceres (GO) se sobressai em relação aos demais municípios vizinhos. Esta vantagem é alavancada exatamente porque as outras cidades necessitam da prestação de serviços oferecida por Ceres. Em 2012, de acordo com estatísticas do IBGE, o Produto Interno Bruto de todo o município estava concentrado nos serviços prestados e, o menor quantitativo se sobrepôs à agropecuária. Então, é notável que a expansão econômica de Ceres tenha “sufocado” oportunidades para os que vivem da terra. Neste momento é onde a cana-de-açúcar começa a contracenar com o campo, sem muita perspectiva os proprietários iniciam o arrendamento de suas terras às usinas sucroalcooleiras. Daí com o manejo do solo para a introdução do plantio da cana-de-açúcar pode ser considerado “radical”. Todas as árvores daquele terreno são retiradas deixando o solo exposto sem vegetação por algum período temporal sob a ação de agentes intempéricos. E, como o cultivo desta cultura é temporário, sempre haverá uma temporada de desproteção do solo, propiciando ao surgimento de erosões, além de ocasionar perdas de nutrientes por causa da monocultura. O foco principal deste trabalho é a erosão do tipo laminar, que foi constatada na área de estudo. Para compreensão, Hudson (1995) apud Silva (2011), conceitua a erosão como “a forma mais importante de degradação do solo e a principal causa de esgotamento de nutrientes nas áreas agrícolas com implicações diretas sobre a sustentabilidade”. A erosão laminar “é extremamente atuante em áreas de uso agrícola, onde os solos apresentam-se desnudos em determinadas épocas do ano, antecedendo ao período de plantio” (VALLE JUNIOR, 2008), ou seja, se forma praticamente em todos os locais que prevalecem a agricultura, principalmente entre o período de colheita e replanta. Aplicando-se à cana-de-açúcar, necessariamente, no período de corte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Lara Cristine Gomes; DEUS, João Batista de. Características da Produção Sucroalcooleira na Microrregião Ceres – GO: uma abordagem sobre as políticas, a safra e a obtenção de terras. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 5, n. 1, mar/2011, p.196-218.

MARQUES, Valter dos Santos. **Erosão hídrica em microbacia utilizando geotecnologias**. Tese (doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2013.

SILVA, Gilka Rocha Vasconcelos da. **Erosão em entressulcos em área cultivada com cana-de-açúcar e a relação com a quantidade de palha em superfície**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

VALLE JUNIOR, Renato Farias do. **Diagnóstico de áreas de risco de erosão e conflito de uso dos solos na bacia do rio Uberaba**. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista. Jaboticabal, 2008.

## **1.28. CAUSAS DE EROSIÃO EM ÁREA RURAL NO MUNICÍPIO DE NOVA VENEZA (GO): ESTUDO DE CASO NA FAZENDA VARJÃO**

João Antonio Lopes  
Universidade Estadual de Goiás/UnUCSEH  
Graduando em Geografia

Kesia Rodrigues dos Santos  
Universidade Estadual de Goiás/UnUCSEH  
Docente do curso de Geografia

A cidade de Nova Veneza está localizada na mesorregião central do estado de Goiás e apresenta população estimada em 8.000 habitantes (IBGE, 2013). A presente produção acadêmica tem como recorte espacial a Fazenda Varjão, fazenda essa localizada a 6 quilômetros da cidade. No decorrer dos anos pode se notar a evolução da erosão, esta evolução pode ser atribuída a dois fatores, sendo um de cunho natural, os quais são atribuídos aos agentes intempéricos, e a forma do relevo e outro relacionado ao aceleração do processo erosivo, provocado pelo uso inadequado do solo, seja para a agricultura ou para a criação de gado. Estes impactos implicam na degradação do meio físico e em graves consequências ao proprietário da terra, uma vez que os processos erosivos presentes na fazenda acabam degradando a camada superficial do solo, assim, diminuindo a produtividade. Em suma, este trabalho foca os processos erosivos presentes na fazenda, buscando apontar os fatores contribuintes para esse processo, assim, também buscar conhecer as medidas mitigadoras para o processo erosivo. Levando em consideração os fatores que influenciaram e que influenciam o surgimento de erosões, os mais comuns são ocupação sem prever consequências e uso e manejo inadequados, seja com intuito de formar pastagem para criação de gado e também para a utilização do solo para a produção agrícola. A economia da Fazenda Varjão gira em torno desses dois eixos de produção, onde busca-se produzir lucro sem medir as consequências que esse uso poderá ocasionar. Existem também aqueles processos que são quase imperceptíveis e como ocorrem no tempo geológico, é o caso dos agentes naturais que também estão presentes na mesma e contribuem para sua evolução. A projeção de partículas para fora da zona de impacto contribui com o fornecimento de material móvel a ser carregado pelo escoamento superficial (GUERRA, 1999). Esse tipo de fenômeno é visto com muita facilidade na região, onde com precipitações elevadas acarreta na formação do escoamento superficial. A erosão está situada em uma região com relevo acidentado, uma vez que essas regiões apresentam em dias de chuvas intensas, e ocorre o concentração do fluxo de água de chuva. Segundo Guerra (1999), o transporte de partículas por fluxos concentrados, ao convergir para micro depressões do terreno, o escoamento superficial se

transforma em fluxo concentrado, formando sulcos, ravinas e mesmo voçorocas. Esse foi um dos elementos principais para o começo da erosão e hoje é o principal agente na evolução da mesma. A erosão apresenta em dias de chuvas o fluxo supercrítico, uma vez que as partículas assumem trajetórias variadas, chocam entre si e com o fundo e as bordas do canal. O efeito do impacto de partículas sobre o material estático do fundo e das bordas do canal é denominado corrosão, que provoca a dissecação ou o alargamento do canal. Necessita-se realizar a contenção e o controle dos processos erosivos presentes na fazenda. Para a realização do trabalho de contenção do processo erosivo deve-se mudar os meios de uso do solo. Cabe ressaltar que esse problema apesar de ter também influência do meio físico está muito relacionado as formas de ocupação do solo, dessa forma é preciso repensar as atitudes humanas em relação ao meio físico para que se evite processos de degradação do solo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S.; BOTELLO, R. G. M. **Erosão e Conservação dos Solos: Conceitos, Temas e Aplicações**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em maio-out./2013.

## 1.29. SABER E FAZER: UMA COMPREENSÃO DOS ESPAÇOS CULINÁRIOS DAS FOLIAS DE REIS EM ANÁPOLIS - GO<sup>1</sup>

Ícaro Felipe Soares Rodrigues  
Graduando em Geografia. Bolsista PVIC/UEG  
icarofelipe@hotmail.com

Thaís Ruskaia de Souza Silva  
Graduada em Geografia - UEG  
thaisageografa@yahoo.com.br

Maria Idelma Vieira D' Abadia  
Prof. Dra da Universidade Estadual de Goiás  
cerradocorumba@hotmail.com

As folias são manifestações religiosas culturais que mantem relações de apropriação do espaço como um processo de territorialização. Entende-se que o território não seria somente um espaço delimitado que estava sob controle físico e material, mesmo sendo a principal base do poder, o território perpassa por uma densa construção de identidades, de relações sociais. No caso das folias essas identidades e relações estão diretamente ligadas à maneira com que, saberes e fazeres são apresentados, desenvolvidos, ao longo do ano. Essas manifestações são para os grupos culturais um campo vivido e de representações dos simbolismos. Para Sack (2011, p. 77) “ao contrário de muitos lugares comuns, territórios requerem esforços constantes para estabelecê-lo e mantê-los. Eles resultam de estratégias para afetar, influenciar e controlar, pessoas fenômenos e relações”. Os saberes culinários são importantes nessas manifestações porque a boa festa também dependerá da comida servida e seus rituais. A folia sem os momentos de pausas para as refeições é incompleta, aliás, não acontece. Outra questão também relevante, no caso é o fazer, pois a forma de organização da cozinha, a compra dos alimentos, as doações serão trabalhadas em momentos distintos do evento. A festa de folia de Reis, nosso objeto de estudo, é uma manifestação que representa a peregrinação dos três reis magos (Baltazar, Belchior e Gaspar) que foram guiados pela estrela guia do Oriente até Belém onde nasceu Jesus, seguindo uma tradição da zona rural com origens católicas. Durante a folia fazem o giro, que consiste no percurso realizado pelos foliões e participantes para arrecadarem dinheiro e alimentos para a festa de entrega, ou seja, a Festa de Reis. Enquanto a folia ocorre, os foliões passam em várias casas, muitas vezes em mais de uma região, pedindo ajuda como (dinheiro ou alimentos). As informações

---

<sup>1</sup> Esse resumo apresenta resultados parciais do projeto maior intitulado “Artes e saberes nas manifestações católicas populares” Ch 05/2012 – FAPEG, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dra Maria Idelma Vieira D'Abadia

qualitativas obtidas nas visitas e a análise bibliográfica constituem o caminho para produção teórica e científica, que enfatiza a formação histórico-social e as relações das festas de folia com os elementos da cultura e de tradição do local em que ocorrem. os procedimentos utilizados foram aplicação de questionários estruturados; coleta de informações junto as fazedores da comida da festa; observação e produção de imagens pelas fotografias dos variados momentos de preparação da comida servida aos foliões e aos participantes. No território goiano verificamos a grande importância da comida nas festas de padroeiros e folias, mas não só nestes, em outros tipos de religiosidade ela também é importante. No caso das folias a comida é o elo de congregação dos elementos representativos da festa. A alimentação promove ajuntamento, solidariedade, reunião e principalmente as ligações identitária com as origens desses grupos que outrora viveram na zona rural.

## REFÊRENCIAS

BRANDÃO, C. R. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

SACK, R.D.O significado de territorialidade. In DIAS, L. C. e FERRARI, M. (orgs). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis, Insular, 2011, p.63-89.

### 1.30. DIFICULDADES/FACILIDADES DE IDOSOS COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Sarah Rizzia Campos Luíz Miranda  
UnUCSEH/UEG

Mirza Seabra Toschi  
UnUCSEH/UEG

O estudo está sendo realizado com pessoas idosas e pessoas com baixo letramento e busca entender como estes se desenvolvem em um mundo repleto de tecnologias. A investigação parte do pressuposto de que esse novo modelo social baseado em aparatos técnicos modifica as demandas sociais, afeta políticas públicas e traz novas situações para se viver melhor. As tecnologias digitais estão presentes no convívio social, exigindo assim conhecimento em relação ao manuseio e entendimento do sistema funcional delas. A expectativa de vida tem aumentado significativamente entre os brasileiros acarretando um maior número de pessoas idosas, aos quais as evoluções tecnológicas ocorreram no decorrer de suas vidas, não pertencendo assim aos chamados nativos digitais. O nativo, segundo Franco (2013), refere-se a indivíduos que não só nasceram em um mundo cercado por tecnologia digital, e que também fazem uso de meios digitais como parte integrante de suas vidas. A sociedade vem se tornando cada vez mais dependente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e das mídias interativas, aquelas em que o uso da Internet se intensifica como forma de interação. Existem pessoas que não possuem condições favoráveis a esses usos, o que as impossibilitam compreender o funcionamento destes sistemas. Situação esta que atinge os idosos, os quais as evoluções tecnológicas ocorreram no decorrer de suas vidas. Porém, as tecnologias digitais estão continuamente inseridas no meio social e exigindo que todos tomem conhecimentos por seus usos a fim de agilizar atendimentos e resolução de problemas. Segundo Medeiros (2012), as ferramentas são muitas, tais como computadores pessoais, caixas eletrônicos, telefones celulares e Internet, o que emerge como um revolucionário meio de integração social, no processo de Inclusão Digital. As TIC enriquecem a comunicação e proporcionam acesso a informações e serviços diversos, e em tempo real. Em uma pesquisa realizada, Lindôso *et al* (2011) informa que grande parte dos idosos:

apresenta dificuldades de manuseio do teclado e do mouse, já que o uso desses acessórios requer uma coordenação motora harmoniosa e no processo de envelhecimento o declínio motor pode manifestar-se. Além deste aspecto, existem outros que estão relacionados ao envelhecimento e que também podem trazer dificuldades no aprendizado do uso do computador: aspectos físicos, visão, audição e declínio no processo cognitivo (como atenção e memória) (p.306).

Apesar da falta de alguns equipamentos a pesquisa teve início. Estão sendo realizadas oficinas para formação da equipe, com um pequeno número de aprendizes mulheres com mais de 60 anos, a maioria alfabetizada. Porém, quanto às tecnologias apresentam baixo conhecimento do manuseio delas. A participação que mais se destacou foi uma senhora que queria primeiramente aprender a ler para que assim pudesse ter autonomia no uso das TIC. Nesse sentido, Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.1607).

O projeto tem como objetivo identificar o perfil da população idosa que não consegue fazer o uso de ferramentas digitais, conhecer a realidade dessa parcela crescente da população em termos de acesso ao computador e à rede de informações. Observar com quais finalidades pretendem fazer uso do computador e da Internet, destacando suas dificuldades e facilidades de manuseio das TIC. Com as oficinas já realizadas pudemos perceber que o maior interesse dessas pessoas com o computador é para auxiliá-las naquilo que fazem no seu dia-a-dia, como, por exemplo, buscar receitas. Porém, houve casos em que as participantes se interessaram por aprender como passar fotos para o computador e até mesmo como compartilhá-las por e-mail. Em todas as fases da pesquisa a observação será fator importante, na qual será necessário inspirar confiança, demonstrar comprometimento em ajudá-los. Comporá esta metodologia a videogravação dos encontros, fotos, protocolos de registro das ocorrências dos encontros. Nessa fase de preparação de equipe está sendo utilizado apenas o protocolo de registro. Os dados organizados serão analisados com a ajuda do software que possibilita análise qualitativa de dados em formato de áudio, filmes e textos.

## REFERÊNCIAS

- FRIAS, Marcos Antonio da Eira *et al.* Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso. **Rev. esc. enferm. USP** vol.45 no.spe São Paulo Dec. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000700011>>. Capturado em: 04 de março de 2013.
- LINDÔSO, Zayanna Christine Lopes *et al.* Percepção subjetiva de memória e habilidade manual em idosos de uma oficina de inclusão digital. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** vol.14 no.2 Rio de Janeiro, Apr./June 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000200011>>. Capturado em: 04 de março de 2013.
- MEDEIROS, Felipe de Luca *et al.* Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). **Rev. bras. epidemiol.** vol.15 no.1 São Paulo Mar. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2012000100010>. Capturado em: 04 de março de 2013.

### **1.31. O LABORATÓRIO DE MÍDIAS INTERATIVAS E INTERDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES (LIM/LIFE): ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES PESQUISADORES<sup>1</sup>**

Eliane Gonçalves Costa Anderi  
Universidade Estadual de Goiás

Mirza Seabra Toschi  
Universidade Estadual de Goiás

Glaucia Xávier dos Santos Paiva  
Universidade Estadual de Goiás

Inaugurado em dezembro de 2013, o Laboratório de Mídias Interativas (LIM) e o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) constitui-se em uma importante conquista tanto do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), quanto dos cursos de licenciatura da UnUCSEH e para os pesquisadores da área de ensino, pois é um espaço para o desenvolvimento de pesquisas na área da educação envolvendo o uso de tecnologias, bem como é campo de formação do professor pesquisador. Sua estrutura física, material e organizativa procura assegurar o acesso a diferentes mídias móveis e fixas, a equipamentos para gravação de imagens e som, software (edição de som, imagem, análise de dados qualitativos). Com acesso à Internet, possibilita que os professores tenham condições de aprimorar o manuseio das diferentes mídias digitais, que possam desenvolver projetos de produção e divulgação de materiais didáticos; acessar os resultados das pesquisas realizadas no laboratório; criar, organizar e atualizar banco de dados contendo objetos de aprendizagem que poderão subsidiar o trabalho dos professores. As atividades de estagiários das licenciaturas e os bolsistas PIBID e de bolsistas de Iniciação Científica nesse espaço educativo constitui-se em importante recurso no desenvolvimento profissional do professor. Para Imbernón (1994), desenvolvimento profissional inclui tanto a formação inicial e permanente do professor, como um processo dinâmico e evolutivo da função docente, englobando processos que melhoram seu conhecimento profissional, suas habilidades e atitudes. Almeida (1999) defende a ideia de que o desenvolvimento profissional permite ao professor redimensionar a sua atuação profissional,

---

<sup>1</sup> O laboratório conta com a atuação das seguintes bolsistas: Ana Paula Rocha Neto – bolsista PBIC/UEG; Andiana Magri C. Silva – bolsista PBIC/UEG; Mariana Soares Silva – bolsista PIBIC/CNPq/UEG; Sarah Rízzia Campos Luíz – bolsista PBIC/UEG; Tatiane Custódio da Silva Batista – Bolsista PBIC/UEG.

colocando-a como resultante da combinação entre o ensino realizado pelo professor e sua formação contínua permeada pelas condições concretas que determinam ambos. O desenvolvimento docente também pressupõe a interlocução de conhecimentos entre os professores de diferentes cursos e diferentes áreas de conhecimento. Entende-se que o LIM/LIFE pode viabilizar esse desenvolvimento profissional, pois além dos trabalhos individuais há também projetos de pesquisa coletivos e a criação de meios para viabilizar o constante intercâmbio dos professores da Universidade com os professores da educação básica. Isso pode ser feito seja na forma de trabalho conjunto, seja na forma dos cursos, oficinas e vídeo aulas, articulando a pesquisa com o ensino e com a extensão e possibilitando experiências inovadoras de ensino e de pesquisa. Nesse sentido, é que o LIM/LIFE também elabora e realiza cursos, oficinas, mini-cursos, tem potencial para produção de vídeo-aulas nas diferentes áreas do conhecimento com o intuito de subsidiar a ação dos professores, seja no planejamento de suas aulas, no desenvolvimento de materiais didáticos, aprofundamento ou enriquecimento em determinados conteúdos. É espaço rico de reflexões sobre o fazer docente. O laboratório está equipado com mídias e equipamentos tecnológicos que estarão à disposição dos pesquisadores para o desenvolvimento de projetos. Seu espaço físico está organizado em: uma sala para a recepção, uma sala para realização de web conferência e produção de material multimídia, uma sala para a coordenação e o laboratório propriamente dito. Possui ainda periféricos e *softwares* para uso das mídias digitais com pessoas com necessidades especiais e também *software* de análise qualitativa de dados de pesquisa. Atualmente abriga dois projetos de pesquisa financiados: *Inclusão digital e social: conhecimento e cidadania* (Fapeg/Capes) que conta com dois subprojetos e o projeto *Ciranda Digital da Cidadania* (Fapeg/MC). No LIM/LIFE ainda está em desenvolvimento a pesquisa de pós-doutorado de Juliana Guimarães Faria (PNPD/Capes), *Uso das redes sociais pelos surdos*. A mestranda do MIELT, Marcia Marquez também desenvolve sua dissertação: *A presença do idoso no universo digital*.

## REFERÊNCIAS

- IMBERNÓN, F. **La formación y desarrollo profesional del profesorado:** hacia una nueva cultura profesional. Barcelona: Graó Editorial, 1994.
- ALMEIDA, Maria Isabel de. **O sindicato como instância formadora dos professores:** novas contribuições ao desenvolvimento profissional. Tese de doutorado, FE/USP, 1999.

### 1.32. CONTEXTO TEÓRICO PÓS-COLONIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS

Profª. Dra. Mary Anne Vieira Silva  
Universidade Estadual De Goiás

O plano teórico pós-colonial é uma reconsideração textual, política e prática das visões propaladas de conhecimentos universais. A revisão de textos e discursos coloniais é uma árdua tarefa para aqueles que assumem esse caminho metodológico. A Geografia Colonial se perpetuou por séculos, por meio de construções de sistemas de signos geográficos que sustentaram imagens de um espaço uniforme e coerente (PIMENTA *et al.*, 2007). A revisão dos textos clássicos, em uma perspectiva pós-colonial é um caminho que exige posicionamento crítico sobre imagens históricas e geográficas que só reconhecem as construções universalizantes sobre as questões, em especial, o reconhecimento da pluralidade/diversidade étnico-racial. Os processos coloniais promoveram o contato de diferentes povos e culturas: europeus, indígenas e africanos que na etapa colonial formaram a cultura brasileira. O processo que revela a brasilidade cultural fica expresso numa densa organização territorial, política, social, econômica, religiosa e cultural, de encobrimento do outro (o não europeu, o africano, o indígena, o migrante, a mulher, enfim, o excluído). É válido ressaltar que o termo “encobrimento do outro” foi empregado por Enrique Dussel, quando, em 1992, lança uma crítica do advento dos territórios e grupos revelando os sentidos das práticas coloniais vivenciadas por aqueles que foram violentamente colonizados. Para Russell-Wood (2001), três séculos marcaram um processo desumano de comércio que promoveu o deslocamento de aproximadamente 3,6 a 5,5 milhões de africanos advindos da África subsaariana. Esses foram diretamente submetidos a escravidão e na condição de escravizados trabalharam nas *plantation*, nas minas de ouro e nas atividades extrativas ou nos centros urbanos do Brasil colonial. Tais condições criaram etapas de descompassos no que referem tratamento e reconhecimento de equidade dos grupos étnico-raciais no território nacional. A realidade brasileira promove a abertura de debates políticos que permeiam os conflitos e convivências étnico-raciais. Os mecanismos de colonialidades de poder e de encobrimento do outro colonizado, garante a emergência do campo anunciado, sobretudo a partir da compreensão do “entre-lugar”<sup>5</sup> – esse termo abordado por

---

<sup>5</sup> Esse conceito no estudo está subsidiado nas ideias de Homi Bhabha, ressalta-se que vários pensadores vinculam esse autor ao grupo de estudiosos da cultura dito pós-modernos. Em sua obra o local da cultura, ele reconhece que os conceitos como o de relativismo cultural e multiculturalismo respaldam as teses das sociedades dominantes, e ele ainda recoloca uma crítica ao pensamento social que promoveu historicamente o silenciamento das vozes dos grupos que vivenciaram e vivenciam os imperativos da dominação, a saber: as mulheres, os portadores de sexualidade "desviante" e as sociedades coloniais e pós-coloniais. Outra crítica que marca sua teoria volta-se para a negação das formas de uma produção de história homogênea desenvolvida no bojo da racionalidade européia. Homi Bhabha recoloca

Bhabha vislumbra a epistemologia da condição pós-colonial. Os resquícios históricos das sociedades que sustentaram as construções coloniais no campo das narrativas hegemônicas impregnaram no imaginário social coletivo concepções desviantes, sobretudo, separando os sujeitos que foram colocados às margens de suas próprias vivências. Essas construções chamadas pelos pós-coloniais de metropolitanas são integrantes de projetos que envolvem “o estabelecimento e a manutenção dos domínios sobre os grupos separados (subordinados)” (AZEVEDO, 2007, p.37). Tais concepções ainda imputaram as ideologias dominantes. Para o enfrentamento de tais construções cristalizadas pelas ideologias ocidentais modernas, o pensamento pós-colonial designa a formação intelectual crítica aos efeitos do colonialismo. Para corroborar esse caminho elucidativo é necessário que se compreenda o significado daquilo que Soja (1993) chamou de espacialidade existencial<sup>6</sup>, que para a geografia contemporânea resulta no campo de conhecimento que enfrenta as questões de identidade e marginalidade, imputadas pelos processos coloniais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia. **Revista Novos Rumos**. nº 37, 2002. pp.04-28.

RUSSELL-WOOD, A.J.R. Através de um prisma africano uma nova abordagem ao estudo da diáspora africana no Brasil. In red. **Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, Espanha y Portugal**. 2001,

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOJA, Edward W. **Geografia Pós- Mordena: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**, Rio de Janeiro: Jorge ZAHN, 1993.

---

nos seio dos seus debates e estudos, as possibilidades da coexistência da diversidade, das diferenças socioculturais, políticas, gênero e outros. Bhabha relaciona que essas críticas se efetivam em um processo de negociação do subalterno, esse ocorre no local de entremeio, designado por um entre-lugar. Isto posto, o entre-lugar “é uma fronteira cultural, no qual se pode observar o choque das diferenças, e no qual as descontinuidades de universos culturais, semânticos e imagéticos se traduzem em embates políticos” (2007, p.107).

<sup>6</sup> O autor faz um reconhecimento de que a espacialidade é socialmente produzida e como a própria sociedade existe em formas substanciais concretas. Ela se compõe pelas relações entre os indivíduos e os grupos em meio à própria vida social. Ela está presente na origem da consciência humana, nela está posta a distinção existencial fundamental entre o ser-em-si e o ser-para-si (SOJA, 1993).

### 1.33. UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DO PEDAGOGO: *UNITAS MULTIPLEX*

Andréa Kochhann  
(Docente Efetiva Dedicção Exclusiva – UEG)

Ana Paula Arantes da Silva  
(Acadêmica de Pedagogia – UEG)

Naiara Gomes de Sousa  
(Acadêmica de Pedagogia – UEG)

Thaís Tállita Ferreira Fernandes  
(Acadêmica de Pedagogia – UEG)

O presente trabalho pretende apresentar o projeto de extensão “Conhecendo a identidade do pedagogo: professor, gestor e pesquisador”, que surgiu dos resultados do projeto de pesquisa “Uma investigação teórico-metodológica dos rancos e avanços do currículo do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás no período de 2000 a 2010”, da Universidade Estadual de Goiás, da Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos. O projeto conta com a participação de alunos, egressos e professores do curso. Tendo como objetivo divulgar e discutir a identidade do pedagogo por meio de café com prosa, palestras, mini cursos, dentre outras metodologias a alunos do ensino médio, curso de graduação e professores em geral. O projeto está na sua primeira edição, de agosto de 2013 a dezembro de 2014. Ele foi efetivado em 2013 depois dos resultados obtidos pelo projeto de pesquisa e da elaboração científica do trabalho de conclusão de curso de duas integrantes do GEFOPÍ - Grupo de Estudos de Formação de Professores e Interdisciplinaridade e fomentou a elaboração de um projeto de pesquisa vinculado a MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia. Fundamenta-se na Resolução CNE/CP n. 01/2006 que esclarece a identidade do pedagogo. Antes de ser homologada esta resolução o pedagogo não tinha claramente uma identidade estabelecida, se de fato tinha uma identidade. Os pareceres 251/1962 e 252/1969 referiam-se a formação tecnicista do pedagogo. A Resolução apresenta a identidade do pedagogo, visando à docência, no sentido amplo da palavra, não no sentido de “ministrar aulas”, articulando-se na pesquisa, na gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não-escolares. Tendo uma tendência crítica, mediado pelo projeto pedagógico do curso de pedagogia. A Resolução objetiva instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia; estabelecer o meio de estudos que são para parte teórico-práticos, investigação e reflexão crítica; as informações que o estudante do Curso de Pedagogia deve ter, visando à pluralidade dos conhecimentos; destacar a finalidade e as competências do curso; esclarece o que o egresso deve estar apto; apontar a estrutura do Curso; estabeleceu a carga horária mínima de 3.200

horas; a organização do curso com base do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do estágio obrigatório supervisionado; tratar dos cursos de Pedagogia que serão abertos e a extinção das habilitações e do Curso Normal superior, sobre a complementação de estudos; ainda ressaltar sobre o acompanhamento e avaliação da aplicação da Resolução; assegurar a formação do gestor e a entrada da resolução em vigor. O pedagogo tem identidade múltipla podendo atuar em diversas áreas de conhecimento, podendo ser pesquisador, professor, gestor, atuar nas secretarias, atuar no ensino superior, trabalhar na educação do campo e na área de agrárias, ser palestrante, exercer função nas classes hospitalares, nas empresas, na relação com as pessoas e nos espaços sociais. Isso caracteriza uma identidade *unitas multiplex*. A identidade *unitas multiplex* é apresentada por Brzezinski (2011) como sendo a identidade que o pedagogo: professor-gestor-pesquisador. Esse conceito vai de encontro com a Resolução CNE/CP n. 01/2006. Essa identidade precisa ser discutida. O projeto é desenvolvido e divulgado com metodologias de café com prosa, rodas de conversas, palestras, oficinas, mini cursos e outras metodologias. Para melhor compreensão do projeto, está em fase de validação o manual: “IDENTIDADE DO PEDAGOGO: um manual didático-informativo”, e também os folders que norteiam o tema para as discussões. Sabendo que somos “eternos aprendizes”, continuam-se pesquisas sobre o tema, uma delas vinculadas ao mestrado. O mencionado projeto de extensão tem obtido êxito na publicação de textos e na participação em vários eventos locais, regionais, nacionais e internacionais. Discute que o pedagogo tem a identidade *unitas multiplex*, concordando com Brzezinski (2011) Consequentemente, o licenciado em pedagogia está apto para desempenhar seu trabalho como professor, gestor e pesquisador.

## REFERÊNCIA

BRZEZINSKI, Iria (Org.). **ANFOPE EM MOVIMENTO** 2008-2010. Brasília, Liber Livro, Anfope: Capes, 2011.

**RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006.** Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 11.

### **1.34. UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COM A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E ESTILOS DE APRENDIZAGEM**

Nay Brúnio Borges

( Discente de pedagogia da UEG)

Raiza Karoline

( Discente de pedagogia da UEG)

Andréa Kochhann

(Docente Efetiva de Dedicção Exclusiva da UEG)

Esse resumo apresenta a pesquisa “O ESTILO DE APRENDIZAGEM E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: uma experiência no Ensino Superior” que propõe com base em pressupostos referentes a educação, discutira a teoria dos estilos de aprendizagem e da aprendizagem significativa. Tendo em vista esta problemática, a pesquisa baseia-se na tentativa de buscar meios para compreender o processo de aprendizagem, no intuito de perceber as convergências teóricas entre as duas linhas, uma defendida por Daniela Melaré Barros e a outra por David Paul Ausubel, novas inquietações surgiram. Resolvemos assim, trabalhar com um grupo focal no ensino superior e outras modalidades de análises. Levando em conta as questões acima apresentadas elegeu-se como problema central da pesquisa “Quais as contribuições da aplicabilidade das metodologias das teorias do estilo de aprendizagem de Barros e da aprendizagem significativa de Ausubel?”. O objetivo da pesquisa é apresentar as contribuições da aplicabilidade das metodologias das teorias do estilo de aprendizagem de Barros e da aprendizagem significativa de Ausubel. Para tanto, é preciso discursar sobre a teoria dos estilos de aprendizagem de Daniela Melaré Barros e da aprendizagem significativa de David Paul Aububel, apresentar as convergências entre as duas teorias, apresentar as convergências das teorias nos textos de Maquiavel e Rousseau, analisar a aplicabilidade das metodologias da aprendizagem significativa em crianças autistas, analisar a aplicabilidade das metodologias da aprendizagem significativa com o uso de filmes em sala de aula e apresentar as possibilidades de aplicação no ensino superior. À luz da teoria de Barros é possível compreender que o estilo de aprendizagem ocorre de várias formas e que cada um adquire e processa o aprender de diferentes formas. E dentro desses estilos de aprendizagem Barros (2012) apresenta quatro deles: o ativo, o reflexivo, o teórico e o pragmático, ressaltando a importância de considerá-

los. Concomitante a esses estilos, apresenta-se os estilos de aprendizagem na concepção de Ausubel: cinestésico, auditivo e visual. Os quais perpassam pela teoria construtivista, com enfoque na diversificação do método de ensino, bem como no respeito a cada indivíduo. Esses estilos de aprendizagem podem ser relacionados às modalidades de aprendizagem com a teoria de Ausubel (1982) propõe em consonância com a aprendizagem significativa. Segundo Ausubel (1982) para que ocorra a apreensão de novas ideias é preciso que os conceitos mais importantes sejam claramente expostos e disponíveis na estrutura cognitiva de cada um e ter um sentido para sua vida. Além disso Ausubel (1982) propõe a valorização dos subsunçores, o uso do mapa conceitual e da aula introdutória. O autor defende que as escolhas metodológicas devem ser com base nos subsunçores dos alunos, na análise de conteúdo e das modalidades de aprendizagem ou estilos de aprendizagem, apresentando os conceitos do geral para o específico e ter uma relação próxima ao *coaching*. Tanto Barros quanto Ausubel discutem a teoria como aplicável em todas as modalidades e níveis de ensino. O método da pesquisa é o Materialismo Histórico Dialético, considerado por alguns autores como um dos melhores métodos, se não o melhor para as pesquisas da área de humanas. Esse método permite que o conhecimento não seja estático, que se articule a dinâmica histórica e a prática social, exigindo um estado de alerta do pesquisador. Como metodologia valer-se-á da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo em autores clássicos da aprendizagem significativa e dos estilos de aprendizagem. Para a coleta de dados, valer-se-á de um grupo focal no ensino superior, a observação de um aluno autista, análise da aplicabilidade do uso do cinema em sala de aula. Valer-se-á do uso do diário de bordo. Como a pesquisa está em sua fase gestacional, infere-se que hipoteticamente as teorias convergem e podem ser aplicadas no ensino superior e ter uma resposta positiva quanto ao processo da aprendizagem significativa.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

BARROS, D.M. **OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM.** In: [www.estilosdeaprendizaje.es](http://www.estilosdeaprendizaje.es), acesso em 2012.

### **1.35. PAULO FREIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES: ENFOQUE NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO**

Andréa Kochhann  
(Docente Efetiva Dedicção Exclusiva – UEG)

Eliaine Cristina Nunes de Souza  
(Acadêmica de Pedagogia – UEG)

Thaís Tállita Ferreira Fernandes  
(Acadêmica de Pedagogia – UEG)

Este presente trabalho é reflexo da pesquisa “As Contribuições de Paulo Freire nas Dimensões do Ensino, Pesquisa e Extensão”, da Universidade Estadual de Goiás, da Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos. Sabe-se que a teoria de Freire é conhecida mundialmente, principalmente na área do ensino, em alfabetização, de jovens e adultos. Freire deixou um legado imenso, com várias obras publicadas, sendo traduzidas em vários idiomas, o que prova sua grande contribuição para a pesquisa. Assim, objetiva-se pesquisar e analisar as contribuições reais de Paulo Freire para além do ensino, alcançando as dimensões pesquisa e extensão. Fundamenta-se na Biobibliografia de Freire (1996) a qual Gadotti afirma que Paulo Freire foi um dos maiores educadores do Brasil, reconhecido mundialmente. Esse educador e defensor da educação, desenvolveu um método de alfabetização junto com sua primeira esposa Elza. Porém sabe-se que ele não desenvolveu somente um método como assevera Soares (2011, p. 121) “não só um método, mas uma teoria da educação, uma pedagogia, e o que se denomina com seu método de alfabetização é, na verdade, apenas uma das instâncias em que essa teoria, essa pedagogia se traduzem em uma prática”. A missão da UEG é “Produzir e socializar o conhecimento científico e o saber, desenvolver a cultura e a formação integral de profissionais e indivíduos capazes de se inserirem criticamente na sociedade e promoverem a transformação da realidade socioeconômica do Estado de Goiás e do Brasil” (PDI, 2010, p.12). Dessa forma a produção do conhecimento pela pesquisa alicerça os trabalhos de ensino e a extensão, segundo Demo (2006). As ações de Freire direta ou indiretamente apontam para o tripé universitário. Como diz Brandão (2005, p.34) que Freire

dedicou-se a um intenso trabalho de formação de educadores de crianças e de criação de círculos de diálogos entre professores e pais de alunos. Uma pedagogia centrada no pleno

respeito ao outro, no diálogo e na participação ativa de todos os educandos começava a nascer ali.

Brandão (2005) assevera que Freire com base nas suas vivências e estudos criou o método de alfabetização e aplicou-o como Círculo de Cultura em vários países. A primeira experiência foi em Angicos, no nordeste brasileiro. Isso demonstra as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão. Freire publicou 40 livros que foram traduzidos em mais de 20 idiomas, o que rendeu-lhe o título de educador do mundo. Essa pesquisa qualitativa é norteadada pela concepção do método materialismo histórico dialético. A pesquisa é bibliográfica em autores como Gadotti, Brandão, Beizeigel, Ana Freire dentre outros, que publicam e reinventam Freire. Para coleta de dados realizar-se-á o “estado da arte”. Selecionou-se para o mapeamento dissertações e teses das universidades: Universidade Estadual Goiás (UEG), Universidade Federal Goiás (UFG), Pontifícia Católica de Goiás (PUC–GO), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pontifícia Católica de São Paulo (PUC – SP), publicadas entre 2003 e 2013. Almeja-se uma entrevista com Gadotti e Brandão, estudiosos de Freire. Como a pesquisa está em fase gestacional os dados coletados são ínfimos para afirmar as contribuições de Freire. Mas infere-se que é de grande importância a divulgação dos resultados, por isso deseja-se a realização de um projeto de extensão no ano seguinte. Como a pesquisa é pela UEG, apóia-se em seus conceitos de pesquisa, ensino e extensão.

## REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **PESQUISA: princípio científico e educativo**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2006.  
GADOTTI, Moacir.(Org.) **PAULO FREIRE: Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.  
PDI. **PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL 2010-2019**. Anápolis: UEG, 2010.  
SOARES, Magda. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

### 1.36. INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL – A RELAÇÃO DOS IDOSOS COM AS MÍDIAS

Mariana Soares da Silva  
UEG/UNUCSEH<sup>7</sup>

Mirza Seabra Toschi  
UEG/UNUCSEH<sup>8</sup>

Em tempos cada vez mais acelerados, percebe-se o avanço das tecnologias e do mundo digital de forma disparada e numa perspectiva de enorme expansão global. Em todos os lugares e momentos as pessoas passaram a estar constantemente dependentes de seus aparelhos celulares ou estar conectadas por qualquer outro tipo de mídia com acesso à internet, que permite a comunicação e o acesso às informações de forma instantânea e eficiente. Isso proporciona agilidade para que os indivíduos possam resolver seus assuntos pessoais ou até mesmo entrarem em contato com pessoas de locais distantes. As Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - oferecem acessos de diferentes categorias, tais como informações de contas bancárias e seus diversos serviços sem mesmo a pessoa ter que se deslocar de sua residência. Acesso a programações de eventos sejam eles culturais ou até mesmo profissionais como seminários, congressos, reuniões e ainda inscrições que, em sua maioria, atualmente, estão sendo realizados de forma virtual, sendo elas destinadas a vestibulares, eventos, concursos entre outros. Dessa forma, podemos identificar o quanto essas relações do mundo digital estão dominando as formas de organizações sociais, exigindo que as pessoas se adaptem a essas mudanças. Através dessas evidências devemos considerar o quão se torna necessário e importante oferecer o acesso e compreensão sobre o funcionamento desses meios digitais, principalmente àquelas que mais precisam de atenção e paciência em se tratando de ensino – os idosos – estes que, em sua maioria, estão cada vez mais dependentes de seus familiares para resolver assuntos particulares. É sabido que desejariam ter a oportunidade de desenvolver sua autonomia, sentindo-se mais capacitados e realizados. Assim, este estudo pretende conhecer as formas como as pessoas, em especial os idosos, manuseiam as tecnologias digitais, de forma a identificar com quais se relacionam melhor ou quais suas ações em busca do suprimento de suas necessidades. Segundo Gentilini (2013), nos programas de inclusão digital se torna fundamental que os educadores saibam claramente o que desejam com as tecnologias

---

<sup>7</sup> Bolsista PIBIC/CNPq, graduanda em Pedagogia, UNUCSEH/UEG – Anápolis (GO).

<sup>8</sup> Professora do curso de Pedagogia, UNUCSEH/UEG – Anápolis (GO).

digitais e suas finalidades, para que possam proporcionar ao educando a aquisição das habilidades num sentido mais amplo, que envolve a aprendizagem e mudança de comportamento frente à informação e ao conhecimento. Nas reuniões da rede de pesquisa REPPID<sup>9</sup> pudemos compartilhar leituras, autores e reflexões sobre o assunto, a fim de nos inteirarmos melhor de como trabalhar com os participantes do estudo e qualificar nossas ações para o desenvolvimento das oficinas com as pessoas interessadas. Os textos estudados durante o período entre agosto/2013 a maio/2014 foram: “Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações”, tese de doutorado da professora Débora Duran (2008), “O paradoxo da inclusão: a política cultural da diferença” de Roger Slee (2011), “Crescer na era das mídias: após a morte da infância” de Buckingham (2003), “Cultura da Convergência” de Henry Jenkis (2008), “Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão” de Valle et al (2013). De acordo com as oficinas já iniciadas nas quais os idosos são atendidos, há sempre a preocupação em associar estudos e reflexões no grupo de pesquisa com as leituras individuais, com as necessidades que surgem de acordo com os interesses particulares de cada cursista. E ainda, as observações estão sendo anotadas em Protocolos de Registros, como também as percepções pós-oficinas para proporcionar apoio ao nosso estudo. Há ainda acompanhamento e auxílio nas atividades e estamos observando a forma como se relacionam com as tecnologias e suas preferências. Compõe também como parte integrante da metodologia o registro por meio de fotos, e está previsto a organização e análise dos dados em categorias.

## REFERÊNCIAS

- BUCKINGHAM, David. *Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância*. Disponível em: <http://www.horacio.pro.br/fmp/2012-1/buckingham.pdf>. Capturado em: 13 de fevereiro de 2014.
- DURAN, Débora. *Alfabetismo Digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações*. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07052013-162230/pt-br.php>>. Capturado em 13 de fevereiro de 2014.
- GENTILINI, João Augusto. *Computadores, informática e educação: questões sobre a gestão de programas de inclusão digital no Brasil*. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de; COSTA, José Wilson da. (Orgs.). *Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão*. Porto Alegre: Penso, 2013, p 39 a 47.
- JENKIS, Henry. *Cultura da Convergência*. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Epocanegocios/download/0,,4242-1,00.pdf>. Capturado em 13 de fevereiro de 2014.
- SLEE, Roger. O paradoxo da inclusão: a política cultural da diferença. In: APPLE, M., AU, W. e GANDIN, L. A. *A educação crítica: análise internacional*. Tradução Vinícius Filgueira. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de; COSTA, José Wilson da. (Orgs.). *Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão*. Porto Alegre: Penso, 2013.

<sup>9</sup> Rede Goiana de Pesquisa em Políticas Públicas e Inclusão Digital, cadastrada na Fapeg.

### 1.37. A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Gisele da Fonseca Mateus<sup>10</sup>

Wender Sobrinho Santos<sup>11</sup>

O presente texto tem por objetivo destacar a importância da alfabetização cartográfica desde os anos iniciais do ensino fundamental.

A Cartografia é responsável por um conhecimento que vem desenvolvendo-se desde os mais remotos tempos; nela é possível sintetizar as informações, conhecimentos e maneiras de trabalhar com a linguagem cartográfica (FRANCISCHETTI, 2001, p.10).

O ensino de Geografia, no Brasil desde muitos anos vem passando por muito descaso e principalmente a Cartografia e são vários fatores que contribuem para tal descaso tais como: a formação inadequada dos profissionais da educação, conteúdos desvinculados da realidade dos alunos, a falta de compreensão do assunto por parte dos professores e dos alunos, falta de investimentos por parte da escola, entre outros. A cartografia é relevante para o ensino não só da Geografia, mas também das demais ciências. Quando a criança é alfabetizada cartograficamente ela passa a ter a capacidade de perceber, entender o seu cotidiano, levando-os observar a interação e transformação no espaço onde ela vive e passa a ter uma maior desenvoltura com os instrumentos da Geografia.

No dizer de Almeida (2006, p. 17):

O indivíduo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que o impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades desconhecidas.

A Cartografia deve ser estudada pela criança desde o início da sua escolaridade, necessitando de uma alfabetização cartográfica, através dela o aluno aprender a manusear a ferramenta básica da Cartografia (o mapa), mas também consegue representar o espaço. Geralmente a criança não tem domínio de espaço e utiliza pontos de referência para localização e orientação. Segundo Machado (2013), se o aluno dominar os referenciais geográficos, o domínio para a elaboração de mapas ocorrerá gradativamente, o qual ocorrerá mediante atividades de técnicas de representação espacial. O desenvolvimento da linguagem gráfica contribui para que os alunos venham a compreender e a utilizar

---

<sup>10</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia. E-mail: giselefonseca\_@hotmail.com

<sup>11</sup> Graduando em Licenciatura em Geografia. E-mail: wendersobrinho@hotmail.com

os mapas, como também para que desenvolvam habilidades e capacidades relativas à representação e leitura do espaço geográfico, Oliveira (1978, p. 36) afirma que.

A cartografia infantil é um campo de estudos que está a espera do interesse e da dedicação de geógrafos, cartógrafos, educadores e professores para ser desenvolvido. O estudo da Cartografia deve ser precedido pelo estudo de uma cartografia infantil, na qual a criança tenha oportunidade de desenvolver atividades preparatórias, para em seguida realizar concretamente as operações mentais de redução, rotação e generalização, que são propriedades fundamentais do processo de mapeamento. Para que o desenvolvimento de uma cartografia infantil seja eficaz é preciso considerar o mapa como um entre os vários tipos de linguagem de que os homens dispõem para se comunicarem e se expressarem.

Segundo Passini (1994), a alfabetização cartográfica, é a possibilidade que uma pessoa tem de ler um mapa, a capacidade de visualização de organização espacial é considerada de grande importância para educar as pessoas para a autonomia visando a uma ação independente. Geralmente, os mapas apresentam uma linguagem complexa, sejam em livros didáticos ou atlas, daí a importância de saber ler e interpretar um mapa.

Ao longo desse texto foi destacada a importância da alfabetização cartográfica, a criança que desenvolve o domínio cognitivo terá melhor capacidade de perceber, entender o mundo, manuseando com desenvoltura instrumentos da Geografia, tais como mapas, cartas, globo, entre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. D. **Do Desenho ao Mapa – Iniciação Cartográfica na Escola**. 4. ed., São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA, F.P; OLIVA, J. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SOUZA, D. C.; RIOS, R. B. **Ensino e aprendizagem da Cartografia no ensino fundamental: Dilemas entre a teoria e a pratica**. (online). Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20\(9\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20(9).pdf). Acesso em: 10 de abril de 2014.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. **Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia**. (online). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6579>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

ROMUALDO. S.S.; SOUZA, G. M. **Discutindo a alfabetização cartográfica infantil: Uma contribuição ao ensino de Geografia nas series iniciais**. (online). Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20\(9\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20(9).pdf). Acesso em 04 de Junho de 2014

MACHADO, J. R.; DIAS, F. F. **Alfabetização cartográfica no ensino da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: Importância e desafios**. (online). Disponível em: <http://revista.ufrb.br/index.php/actageo/article/view/717> Acesso em 04 de Junho de 2014.

### 1.38. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DO CINEMA

Yonara Karolliny Plácido Cintra<sup>12</sup>

Jessica Carneiro Goncalves<sup>13</sup>

Luiza Pereira Monteiro<sup>14</sup>

Este resumo tem o objetivo de refletir sobre a importância da experiência estética para o desenvolvimento da criança e do adolescente por meio do cinema, visando, sobretudo, a educação do olhar, a leitura crítica de imagens, abrindo possibilidades para uma formação crítica e sensível dos educandos. O estudo de uma educação do olhar da criança e do adolescente a partir da estética do cinema tem importância em si mesmo, devido sua natureza polissêmica, cultural, econômica e política do cinema. O seu uso na educação estaria relacionado a transformação do indivíduo e da própria maneira de ver o mundo. Fischer (2009) Destaca o cinema como ferramenta fundamental para a educação, pois através dele podemos “fazer da experiência de ver também um espaço privilegiado de transformação de nós mesmos” (p.97) A partir do momento que somos educados nessa formação estética, passamos a experimentar, com maior prazer, a obra de arte, a vivê-la. No entanto, é necessário educar também o nosso gosto. “ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos” (VERÁSTEGUI, 2007, p.6). Educar o gosto é preciso para não privarmos de experimentar algo novo, pois só assim captaremos melhor as diversas manifestações da beleza. Educar o gosto exige então conhecer a obra de arte com paciência e dedicação. Como se promove o gosto pelo cinema? Para Bergala (2002, p. 65, apud DUARTE & ALEGRIA, 2008), “o papel a ser desempenhado pela escola nesse processo é o de favorecer o encontro de jovens espectadores com bons filmes. Isso despertaria nos alunos um olhar crítico em relação aos filmes de fácil acesso que tem sempre o mesmo padrão estético e narrativo. No entanto é preciso que o professor esteja preparado, de forma que favoreça o acesso a esses conhecimentos, colocando o espectador aprendiz em contato com as palavras e os conceitos de que o meio cinematográfico lança mão para analisar e apreciar suas obras. (DUARTE & ALEGRIA, 2008). “A experiência estética possui um importante papel na construção de significados que a obra propicia e os diferentes modos de assistir aos filmes fazem com que estes atuem diferentemente conforme o contexto.” (FANTIN 2008 P. 121) De acordo com Fantim (2008) o uso

---

<sup>12</sup> Bolsista PIBIC/UEG na Pesquisa Educação e Governo da Infância: procedimentos estéticos e éticos no cinema. Dicente do Curso de Pedagogia, email: yonarakarolliny@hotmail.com

<sup>13</sup> Bolsista PIVIC/UEG na Pesquisa Educação e Governo da Infância: procedimentos estéticos e éticos no cinema. Dicente do Curso de Pedagogia, email: jessica-c-goncalves@hotmail.com

<sup>14</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. da UEG, São Luís de Montes Belos, Coordenadora Pesquisa Educação e Governo da Infância: procedimentos estéticos e éticos no cinema. Email: luizaintelect@hotmail.com

do cinema pode oferecer diversas possibilidades, como por exemplo: “arte, sonho, poesia, emoções, percepções, identificações, conhecimentos, consumos, ideologias, consciência da realidade, enfim, diferentes formas de apropriação nas fronteiras da experiência cinematográfica.” (p.121). O cinema possibilita nova visão de mundo, de se próprio, trazendo outras possibilidades de vida, amplia o conhecimento e a capacidade crítica. Como ferramenta para a educação é fundamental que compreendemos sua importância. A estética também se vincula como sendo importante para educação da criança e do adolescente, ela faz parte da formação da totalidade humana, portanto, é importante sobretudo em um contexto em que impera a violência e a hegemonia da lógica de mercado, que se estabelece, inclusive, nas relações sociais mais íntimas.

#### Referências:

DUARTE, Rosália & ALEGRIA, João. **Formação estética audiovisual**: um outro olhar para o cinema a partir da educação. PA: Educação e Realidade, 2008.

FANTIN, Monica. A experiência do cinema na escola: fruição, análise e produção com crianças na perspectiva da mídia-educação. In: **Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**. 5.Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Mimeo.), 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Docência cinema e televisão**: questões sobre formação estica e estetica. In: Revista Brasileira de Educação. v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

VERÁSTEGUI, Rosa de Lurdes A. **A Educação Estética do Ser Humano de Friedrich Schiller**. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007>

## 2. CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

## 2.1 ASPECTOS DA CONFIANÇA ORGANIZACIONAL NAS AGÊNCIAS REGULADORAS FEDERAIS E O AMBIENTE POLITICAMENTE DINÂMICO

Apolo Marcos Sarmiento Silva  
Universidade Estadual de Goiás

Maria Aparecida de Souza Melo  
Universidade Estadual de Goiás

As mudanças vivenciadas pelas organizações nos dias atuais têm atraído o foco de estudos para o campo do comportamento organizacional e a variável confiança organizacional se destacou dentre os temas de interesse, em função da sua capacidade de estabelecer relações de cooperação entre as pessoas e reduzir comportamentos oportunistas<sup>1-2</sup>. A confiança no ambiente de trabalho neutraliza perigos, gera relações benéficas e constitui-se em instrumento para lidar com situações complexas<sup>3</sup>. No setor público, o Plano Diretor da Reforma do Estado (PDRE) aponta que o paradigma gerencial contemporâneo fundamenta-se nos princípios da confiança e da descentralização de decisões para proporcionar formas flexíveis de gestão, descentralizar funções, horizontalizar estruturas e incentivar a criatividade<sup>4</sup>. A Administração pública gerencial é, então, estruturada para oferecer maior autonomia ao administrador público<sup>5</sup>, de forma que os princípios da gestão do setor privado são absorvidos pelo aparelho do Estado na busca de maior eficiência<sup>6</sup>. As agências reguladoras foram introduzidas na estrutura do Estado através do PDRE, com vistas a ampliar sua autonomia gerencial<sup>7</sup>. Este estudo teve, dentre seus objetivos, o de investigar o significado de trabalhar em um ambiente politicamente dinâmico, suas características e sentimentos de intranquilidade ou insegurança profissional causados por este ambiente que refletem na confiança organizacional. Participaram seis das dez agências reguladoras componentes do universo amostral, através de questionário autorrespondido pelos seus gestores principais. O instrumento foi adaptado do desenvolvido por Fisher e Novelli<sup>3</sup>, utilizado em pesquisa sobre a confiança em organizações privadas, cuja principal modificação constituiu-se da substituição do termo “ambiente economicamente dinâmico” por “ambiente politicamente dinâmico”. Este foi definido como a forma como os órgãos da Administração pública atuam por meio da sua estrutura administrativa e considera que há irradiação da dinâmica política na atuação dos entes administrativos do Estado, cujo processo envolve aspectos do ambiente político-legal que se refere às formas como ocorrem as trocas de influências entre as organizações e os segmentos da sociedade com o governo, na tentativa de influenciar suas decisões<sup>8</sup>. Os resultados das análises de conteúdo das

respostas obtidas mostraram, na percepção dos gestores entrevistados, que as agências reguladoras encontram-se inseridas em um ambiente politicamente dinâmico, cujas características são descritas por interações políticas internas e externas, diversidade de opiniões, grande visibilidade, interesse econômico e social, e que é afetado por mudanças políticas frequentes. Trabalhar neste tipo de ambiente significa, dentre outras características, atuar em patamares diferenciados e com diversos atores envolvidos, onde é imperativo o exercício da autonomia legal para prevenir comportamentos oportunistas e para equilibrar a continuidade das políticas públicas e preservar a abertura à inovação. Os comportamentos individuais, as relações interpessoais e as características organizacionais foram identificados como dimensões de análise dos fatores que geram a confiança organizacional no âmbito das agências estudadas.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> OLIVEIRA, A. F.; TAMAYO, A. Confiança do empregado na organização. In M. M. M. Siqueira (Org.), **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico de gestão** (pp. 97-110). Porto Alegre: Artmed Bookman, 2008.
- <sup>2</sup> ZANINI, M. T. **Confiança: o principal ativo intangível de uma empresa: pessoas, motivação e construção de valor**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- <sup>3</sup> FISHER, R. M.; NOVELLI, J. G. N. Confiança como fator de redução da vulnerabilidade humana no ambiente de trabalho. **Rev Adm Empresas**. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 67 – 78, Abr./Jun. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902008000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902008000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 maio 2013.
- <sup>4</sup> MARE (Ministério da Administração e Reforma do Estado). Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado. Brasília: Presidência da República, **Imprensa Oficial**, 1995. Disponível em <<http://www.bresserpereira.org.br/Documents/MARE/PlanoDiretor/planodiretor.pdf>>. Acesso em 14 ago 2013.
- <sup>5</sup> COSTIN, C. **Administração Pública**. Rio de Janeiro: Elsevier; Editora Campus, 2010.
- <sup>6</sup> MATIAS-PEREIRA, J. **Curso de Administração Pública: Foco nas Instituições e Ações Governamentais**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- <sup>7</sup> ALEXANDRINO, M.; VICENTE, P. **Direito administrativo descomplicado**. São Paulo: Método, 2011.
- <sup>8</sup> SILVA, A. M. P. Confiança Organizacional na Administração Pública: uma análise na percepção de gestores das Agências Reguladoras Federais brasileiras. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Unidade de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2014.

## 2.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO: ABSTRAÇÕES METATEÓRICAS A PARTIR DA OBRA DE HENRI LEFEBVRE

Juliano César Mendonça<sup>1</sup>

João Paulo de Siqueira Carvalho<sup>2</sup>

Glauber Lopes Xavier<sup>3</sup>

Nesse trabalho, resultante do projeto de Pesquisa *Espaço, método e vida cotidiana: A metafilosofia e o pensamento sociológico de Henri Lefebvre*, versaremos sobre questões de método, as quais serão perscrutadas com base em três obras fundamentais do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, são elas: *Le matérialisme dialectique* (1949), *Sociologia de Marx* (1968) e *Lógica formal/Lógica dialética* (1983). Nestas obras Henri Lefebvre aprofunda as reflexões em torno do materialismo histórico, as rupturas promovidas no tocante à filosofia e no tocante à ciência enquanto método avesso ao conhecimento parcelado. Conforme aponta Henri Lefebvre, é impossível classificar o pensamento de Karl Marx dentro dos cânones do conhecimento especializado, de sorte que as contribuições do pensador alemão são à um só tempo atinentes aos campos da economia política, da sociologia, da história, da psicologia, da antropologia, dentre outras. Lefebvre chega a tal conclusão ao deslindar o método, cuja base consiste na reunião entre teoria e práxis, opondo-se à filosofia e a pura abstração. Ao superar o idealismo hegeliano, Marx postulou não apenas um conjunto de teorias acerca do movimento da história e da lei geral de acumulação capitalista, mas, assim como observou Lefebvre, ele legou uma sociologia geral, a qual consiste na apreensão do movimento da história a partir da luta de classes e da superação da alienação com base no movimento do real. Assim, a potencialidade revolucionária investida no proletariado desdobra-se da própria relação que este estabelece com o mundo, com a realidade das coisas. O fenômeno da alienação, ao extrapolar o âmbito da produção, permeia as relações sociais e torna-se *leitmotiv* da reprodução das relações sociais no capitalismo. Caberia, assim, a superação deste real a partir de processos revolucionários encetados pelo proletariado, instituindo novas bases de produção e de reprodução da vida. Nesse particular, Henri

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 3º ano de Ciências Econômicas. Integrante (PVIC) do projeto de Pesquisa *Ciência, método e vida cotidiana: A metafilosofia e o pensamento sociológico de Henri Lefebvre*.

<sup>2</sup> Acadêmico do 3º ano de Ciências Econômicas. Integrante (PBIC) do projeto de Pesquisa *Ciência, método e vida cotidiana: A metafilosofia e o pensamento sociológico de Henri Lefebvre*.

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Sociologia pela UFG.

Lefebvre fornecera significativas contribuições ao pensamento marxista contemporâneo ao tratar da vida cotidiana, da cultura, do modo de vida, das relações sociais, mais que da produção, da economia, dentre outros temas demasiadamente discutidos por outros autores, não raras vezes recaindo no determinismo econômico e na anti-dialética. Há que se ter em conta que o materialismo histórico é, antes de tudo, dialético, ou seja, só pode ser verdadeiramente apreendido levando-se em consideração o movimento contraditório das forças históricas, os conflitos, os avanços e retrocessos que são inerentes à própria dinâmica de produção e reprodução das relações sociais. Assim, à medida em que o método é acorrentado pela filosofia ele torna-se estéril, tem suas premissas eliminadas, seu conteúdo histórico e real ceifados. Por outro lado, à medida em que se pretende aplicá-lo com base nos cânones deste ou daquele campo do conhecimento, ele perde a totalidade da qual é constituído. Destarte, o materialismo histórico é concomitantemente, método e teoria da história. *Movimento da forma do conteúdo*, conforme elucida Henri Lefebvre. Em pormenores, consiste em afirmar que tese-antítese-síntese conformam desde o plano dos grandes acontecimentos históricos, as instituições, os embates entre forças estruturais e estruturantes até o plano da vida cotidiana, das relações sociais mais elementares e, principalmente, que esta dinâmica contém, em seu conteúdo – a história – os elementos para o devir, o vir a ser, a transformação total e completa. Magistralmente, Marx apreende desde os processos econômicos, inerentes à produção e distribuição das mercadorias, até os processos sociais e históricos de seu tempo, valendo-se do materialismo histórico, o qual fundamenta-se no realismo epistemológico. Com efeito, o materialismo histórico reserva, em seu conteúdo (um conteúdo real, a história), o conflito de classes, do qual a própria história se realiza, ao passo que permite, por meio da crítica à sociedade alienada e a desmistificação das consciências a apreensão dos fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEBVRE, Henri. **Le matérialisme dialectique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

## **2.3 (RE) ESTRUTURAÇÃO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM GOIÁS: ESTUDO DAS REDES DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA**

Wesley Vieira Borges  
Mestrando em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade Estadual de Goiás.  
Professor da Universidade Paulista.  
E-mail: [wesleyvb1@hotmail.com](mailto:wesleyvb1@hotmail.com)

Divina Aparecida Leonel Lunas Lima  
Doutora em Desenvolvimento Econômico pela Unicamp  
Professora do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado  
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas  
Universidade Estadual de Goiás  
e-mail: [divalunas@gmail.com](mailto:divalunas@gmail.com)

O objetivo principal deste estudo foi analisar as possíveis articulações entre universidades, institutos de pesquisa e empresas, para o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico da atividade sucroalcooleira em Goiás. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as redes de inovação tecnológicas do setor sucroalcooleiro em Goiás, onde se verifica como os processos de investimentos, produção, difusão e absorção de novas tecnologias resultam em vantagem competitiva para os atores deste setor e favorecem a expansão da cana-de-açúcar e seus derivados no mercado. As "redes" constituem arranjos organizacionais que utilizam recursos e envolvem a gestão das interdependências de várias empresas e cria um ambiente suscetível para provocar a emergência de externalidades dinâmicas (financeiras, tecnológicas, entre outros), complementaridades e fenômenos cumulativos, notadamente no plano das competências Shima (2006) explicam que a rede possui elementos estruturais constituintes e processos de transformação, reprodução e fortalecimento de suas estruturas ao longo do tempo, esses elementos são: os pontos, as posições, as ligações, o conteúdo e os fluxos. No Quadro 1 apresenta-se uma síntese da tipologia da inovação no setor sucroalcooleiro em Goiás. Ele estrutura os principais dados levantados no presente estudo, demonstrando os principais elementos das redes de inovação tecnológica no setor sucroalcooleiro em Goiás: nós, posições, conteúdos, fluxos e ligações. O Quadro 1 destaca a tipologia que foi estudada em relação à inovação em redes abertas e fechadas. Essa infraestrutura promove a plataforma, que dispõe de condições estruturais, com instituições que oferecem oportunidades para a inovação, base de ciência e engenharia: universidades e centros de pesquisa. E a plataforma é composta por agentes públicos e privados de pesquisa, governo e universidades; voltado para mudanças institucionais, oferecendo infraestrutura para o processo de inovação.

QUADRO 1 – Tipologia da inovação no setor sucroalcooleiro em Goiás.

Os principais atores de inovação em redes (Corresponde aos pontos e posições das redes)	O que é inovado (Principais inovações correspondente aos conteúdos das redes)	Tipologia da inovação	Fluxo das redes	Transferência de tecnologia de inovação	Processos de Ligação
<b>Universidades:</b> UFG/RIDESA	1. Mecanização	1. Há redes e inovações abertas.	1. Conhecimento tecnológico.	1. Patentes.	1. Parcerias de Pesquisa.
<b>Usinas e Grupos:</b> Jalles Machado; Cosan; Cargill / Usina São João	2. Vinhaça	2. Há redes e inovações fechadas.	2. Recursos materiais.	2. Seminários.	2. Pesquisa encomendada.
<b>Investidores:</b> MCT; CNPq; BNDES	3. Desenvolvimento de variedades de plantas (cana)	2. Há redes e inovações fechadas.	3. Recursos financeiros.	3. Reuniões Técnicas.	4. Joint Ventures.
<b>Centros de Pesquisa:</b> CTC; CTBE; CENPES (Petrobrás)	4. Co-produtos.			4. Licenciamentos.	(Todos regidos por contratos que determinam o grau de sigilo)
<b>Empresas Públicas desenvolvedora de tecnologia:</b> Petrobrás Embrapa Agroenergia	5. Alcooquímica			5. Compra de bens de capital.	
	6. Cogeração				

<p><b>Empresas Privadas desenvolvedoras de tecnologia:</b></p> <p>Jonh Deer; Dedini; Braskem; Amyris; CanaVialis</p>					
<p><b>Difusoras:</b></p> <p>ÚNICA; Desenvolvedoras de tecnologia em geral</p>					

Fonte: Elaboração própria

Neste trabalho o setor sucroalcooleiro em Goiás foi estudado a partir do enfoque das redes de inovação tecnológicas. Considera-se que as inovações tecnológicas possibilitam a implementação de novos sistemas de produção. Assim, ao analisar as relações de (re) estruturas e inovações tecnológicas no setor sucroalcooleiro, parte-se do princípio de que as redes de inovação tecnológica contribuíram para a implantação de uma nova estrutura organizacional na cadeia produtiva do etanol em Goiás. Destaca-se que o setor sucroalcooleiro em Goiás não só cria, mas fornece tecnologia. E, para isso, ele tem uma multiplicidade de atores que desenvolvem também diversificadas tecnologias que contribuem para tornar este setor competitivo em cana-de-açúcar e etanol.

## REFERÊNCIA

SHIMA, Walter Tadahiro. Economia de redes e inovação. In: **Economia da Inovação Tecnológica**. Victor Pelaez e Tamaz Szmrecsányi (org.). São Paulo: Hucitec: Ordem dos Economistas do Brasil, 2006.

## 2.4 VALORAÇÃO COTINGENTE DO PARQUE DA LIBERDADE EM ANÁPOLIS

Leila Divina Cintra<sup>1</sup>

Joana D'arc Bardella Castro<sup>2</sup>

Os parques ambientais desenvolvem funções como proteção de mananciais, preservação de áreas verdes, recuperação de áreas degradadas além de levar melhorias aos bairros. Os bens e serviços advindos do meio ambiente são desprovidos de valor monetário, e, é frequentemente dado com valor inferior ao equivalente, que leva a rápida escassez destes recursos. Para bens e serviços que não há mercados é utilizado o método de valoração contingente (MVC) que se baseia na aplicação de questionários e propõe um mercado hipotético para estimar seu valor monetário (ANDRADE, 2011). Através da disposição a pagar (DAP) e disposição a aceitar (DAA) é possível mensurar o impacto no nível de bem-estar dos indivíduos quanto aos bens ambientais, isto é, até quanto que a população estaria disposta a pagar pelas medidas de bem-estar ambientais (MOTTA, 2006). Através das respostas dadas pelos entrevistados, relacionando seu nível de bem estar com sua DAP pelos ativos ambientais, formula-se os valores monetários ambientais dos parques, onde o entrevistador representa a oferta e os frequentadores dos parques a demanda. Sendo que, para o entrevistado o questionário apresenta como sendo um mercado hipotético (MITCHELL; CARSON, 1993; RIERA, 1994). Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo quantitativa de modo descritiva exploratória com delineamento transversal. Foi realizado o levantamento bibliográfico, a análise das transformações históricas do parque e a aplicação de 100 questionários. Os frequentadores do parque da liberdade que responderam a entrevista possuíam idade entre 18 e 78 anos de idade e apresentaram DAP entre R\$ 4,40 e 10,00, tendo como DAP média R\$ 7,17. Do total de entrevistados 58% eram mulheres e 42% homens que estavam visitando o parque. Sendo que, 66% dos visitantes vieram de outros bairros. O presente trabalho que buscou avaliar se o novo cartão postal da cidade está levando bem-estar, lazer e qualidade de vida aos seus visitantes e mensurar a DAP destes para preservação do mesmo apresentou resultado significativo com DAP média geral de R\$ 7, 17, porém, mesmo os visitantes que estavam dispostos a

---

<sup>1</sup> Acadêmica PIBIC UEG do 3º ano do curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Anápolis. leila89\_12@hotmail.com

<sup>2</sup> Coordenadora da pesquisa. Economista e mestre em economia de empresas pela UCB-Brasília. Doutoranda em economia pela UNB. Professora e pesquisadora da UEG/UnUCSEH. joanabardella@brtubo.com.br

contribuir, tem consciência que os impostos pagos a prefeitura é para prestação de serviços de qualidade a população, inclusive oferecer, gratuitamente, opções para lazer que eleve o nível de bem-estar. Dos entrevistados 20% não aceitariam contribuir para preservação do parque.

## **BIBLIOGRAFIA**

MOTTA, Ronaldo Seroa da. **Economia Ambiental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Rodrigo Bomfim de. **Introdução ao método de valoração contingente**: teoria, potencialidades e limitações. Universidade de Brasília: Congresso PET-Economia, 2011.

MITCHELL, R.C.; CARSON, R.T. **Using surveys to value public goods**: the contingent valuation method. 3 ed. Washington: Resources for the Future, 1993.

RIERA, P. **Manual de valoración contingente**. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1994.

## 2.5 VALORAÇÃO CONTINGENTE: UMA ANÁLISE PARA O PARQUE IPIRANGA DE ANÁPOLIS-GO

Mariany Rodrigues Vieira<sup>1</sup>  
Joana D'arc Bardella Castro<sup>2</sup>

A sociedade atual têm se preocupado com o bem-estar e lazer, de modo a considerar o meio ambiente como fator importante para que ambos ocorram. A cidade de Anápolis é um exemplo da adoção dessa medida protecionista, a qual aderiu a construção de locais para lazer na tentativa de priorizar a valorização do meio ambiente. O parque Ipiranga se tornou cartão postal anapolino e, é visitado por centenas de moradores da cidade e também por turistas. O parque ambiental Ipiranga está localizado em um dos principais bairros de Anápolis, o Jundiá, e tornou-se o cartão postal da cidade. A inauguração do parque ocorreu no fim do ano de 2010. Fazem parte da área (composta por quase 45 mil m<sup>2</sup>) dois grandes lagos com 11.432.69 m<sup>2</sup>, ciclovia, pista de caminhada com aproximadamente 1,1 Km de extensão, reserva para educação ambiental, espaço verde, parque para recreação infantil, jardim árabe, teatro de arena, pontes, estacionamento, mirante e equipamentos para a ginástica da terceira idade, dentre outros (PMA, 2011). Para que haja o crescimento e desenvolvimento econômico da sociedade, a utilização de recursos naturais se faz necessária, portanto, é imprescindível conciliar economia com o meio ambiente na tentativa de harmonizar a relação. Quando se destaca essa questão, pode-se indagar à respeito do valor econômico que os indivíduos atribuem em iniciativas públicas que visam a preservação ambiental (SILVA; LIMA, 2004). Os recursos naturais, raramente possuem preços reconhecidos no mercado, e na maioria das vezes não há substitutos próximos para eles. Utiliza-se a valoração contingente para estabelecer os valores supostos desses bens que não se encontram no mercado (SILVA; LIMA, 2004). A princípio foi realizada uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o objetivo do estudo e mostrar como se deu o desenvolvimento do Parque Ipiranga. A seguir foi realizada a pesquisa de campo, os instrumentos de coleta das informações se deu através da aplicação de 100 questionários compostos por 12 questões, sendo 4 abertas e 8 fechadas, destinados a homens e mulheres maiores de 14 anos providos de alguma renda que frequentam o parque. A DAP média geral totaliza R\$ 27,75. A cidade de Anápolis possui uma população de 334.613 habitantes e

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Econômicas, UEG/UnUCSEH- Anápolis (GO). Aluna PIVIC/UEG. *E-mail*: mariany\_rodrivi@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Econômicas, UEG/UnUCSEH- Anápolis (GO). Aluna PIVIC/UEG. *E-mail*: mariany\_rodrivi@hotmail.com

conta com quatro parques ambientais. Os frequentadores do parque ambiental Ipiranga, sem dúvida conhecem a importância que ele possui para a qualidade de vida e bem-estar da população. A disposição a pagar (DAP) para a conservação e manutenção do parque é inferior em relação à renda dos indivíduos que o frequentam, sendo que a justificativa que obteve maior ênfase pelos entrevistados é o pagamento de impostos, que segundo a maioria, já deve arcar com todas as despesas em prol da cidade.

## REFERÊNCIAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANAPOLIS. **Anápolis**: a melhor política é a boa gestão. Secretaria Municipal de Comunicação Social da Prefeitura de Anápolis, 2010.

SILVA, Rubicleis Gomes da; LIMA, João Eustáquio de. Valoração Contingente do Parque “**Chico Mendes**”: uma Aplicação Probabilística de Método “. Referendum com Bidding Games”.*RER*, v.42.n.4. p.685-708, 2004.

## 2.6. VALOR ECONÔMICO DOS PARQUES DE ANÁPOLIS/ GO: UMA APLICAÇÃO DO MÉTODO DE VALORAÇÃO CONTINGENTE

Joana D'arc Bardella Castro<sup>1</sup>

Estudos e pesquisas na área econômica, ecológica e ambiental têm voltado os olhos para a valoração de recursos naturais. Uma razão simples para o fato é que a tomada de decisão dos agentes socioeconômicos e políticos tornam-se mais precisos, pois identifica com mais clareza custos e benefícios, sejam eles econômicos, sociais, individuais ou coletivos, relativos ao uso do recurso ambiental. O Método de Valoração Contingente “tem sido amplamente utilizado para estimar os impactos ambientais em geral e outros bens e serviços não comerciais por meio de questionários” (BLAKEMORE; WILLIAMS, 2008, p. 1470). A valoração econômica segundo Vasconcelos (2012) busca corrigir falhas de percepção dos tomadores de decisões sobre os custos de oportunidade monetizando o que seria esperado caso houvesse trocas em situações de mercado competitivo de excludabilidade do bem, igualdade de poder de barganha e conhecimento das partes envolvidas em uma troca capaz de alocar com eficiência os recursos disponíveis. O método de valoração contingente-MVC- busca estimar o valor de uso do bem ambiental para o usuário final; abrangendo valores de uso, não uso, opção e existência, o que outros métodos, como os de função de produção e de produtividade marginal, não fazem de forma satisfatória, porque o valor de existência não se revela por complementaridade ou substituição a um bem, pois ele não está associado ao uso e sim ao fato de aquele bem existir (NOGUEIRA E MEDEIROS, 1999). A valoração contingente está sujeita a vieses de conduta na pesquisa quando não tomada os devidos cuidados. Esses tipos de vieses podem ser apresentados principalmente em países subdesenvolvidos com pouca tradição no uso do MVC por pesquisadores e população (ALAN, 2006). Entre eles pode-se citar: Viés estratégico, do ponto inicial, do instrumento de pagamento, da informação, hipotético, protesto, da decisão de baixo, e de escopo entre outros. Quanto a método esta é uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa do tipo descritiva exploratória com delineamento transversal e emprega a ferramenta econométrica para os cálculos. O modelo econométrico é o *probit*. A amostra consta de 400 questionários aplicados nos parques Ipiranga, Liberdade, Juscelino Kubitscheck, e, Central Parque da Juventude Senador Onofre

---

<sup>1</sup> Mestre em Economia de Empresas pela UCB, doutoranda em Economia pela UNB, docente da UEG-NUCSEH.

Quinan. De acordo com a Secretaria Municipal de Gestão e Planejamento, a Prefeitura Municipal de Anápolis no ano de 2012 gastou R\$ 2.813.197,72 com a manutenção de praças, parques e jardins. Isso mostra a importância que esses locais possuem para o bem estar dos habitantes. A disposição a pagar -DAP pelos parques é em média R\$ 5,52 por pessoa. Exceto o Parque Ipiranga que o valor médio foi de R\$ 27,75. O valor excedeu e muito em relação aos outros parques por que é frequentado por pessoas que visitam a cidade e pessoas com maior renda mensal. O que influenciou a DAP foi idade, gênero e instrução. O que mais gostariam de preservar é a qualidade da água e espaço de lazer. Somente 2% em média apresentaram viés de protesto, o motivo expresso é por que já pagam impostos, é um problema de administração pública. Com base da DAP média e a população residente em Anápolis 357.402 (IBGE, 2013), o valor a ser gasto para manutenção dos parques em Anápolis seria em média R\$ 657.619,68, exceto o Parque Ipiranga, valor inferior ao que a Prefeitura de Anápolis gastou no ano de 2012.

## REFERÊNCIAS

- ALAM, K. Valuing the environment in developing countries: Problems and potentials. *Asia Pacific Journal on Environment and Development*. v. 13, p. 27-44, 2006.
- BLAKEMORE, F.; WILLIAMS, A. British Tourists' Valuation of a Turkish Beach Using Contingent Valuation and Travel Cost Methods. *Journal of Coastal Research*, v. 24, n. 6, p. 1469 - 1480. Nov. 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Goiás – Anápolis estimativa de população**. Disponível em <[www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)> acesso em maio de 2014.
- NOGUEIRA, J. M.; MEDEIROS, M. A. A. de. Quanto vale aquilo que não tem valor? Valor de existência, Economia e meio ambiente. Brasília **Cadernos de ciência e Tecnologia** v.116, n.3 p. 59 - 83. set./dez. 1999.
- VASCONCELOS, P. G. **Método de valoração contingente**: sobre a validade de preferências, cenários e agregação. Dissertação de mestrado em Gestão Econômica do Meio Ambiente. Brasília, 2012.

## 2.7. VALORAÇÃO ECONÔMICA DE RECURSOS AMBIENTAIS: UM ESTUDO SOBRE O PARQUE DA MATINHA – ANÁPOLIS, GO

Rafaela Carolina Lopes <sup>1</sup>

Aluna do Curso de Ciências Econômicas  
Universidade Estadual de Goiás, Anápolis,  
cl.rafaela@gmail.com1

Joana D’Arc Bardella Castro <sup>2</sup>

Docente do Curso de Ciências Econômicas  
Universidade Estadual de Goiás, Anápolis,  
joanabardella@brturbo.com.br2

Os parques são áreas verdes destinadas à recreação dos habitantes da cidade e/ou à preservação dos recursos ambientais e que podem ser caracterizados como urbanos ou naturais. Os parques naturais correspondem a extensas áreas naturais fora dos limites urbanos que visam a preservação da fauna e da flora. Já os parques urbanos são espaços livres nas cidades, que apresentam função estética, ecológica e de lazer e possuem maior extensão que praças e jardins públicos (LOBODA; ANGELIS, 2005). Apesar dos inúmeros benefícios oferecidos pelos parques urbanos, sua oferta ainda é menor que sua demanda ou encontram-se em situação precária de manutenção e conservação. O objeto de estudo do presente trabalho, o Parque da Matinha, pode ser classificado como um parque urbano, criado para ser um espaço de integração e lazer, além de uma área de preservação dos recursos naturais e contemplação paisagística. O Parque Antônio Marmo de Canedo, conhecido como Parque da Matinha – neste trabalho nos referimos ao Parque por este nome – está situado na cidade de Anápolis, GO. O parque foi inaugurado em dezembro de 1985, e é o mais antigo e um dos mais tradicionais parques de Anápolis. O Parque da Matinha possui uma importante reserva ambiental com diversificada fauna e flora, além disso, na parte baixa do parque existe um manancial faz parte da microbacia do Córrego João Cesário. Durante sua primeira década, o parque foi um atrativo para a população anapolina, no entanto, na década de 1990 o parque entrou em decadência por falta de manutenção. Em 2010, o parque foi reformado e revitalizado. O presente trabalho tem como objetivo estimar o valor econômico do Parque da Matinha, através da análise da disposição a pagar - DAP manifestada pelas pessoas que frequentam o parque. Além de explanar sobre o método de valoração contingente e apresentar os recursos disponíveis nos parques de Anápolis. De acordo com Silva e Lima (2004), o método de valoração (ou avaliação contingente (MVC) visa revelar as preferências da população por um bem ou serviço ambiental através de entrevistas pessoais. É um método amplamente utilizado, uma vez que é o único que capta valores de não uso de bens e serviços ambientais. Ao utilizar o MVC,

optou-se pela Disposição a pagar (DAP) - a máxima quantia que o entrevistado estaria disposto a pagar para a melhoria ou manutenção de um recurso ambiental - para revelar as preferências individuais. Na etapa de coleta dados foram aplicados questionários a uma amostra de 100 pessoas, a fim de conseguir informações sobre o perfil dos frequentadores e conhecer suas opiniões sobre a importância do parque na cidade, e realizar o leilão de pagamento, em que se pretendeu verificar quais eram as disposições a pagar dos frequentadores pela melhoria e manutenção do parque. Os participantes da pesquisa foram questionados sobre as variáveis que determinam a importância do Parque da Matinha na cidade de Anápolis. 95% dos frequentadores consideram que o lazer é a variável mais importante do parque. No leilão de pagamento, os valores mais citados como disposição a pagar pela manutenção do Parque da Matinha foram R\$2,00 e R\$3,00. O argumento apresentado pela maioria é que a população já cumpre seu papel ao pagar seus tributos e que os encargos com o parque devem ser da Prefeitura da cidade, que deve oferecer opções de lazer, contato com a natureza e melhoria da qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOBODA, C. R. ANGELIS, B. L. D. de. **Áreas Verdes Públicas Urbanas**: Conceitos, usos e funções. *Ambiência*, Guarapuava, v. 1, n.1, jan./jul. 2005, p. 125-139. Disponível em: <[http://www.unicentro.br/editora/revistas/ambiencia/v1n1/artigo%20125-139\\_.pdf](http://www.unicentro.br/editora/revistas/ambiencia/v1n1/artigo%20125-139_.pdf)> . Acesso em: 16 de outubro de 2013.
- SILVA, R. G.; LIMA, J. E. **Valoração Contingente do Parque “Chico Mendes”**: uma Aplicação Probabilística do Método Referendum com Bidding Games. *RER*, Rio de Janeiro, vol. 42, no 04, out/dez 2004, p. 685-708. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v42n4/24977.pdf>>. Acesso em> 12 de outubro de 2013.

## 2.8 A MATRIZ DISCURSIVA DO AGRONEGÓCIO: MONOCULTURA E PENSAMENTO ÚNICO

Glauber Lopes Xavier<sup>15</sup>

Subjaz ao processo de expansão do agronegócio no Brasil hodierno uma base cultural-ideológica que alicerça os interesses econômicos de um seleto grupo de ruralistas, bem como grandes empresas ligadas à produção agrícola, tanto nacionais quanto internacionais ou mesmo transnacionais. Esta base cultural-ideológica pode ser investigada a partir dos discursos propugnados acerca do agronegócio, ou seja, levando em conta a matriz discursiva a partir da qual não apenas a realidade é escamoteada mas as concepções passam a ser hegemonicamente favoráveis ao agronegócio, suas monoculturas e seu *modus operandi*. Desta sorte, tem-se que à toda ordem material da vida é inerente e imprescindível um constructo de ideias e visões de mundo por meio das quais esta ordem se sustenta e se reproduz. Isto é que chamamos de ideologia. (CHAUI, 1981). No tocante ao agronegócio, este constructo fundamenta-se mormente na questão ambiental. Com efeito, o discurso atualmente propalado sobre o chamado desenvolvimento sustentável, energias limpas e renováveis coaduna-se à interesses econômicos muito específicos e que não condizem com a melhoria das condições de vida das populações. Pelo contrário, não são raros os casos de empresas que portam o chamado selo-verde ou certificação ambiental e que, do ponto de vista do trabalho, mantém relações extremamente deletérias, em alguns casos submetendo trabalhadores à condições análogas a de escravos. (XAVIER, 2013). Alia-se ao discurso do desenvolvimento sustentável, cuja dinâmica extrapola as fronteiras nacionais à medida em que atende a interesses externos, o discurso do progresso, o qual associa o crescimento econômico do país à pujança do agronegócio. (XAVIER, 2013). Importa considerar que a própria lógica de ocupação dos solos pelas monoculturas privilegiadas do agronegócio, pois que permitem superávits na balança comercial, tem ocasionado sérios danos à outros cultivos, se estabelecendo de forma hegemônica, assim como os discursos que as sustentam. Hegemônicas se tornam, ainda, as paisagens. Onde outrora múltiplas cores e ritmos se faziam percebidos ocupam, hoje, os canaviais e sojiculturas que, além de se estabelecerem sobre vastas parcelas dos territórios, se ancoram em bases culturais e ideológicas que permitem a manutenção de práticas políticas retrógradas (MARTINS, 1994) associadas à exploração dos homens e das riquezas naturais. As dinâmicas territoriais atinentes ao cerrado nas últimas décadas são emblemáticas nesse sentido. Culturas como soja e cana-de-açúcar tem ocupado consideráveis parcelas desse bioma. Para tanto, seus representantes

---

<sup>15</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

se valem de um forte apoio do Estado, cujo apoio se dá por meio de vultosos financiamentos à produção das chamadas *commodities*. Ao contrário dos pequenos produtores, aqueles que integram a chamada agricultura familiar, sojicultores e canavieiros possuem fortes representações políticas por meio de suas bancadas nas assembleias legislativas e no Congresso nacional. Essa representação promove toda sorte de apoio ideológico via grandes veículos de comunicação. Assim, tudo se passa como se o agronegócio fosse um caminho sem retorno, do qual deve-se aproveitar à exaustão a fim de se garantir a riqueza do país e o progresso material de seu povo, sobremaneira nos tempos atuais em que a dinâmica de produção dessas *commodities* alia-se à uma ordem global. Do mesmo modo que a globalização se nos apresenta ou pelo menos é posta enquanto via única (SANTOS, 2003), esses cultivares se estabelecem nos mais diversos recônditos do país e altera substancialmente o modo de vida das populações. Cabe considerar a nova fronteira agrícola do país, a qual tem se estabelecido sobre áreas do cerrado, especialmente nos estados de Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia por meio da soja e Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul por meio da cana-de-açúcar. Essa fronteira, por seu turno, não é apenas geográfica, mas também social. Ela é caracterizada pela violência econômica, cultural e simbólica sobre homens e mulheres. Para tanto, esse projeto vale-se de uma matriz discursiva sutilmente elaborada, mas cujos efeitos são muitas vezes irreparáveis, como as mortes de populações indígenas e de trabalhadores rurais. Do ponto de vista do conhecimento, a monocultura pode ser expressa pelo pensamento único, ou, parafraseando a indiana Vandana Shiva (2003), por uma monocultura da mente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia:** O discurso competente e outras falas. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso:** Ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

XAVIER, Glauber Lopes. Violência e Escravidão Contemporânea nos Canaviais Goianos. **Revista IDEAS (Online)**, v. 7, p. 67-105, 2013.

# 3. LETRAS, ARTES E LINGUÍSTICA

### 3.1. JORNADA DOS IMIGRANTES: UM CAMINHAR INTERCULTURAL SOBRE LÍNGUA, CULTURA E FÉ

Aline Gomes da Silva  
(PG / UFG)

Neste estudo qualitativo pretendo levantar os conceitos culturais em relação à imigração, à aquisição da língua portuguesa como segunda língua, à inserção do discurso religioso no processo imigratório de um grupo de missionários que decidiu, após anos de sua vida dedicados ao trabalho missionário no solo brasileiro, não retornar a sua terra natal, fixando moradia no Brasil. Com o intuito de analisar os aspectos culturais decorrentes do relato oral do processo imigratório, os aspectos culturais oriundos do processo de aprendizagem do português como segunda língua e os aspectos culturais providos do discurso religioso no processo imigratório, apoio-me nos conceitos da etnografia. O processo imigratório é um fenômeno digno de ser estudado visto que quando um grupo de indivíduos deixa sua terra natal, independente da razão que o levou a tal ação, traz consigo sua língua e sua cultura (L1-C1) que entrarão em contato inevitável com a língua e a cultura do país hospedeiro (L2-C2). Assim, em termos gerais, pode-se dizer que a diferença entre as línguas e culturais (L1-C1 e L2C2) podem resultar em desentendimentos e conflitos que interferem e modificam não somente a organização político-social do país hospedeiro, mas o modo de pensar e agir dos indivíduos que interagem diariamente e buscam compreender/aceitar um ao outro. Cunha (2007, p. 41) ilustra o confronto interior que um imigrante enfrenta decorrente do encontro das L1C1 e L2C2 e sua luta em busca da (re)construção de sua identidade em meio a mudanças temporal, geográfica e linguística, citando a experiência vivenciada pela imigrante Esmeralda Santiago, escritora porto-riquenha, hoje radicada nos Estados Unidos: “(...) em uma ‘mescla de espanhol e inglês’. É nos sonhos que ela revela o que quer dizer, quem ela é o que sente: uma identidade em *sentimento*”. Da mesma forma que Esmeralda Santiago, vários imigrantes participaram de estudos que, grosso modo, utilizando as narrativas de suas histórias de vida, levantaram e analisaram aspectos culturais e linguísticos (CARRIKER, 1998; SILVA, 2007; SILVA, 2010). O tema, foco deste estudo, tem tido destaque porque é sabido que as identidades nacionais não são objetos que possuímos ao nascermos, mas são formadas e transformadas dentro da relação e em relação à representação que é afirmada e reforçada pela língua. Sendo assim, ao darmos vozes aos imigrantes, através dos relatos de suas histórias de vida, pode-se perceber uma rica fonte de pesquisa sobre língua, cultura e identidade, pois das narrativas sobressaem importantes aspectos linguísticos, históricos e socioeconômicos que nos fazem compreender não somente tempos remotos,

mas situações atuais. Segundo Queiroz (1998), narrar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e é por meio das narrativas que os indivíduos dão sentido a suas vidas. Elas estão presentes em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade e tudo o que é narrado contribui para que se possa compreender a realidade de determinado grupo e todos os aspectos linguísticos e culturais que permeiam esta realidade. Como pesquisadora e professora de línguas, compreendo que estudos desta natureza, além de ofertarem uma compreensão sociolinguística e cultural de pessoas em situação de imigração e subsídios que auxiliam na busca do respeito e valorização da diversidade; tais estudos podem colaborar para que haja uma compreensão do Eu e do Outro rompendo, desta maneira, possíveis barreiras etnocêntricas que dificultam ou podem impedir uma interação dialógica entre os indivíduos auxiliando, desta forma, no processo de ensino e aprendizagem de línguas.

## **BIBLIOGRAFIA**

CARRIKER, M. K. **(RE)construção de identidade em narrativas na primeira pessoa: casos de bilíngues.** (1998). Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, São Paulo.

CUNHA, M. J. C. (Org.). **Migração e identidade: olhares sobre o tema.** São Paulo: Centauro, 2007.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. L. (Org.). **Experimentos com histórias de vida.** Itália-Brasil. São Paulo: Vértice. Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

SILVA, S. S. **Alemão, uma língua em desuso: relatos de remanescentes da Colônia do Rio de Uvá.** (2007). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SILVA, A. G. **Recortes interculturais: percepções de uma comunidade bilíngue acerca das línguas e culturas norte-americana e brasileira.** (2010). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

### **3.2. A PESQUISA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA PRÁTICA AVALIADA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA.**

Silvair Félix dos Santos  
Universidade Estadual de Goiás

A experiência vivenciada por meio das atividades de formação de professor na docência da Educação Superior possibilita recuperar reflexões trabalhadas ao longo de um período dedicado ao ensinar-pesquisar nas salas de aulas. O processo de ensinar-pesquisar representa, na maioria das vezes, uma perspectiva quase que exclusivamente do docente, em relação às condições e às políticas destinadas ao ensino e à pesquisa. Este ambiente que prioriza ao ensino-pesquisa, com características “vanguardistas”, oportuniza algumas atividades de ensino-aprendizagem que podem recuperar uma análise da relação entre docentes e discentes a partir da necessidade de se estabelecer a cultura da pesquisa como práticas acadêmicas de aprendizagens para esses sujeitos envolvidos. André (2006) faz uma reflexão sobre o “ensinar a pesquisar” numa perspectiva de “como” e “para quê”? Ela retrata aspectos obscuros sobre os discursos presentes nas propostas que envolvem a pesquisa na docência da educação superior, assim como, aqueles que envolvem o “quê” se busca em propostas com a pesquisa, o “como” e os “quais” contextos e as condições para desenvolvê-las. No entanto, Castanho (2007) considera outros aspectos sobre a pesquisa, em que estão inseridos o contexto macroestrutural envolvendo questões econômicas globalizadas, de segurança, de cultura e de ciências. Dialogando com as autoras anteriormente citadas, Chizzotti (2002) trata especificamente dos aspectos metodológicos do ensino superior a partir de pressupostos voltados à pesquisa como um instrumento de ensino, e como atividades cotidianas como uma forma de sistematização do conhecimento. Por outro lado, Cunha (1992) analisa questões sobre a pesquisa qualitativa e a didática propondo um emparelhamento em que se redefine o objeto da didática em relação à metodologia da pesquisa qualitativa e a metodologia didática (reconstruída). As questões de educação, emancipação e pesquisa são tratadas por Jantsch (2008) como sendo os espaços em que se constituem os fundamentos epistemológicos-políticos para uma produção de conhecimento crítico. E o contexto e a influência das diferentes tendências pedagógicas na história da educação brasileira são considerados por Quixadá Viana (2004) que coloca ainda outras questões para uma reflexão sobre a identidade do professor diante de um sistema educacional dual, de uma sociedade classista e do papel da pesquisa crítica e contextualizada com o processo de transformação social. Os caminhos encontrados nessa reflexão, seja de forma teórica ou empírica, são respostas parciais e incompletas que possibilitam muitas leituras. A pesquisa

na educação superior, ao mesmo tempo que se configura como uma verdade já consolidada, também aparece como um longo caminho a ser percorrido pela docência da Educação Superior. Pois, no caso avaliado no processo de formação de professores na Universidade Estadual de Goiás, ficam mais indagações que resoluções. Consideramos que todo profissional-professor precisa se perceber onde ele se encontra e com quais ferramentas pode contar. Ainda precisa saber aonde ele quer chegar. Entendemos, porém, que antes de ir a campo, os professores necessitam se perceberem diante de outros discursos e de outras experiências, e ainda procurarem dialogar com essas experiências para poderem parametrizar os valores em disputa na sociedade em que se vive. A partir desse contexto de diálogo e de reflexão, entendemos que o processo de amadurecimento também será necessário em suas empírias profissionais. No entanto, ficam outras questões, como por exemplo, como contribuir para que os licenciandos compreenda que a validação de seus esforços só vale a pena se eles se colocarem como sujeitos ativos e críticos nesse processo? No entanto, como ponto de reflexão, entende-se que dentre as várias indagações, o papel didático no ensino-pesquisa possibilita melhor alcance para um sujeito autônomo, livre e emancipado. Pois, esse sujeito pode adquirir maior capacidade de reflexão e de aperfeiçoamento sobre a sua própria prática profissional com muito menor dependência do poder sociopolítico e econômico. Nessa perspectiva, a formação docente deve ser feita por meio de um *continuum* de experiências vivenciadas, propiciando uma formação que alie ensino-pesquisa, vivência-prática e compromisso social na resolução de problemas. Neste aspecto, a pesquisa torna-se um núcleo articulador de produção de conhecimento e de atitude crítica-reflexiva para a investigação da prática docente.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Ensinar a pesquisar: como e para quê? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Lições de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 123-134.

CARVALHO, Carlos William de. AZEVEDO Ivana Alves Monnerat de. **Relatório de Avaliação Interna da Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas**. Comissão Própria de Avaliação (CPA) – Universidade Estadual de Goiás, 2013, 126 p.

CASTANHO, Maria Eugênia. Pesquisa em pedagogia universitária. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas, SP: Papyrus, 2007. p. 63-73

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sergio; CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002. p. 103-112.

CUNHA, Maria Isabel da. A pesquisa qualitativa e a didática. In: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales (Org.). **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1992. p.99-108.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Graciano Barbachan. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2004.

JANTSCH, Ari Paulo. **Educação, emancipação e os desafios da pesquisa**. Congresso Internacional de Filosofia da Educação de Países da Comunidade de Língua Portuguesa, 2008. 1. Disponível na internet.

QUIXADÁ VIANA, Cleide M. Q. A identidade do professor e o papel da pesquisa no fazer docente. In: QUIXADÁ VIANA, Cleide M. Q. et. al. **Didática**. Fortaleza: Ed. UECE, 2004. p. 33-42

### **3.3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS DO CENTRO DE IDIOMAS DA UNUCSEH**

Ricardo Wobeto  
Universidade Estadual de Goiás – UnUCSEH

A interação, no contexto do ensino e aprendizagem de língua estrangeira (doravante LE), proporciona aos alunos oportunidades de trocas de informações e conhecimentos, assim como proporciona o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem. Esta também pode proporcionar ao aluno a oportunidade de ampliação do conhecimento linguístico (estruturas gramaticais, itens lexicais, expressões idiomáticas etc.) por intermédio da exposição aos discursos dos colegas, dos debates, da busca por soluções de problemas e por meio da produção de materiais escritos. O Centro de Idiomas da UNUCSEH é um Programa aportado pela Pró Reitoria de Extensão e tem se apresentado como uma ferramenta de mudança social por meio da realização de cursos em LE, principalmente em Língua Inglesa (doravante LI), realizando assim transformações sociais na comunidade externa e na comunidade acadêmica por meio de suas ações extensionistas que propiciam a qualificação e a capacitação de alunos interessados em aprender a LI. Os cursos de LI promovem a interação e o processo colaborativo entre os participantes dos cursos oferecidos. Ao analisar a interação entre aprendizes de LE, Swain (2000) evidenciou em suas pesquisas, um diálogo colaborativo, concebido como comportamento social que favorece a aprendizagem colaborativa. De acordo com Dillenbourg (1999, p. 2), “a aprendizagem colaborativa é uma situação na qual dois ou mais indivíduos aprendem [...] em conjunto”, proporcionando maneiras de maximizar a aquisição do conhecimento, por meio de atividades em pares ou em pequenos grupos de aprendizes. Estudos que se fundamentaram na teoria sociocultural de Vygotsky (SWAIN, 2000, WOBETO, 2012), analisaram interações entre alunos aprendizes de LE e constataram que os aprendizes lançam mão de estratégias mediadoras para negociar e, dessa forma, facilitar o cumprimento de atividades propostas em sala de aula, proporcionando o desenvolvimento linguístico entre esses alunos. Essas estratégias mediadoras do conhecimento, de acordo com Villamil e Guerrero (1996), podem se manifestar por intermédio das seguintes ferramentas: uso da L1; o uso de dicionários de LE; as conversas sobre a língua-alvo; as conversas sobre os procedimentos das atividades e a fala privada. O Centro de Idiomas por meio das ações extensionistas e de seus bolsistas monitores (extensão e permanência) tem se apresentado como ferramenta de impacto social por favorecer o processo de interação, colaboração e desenvolvimento

intelectual social por promover o aprendizado de LI tendo uma grande demanda social que busca a capacitação e o aprendizado de LI por meio do Centro de Idiomas.

## REFERÊNCIAS

CRANDALL, J. J. El aprendizaje cooperativo de idiomas y los factores afectivos. In: ARNOLD, J. (Ed.). **La dimensión afectiva en el aprendizaje de idiomas**. trad. Alejandro Valero. Edición española. Madrid: CUP, 2000. p.243-260.

DILLENBOURG, P. Introduction: What do you mean by “Collaborative Learning”? In: DILLENBOURG, P. (Ed.) **Collaborative Learning, Cognitive and Computational Approaches**. Amsterdam: Pergamon, Elsevier Science, 1999.

LONG, M.; PORTER, P. A. **Group work, Interlanguage Talk and Second Language Acquisition**. TESOL Quarterly, v. 19, n. 2, p. 207-228, 1985.

SWAIN, M. The output hypothesis and beyond: mediating acquisition through collaborative dialogue. In: LANTOLF, J. (Ed.). **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

VILLAMIL, O. S.; GUERRERO, M. C. M. de. Peer Revision in the L2 Classroom: Social Cognitive Activities, Mediating Strategies, and Aspects of Social Behavior. **Journal of Second Language Writing**, v. 5, p. 51-75, 1996.

WOBETO, Ricardo. **Produção colaborativa de textos escritos em língua inglesa: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da UFG, 2012.

### 3.4. DESLOCAMENTOS, ERRÂNCIAS E VIOLÊNCIA NA CIDADE: UMA LEITURA DA OBRA ROMANESCA DE CHICO BUARQUE

Ewerton de Freitas Ignácio  
Universidade Estadual de Goiás - UnUCSEH

É possível observar, no conjunto da obra romanesca de Chico Buarque, uma cuidadosa representação das experiências urbanas vivenciadas por suas personagens. Desse modo é que, em que, em *Benjamin* (1995), o protagonista que dá nome ao livro vive a opressão de, em seu presente, encontrar-se dividido entre o seu passado e o seu presente em meio a um cenário citadino alheio e incompreensível. Também José Costa, em *Budapeste* (2003), divide-se entre os espaços citadinos do Rio de Janeiro e de Budapeste, chegando, mesmo, a realizar uma espécie de cartografia emocional desses/nesses dois espaços, na medida em que o processo deambulatório que leva a termo, em ambas as cidades, ocorre de forma paralela às voltas sentimentais que perfaz em seu próprio interior. Já em seu último romance, *Leite derramado* (2009), as recordações de Eulálio se inserem num Rio de Janeiro cujo tempo-espaço lhe emoldura as ações e lhe oferece os contornos que configuram sua existência triste e as situações e fatos que, de maneira nítida e depois brumosa, ele rememora. No contexto narrativo de *Estorvo* (1991) não é diferente, uma vez que se tem, aí, o retrato de cenas que se desenrolam tanto pelas ruas de uma grande e inominada cidade quanto por seus arrabaldes, nos momentos em que o protagonista sai da urbe imensa em direção à propriedade rural de sua família. Essas figurações da experiência urbana na prosa de Chico Buarque, longe de aproximar os seres e o contexto citadino à sua volta, desvelam aspectos de várias vivências balizadas por questões como a solidão, a ausência de uma total comunicabilidade entre o homem e seus pares, o sentimento de desnorтеio, a ausência de sólidas referências familiares, questões que, em seu conjunto, conduzem a uma constante busca por um local de aprazimento e de descanso que jamais é encontrado, já que as cidades criadas pelo autor de *Fazenda modelo* constituem espaços ambíguos, múltiplos, em que não surge espaço para a plena realização individual. Partindo dessas considerações e embasados em estudos de Gomes (1994), Ignácio (2010), Mumford (2004), dentre outros, nosso objetivo neste trabalho tem sido compreender como parte da prosa contemporânea de Chico Buarque tem representado o espaço urbano em sua faceta pós-moderna, bem como averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbana individual. Para isso, temos investigado a maneira pela qual a prosa literária brasileira tem dialogado, na atualidade, com aspectos que permeiam e configuram a nova realidade urbana das megacidades (PRYSTHON e CARRERO, 2004) e buscado evidenciar que se tem, na prosa romanesca de Chico Buarque, o retrato

da experiência urbana de indivíduos que, cada vez mais, são menos senhores de si mesmos e de suas vidas em meio a um espaço citadino cuja configuração, paradoxalmente, veicula informações e confunde seus habitantes.

## REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Benjamin**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estorvo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada**: campo e cidade na literatura brasileira.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Trad. Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PRYSTHON, Ângela e CARRERO, Rodrigo. Atalhos na pós-metrópole: acaso, incomunicabilidade e melancolia em três filmes americanos dos anos 90. **Contemporânea**, vol. 2 n., 2. p. 169-188. Dez. 2004.

### 3.5. PAISAGENS URBANAS E DESLOCAMENTOS CIDADINOS EM *O CÉU DOS SUICIDAS* DE RICARDO LÍSIAS

Carlos Alberto O. Neiva Júnior  
Universidade Estadual de Goiás - UnUCSEH

Ricardo Lísius publicou *O céu dos suicidas* em 2012, obra que é objeto de nossa pesquisa. O enredo do romance retrata as peripécias pelas quais passa um especialista em coleções que é atormentado pelo remorso e pela culpa do suicídio de seu amigo André. Narrado em primeira pessoa (é possível que haja um traço autobiográfico, uma vez que a personagem apresenta o mesmo nome do autor), a obra é dividida em curtos capítulos, levando o leitor a procurar, junto da personagem, pelas respostas que não o deixam dormir. Numa viagem, tanto geográfica quanto psicológica, Ricardo revive os últimos momentos de André, isso faz com que ele tenha constantes momentos de raiva para com os clientes colecionadores, que nada sabem sobre a arte de colecionar, segundo ele. Um romance relativamente simples, sem muitos personagens e descrições destes, ou descrições dos locais por onde passam. Trabalha a ironia ao mesmo tempo em que afunda no sofrido passado do protagonista e seu melhor amigo, que se matou. Inicialmente, fizemos a leitura da ampla bibliografia sobre o tema cidade e literatura. Depois, voltamos nossa atenção para a análise do romance objeto de estudo do trabalho, qual seja *O céu dos suicidas* (LÍSIAS, 2012), tendo em vista o material teórico lido e a partir de algumas categorias de análise. Para isso, foi necessário reaproximar-nos do campo teórico da teoria literária, especialmente do conjunto das reflexões em torno da narrativa e suas particularidades (BAKTHIN, 1998; SANTOS, 2001). Apoiados nos estudos de Gomes (1994) e Ignácio (2010) sobre as relações de espaço urbano com a literatura e os estudos de Richard Sennett (2003) sobre a cidade descrita através do corpo humano, faremos uma análise dos elementos emocionais do protagonista e sua relação com as cidades por onde passa. Essa comparação levará à compreensão dos ataques frequentes de raiva do personagem principal, expressão simbólica da violência urbana e do medo constante, tal como aponta Zygmunt Bauman (2009). Esse estudo contribuirá para uma maior compreensão da representação da violência urbana na literatura brasileira. Além de lançar maior luz, nos estudos literários, sobre este romance contemporâneo pouco estudado.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Makhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Trad. Diogo Mainard. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, Renato Cordeiro. Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna?. **Alceu.** V. 1. n. 1. jul/dez 2000. p. 64-74.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira.**
- LÍSIAS, Ricardo. **O céu dos suicidas.** São Paulo: Objetiva, 2012.
- ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

### 3.6. DESLOCAMENTOS E ERRÂNCIAS NA CIDADE: UMA LEITURA DE *O PASSAGEIRO*, DE CESÁRIO MELLO FRANCO

Larissa Ferreira de Souza

Narram-se em *O passageiro: segredos de adulto* (2007), romance de Cesário Mello Franco, os acontecimentos de uma personagem adolescente, um rapaz de classe alta, chamado Antonio Berlinsky, que vive na cidade do Rio de Janeiro. A obra é narrada em primeira pessoa, e o narrador-protagonista é um típico adolescente de 16 anos, com os hormônios à flor da pele e os embates com os pais se fazendo notar a todo o momento. Sob a ótica adolescente tudo se torna exagerado. Em sua mente, a vontade de mudar o mundo se contradiz com a vida que leva. Fã da Revolução Socialista, de documentários sobre a contracultura, da Comuna de Paris, do festival de Woodstock, Antonio vive em um apartamento de luxo na Avenida Vieira Souto, zona nobre do Rio de Janeiro. Logo após a morte brutal do pai, Antonio dá início à sua empreitada de descobrir mais sobre o progenitor, inclusive quem o assassinou. Partindo dessas considerações e amparados em estudos de Gomes (1994), Ignácio (2010), dentre outros, objetivamos analisar como parte da prosa contemporânea de Cesário Mello Franco tem representado o espaço urbano, bem como averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbana individual, uma experiência cada vez mais pautada pela violência e pelos desencontros e vazios humanos. No primeiro momento desta pesquisa, foi feito um levantamento, leitura e análise de bibliografia ampla sobre o tema cidade e literatura, bem como da obra que trata da vida e obra de Cesário de Mello Franco. Os resultados alcançados foram os seguintes: a primeira atividade cumprida foi a leitura do livro *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. (1994) de Renato Cordeiro e do artigo “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade” (2002) de autoria de Tânia Pellegrini, indicações do orientador. Depois foi realizada a leitura do livro escrito pelo orientador, *Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira* (2010) e do livro a ser analisado *O passageiro: segredos de adulto* (2007) de Cesário Mello Franco juntamente com a biografia do autor. Foram realizadas nos primeiros meses as leituras de alguns artigos e livros como: *Cidades Invisíveis* (2003) de Ítalo Calvino, *O romantismo no Brasil* (2002) de Antonio Candido, *O que é cidade* (1995) de Raquel Rolnik e *Confiança e medo na cidade* (2009) de Zygmunt Bauman. Nos meses seguintes foram lidos diversos artigos, como os de Renato Cordeiro Gomes, “Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura” (1997) e “Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna?” (2000). E mais três obras que vieram a acrescentar o conhecimento nesse processo de pesquisa, *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual* (2003) de Zygmunt Bauman. *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) de Osman Lins

e O tempo na narrativa (1995) de Benedito Nunes. Esses artigos e obras foram de suma importância na elaboração do artigo referente a essa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainard. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- FRANCO, Cesário de Mello. **O passageiro: segredos de adulto**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias Urbanas: Representações da Cidade na Literatura. **Revista Semear**, PUC Rio, v. 1, nov. 1997.
- GOMES, Renato Cordeiro. Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna? **Revista ALCEU**, v.1, n.1, p. 64 a 74, jul./dez. 2000.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira**. Anápolis: UEG, 2010.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanescos**. São Paulo: Ática, 1976.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

### 3.7. OPORTUNIDADES DE PRÁTICA DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE JOGOS ELETRÔNICOS E DE TABULEIROS

Cláudio Henrique Costa Bueno<sup>1</sup>

Prof<sup>o</sup> Dra Barbra Sabota<sup>2</sup>

Esta comunicação pretende expor o recente desenvolvimento de pesquisas científicas relacionadas às atividades lúdicas, a contribuição de novas tecnologias para o processo educacional, incluindo os jogos eletrônicos e de tabuleiro, as características motivacionais desses jogos e as possibilidades de produção de material didático que constituem alternativas importantes para o processo de ensino – aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial o da língua inglesa. Os jogos exercem um papel muito importante na vida social e cultural do homem, desde os tempos antigos (ARAÚJO, 2011). Aprender se divertindo também é uma maneira atrativa de despertar interesse dos alunos de ensino fundamental e médio, visto que já o uso de jogos na educação tem mostrado resultados eficazes como auxiliares no processo de aprendizagem e socialização (ARAÚJO, 2011; PINHEIRO, 2007). O jogo pode potencializar as habilidades de trato e convívio social e auxiliar no entendimento de regras e negociação de significados, portanto tem sido reconhecido com auxiliar no desenvolvimento não apenas cognitivo como social (VYGOTSKY, 1935/1998). Prensky (2006) e Glee (2004), dizem que o ser humano apresenta um grande potencial para aprendizado de língua durante uma ação desde que ela envolva atenção e colaboração, essas são premissas atendidas pelos jogos, quer eletrônicos ou tradicionais, como os de tabuleiros, por exemplo. Os jogos podem ser um grande recurso e além de trabalhar o lúdico nas aulas, tem grandes influências, portanto propõe uma maneira mais interativa de se apreender uma língua estrangeira, não desfavorecendo o papel e o livro, que foram grandes revolucionários das práticas educacionais (PAIVA e BRAGA, 2008). No entanto os jogos por terem uma abordagem diferente trabalham também performances e potenciais, além de ampliar habilidades de diversas áreas do conhecimento como: conhecimento esquemático (Perfil, Quest, Cara a cara), matemática (Banco Imobiliário), mnemônica (jogos de memória), estratégias (War, Twister dance), comunicação e expressão (Scrabble, Pictureka, Imagem e Ação). Esses jogos, se adaptados para o trabalho em aula de língua estrangeira, podem favorecer o desenvolvimento dessas

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras da UnUCSEH- UEG. Professor de Inglês como língua estrangeira em Escolas de Línguas, Escolas regulares (estagiário). Também palestrante da oficina. Enel 2014

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da UnUCSEH- UEG, orientadora no projeto de pesquisa “Teaching beyond coursebooks” que inspirou esta comunicação.

habilidades associados à prática de língua estrangeira. Mais recentemente, estudos têm sido desenvolvidos para investigar os benefícios do uso de jogos eletrônicos, sobretudo os que utilizam o CALL Aberto (CALL-Computer Assisted Language Learning - em português a Assistência do Computador no Aprendizado de Línguas), que também vem sendo um auxílio e facilitando no processo de aprendizagem de Língua Estrangeira. O CALL Aberto favorece a prática de inglês por meio de Simulações, Jogos e Atividades e práticas de exercícios em geral como os websites. Sabendo que um dos pontos importantes a citar no aprendizado de Línguas por meio de Jogos Eletrônicos é o foco da prática abordada para ensino, seja ela repetição de palavras, estrangeirismos da língua na comunicação on-line entre um jogador (player) e outro, uso do listening (processo de ouvir as palavras quando se joga um jogo), a comunicação visual também entre palavras e figuras como um puzzle, por exemplo, (jogo onde os participantes tem que enviar as resposta por inglês por uma espécie de cruzadinha (Intercalação entre as palavras), os RPGS (roleplaying-games) onde propõe uma interação maior entre o jogador e o seu avatar (boneco), deixando o mais vivo, os aplicativos de celulares como (Pou, Babel, perguntando), os jogos de videogame (seja por meio de uma tradução simultânea ou prática de repetição e memorização de leituras), e os websites, famosos por aprendizado de línguas estrangeiras. Também quando falamos por aprendizado de Línguas por meio de jogos, devemos considerar que, “Os jogadores são capazes de conversar por horas e minutos, fortalecendo também a prática de comunicação em língua de um jogador para o outro” (GEE, 2004), e que também o jogador pode ampliar ou modificar a linguagem externa de um jogo (idioma para o aprendizado de língua. Muitos dos jogos disponíveis, como os já mencionados, requerem um grau de leitura avançado, pois principalmente na área de Inglês, ele nem sempre vem com uma tradução simples e um vocabulário às vezes mais complexo. Este um ponto favorável ao seu uso em aulas de inglês pois gera a necessidade da aprendizagem da língua e pode acentuar também o interesse do aluno em conseguir efetuar algumas tarefas sozinho, nesse sentido, os jogos podem favorecer o desenvolvimento da autonomia e da motivação. Autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, sujeito a restrições internas e externas. Ela se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula. (PAIVA 2006, p-88 a 89) Motivação é a intensidade do jogo e o seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. (HUIZINGA 1996, p. 5) Isto também é uma forma do professor, estudante e interessados no ensino de Língua Estrangeira repensar a prática de ensino e aprendizagem de línguas. A maioria das pessoas consideram os jogos como perda de tempo, ou uma prática desnecessária, mas poucos param para avaliar o seu potencial,

pois há uma grande possibilidade de se apreender Inglês com os games, além de linguagem rápida e sempre atualizada, os jogos falam e ensinam várias áreas de inúmeros assuntos (sexo, violência, amor, missões, decisões, vocabulários, futebol etc.) trazendo também uma visão mais ampla, mostrando ao aluno práticas e a abordagem dos assuntos que podem ser utilizados durante um jogo, seja ele interativo com outro jogador ou não, seja um online game ou um simples jogo de tabuleiro, lembrando-se que ninguém joga sozinho, incentivando a prática e aquisição de língua por mais de um jogador ao mesmo tempo. É um tema onde há muito a ser pesquisado e abordado, mas aqui está uma pequena explanação das principais técnicas e vantagens do ensino de língua por meio de jogos, sendo um trabalho ainda inicial com grande potencial de pesquisas e fundamentações, pois há muitos segredos que esta área ainda aborda, principalmente no mundo virtual e que a demanda de jogos aumentam muito, sempre com novas práticas e novas metodologias a serem discutidas e abordadas, também levando a discentes e docentes, professores e pesquisadores, internautas e gamers (viciados em Jogos), a repensarem sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, K.T.. Os jogos e a educação. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano V. No 09, jul./dez. 2011. Disponível em [http://www.unifil.br/portal/servicos/publicacoes/revista\\_eletronica\\_de\\_educacao/revista\\_eletronica\\_de\\_educacao\\_ano\\_iv\\_n8\\_janjun\\_2011/conteudo.asp?cod=413](http://www.unifil.br/portal/servicos/publicacoes/revista_eletronica_de_educacao/revista_eletronica_de_educacao_ano_iv_n8_janjun_2011/conteudo.asp?cod=413). Acesso em 16 jun. 2014.
- GEE, J. P. What vídeo games have to teach us about Learning and Literacy. New York: Pallgrave Macmillan, 2013.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PRENSKY, M. Don't bother me man- I'm learnign- Minnesota: Paragon House, 2006.
- PAIVA, V. L. M. O. Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração. In: TRAVAGLIA, L.C. **Encontro na Linguagem** : estudos lingüísticos e literários. Uberlândia: UFU, 2006.p.127-154
- PAIVA, V. L. M. O.; BRAGA, Junia. C. F. The complex nature of autonomy. **DELTA** [online]. 2008, vol.24, n.spe, p. 441-468. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/textos.htm>. Acesso em 25 de abr. 2008.
- PINHEIRO, R. F. H. Um olhar do brinquedo numa perspectiva vigotskiana. **Revista da ABPp**. Fevereiro 2007. Disponível em <http://www.abpp.com.br/artigos/73.htm>. Acesso em 16 jun. 2014.
- VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: Vygotsky, Lev. S. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1935/1998.

## 4. TRABALHOS DO MIELT

#### 4.1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: UM ESTUDO A PARTIR DO CENTRO DE INSERÇÃO SOCIAL DE GOIANÉSIA-GO

Nilda Gonçalves Vieira Santiago  
Mestranda do MIELT-UEG  
nildagoncalves@ibest.com.br

Jorge Manoel Adão  
Professor orientador do MIELT-UEG  
jorgeadao@Yahoo.com.br

O projeto em questão traz como **delimitação do tema** a Educação de Jovens e Adultos em privação de liberdade, tendo como referência o Centro de Inserção Social (CIS) de Goianésia. Especificamente esse projeto quer saber se as práticas educativas, o acompanhamento pedagógico e os planejamentos utilizados estão coerentes com uma proposta de educação emancipadora que promova a autonomia e inclusão de pessoas que estão à margem da sociedade. O **problema** que norteia a pesquisa é: as práticas educativas empreendidas no Centro de Inserção Social (CIS) de Goianésia tem conseguido articular uma educação condizente com a proposta de reinserção social de jovens e adultos privados de liberdade? O estudo proposto contribuirá para uma compreensão do papel do Centro de Inserção Social e das práticas educativas empreendidas, analisando o significado da educação ofertada no presídio para uma reintegração social dos jovens e adultos em privação de liberdade. Dessa forma o projeto tem como **objetivo geral** analisar se a prática educativa aplicada no Centro de Inserção Social de Goianésia-GO, tem cumprido a finalidade de reintegração de jovens e adultos detidos. Parte-se do pressuposto que a educação é um importante meio de formação humana e cidadã, pois segundo Gadotti (2010), a educação é necessária para o exercício da cidadania, para o trabalho, para tornar as pessoas mais autônomas e mais felizes, sendo importante para a conquista da liberdade individual e coletiva. Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos sob custódia, torna-se importante por exigir uma perspectiva diferenciada, de uma educação voltada não mais para a marginalização e exclusão, como se tem percebido ao longo da história, mas uma educação que promova a inclusão e a reinserção social. Assim os **objetivos específicos** que direcionam a pesquisa são: a- identificar quais práticas educativas são priorizadas no Centro de Inserção Social de Goianésia, verificando se há acompanhamento pedagógico, condizente com a didática voltada para jovens e adultos privados de liberdade. b- analisar as concepções de educação e de escolarização apresentadas pelos alunos privados de liberdade, identificando suas expectativas de reinserção social e profissional. c- evidenciar a importância da

educação enquanto instrumento de reabilitação e reinserção social dos apenados. Para efetivação desse projeto é usado como **metodologia** a pesquisa qualitativa, realizada a partir de revisão bibliográfica, visando a fundamentação das ideias apresentadas, análise documental, que terá como foco os planejamentos dos professores e relatórios ou outros documentos dos coordenadores pedagógicos e pesquisa de campo no Centro de Inserção Social, onde serão observadas algumas aulas, pretendendo uma análise das práticas educativas. Para as observações exige-se uma responsabilidade e um cuidado muito grande, tendo em vista que os sujeitos envolvidos no processo precisam confiar no observador, como destaca Lüdke e André (1986). São realizadas entrevistas com professores, coordenadores pedagógicos, agentes prisionais, gestores da escola e do Centro de Inserção e com jovens e adultos do sistema prisional de Goianésia, por meio de questionários e entrevista semi-estruturada. “A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados” (LÜDKE; ANDRÉ, p. 33, 1986) garantindo a captação de informações relevantes que podem ser analisadas e relacionadas com os dados obtidos em outras técnicas de coleta. Como **referencial teórico** para essa pesquisa são utilizadas as contribuições de alguns autores como: Foucault (1987), Julião (2007), Maia (2009), Onofre (2007), Silva (2007), Arroyo (2005, 2006), Libâneo (1994, 2005, 2012), Silva (2009), Teixeira (2007), Paiva (2007), Canen (2013), Gadotti (1992), entre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GADOTTI, Moacir. Educação como direito. In: YAMAMOTO, Aline (Org.). et al. **Cereja Discute: Educação em prisões**. São Paulo: AlfaSol/Cereja, 2010.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. (orgs.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

## 4.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A DIVERSIDADE NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Flávia Karla Soares  
(MIELT/UEG)<sup>1</sup>

Marlene Barbosa de Freitas Reis  
(MIELT/UEG)<sup>2</sup>

A criança, considerada como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produz cultura, se estabelece no seu direito de educação mediado por leis que garantem sua aplicabilidade. Desse modo, faz-se pertinente refletir sobre os conceitos de educação infantil e em que medida a diversidade está contemplada no processo de ensino aprendizagem, tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil (2009). **A proposta pedagógica e diversidade nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - Resolução 5 de 17 de dezembro de 2009.** Com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, expresso na Constituição Brasileira de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. As DCNs para a Educação Infantil (2009, p.12), define que a educação infantil se constitui:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

---

<sup>1</sup> Mestranda do MIELT – UEG. Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Docente na Universidade Estadual de Goiás-Pires do Rio. E mail: fkarlak@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora. Pedagoga pela UFG. Especialista em Planejamento Educacional pela Salgado de Oliveira. Mestre em Educação pela Universidade de Havana - Cuba. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Docente permanente no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia e no curso de Pedagogia da UEG – Inhumas. e-mail: [marlenebfreis@hotmail.com](mailto:marlenebfreis@hotmail.com)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil promulgada através da Resolução 5, de 17 de dezembro de 2009, enfatizou princípios, critérios e fundamentos a fim de organizar e estabelecer propostas pedagógicas para a educação infantil. Enfatiza, sobretudo, a meta do trabalho pedagógico de apoiar as crianças, desde cedo e ao longo de todas as suas experiências cotidianas, no estabelecimento de uma relação positiva com a instituição educacional, no fortalecimento de sua autoestima, e na aceitação e acolhimento das diferenças entre as pessoas. O item 8 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) que ressalta a importância da diversidade para:

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

Dessa forma, o ponto de partida para trabalhar a diversidade se dá através das interações entre o sujeito e o outro gerando aprendizagens significativas através de experiências vividas e compartilhadas vivenciando as diferenças. Para Reis (2013, p. 75):

O termo diversidade é bastante amplo e não se caracteriza em um único modo de termo compreensão e muito menos de aplicação. Ao buscarmos o significado do termo como um substantivo, deparamos com “diferença, dessemelhança, variedade, diversidade de objetos, divergência, oposição, contradição, diversidade de opiniões”. Tem como sinônimos os termos heterogeneidade, pluralidade, variação, variedade.

Contudo, a educação para a diversidade se faz presente nas escolas e demanda que os professores devem externar seu conhecimento e sua experiência aos alunos desde sua formação inicial para viver além da diversidade, no e para o respeito ao outro.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 5 de 17 de dezembro de 2009**.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.
- \_\_\_\_\_. **LEI n.º 9394, de 20.12.96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, in Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96. Reformas Educacionais. n. 9. Belo Horizonte.
- REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Política Pública, Diversidade e Formação Docente: Uma Interface Possível**. 2013. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2014.

### **4.3. A IMPLEMENTAÇÃO E USO DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO ÂMBITO PROINFÂNCIA**

Emanoela Celestino Almeida Ramos  
SME/Anápolis e MIELT/UEG

Daniela da Costa Britto Pereira Lima  
MIELT/UEG e UFG

Esta pesquisa, intitulada “A implementação e uso do laboratório de informática nos Centros de Educação Infantil do âmbito Proinfância”, está sendo desenvolvida em Anápolis (GO) e tem como objetivo perceber os impactos da implementação de laboratórios de informática atrelados a uma política pública denominada Programa Nacional de Reestruturação e Aparentagem da Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância) nesse município. Reconhecer a criança enquanto sujeito, e a partir daí estabelecer políticas públicas voltadas para a infância, é algo recente na história do nosso país. Com certeza, o olhar cuidadoso para a criança teve real início na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/1996, quando se assegurou à Educação Infantil o direito constitucional das crianças e ainda à primeira etapa da educação básica. Com isso, a Educação Infantil antes estigmatizada por uma história vinculada à guarda, custódia e cuidados das crianças, passa a pertencer ao setor educacional (com uma proposta não escolarizante em que se privilegia as interações e processos de socialização mediado pelo educar e cuidar), promovendo, conseqüentemente a isso, novos desafios para a profissionalização docente e setores da administração pública educacional. Concomitante com essa mudança de paradigmas na Educação Infantil, temos o contexto das novas tecnologias, que se insere no espaço educacional como aliadas na prática docente, e ainda como necessárias à democratização dos meios de produção e veiculação de informações, bem como fortalecimento dos processos democráticos (GOMES, 2004). Dessa forma, a tecnologia na Educação Infantil surge como articuladora de novas possibilidades, não apenas com o uso e acesso ao computador, mas indo além da tecnologia e produzindo novas aprendizagens. A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, com caráter exploratório e bibliográfico, e está sendo orientada pela estratégia da triangulação (AZEVEDO, 2013) entre a teoria estudada, a legislação que rege a política implementada e a coleta dos dados. No que diz respeito ao referencial teórico, têm sido importantes, neste primeiro momento, as reflexões de Barbosa (1999), Folque (2011) e Toschi e Anderi (2013). A coleta dos dados será feita junto à Secretaria Municipal de Educação, onde serão realizadas entrevistas

semiestruturadas com os gestores municipais e equipe gestora dos Centros de Educação Infantil conveniados ao Proinfância da rede municipal de ensino de Anápolis (GO), e ainda por meio de levantamento bibliográfico. Analisar os limites e potencialidades da implementação e uso dos laboratórios de informática nos Centros de Educação Infantil que são vinculados ao Proinfância é uma reflexão instigada pela forma como essa recente política pública, que institui espaços planejados para atender à Educação Infantil, tem repercutido nas práticas pedagógicas, bem como na gestão desses Centros.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco et al. **A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo**, 2013. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq\\_2013/2013\\_EnEPQ5.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2014

BARBOSA, Ivone G. **A Creche: histórias e pressupostos de sua organização**. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação / Programa Nacional de Reestruturação e Aparentagem da Rede Escolar Pública de Educação Infantil, 2010**. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-apresentacao>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

FOLQUE, Maria da Assunção. Educação Infantil, Tecnologia e Cultura. **Pátio Educação Infantil - “Infância e Cibercultura - Como educar a geração que já nasceu no mundo digital”**. Ano IX N° 28 Jul/Set – 2011.

GOMES, Luiz Guilherme. Comunicação e Educação: Da realidade midiática à construção do conhecimento. In: Ayvú-etã Comunicação e Projetos. **Todos os Contos – Verificação do imaginário infanto-juvenil: uma experiência de educomunicação**. Goiânia: Ed. Kelps, 2004.

TOSCHI, Mirza Seabra. ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. **Leitura na tela dos computadores**. Disponível em: <[http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original\\_1.4\\_73.pdf](http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_1.4_73.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2013.

#### 4.4. A LITERATURA NA TELA: ACIBERLITERATURA E A LEITURA.

Nara Rúbia G. D Xavier <sup>1</sup>

Nismária Alves David <sup>2</sup>

A observação de que o aluno do século XXI não se forma como leitor tornou-se senso comum entre professores e outros adultos, o que forma uma crise na leitura. A esse respeito, Filipouski (2006) comenta que a escola conduz o aluno a uma leitura automática; à espera de uma meta, de algo que pode ser diretamente localizado no texto-referência e decodificado pelo aluno-leitor, ao invés de conduzi-lo a uma leitura ativa, que valorize os alunos como sujeitos atuantes. O resultado disso é uma rejeição ao ato de ler, já que o estudante reconhece nessa tarefa uma atitude mecanicista que privilegia respostas às perguntas: o feito ao fazer. No contexto em que nos encontramos, entre e-books, tablets e iPads, a leitura ganha lugar em meio virtual, mas nem tudo o que atravessa a virtualidade é pensado para ele. O ato de transpor uma obra para o meio eletrônico não se trata de Ciberliteratura, por isso, faz-se necessário entender e estabelecer a relação que os “cibertextos” mantêm com a linguagem não-verbal e contemplar todos os recursos disponíveis para a sua criação. Por outro lado, os professores se veem diante de uma escola ainda tradicional, em que a leitura é vista como um exercício descontextualizado além de tecnologias de informação e comunicação estarem sendo subutilizadas, deixando assim de se explorar projetos de literatura digital, os quais podem se configurar como oportunidades para aproximar os estudantes da literatura. Ademais, e sem descartar os clássicos, é imprescindível que a escola atraia o aluno-leitor para a nova era da literatura, em especial para a Ciberliteratura, pois esta vem promovendo mudanças na história da leitura e destacando a função do leitor como “um leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo, como afirmou SANTAELLA (2004). Nessa perspectiva, Neitzel (2006) defende que a leitura por meio da Ciberliteratura pode ativar as percepções do leitor em relação ao texto literário, pois faz uso da imagem que, em muitos casos, vem acompanhada do som. Assim, a Ciberliteratura se torna uma importante ferramenta na construção do imaginário do sujeito porque “a possibilidade de pensar, agir, interagir e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT – da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [nararubi@ig.com.br](mailto:nararubi@ig.com.br)

<sup>2</sup> professora Orientadora do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT, da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [nisdavid@yahoo.com.br](mailto:nisdavid@yahoo.com.br)

intervir por meio de imagens garante as condições estruturais e estruturadoras para se construir formas de aprendizagem, conhecimento, comunicação que sejam intrínsecas à via figurativa” (MEIRA, 1999). Segundo Mourão (2001), a literatura gerada por computador “é uma literatura do fluxo, do instantâneo, do móvel, do universo, do interativo. A informática põe em causa, sobretudo, a componente material do signo, o que leva vários autores a falar de imaterialidade”. Esta, por sua vez, confere ao texto informático características que não se apresentam em nenhum outro suporte como o fato de ser móvel, instantâneo e interativo. Mais do que isso, a questão da hipertextualidade é traço constitutivo da literatura digital. Portanto, como a sociedade contemporânea tem sido marcada pela tecnologia, é importante que o professor reflita sobre sua atuação em sala de aula, a fim de identificar o lugar da literatura na formação do seu aluno-leitor.

## REFERÊNCIAS

MOURÃO, José Augusto. **A criação assistida por computador**. 2001. Disponível em: <http://www.triplov.com/creatio/mourao.html>.> Acesso em: set. 2013.

MEIRA, M. R. **Educação estética, arte e cultura do cotidiano**. In: PILLAR, A. D. (org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999

NEITZEL, Adair de Aguiar. **Ciberliteratura: arte ou armazém?** Revista Contrapontos, vol. 6, n. 2, mai/ago/2006.

SANTAELLA, Lucia. **Para compreender a Ciberliteratura**. Texto digital, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 229 – 240, jul./dez. 2012. ISSN: 1807-9288.

#### 4.5. A POÉTICA DOS AFETOS EM “UMA LEVE SIMETRIA” DE RAFAEL BÁN JACOBSEN

Edimar Pereira da SILVA<sup>1</sup>

Nismária Alves DAVID<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

Trata-se do estudo da poética no campo da afetividade, identificada na obra “Uma leve simetria” de Rafael Bán Jacobsen, com o objetivo de investigar as contribuições da obra, no viés da análise psicanalítica em Freud (2011) para uma reflexão que possibilite romper com os tabus e preconceitos, presentes na sociedade patriarcal, referente às questões ligadas à homoafetividade, assim como identificar a necessidade da utilização da arte literária e a renovação das formas de interpretação da realidade como ferramenta de debate ético, sobretudo no contexto de hegemonia cultural. Por meio de linguagem poética, vibrante, plena, com delicadeza, Jacobsen delinea a expressão dos sentimentos, materializando-os na concretude das palavras. Não se percebe hesitação na narrativa de Jacobsen ao abordar a temática do (homo) erotismo, Bataille (2004 p 26) acredita que o conhecimento do erotismo e da religião exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, da proibição e da transgressão. Nesse sentido, mesmo a temática do homoerotismo não sendo questão nova de discussão, continua por se configurar, de certa forma, transgressão dupla de valores engajados na religiosidade, um caminho que o autor percorre de maneira bela, e sensata, que a própria narrativa exige. Para o desenvolvimento da pesquisa que será de cunho de análise literária e revisão teórica, a partir da leitura de textos de orientação teórico-literária, por se tratar de um trabalho bibliográfico, em que se preconiza a utilização de livros, artigos, periódicos, sites da internet, a fim de se obter análise geral dos resultados. Acreditando que o texto literário oportuniza situações que facilitam a compreensão e referencial teórico, visamos esta pesquisa no método dedutivo e se dará a partir de uma pesquisa qualitativa, por meio de pesquisas sobre o tema que justifiquem, ou procurem meios de levar o leitor a compreender melhor obras que engrandecem ainda mais a leitura do romance. Este trabalho visa, portanto, compreender que no âmbito da poética dos afetos, o desvio da norma heterossexual, imposta como

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG), 75020-050, Anápolis – GO [edimar.silva@seduc.go.gov.br](mailto:edimar.silva@seduc.go.gov.br)

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora do curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias pela UEG, 75020-075, Anápolis, GO [nisdavid@yahoo.com.br](mailto:nisdavid@yahoo.com.br)

fundamento de uma sociedade patriarcal, eleva a capacidade simbólica que tem a literatura de construir e desconstruir discursos, conceitos e crenças, e assumir a responsabilidade representação social. Um dos resultados esperados seria, então, um recorte teórico de estudo resgate temáticas da afetividade e que procure envolver como se dá a questão do amor, em suas mais variadas modalidades, seja ele platônico, romântico, ultrarromântico, cortês ou até mesmo trágico, além de contribuir para ruptura dos tabus e atitudes consideradas preconceituosas, utilizando-se para tal análise, lâminas da psicanálise e da antropologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.

FREUD, S. **O mal-Estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Trad. Renato Zwick. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

JACOBSEN, Rafael Bán. **Uma leve simetria**. Porto Alegre: Não editora, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. – Lisboa: Ed 70, 2008.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PLATÃO. **O banquete**. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

#### **4.6. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE DAVID AUSUBEL**

Andréa Kochhann<sup>1</sup>

Ândrea Carla Machado de Moraes<sup>2</sup>

Elenaice Silva de Paula<sup>3</sup>

A temática que se apresenta compõe um projeto de extensão intitulado “Conhecendo a aprendizagem significativa na perspectiva de David Ausubel”, da Universidade Estadual de Goiás, da Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos. No intento de romper com visão cartesiana do ensino para o paradigma holístico, o projeto tem o intuito de divulgar e discutir a teoria por meio de rodas de conversa, debates, mesa redonda, dentre outras metodologias; com alunos de graduação e professores em geral. Atualmente está na sua segunda edição, de janeiro a dezembro de 2014. O projeto foi efetivado em 2013 depois dos resultados obtidos pelo projeto de pesquisa e da elaboração científica do trabalho de conclusão de curso de uma integrante do GEFOPÍ- Grupo de Estudos de Formação de Professores e Interdisciplinaridade. A partir de uma realidade encontrada no estágio supervisionado do curso de Pedagogia, surgiu o problema que norteou a então pesquisa sobre a necessidade de conceituação da aprendizagem significativa, levando a produção do trabalho de conclusão da integrante do grupo. A pesquisa foi registrada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, no período de 2011 a 2012, investigando os conceitos da temática e a postura do docente para viabilizar a aprendizagem significativa. Com a investigação descobriu-se que era uma temática pouco discutida e de pouca produção no Estado de Goiás, na área da educação. Com os resultados foi possível a elaboração de um manual didático-pedagógico discutindo a teoria com base nos resultados obtidos. Foram produzidos vários artigos, realizadas comunicações orais em eventos científicos e divulgação de trabalhos na internet. Também será lançado em breve pela gráfica da UEG o livro “A aprendizagem

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, especialista em Docência Universitária e Pedagoga. Pesquisadora e extensionista. Coordenadora do GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade e editora chefe da PAIDOS - Revista de Educação e Ensino. Professora Efetiva de Dedicção Exclusiva da UEG.

<sup>2</sup> Mestranda no MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia pela UEG-UnUCSEH de Anápolis-GO. Egressa do Curso de Pedagogia da UEG – UnU-São Luís de Montes Belos. Componente do GEFOPÍ - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da UEG - UnU-São Luís de Montes Belos. Componente do GEFOPÍ - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.

significativa na perspectiva de David Ausubel”. A discussão da teoria é alicerçada sobre como deve ser a postura do professor, fazendo com que os discentes aprendem significativamente. A aprendizagem significativa na concepção de Ausubel (1982) se fundamenta na linha cognitivista, visando explicar como ocorrem os mecanismos internos na mente do ser humano, quando se refere ao processo de ensino e aprendizagem, bem como acontece a estruturação do conhecimento em sua mente. Essa temática precisa ser discutida nos cursos de licenciatura e, principalmente de Pedagogia. Durante a realização das atividades do projeto de extensão discutimos os principais conceitos da teoria. Para Ausubel (1982) os conteúdos precisam ter sentido para a vida do estudante para que ele se predisponha a participar do processo de ensinagem. Dessa forma se distanciando da concepção cartesiana de ensino. Este projeto discute a temática por meio de rodas de conversa, debates, mesas redonda, conversas informais dentre outras metodologias que possam atender cada tipo de público. O público são acadêmicos dos cursos de licenciatura, professores e comunidade em geral. A professora orientadora e as acadêmicas bolsistas envolvidas no projeto conduzem a discussão nas apresentações. É aberta a participação dos presentes na discussão, pois inclusive essa é uma das defesas da teoria ausubeliana. O material utilizado e distribuído nas apresentações é o “Manual didático- pedagógico da aprendizagem significativa de David Paul Ausubel”. O referido projeto de extensão tem alcançado além da publicação de textos, a participação em vários eventos do Estado de Goiás. Foram realizados alguns encontros com professores, rodas de conversa em algumas faculdades, apresentações em simpósios e outros. O momento atual é de contatos para novas apresentações. Estamos em negociação com algumas unidades da UEG, e a medida que fecham as datas, o grupo organiza a programação de acordo com a metodologia e seleciona a equipe para representar o grupo. Devido as avaliações positivas nas atividades elaboramos uma carta proposta para apresentar na Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual de Goiás reivindicando a inserção da teoria de David Ausubel nos currículos dos cursos de Pedagogia. Esperamos que seja aceita a proposta.

## REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D.P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- KOCHHANN, Andréa e MORAES, Ândrea Carla. **Manual didático-pedagógico da aprendizagem significativa na perspectiva de David Paul Ausubel** Anápolis – GO: UEG, 2012.

#### 4.7. A PRESENÇA DO IDOSO NO UNIVERSO DIGITAL

Márcia Mendes Marquez de Oliveira  
(MIELT/UEG)

Mirza Seabra Toschi

Universidade Estadual de Goiás - (UnUCSEH)

*A Presença do Idoso no Universo Digital* é um Projeto de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás. O foco desta pesquisa é um estudo de caso em relação aos adultos e idosos que buscam formação nas oficinas de informática, no Centro Educacional de Convivência Juvenil Coronel Gaspar na cidade de Uruaçu em Goiás e objetiva analisar se as oficinas de informática ofertadas no Centro de Convivência têm contribuído para a elevação do nível de acesso ao computador e na solução de problemas que exijam os saberes tecnológicos do cotidiano do idoso. De forma mais específica o objetivo é compreender os motivos que levam o idoso a buscar as oficinas de informática no Centro de Educação e Convivência; identificar as práticas de leitura e escrita possibilitadas pela oficina e os benefícios no desenvolvimento comunicacional do idoso. O estudo objetiva ainda verificar se o cursista idoso tem conseguido realizar a interatividade digital nas oficinas; assim como reconhecer se as experiências de linguagem e conhecimentos que cada idoso traz em sua história de vida são aproveitadas nas oficinas, com vistas ao desenvolvimento de sua autonomia e consequente melhoria da sua inserção social. O objeto de estudo focado no idoso corresponde ao expressivo aumento de expectativa de vida da população, conforme dados do IBGE (2010). A pesquisa é relevante no sentido de expandir a oferta para outros espaços sociais, assim como reestruturar a proposta pedagógica das oficinas com o intuito de assegurar e promover a inclusão social e comunicacional do idoso por meio das TIC e meios digitais. Espera-se que ela sirva de referência para estudos posteriores sobre a inclusão digital no universo do idoso, assim como as intervenções, contribuir para a implantação de novas propostas pedagógicas. Para alcançar os objetivos elencados nesta pesquisa, será utilizada como metodologia a pesquisa-ação numa abordagem teórico-metodológica que possibilita e estimula a participação das pessoas envolvidas na pesquisa, ampliando o seu universo de respostas. As explicações para a problemática em estudo partem dos próprios participantes que se colocam no papel de investigador. Segundo Thiollent (2003), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para Franco (2005), a principal condição para ser pesquisa-ação crítica, é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual é possível extrair as perspectivas que sustentam as práticas e as mudanças necessárias para o sucesso coletivo. Para realização da pesquisa segue uma sequência da ação que corresponde ao planejamento, de uma mudança na prática, avaliação dos resultados, implementação, mudança na prática e investigação da produção de dados avaliação da mudança da prática e do processo de investigação – ação. A coleta de dados e interpretação posterior dos mesmos será realizada com a inserção do pesquisador no campo de pesquisa e o envolvimento direto com o público alvo e o contexto da pesquisa. Quanto a referência bibliográfica busca-se realizar a revisão teórica sobre o objeto de estudo. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e de material disponibilizado na Internet. Espera-se que como consequência desta pesquisa ocorra a melhoria da atuação dos profissionais que trabalham diretamente com o idoso nestas oficinas, quanto a sua formação profissional voltada ao atendimento a este público; resulte na apresentação em eventos, seminários, publicações, congressos, oportunizando mudanças nas relações do idoso com o meio digital, de modo a fortalecer as políticas e implementações de ações voltadas para o idoso.

#### 4.8. ATELIÊ DIGITAL, DO PINCEL AO MOUSE: ARTE COMPUTACIONAL NA ESCOLA, DESAFIOS, ENFRENTAMENTOS E SUBJETIVIDADES

Ana Cristina Luiza Souza<sup>1</sup>

Mestranda do MIELT-UEG. [crisufg@hotmail.com](mailto:crisufg@hotmail.com)

Maria Eugênia Curado<sup>2</sup>

Professora orientadora do MIELT-UEG [curadoeugenia@hotmail.com](mailto:curadoeugenia@hotmail.com)

O projeto em questão traz como **delimitação do tema** o uso de tecnologias contemporâneas no ensino de artes visuais, na segunda etapa do ensino fundamental, tendo como referência uma escola pública na cidade de Buriti Alegre-Go. Tal proposta configura-se na busca pela experiência artística do educando na produção de imagens a partir da gravura, com uso de tecnologias contemporâneas, sem reduzir as aulas de arte ao tecnicismo ou informatização nem tampouco desmedir o legado histórico. O **problema** que norteia a pesquisa é: Como utilizar tecnologias contemporâneas no ensino de Artes Visuais sem suprimi-la à técnica ou a aulas de informática? O estudo proposto abrirá espaço de discussão no campo educacional sobre a exploração de tecnologias contemporâneas na experiência artística do educando, contribuirá para que educadores(as) em arte renovem as suas estratégias didáticas, com ênfase nas linguagens pertinentes a tecnologias contemporâneas para fins educacionais, como meios e objetos de reflexão. A escola deve despertar o educando para compreensão das diferentes linguagens artísticas, suas particularidades poéticas e hibridismo, características da arte contemporânea. Considerar o aluno como autor e co-autor do processo artístico e cultural bem como o processo de ensino e aprendizagem em arte como investigação e refletindo-o é fundamental. Tecnologias contemporâneas vem provocando mudanças profundas nos modos de produzir, divulgar, fruir, e discutir a arte, com interatividade e hibridismo. Dessa forma o projeto tem como **objetivo geral** compreender como uso tecnologias contemporâneas contribuem para aproximação e interação do educando com a experiência artística no ensino de artes visuais. Parte-se do pressuposto de que o ensino de Arte exerce importância nas escolas públicas, pois possibilita o exercício da cognição, sensibilidade e formação de senso crítico, impondo a necessidade de investigar a relação entre a arte-educação e as tecnologias contemporâneas, pois, esses recursos tem sido cada vez mais presente tanto na Arte Contemporânea quanto no cotidiano dos adolescentes.(Pimentel, 2007) Os **objetivos específicos** que direcionam a pesquisa são: a- analisar a experiência artística/estética de educandos na produção de gravura tradicional e gravura digital. b- evidenciar a importância da interação entre

sujeitos e suas produções com uso de tecnologias contemporâneas. c- Levantar os desafios e enfrentamentos na utilização de tecnologias contemporâneas no ensino de artes visuais na segunda etapa do ensino fundamental. Para efetivação desse projeto é usado como **metodologia** a pesquisa qualitativa, a partir de revisão bibliográfica, constitui-se de numa pesquisa-ação por permitir maior aproximação com a realidade, intervenção e compreensão da prática. Serão realizadas observações, entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa de campo enriquecerá a pesquisa bibliográfica propondo um confronto e confirmação das ideias e conceitos trabalhados, valorizando a presença do pesquisador. A coleta de dados será feita por registros fotográficos, gravações, entre outros. Os dados serão interpretados e avaliados. Os resultados serão divulgados e socializados na comunidade escolar. Como **referencial teórico** buscará fundamentação em vários autores renomados que discutem a temática, Levy (1993), Martins (2008), Melo&Tosta (2008), Pimentel (2007), Collegaro (2007), Lemos (2003), Domingues (2002), Venturelli (2004) Moran ,Masetto & Behrens(2001), Freire (2000), Hernández (2007) dentre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. (orgs.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M. (org). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

## 4.9. A TEORIA PSICOGENÉTICA DE HENRI WALLON

Graziella Pereira Vieira

Rede Municipal de Educação de Goiânia

Para atuar de forma significativa na educação, o professor precisa compreender o processo de desenvolvimento da criança, o que implica buscar conhecer as diferentes teorias que tratam o assunto. Wallon propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento infantil. Considera que não é possível selecionar um único aspecto do ser humano, pois a aprendizagem infantil está centrada em vários campos funcionais: o afetivo, o motor e o cognitivo. A teoria de Henri Wallon é centrada na gênese da pessoa completa, pois para ele, a origem da inteligência é genética e organicamente social, ou seja, o seu desenvolvimento depende não só de suas estruturas biológicas, mas também do contato que a criança estabelece com o meio social em que vive. Wallon tecia diversas críticas às teorias que reduziam o homem a uma única esfera: cognitivo, motor ou afetivo, independente e passível de estudos individualizados. Para ele toda ação humana remete a uma atitude integrada entre todas as suas dimensões: pois assim como afirmam Mahoney e Almeida (2000, p.12), “[...] *Essas dimensões estão vinculadas, entre si, e suas interações em constante movimento; a cada configuração resultante, temos uma totalidade responsável pelos comportamentos daquela pessoa, naquele momento, naquelas circunstâncias*”. O desenvolvimento da criança é marcado por diferentes etapas, que possuem suas próprias especificidades. Elas ocorrem de maneira sucessiva, sendo cada etapa a preparação para a etapa posterior. A passagem de uma para outra não é um acontecimento linear, o ritmo é marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas. A cada passagem ocorre uma reformulação na etapa anterior, criando assim conflitos que levarão à aprendizagem. Não é possível determinar o tempo de duração de cada etapa, pois o desenvolvimento de cada criança dependerá de fatores orgânicos e sociais, e de suas posições diante de cada experiência. Os fatores orgânicos, que se resumem basicamente na maturação do sistema biológico, são os responsáveis pela passagem de uma etapa a outra, porém não garantem singularidade no processo. Por isso não há ninguém igual a ninguém, e o meio social se torna condição necessária para essa diferenciação. Ciente da influência que o meio, bem como as relações sociais e afetivas, exerce sobre o desenvolvimento da criança, a escola assume um papel muito importante na formação do indivíduo, pois ela é entendida como um meio funcional na sociedade. Assim o sistema educacional deve adequar seus objetivos e métodos a fim de atender as necessidades infantis, e obter uma educação de maior qualidade para todos. Educando a pessoa completa, em seus aspectos afetivo, cognitivo e motor pode-se promover o desenvolvimento

da pessoa em todas as suas dimensões. Com uma educação de maior qualidade teremos cidadãos melhor preparados para enfrentar a vida em sociedade, e trabalhar por maior dignidade e igualdade para todos. Enfim, uma educação baseada na psicogênese da pessoa completa é aquela que reconhece o papel que as interações exercem na formação do sujeito consciente. E tornar o ambiente escolar um local propício para o desenvolvimento integral é papel de todos ligados ao processo educacional.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Alvarenga. (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem**: Contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MORALES, Pedro. **A Relação professor-aluno**: O que é, como se faz. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- TAILLE, Yves de La. OLIVEIRA, Marta Kohl de. DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- TAPIA, Jesús Alonso. FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula**: O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa / Portugal: Edições 70, 2005.

#### 4.10. INTERAÇÃO DE LINGUAGENS E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS NAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS.

Alessandra Almeida Santos<sup>1</sup>  
Maurício Gabriel Santo<sup>2</sup>  
Débora Cristina Santos e Silva<sup>3</sup>

Esta Comunicação é fruto de um projeto de pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PBIC) da Universidade Estadual de Goiás, cujo objetivo é investigar os procedimentos de produção das estéticas contemporâneas, especialmente da poesia digital e da pintura, tendo em vista a interação de linguagens e a convergência de mídias. Essa pesquisa é um subprojeto do projeto guarda-chuva intitulado Ensino, processos interacionais e múltiplas linguagens na Cibercultura. Este subprojeto tem como objetivos principais: a) investigar a cibercultura e a produção artística contemporânea como elemento emergente de uma sociedade permeada pela comunicação de massa; b) elaborar e publicar um blog com reflexões sobre as novas tecnologias dentro dos processos de produção artística contemporânea; c) explorar as possibilidades metodológicas de leitura de poesia e educação estética nas escolas de Educação Básica, a partir da leitura das telas de Alyssa Monks e da obra do web-poeta português Antero de Alda, em suporte eletrônico. Efetivamente, as tecnologias digitais, nos últimos anos, vêm se tornando algo necessário à vida das pessoas e se fazem presentes em todos os âmbitos da sociedade, sendo também inseridas no contexto da Educação. Ademais, a convergência midiática tem feito parte do ensino, visto que os processos interacionais e as múltiplas linguagens da Cibercultura se tornaram fundamentais para a aprendizagem. Para Rudiger (2013), a cibercultura constitui-se o espaço em que se manifestam as práticas e representações que se desenvolvem com o avanço da vida cotidiana, marcada pelas novas tecnologias da comunicação e da informação. Dentro desse contexto, em sua obra, Alda reflete, de forma interativa e crítica, sobre o fazer poético, procedendo a variadas experimentações estéticas em hipermídias, além de tratar das principais questões que envolvem o homem contemporâneo, em meio à liquidez da vida moderna. Para isso, o autor apresenta diversos poemas animados e interativos, que publica virtualmente em seu site pessoal ([www.anterodealda.com](http://www.anterodealda.com)). De acordo com Silva (2012):

Relativamente à construção de suas imagens poéticas, o artista mostra-se ousado em seu experimentalismo, ao conjugar linguagem verbal e não-verbal, e empregar, em sua produção

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia. Bolsista PBIC/UEG.

<sup>2</sup> Mestrando do MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Co-orientador do subprojeto Interação de Linguagens e Convergência de Mídias nas Poéticas Contemporâneas.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Letras da UnUCSEH e do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Coordenadora do Projeto e orientadora da pesquisa.

poética, variados recursos oferecidos pelas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), a exemplo de aplicativos como o Flash e o Javascript, a fim de produzir um volume diversificado de poesia cinética e videopoesia, infopoesia interativa e composições intermídia. (SILVA, 2012, p. 346)

De acordo com Santos, Silvestre e Silva (2013), Alda se dedica ao resgate de valores e pessoas que foram marginalizados e descartados pela modernidade líquida, expondo abertamente a face oculta de uma sociedade vítima da fragmentação do humano, no contexto da sociedade contemporânea, em que o consumo se faz presente, como fenômeno crescente e dominante. Neste subprojeto, em princípio, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para levantamento teórico, no intuito de verificar o estado de arte da temática abordada. Em seguida, foram realizados encontros de discussão teórica com o grupo Argus (Grupo de Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento), mediados pela coordenadora do projeto. Até o momento, foram feitas leituras para a contextualização da Cibercultura e suas implicações nas práticas leitoras: Lévy (1999), Santaella (2004) e Rüdiger (2013), Rojo (2012), entre outros. Esta Comunicação apresenta resultados ainda parciais de pesquisa. Os artistas Antero de Alda e AlyssaMonks, por meio de suas obras, poesia e pintura, respectivamente, constroem um cenário da vida contemporânea no que há de mais íntimo do homem moderno. Esse relatório apresenta resultados ainda parciais. Foi criado um blog para a participação dos alunos (<http://www.pensandociberliteratura.blogspot.com.br>), no sentido de incentivar a leitura do poema digital e a produção da escrita criativa. Os artistas Antero de Alda e Alyssa Monks, por meio de suas obras, poesia e pintura, respectivamente, constroem um cenário da vida contemporânea no que há de mais íntimo do homem moderno.

## REFERENCIAS

- RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço**. São Paulo. 2004.
- SANTOS, M. G., SILVESTRE, H. A., SILVA, D.C.S. Representações do individualismo da modernidade líquida na poética de Antero de Alda. **Anais do 4º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Recife, UFPE, 2013.
- SILVA, D.C.S., SILVESTRE, H. A. A modernidade líquida na ciberpoesia de Antero de Alda. Florianópolis, **Revista Texto Digital**, v. 8, n. 2, 2012.

#### 4.11. DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O RACISMO NAS ESCOLAS.

Maria Helena David de Borba<sup>16</sup>  
Jorge Manoel Adão<sup>17</sup>

Este faz uma análise da temática do racismo nas escolas brasileiras, a partir de uma abordagem teórica realizada em literaturas já publicadas sobre a mesma. Sobre a diversidade cultural, os PCN (1997, p.19) fazem a distinção entre a mesma e a desigualdade social enfatizando a importância desta distinção. Por diversidade cultural distinguem como sendo a produção cultural é realizada pelos grupos sociais ao longo de suas histórias. Já a desigualdade social é produzida dentro do contexto de dominação e exploração tanto socioeconômica como política e, ambas, desigualdade social e discriminação se articulam no que se conhece por exclusão social. Torna-se claro que o trabalho educativo precisa voltar-se para a superação da discriminação em todos os seus aspectos, pois, dessa forma, a sociedade poderá caminhar para o seu progresso com plenitude e de fato, uma democracia real. É fundamental que se reconheça e valorize as diferenças existentes em uma sociedade, especialmente, a brasileira que, por si mesma, já se configura como sendo uma nação multicultural. Para Chartier (1991, apud COELHO, 2010, p.17), as representações se constituem como apanágios dos grupos formuladores das mesmas e são construídas historicamente tornando-se “índices de reconhecimento e identificação, são formas, por meio das quais, os grupos sociais expressam sua visão do mundo e de si mesmos”. Entretanto, essas construções não são estáticas, segundo o autor, tampouco são ingênuas e estão em constante processo de construção. Configuram-se como um dos componentes de lutas sociais quando se constituem como estratégias de dominação e estigmatização de grupos concorrentes ou vistos como subalternos. Já sobre a identidade, vale lembrar as considerações de Castells (2001, p.23) quando ele dimensiona as construções na base estrutural. Para o autor, o processo de construção da identidade vale-se da matéria-prima que é fornecida pela história, geografia e biologia, instituições produtivas e reprodutivas, assim como pela memória coletiva e fantasias pessoais, aparatos de poder e a religião. Nesse sentido, a construção social da identidade, como argumenta o autor, ocorre sempre dentro de um contexto no qual existem as relações de poder e, essa identidade seria então, uma construção dada por meio dos significados e experiências. Esses significados se originam através dos atributos culturais e inter-relacionados que predominam sobre outras fontes de significados. Estamos no século XXI, a Era da informação, da ciência, da tecnologia,

---

<sup>16</sup> Mestranda do MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

<sup>17</sup> Orientador e Vice-Coordenador do MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

do conhecimento. Fica difícil admitir que, em meio a tantos avanços e a Era digital, ainda existam comportamentos de preconceito e discriminação, principalmente nas escolas do país. Munanga (2005, p.189), diz que a escola enquanto parte da sociedade, está comprometida com a necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem, no qual, as transformações sejam realizadas por todos conscientemente. Sobre a escola, Zebral (2012, p. 15) argumenta que ela é um espaço privilegiado para o processo de socialização, de estabelecimento de relações de convívio com a diversidade tornando-se, assim, no primeiro contato de vivência das tensões raciais. Estas tensões podem ocorrer naturalmente ou permeada de conflitos, segregando, excluindo, levando o aluno negro a ter momentos de introversão que pode acontecer por medo da discriminação, iniciando, dessa forma, um processo de desvalorização de suas características pessoais que, de alguma maneira, vão interferir na construção da identidade. Isso favorece a disseminação do preconceito. Para o desenvolvimento deste artigo, foi realizada uma pesquisa teórica de cunho qualitativo, na qual foram selecionados livros, dissertações, artigos, publicações acerca da temática. A posteriori, foram realizadas leituras e fichamentos das literaturas selecionadas para tornar possível uma argumentação consistente e coerente do assunto abordado. A temática referente ao racismo no Brasil, embora muito discutida por diversos teóricos e estudiosos, ainda se configura como sendo um desafio na prática cotidiana escolar, pois, muitos professores ainda acreditam na inexistência de comportamentos de racismo ou discriminação na escola. Entretanto, por meio da leitura das literaturas apresentadas, constatou-se que, ainda existem e são constantes, atitudes discriminatórias nas escolas quando se trata de alunos negros.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A questão racial na escola: um estudo sobre as representações dos agentes da escola sobre os conteúdos etnicoculturais**. Belém: UNAMA, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. (Org). 2ª edição ver. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204 p.
- ZEBRAL, Deliane Fernandes. **Rompendo barreiras do preconceito racial no ambiente escolar**. Ouro Preto – Conselheiro Lafaiete: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

#### 4.12. INTRODUÇÃO CRÍTICA À ANÁLISE DE DISCURSO: POR UMA AUTÊNTICA ANÁLISE MARXISTA

Edinei Oliveira Vasco

Mestrando (MIELT-UEG)

Todo campo disciplinar necessita de uma base epistemológica para que se efetue. E, por assim ser, a Análise de Discurso – como uma área que engloba diferentes pressuposições, tanto teóricas quanto interpretativas –, se constitui no âmbito de um espaço no qual as questões criadas podem se movimentar e se relacionar entre três domínios disciplinares, a saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (ORLANDI, 2012a; 2012b). As influências da Linguística e da Psicanálise, por não ser o foco do presente texto, são citadas apenas para fins de contextualização teórica, já que o presente trabalho tem como objetivo a influência teórica que, segundo os representantes da Análise de Discurso, o marxismo exerce sobre suas concepções e análises (FAIRCLOUGH, 2001). Segundo Korsch (2008), o marxismo é a *expressão* teórica do movimento revolucionário do *proletariado*; e por assim ser, a Análise de Discurso ao ignorar a perspectiva do proletariado em suas análises, diverge teoricamente e metodologicamente da expressão fundamental do método marxista. Há também conceitos como o de *ideologia*, *totalidade*, *negação da neutralidade*, etc., que são utilizados de maneiras desfiguradas (e até conservadoras), divergindo totalmente das concepções propostas por Marx (MARX; ENGELS, 1991; VIANA, 2007; LÖWY, 2013). É uma pesquisa, portanto, de natureza analítico-descritiva, que tem como método a pesquisa bibliográfica a respeito dos objetivos propostos. Busca-se resultados a partir das análises e ponderações às referências pertinentes ao tema e, principalmente, influenciada pelo materialismo histórico-dialético. A finalidade desta pesquisa não é o de fazer um exame amplo em relação à Análise de Discurso, mas apenas discorrer um olhar crítico sobre alguns de seus conceitos e método pronunciados como procedentes do marxismo, mas que divergem e se apresentam deformados (e invertidos) quando confrontados com as reais definições marxistas. E, nesse sentido, a intenção é levantar novos questionamentos que possam fomentar mais estudos e pesquisas a respeito da utilização do marxismo ou do “marxismo” como uma das bases epistemológicas da Análise de Discurso.

#### REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

KORSCH, K. **Marxismo e Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1991.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editora, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise** – Sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes Editora, 2012b.

VIANA, N. **A Consciência da História**: Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

#### **4.13. A TRADUÇÃO ELETRÔNICA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DESTES SOFTWARES DA LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Sanderson Mendanha Peixoto<sup>1</sup>  
PG – MIELT/ UEG

Barbra Sabota<sup>2</sup>  
UEG - MIELT

O presente projeto de pesquisa pretende analisar as contribuições e limitações do uso da tradução eletrônica como ferramenta no processo de aprendizagem de inglês como Língua Estrangeira bem como evidenciar de que forma o aluno utiliza-se da Internet e seus recursos tecnológicos para fazer traduções na aula de línguas. A motivação para a referida pesquisa se deve ao fato de presenciarmos constantemente, na condição de docentes, os alunos se valendo destas meios tecnológicos, para fazer suas atividades e promover tradução de textos e informações. A pesquisa em comento se configura em um estudo de caso naturalístico e será realizada em uma sala de aula numa escola pública da Cidade de Goiás, com alunos do ensino médio. Pretende-se, após um planejamento de uma sequência didática com o professor regente, observar as aulas em questão e verificar de que forma o aluno utiliza a ferramenta da tradução eletrônica para realizar suas atividades, problematizando, pois, o uso deste instrumento metodológico, no processo de ensino-aprendizagem de idiomas. A coleta de dados, prevista para o segundo semestre de 2014, terá como instrumentos: questionários, entrevistas, transcrições parciais das aulas e o produto das traduções feitas pelos alunos do estudo. Os dados serão triangulados para análise conforme critérios ainda a ser definidos. Entende-se que a tecnologia pressupõe a comunicação através das palavras, que por sua vez criam os discursos, e estes levam à construção social do conhecimento. (PCNS, 1998). Tão logo, o aprendizado de um idioma é uma construção social e a preparação dos professores para lidar com o universo do mundo virtual e as novas tecnologias o faz criar um leque cada vez maior de informações e conhecimentos sobre a língua que, de modo positivo, pode chegar ao aluno, e obter-se um processo de ensino-aprendizagem da língua alvo de forma eficaz. (OUSTINOFF, 2011). Como falaremos do uso de tradução por meio dos instrumentos tecnológicos da Internet, insta frisar, conforme aponta o filósofo Raul Ricoeur (1998), nas análises de Antoine Berman (1985) o real alcance da tradução. De acordo com o autor apontado,

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência Universitária pela UEG, Unidade Universitária de Sanclerlândia (2007). Professor de Língua Inglesa na Rede Estadual de Ensino. Aluno do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia (MIELT) na UnUCSEH/ UEG.

traduzir é, ao mesmo tempo, habitar a língua do estrangeiro no coração de sua própria língua. De mesma maneira, será que não podemos dizer que a memória e a história traduzem aquilo que foi transmitido do acontecimento na língua de acolhida do narrador? (RICOEUR, 1998, p. 15, apud OUSTINOFF, 2011, p. 126). Destarte, o aluno que faz traduções, se comunica e transmite conhecimentos. Havendo na tradução, a matéria-prima, o trabalho de transformação e o produto, é o nosso desafio aqui saber até que ponto o aluno se utiliza da Internet, para criar traduções significativas, ou mesmo para distorcer o significado de um texto. A pesquisa a ser realizada tem o fito de responder as seguintes indagações: Como os alunos da rede pública de ensino utilizam as ferramentas de tradução eletrônica na sala de aula? A tradução eletrônica contribui no processo de ensino-aprendizagem destes alunos? De que forma? Os alunos sabem fazer as interferências necessárias no momento de contextualização da tradução, reconhecendo o que é “ao pé da letra” ou não? Como o professor pode ser um intermediador em sua sala no momento de realização da tradução eletrônica pelos alunos? São questionamentos que surgem num contexto em que a internet e os múltiplos meios virtuais de aprendizagem e a preparação dos professores de ensino básico consubstanciam-se com o fato de que a velocidade do progresso científico e tecnológico e da transformação dos processos de produção torna o conhecimento rapidamente superado, exigindo-se uma atualização contínua e colocando novas exigências para a formação do cidadão. (PCNs, 1998).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino básico** – Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- CHAPELLE, C. A. & HEGELHEIMER, V. (2004). **The language teacher in the 21st century**. In S.Fotos & C. M. Browne (Eds.), *New Perspectives on CALL for Second Language Classrooms* (pp. 299-316). Mahwah, NJ: ESL& Applied Linguistics Professional Series.
- OUSTINOFF, M.** Tradução: história, teorias e métodos/ **Michael Oustinoff: tradução: Marcos Marcionilo** – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

#### **4.14. CIBERCULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INTERAÇÕES SOCIAIS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.**

Ana Alice Gomes Teodoro <sup>181</sup>  
ana\_aliceg@hotmail.com

Hugo de A. Silvestre <sup>192</sup>  
hugo.silvestre@unievangelica.edu.br

Débora C. Santos e Silva <sup>203</sup>  
desants@uol.com.br

Esta pesquisa busca verificar como a sociedade contemporânea tem se comportado diante do desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação e informação. E, em particular, como os professores estão lidando com mudanças significativas que as novas mídias trazem para o seu cotidiano e o de seus alunos. Para a execução do trabalho, até o presente momento, foram feitas leituras de vários teóricos que se preocuparam em esclarecer e acrescentar informações acerca da cibercultura e das novas tecnologias; dentre eles, Lúcia Santaella (2004), Pierre Lévy (1999), Francisco Rüdiger (2013) e Roxane Rojo (2012). Em Rüdiger (2013) pôde-se fazer um estudo avaliativo sobre a cibercultura, notando, assim, que existem atualmente visões bem diferentes a respeito do uso de ferramentas e espaços digitais, sobretudo da internet. Há os que a defendem por terem interesse no seu crescimento: são os chamados “populistas tecnocráticos”, como há também os “conservadores midiáticos”, os quais acreditam que a liberdade de pensamento do público não sofre condicionamentos culturais. Por outro lado, o cibercriticismo é uma tendência que tem interesse em refletir sobre a figura do sujeito moderno e sua relação com a cibercultura, observando que a reversão dos fenômenos advindos das tecnologias digitais é praticamente impossível e o que pode ser feito é buscar melhor forma de se lidar com algo que é, de certa forma, novidade para alguns, enquanto, para outros, nem tanto. Por isso, destaca-se a importância desse projeto, já que tem por objetivo auxiliar professores a lidar com situações que podem ser novas para eles, mas que, na maioria das vezes, não são para seus alunos. A esse respeito, Santaella (2004) observa essas mudanças, indicando que as tecnologias trouxeram novos parâmetros para

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da UnUCSEH. Bolsista PIBIC/CNPq. Pesquisadora do subprojeto.

<sup>2</sup> Mestrando do MIELT - Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias (UEG). Co-orientador do subprojeto.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Letras da UnUCSEH e do Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenadora do Projeto ENSINO, PROCESSOS INTERACIONAIS E MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA CIBERCULTURA e Orientadora do subprojeto Cibercultura e Formação de Professores: interações sociais e mediação pedagógica. Bolsista BIP/UEG

identificarmos os leitores, tendo o pressuposto de que temos vários tipos de leitores para diferentes modos de ler: o reflexivo (da mídia impressa), o movente (da mídia analógica) e o imersivo (da mídia digital). A sociedade permeada pelas novas tecnologias e seus fenômenos é analisada e discutida por Pierre Lévy (1999), de maneira consistente, desde a década de 1990. Lévy vislumbra a possibilidade de um novo estilo de pedagogia, que favoreça ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem em rede. Para ele, o professor torna-se um mediador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. Para o autor, há um redimensionamento do papel do professor, que exige competências e habilidades por muitos não demonstradas. O autor ressalta, ainda, que oferecer equipamentos, investindo grandes somas em laboratórios e outros ambientes, nem sempre é a solução. Nessa perspectiva, a figura do professor não é mais a do detentor do saber, mas sim de um mediador no processo de ensino aprendizagem. Diante dessa realidade, o acesso às novas tecnologias da comunicação e informação mostra-se insuficiente, pois há grande defasagem quanto ao saber empregá-las em sala de aula. O fato de o professor possuir um computador e a www disponível não é garantia de inovação na escola e em suas práticas pedagógicas, pois os recursos disponibilizados podem se tornar simples aparatos que perpetuam velhas práticas de ensino. A reflexão acerca da cibercultura nos leva ao ponto de que mudanças estão ocorrendo ao nosso redor e se faz necessário que se tenha apoio e suporte pedagógico para lidar com essa nova realidade. Roxane Rojo (2012) faz uma reflexão acerca dos multiletramentos na escola e nos alerta para o fato de que existem novas éticas e novas estéticas e novas formas de se lidar com isso, já que somos bombardeados com hipertextos e hiper mídias. Segundo Lemke (apud. Rojo 2012), as práticas de leitura e escrita já eram restritas para a “era do impresso”, tornando-se ainda mais difíceis de trabalhar com tantas informações com que todos são bombardeados e que não sabem o que fazer com elas. Assim, fica clara a necessidade de aprofundar reflexões acerca das mudanças midiáticas para encontrar meios de auxiliar os docentes com dificuldades de se adaptar a tantas mudanças. Como ponto de partida, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em revistas da área e em bancos eletrônicos de artigos científicos no intuito de verificar o estado de arte da temática. Um levantamento cuidadoso das produções da área é primordial para estruturar as ações que se seguem. Em seguida, procedeu-se a uma aplicação de questionários de diagnóstico entre os professores em formação, nos cursos de Letras e Pedagogia da UEG de Anápolis, buscando identificar os usos das novas tecnologias por parte deles, no sentido otimizar sua própria formação, assim como de atenderem às suas maiores necessidades de qualificação. Os dados serão tabulados e devidamente analisados pela equipe do projeto. Este levantamento possibilitará a produção de um canal no youtube, como também a criação de um blog, a fim de auxiliarmos os professores em formação e em exercício efetivo nas escolas, atendendo a demandas relacionadas ao uso pedagógico das novas tecnologias. Concomitantemente às produções

em suporte eletrônico, realizar-se-ão oficinas com os professores da rede pública municipal de educação. Como última etapa, serão aplicados questionários que avaliem satisfação quanto ao material e as oficinas oferecidas, verificando-se também qual o nível de contribuição dos conteúdos ministrados para a atuação desses profissionais em sala de aula. Esta pesquisa encontra-se em fase de revisão de literatura, de forma que as considerações finais são preliminares e assistidas por outros estudos que se aproximam da nossa proposta. Será feita uma análise mais detalhada dos questionários que foram aplicados, e haverá a aplicação de novos questionários agora para professores que atuam na rede pública de educação, com a intenção de verificar quais pontos necessitam de maior atenção, e como o processo de intervenção e apoio serão realizados.

## REFERÊNCIAS

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34,1999.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: parábola editorial, 2012.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

#### 4.15. EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO SÉCULO XXI: LENDO O MUNDO ATRAVÉS DE IMAGENS

Marinês Juliana Carvalho Martins<sup>1</sup>  
juliana.dejavu@gmail.com

Débora C. Santos e Silva<sup>2</sup>  
desants@uol.com.br

É inegável reconhecer que há, em nosso meio, obras de arte: pintura, escultura, poesia, teatro, entre outras. Tais expressões artísticas se manifestam de inúmeras maneiras, moldadas em diferentes formas e conteúdos. Com a popularização das tecnologias digitais de informação e comunicação, houve uma mudança significativa no comportamento dos indivíduos, especialmente no que diz respeito ao acesso e percepção de tais obras. Sendo assim, este artigo tem como propósito refletir sobre a importância da educação estética como promotora do equilíbrio entre a racionalidade e a sensibilidade humana no contexto da cibercultura; haja vista que a arte, de acordo com Hegel (2009) abarca reflexões e observações subjetivas. Para tanto, atém-se à análise da produção artística-cultural como elemento fundamental para a construção da cultura visual do aluno. Como referências teóricas para o direcionamento deste estudo tem-se: Hegel (2009), Levy (2011), Benjamin (1999), Martins, Picosque e Guerra (2009) e Rodrigues e Assis (2010). Analisando profundamente o panorama do aluno do século XXI e a constante presença de imagens, sons, vídeos e mídias convergentes em seu cotidiano, constata-se a necessidade de compreender a abstração destas linguagens para que ampliem seus conhecimentos artísticos (sobretudo estéticos), levando-nos à compreensão e participação ativa no mundo que os cerca. Nas palavras de Levy (2011), a popularização das mídias digitais propicia a formação de uma sociedade conectada em rede, de tal forma que tempo, espaço, distância, quantidade e qualidade de informação encontram-se no ciberespaço. Por esta colocação vê-se, claramente, que tais mudanças, não só no comportamento humano, explicitam-se também no acesso à arte e à cultura. Benjamin (1996) reflete sobre a democratização das obras de arte: se por um lado tal possibilidade amplia o conhecimento das artes plásticas, peças teatrais e outras representações artísticas à população, por outro lado minora seu caráter irrepetível e único – especificidade da obra autêntica. Relevantemente, as imagens se mostram ativas nos processos de interação dos indivíduos do Século XXI, revelando e

---

<sup>1</sup> Mestrando da MIELT - Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias (UEG).  
Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras da UnUCSEH e do Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

conectando ideias. Faz-se necessário, portanto, a mediação entre a arte e o público, esteja esta em presença física ou virtual, Tal ação pode ampliar as potencialidades de atribuição de sentido à obra. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2009, p.71). Por estes motivos, é imperativo um estudo que privilegie a compreensão do aluno inserido nesta nova realidade; de forma que este se perceba como agente ativo e transformador de sua cultura, haja vista que a arte, neste sentido, “afeta o modo como vemos, como somos vistos e como somos capazes de ver a nós mesmos e ao mundo.” (RODRIGUES e ASSIS, 2010, p. 12). Para a realização deste estudo recorreu-se à pesquisa bibliográfica, tendo em vista a definição dos conceitos-chave do artigo: estética, arte, cibercultura. Este é fruto de um estudo diagnóstico voltado à produção escrita de dissertação no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, pela linha de pesquisa: Linguagem e práticas sociais; cujo título se apresenta: *Retrato Calado: Educação Estética na Construção da Identidade Social e Cultural do Aluno*. Este artigo é, portanto, bibliográfico; haja vista que prima a definição de conceitos que nos levem a refletir sobre a importância da educação estética do aluno, de forma que esta promova o equilíbrio entre sua racionalidade e a sensibilidade humanas no contexto da cibercultura.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, WALTER. **Magia e técnica ,arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- HEGEL, G. W. F. **Curso de estética – O belo na Arte.** Trad. de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual?.** Tradução de Paulo Naves. São Paulo: Ed.34, 1996.
- MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Terezinha, Telles de. **Teoria e prática do ensino de arte:** a Língua do Mundo. - 1 Ed – São Paulo: FTD, 2009.
- RODRIGUES, Edivânia Braz Teixeira e ASSIS, Henrique lima (org). **Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual:** conceituações, problematizações e experiências. Goiânia: SEDUC/Go, 2010.

#### **4.16. CIRANDA DIGITAL DA CIDADANIA: UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL DE IDOSOS**

Mirza Seabra Toschi  
Universidade Estadual de Goiás

O presente texto relata estudo em andamento relacionado aos idosos e pessoas de baixo letramento, sob o aspecto de inclusão digital e da cidadania, a partir de dois projetos com fundamentação teórico-metodológica afins e que estão em desenvolvimento no Laboratório de Mídias Interativas (LIM) e Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) da UnUCSEH/UEG. O trabalho é coordenado e realizado pela equipe da Rede Goiana de Pesquisa em Políticas Públicas e Inclusão Digital (REPPID), formada por professores e estudantes da UEG, UFG, PUC-Goiás, UnB, UFMT, e outras instituições ligadas ao ensino, pesquisa da educação e da ciência e tecnologia. Um primeiro projeto é denominado “Ciranda Digital da Cidadania” e é financiado pela Fapeg/Ministério das Comunicações. Tem um caráter investigativo e também extensionista e visa atender e capacitar idosos e pessoas de baixo letramento para uso da Internet na perspectiva de inclusão digital e promoção da cidadania; e, ainda, formar para atitudes de solidariedade, solicitando que aquele que aprender ensine mais um. Dados preliminares coletados com 400 idosos e pessoas de baixa escolaridade, por meio de pesquisa exploratória, mostraram as expectativas que esses segmentos têm em relação ao aprendizado de uso da Internet. A maioria dos respondentes, cerca de 60% deles, responderam que desejam aprender a usar ou aperfeiçoar o uso de computadores, celulares e smartphones. Os que não querem aprender justificam a resposta alegando falta de tempo, mente fraca, não enxergar direito, ter pouca leitura, como razões da negação aos cursos oferecidos no LIM/LIFE. O segundo projeto denominado “Inclusão Digital e Social: conhecimento e cidadania” é financiado pela Fapeg/Capes e objetiva identificar e analisar o desempenho de pessoas com diferentes níveis de letramento e de gerações em relação ao acesso ao conhecimento mediado pelas tecnologias digitais. Assim, considerando a rápida atualização (ciclos menores) das ferramentas tecnológicas (desktop, notebook, netbook, tablet, smartphone) os sujeitos dessa pesquisa terão contato com estas diferentes mídias a fim de se identificar quais delas, em quais sistemas de uso, são mais adequadas e fáceis de usar, suas especificidades no modo de aprender a manejar essas tecnologias, principais barreiras e preferências encontradas segundo a percepção deles e as dos observadores do estudo. O interesse em estudar os idosos e pessoas com baixo letramento parte do pressuposto de que este novo desenho societal, baseado no uso das tecnologias, altera as demandas sociais, afeta as políticas públicas e traz novas situações para se viver melhor e mais feliz (SILVEIRA, 2001). Práticas antes mais simples e mecânicas, como receber a

aposentadoria ou preencher um formulário em papel, passaram a ser feitas em terminais eletrônicos, e os formulários em geral são digitais, o que acarreta mais exclusão para os que já eram excluídos pelo não atendimento aos seus direitos sociais. A promoção de políticas de inclusão é o reconhecimento de que o país convive com a exclusão, que é ampla e resulta das “relações de produção capitalistas que, por sua estrutura excludente, gera um modelo de desenvolvimento que exacerba as diferenças econômicas, políticas e culturais entre os grupos sociais” (GRACINDO, 2007, p. 11). Assmann e Mo Sung (2003) afirmam que o mesmo sistema social que produz a exclusão cria também uma cultura que ‘explica’ este paradoxo de se pertencer a um mundo e estar fora dele. Assim, os dois projetos estão em andamento e a metodologia de desenvolvimento deles tem uma abordagem qualitativa. Proporcionar o primeiro contato com as tecnologias, olhando-as, mexendo e interagindo com elas, é o primeiro momento do estudo. Selecionados os sujeitos participantes, serão entrevistados para identificação do nível prévio de informação sobre o uso de tecnologias da comunicação, como conquistaram esses conhecimentos, facilidade de acesso a equipamentos tecnológicos e grau de interesse e motivação para aprender o uso dessas tecnologias. Dando início ao segundo momento do estudo, após manusearem os equipamentos, haverá o processo de intervenção de monitores, que serão os bolsistas de iniciação científica e também alguns mestrandos do MIELT. A orientação será para fazer navegação simples, a partir de uso de símbolos para os alfabetizados funcionais. O conhecimento de uso de sites de busca fará parte do terceiro momento do estudo, que incluirá atendimento e orientação inicial para buscas simples na Internet. As palavras de busca serão definidas pelos próprios usuários. Os resultados destes projetos contribuirão com a formação da própria equipe e estudantes de graduação. Além disso, oferecerá contribuições aos elaboradores e executores de políticas públicas de inclusão digital e de atendimento à terceira idade, como também atenderá pessoas idosas e de baixo letramento que terão, neste espaço da UEG, a possibilidade de se apoderarem de novos saberes e habilidades para uso das tecnologias.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo e MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária** – educar para a esperança. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GRACINDO, Regina V. Inclusão social e escolar: a contribuição de pesquisas. In: GRACINDO, R. V. (orgs.). **Educação como exercício da diversidade** – estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais. Brasília: Liber Livro, 2007.
- SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital** - a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

#### **4.17. DISCURSOS DE DOCENTES: CAMINHOS E DESCAMINHOS DA DIVERSIDADE SEXUAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

Clodoaldo Ferreira Fernandes  
Universidade Estadual de Goiás

Ariovaldo Lopes Pereira  
Universidade Estadual de Goiás

Esta comunicação é resultado de pesquisa de mestrado concluída em 2014, cuja intenção se situa nos estudos da Linguística Aplicada (LA), sendo enlaçada por outros caminhos teóricos provocativos, tais como estudos sobre identidades (HALL, 2011) e sexualidades (FOUCAULT, 2001; 2010; LOURO, 2010), tendo como fundamentação teórica a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). O objetivo central que moveu este estudo foi investigar como professores e professoras da educação básica se posicionam discursivamente a respeito da diversidade sexual no ambiente escolar. Para tanto, desenvolveu-se uma investigação de cunho qualitativo, conduzida em escola da rede pública estadual na cidade de Anápolis-Goiás, cujos dados coletados foram a partir das seguintes técnicas e instrumentos de pesquisa: grupo focal, observação de aulas e diários de campo. Temas referentes à diversidade sexual costumam gerar certa insegurança por parte de alguns docentes que não sabem e não se sentem preparados para lidar com esse tópico no ambiente escolar. A escola é um espaço de contradições que, ao mesmo tempo em que supostamente inclui, veicula e reforça a tradição que legitima uns em detrimento de outros. Ao se pensar a sexualidade e o discurso, é importante assimilar a compreensão de que ambos são construídos socialmente e podem determinar lugares privilegiados, na medida em que o diferente se enquadre na norma(lidade). Problematizar a sexualidade a partir de convergências que se entrecruzam teoricamente torna-se relevante, já que podemos questionar a vida tradicional e os seus mecanismos de fixação das identidades. Nesse sentido, é preciso desestabilizar o edifício do instituído para transformar o mundo social. De acordo com Pereira (2007) e Fernandes (2014), as práticas de naturalização da hegemonia, no que tange à diversidade sexual e de gênero, fazem parte do contexto escolar, porque esta instituição veicula a tradição e legitima discursos binários pautados no viés de quem nasce ‘macho’ e ‘fêmea’, ‘homem’ e ‘mulher’ que impedem outras identidades ‘desviantes’. Dessa maneira, a linguagem, é atributo que constrói verdades, e os/as professores/as, partindo do lugar de fala, quando pautam os posicionamentos discursivos na compreensão da (hetero)normalidade, excluem, deixam à margem todo os alunos e as alunas que não estão no centro, já que não existem na materialidade linguístico-discursiva do ambiente escolar,

porquanto não são/estão a/na referência. Portanto, questionar os valores de verdade (MOITA LOPES, 2006), em contextos de sala de aula, é uma atitude política e, por isso, transgressiva, pois faz com que enxerguemos/atrassemos as fronteiras proibidas em nossos estudos acadêmicos. Ao enxergarmos as noções correntes do “normal” e do “anormal” sob as lentes teóricas de Foucault (2001; 2010), percebemos que é possível contestar o que é o centro na sociedade, do ponto de vista da linguagem e do discurso, uma vez que este último legitima e determina nas estruturas sociais quem somos, que lugar ocupamos, construindo realidades, moldando identidades no mundo social (FAIRCLOUGH, 2001). Dessa maneira, as práticas sociais moldam, por meio do discurso, ações nas quais os sujeitos agem sobre o mundo, representando-o e agindo sobre as pessoas de maneira rotineira, institucionalizada e naturalizada. Os resultados obtidos, ainda que em caráter provisório, tendo em vista outros caminhos que se abrem para se refletir sobre a temática, apontam que há uma abertura, por parte de docentes, para discutir temas relacionados à diversidade sexual na escola, embora discursos religiosos predominem e os/as contradizem. Sendo assim, verificou-se que, ao mesmo tempo em que a instituição escolar é o lugar da diversidade humana, o seu espaço é legitimado por discursos naturais e de importância de verdade que determinam quem pode fazer parte da agenda institucional, constituindo maneiras de ser e estar socialmente, ou seja, alimentando práticas sociais violentas que estão ‘invisíveis’ aos olhos humanos ditos “normais”.

## REFERÊNCIAS

- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FERNANDES, C. F. **Diversidade sexual na escola: o “normal” e o “anormal” em discursos de professores**. 139f. Dissertação (Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, 2014.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica J.A.Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Os Anormais**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
- MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado das letras, 2006.
- PEREIRA, A. L. **Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade**. 280f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, 2007.

#### 4.18. O PEDAGOGO UNITAS MULTIPLEX OU TRABALHO RESTRITO EM SALA DE AULA: DUAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO

Ândrea Carla Machado de Moraes  
Mestranda MIELT/UEG

João Roberto Resende Ferreira  
Orientador MIELT/UEG

O tema desta pesquisa é a formação do pedagogo, delimitado no período de 2000 a 2014, nos Cursos de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, nas Unidades Universitárias de Anápolis, Quirinópolis e São Miguel do Araguaia. Vivencia-se vastas transformações, incertezas e tem-se assistido uma valorização exorbitante da produção e da competitividade na vida humana, inclusive na educação e nos saberes do professor. Saberes que não podem desvincular-se das dimensões do ensino, da formação, da profissionalização, bem como da epistemologia da prática. Para tanto, julga-se importante discutir sobre como ocorre a formação dos pedagogos almejando desvelar se esta formação está sendo realizada estritamente para o trabalho em sala de aula ou visando a identidade *unitas multiplex*. Assim, tem-se como objetivos analisar a formação do pedagogo *unitas multiplex* pela Resolução CNE/CP n. 01/2006 e o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UEG de 2007 e 2009, nas UnUs *loci*; teorizar sobre formação de professores e do pedagogo; historicizar os marcos legais da Pedagogia no Brasil; conceituar *unitas multiplex*; historicizar o Curso de Pedagogia da UEG nos *loci* e analisar seus PPP's de 2007 e 2009; analisar as disciplinas obrigatórias e as Atividades de Enriquecimento e Aprofundamento; analisar as ações extensionistas, projetos de pesquisa e monitoria realizadas nos *loci*; analisar a visão dos docentes e egressos do curso nos *loci* sobre a temática. Visando alcançar os objetivos elaborou-se o problema “Como ocorre a formação do pedagogo na perspectiva da formação *unitas multiplex*, para a atuação em espaços formais e não formais, perante a Resolução CNE/CP n. 01/2006 e o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UEG de 2007 e 2009, nas UnUs de Anápolis (UnUCSEH), Quirinópolis e São Miguel do Araguaia?”. Os grandes marcos do Curso de Pedagogia, foram em 1939, quando sua criação, em 1962, com o Parecer 251 que tratava do currículo mínimo, em 1969 com o Parecer 252 que tratava das habilitações e mais recentemente em 2006 com a Resolução CNE/CP n. 01/2006 que homologa as diretrizes para o curso de Pedagogia. O Curso de Pedagogia anterior a 2006 se caracterizava por uma formação tecnicista. A partir de 2006, a formação deveria ser democrática e as instituições deveriam atender a referida Resolução, que em seus quinze artigos rege a formação de pedagogos com a

identidade para a docência. Com base no parágrafo 1º do 2º art. da Resolução CNE/CP n. 01/2006 “Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional [...]”. Brzezinski (2011, p.39), assevera que a docência significa “trabalho pedagógico” a ser desenvolvido tanto em espaços escolares quanto em não-escolares. Dessa forma, a docência não se restringe ao trabalho em sala de aula. A formação do pedagogo nessa concepção deve ser garantida em seu projeto pedagógico de curso e de Universidade. A autora relaciona a formação do pedagogo previsto na Resolução com a identidade *unitas multiplex*.

[...] o curso de Pedagogia forma o pedagogo como identidade *unitas multiplex*, de maneira que o profissional da pedagogia é formado para atuar na docência, para desenvolver outras atividades do trabalho docente, representadas amplamente pela denominação gestão educacional, para atuar na organização de sistemas, unidades e projetos educacionais em espaços escolares e não escolares e para produzir conhecimento como pesquisador. (BRZEZINSKI, 2011, p.41).

E relevante analisar se os Cursos de Pedagogia têm atendido a Resolução, levando em consideração a docência como identidade *unitas multiplex* ou trabalho restrito em sala de aula. Esta pesquisa qualitativa delinea-se pelo método Materialismo Histórico Dialético, como um estudo de caso múltiplo, com pesquisa bibliográfica e documental, em teóricos da identidade do pedagogo *unitas multiplex*, como Carolo (1997), Brzezinski (2011) e outros, além das leis educacionais e principalmente a Resolução CNE/CP n. 01/2006, entrevistas com docentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, das UnUs pesquisadas e, questionário com os egressos das matrizes de 2007 e 2009. A escolha pela UEG deve-se ao fato de ser pública, gratuita, *multicampi* e, principalmente interiorizada, se materializando em 42 UnUs presentes em 39 cidades do Estado de Goiás. O curso de Pedagogia é ofertado em 14 destas UnUs, espalhadas por todas as regiões goianas. Quanto à amostragem intencional das UnUs deve-se ao fato de uma ser a origem da UEG, as outras serem a mais longínqua da sede em sentido sul e em sentido norte. Como a pesquisa está em fase gestacional não há dados empíricos para analisar. A fase em que a pesquisa se encontra é bibliográfica compondo a parte de fundamentação teórica. Hipoteticamente, a formação da identidade *unitas multiplex* não acontece, ocorrendo uma formação voltada para o trabalho em sala de aula, pelo viés neoliberal, deixando fora da formação do pedagogo a pesquisa e a gestão educacional. Essa realidade pode ser da Universidade Estadual de Goiás. Almeja-se confirmar ou refutar esta hipótese em meados de 2016.

## REFERÊNCIAS

BRZEZINSKI, I. **As políticas de formação de professores e a identidade *unitas multiplex* do pedagogo: professor-pesquisador-gestor.** In: SILVA, M.A.e BRZEZINSKI, I. Formar professores-pesquisadores: construir identidades. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.01**, de 15 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciaturas. Diário Oficial da União (DOU), Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de maio, 2006.

#### 4.19. LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS DO MULTILETRAMENTO

Maria Eneida da Silva <sup>21</sup>  
MIELT – UnUCSEH  
eneida.ueg@hotmail.com

Débora Cristina Santos e Silva <sup>3</sup>  
MIELT - UnUCSEH  
dsants@uol.com.br

Este trabalho origina-se de um projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT, da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis. O objetivo da pesquisa é investigar, refletir e analisar quais os desafios encontrados por docentes e discentes do Ensino Médio na leitura e escrita com vistas ao multiletramento, visto que os egressos – em grande maioria – chegam à Universidade com carências na própria língua materna e que precisam ser trabalhadas conforme pontua o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE): “o aprimoramento do nível superior, por sua vez, está associado à capacidade de receber egressos do nível básico mais bem preparados, fechando um ciclo de dependência mútua, evidente e positiva entre níveis educacionais.” (BRASIL, 2008, p. 10). O ensino de língua materna, necessário à formação social, política e cultural do indivíduo, precisa trazer para o espaço escolar os elementos multifuncionais que compõem o texto e que auxiliam nas diversas formas de leitura de que necessitamos para conceber o mundo, afinal de contas “operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 90). É necessário, pois que o aluno seja incentivado a ler e ser um produtor de textos dentro e fora da escola para que suas leituras cheguem além do simples decifrar do código linguístico. E, para o alcance desse objetivo, o professor precisa atentar-se para as metodologias com base em multimodalidade, gêneros textuais e leitura (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013). Nesse contexto tecnológico e multimodal em que há a combinação de palavras, imagens, sons, cores e músicas, propõe-se investigar quais têm sido as metodologias de ensino utilizadas pelo professor; apresentar e discutir com o professor da turma metodologias que viabilizem o multiletramento dos alunos e avaliar como as novas propostas de multiletramento apresentadas contribuirão para o aperfeiçoamento da leitura e, principalmente da

---

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG – Anápolis (GO).

<sup>3</sup> Professora Dr<sup>a</sup> do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG – Anápolis (GO). Orientadora da pesquisa.

escrita desses jovens do ensino médio. O trabalho se iniciou com uma pesquisa documental e, no segundo momento, será desenvolvida uma pesquisa-ação que conforme Chizzotti (2005, p. 100) “[...] se propõe a uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, comprometida com um campo restrito, englobando em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento”. A abordagem da pesquisa será qualitativa, pois conforme Lüdke e André (1986, p.11) “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. A coleta de dados será por meio da observação de vinte e cinco aulas de Língua Portuguesa e pela análise de produções textuais dos alunos. Em seguida, haverá planejamentos de atividades com o professor da turma, pois conforme Gaskell (2002, p. 69) quando se discute em grupo “as pessoas interagem conjuntamente; elas podem partilhar um passado comum, ou ter um projeto futuro comum”. Como resultado parcial da pesquisa documental temos que 213 dos 314 acadêmicos da Unidade Universitária da UEG de Luziânia, que ingressaram entre os anos de 2010 e 2013<sup>224</sup>, advêm da rede pública de ensino. Das 33 escolas estaduais espalhadas por todo o município<sup>5</sup>, a que está em primeiro lugar na quantidade de alunos aprovados no Processo Seletivo para ingresso na UEG de Luziânia envia 68 daqueles 213 mencionados e, portanto foi escolhida como campo da pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC; SEB, 2008. 43 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. (cap. 01) In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- ROJO, Roxane (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

<sup>4</sup> Fonte: Secretaria Acadêmica da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Luziânia.

<sup>5</sup> Fonte: Secretaria de Estado da Educação – Subsecretaria Regional de Educação de Luziânia

## 4.20. MACBETH E KUMONOSU-JO: TRADUÇÃO E DISCURSO

Gustavo Rezende de Souza  
MIELT-UEG

Tomamos a tradução de “Macbeth”, obra literária assinada pelo escritor e dramaturgo inglês William Shakespeare, para o filme japonês “Kumonosu-Jo”, do diretor nipônico Akira Kurosawa, como caso/modelo para se pensar as questões de traduzibilidade, do gênero intersemiótico, levantadas pelas relações entre cinema e literatura inauguradas no fim do século XIX e início do século XX (CURADO, 2008). A tradução intersemiótica de Kurosawa reconstrói, em seus próprios termos, o ambiente shakespeariano. Os sistemas de signos, em nível simbólico, entre a cultura europeia e o Japão medieval são muito diferentes – seria impossível traduzi-los em busca de uma literalidade e ainda assim considerar a obra legitimamente japonesa. Daí o fato de que as principais semelhanças entre a tradução e o traduzido postos em questão encontram-se no nível icônico do signo – a partir de sensações em comum, as construções simbólicas no filme tornam-se particulares, diferentes da obra original, e indicam inúmeros significados que transcendem àqueles presentes na obra que foi traduzida (PLAZA, 2003). Nos alicerces da teoria tradutória e, portanto, em “Kumonosu-Jo”, encontramos as características da operação mimética aristotélica (LACOUÉ – LABARTHE, 2000). A imitação não está subordinada nem é inferior ao original, mas amplia severamente seu horizonte de significados. No filme de Kurosawa são introduzidas convenções teatrais, musicais, pictóricas e cenográficas próprias de suas respectivas tradições japonesas (ANDERSON, 1982; YOSHIMOTO, 2000). “Macbeth” jamais poderia encerrar todos estes significados formais e possibilidades simbólico-culturais em si mesmo. A leitura de Shakespeare acerca dos padrões éticos e morais da cultura cavaleiriça da Europa medieval são ressignificados por Kurosawa, de acordo com a visão de seu próprio tempo a respeito da cultura samurai. E observando a dimensão mimética e tradutória entre ocidente e oriente, encontramos as pistas para o entendimento da construção do discurso da modernidade japonesa. Mesmo após a erradicação dos samurais como classe governante, o processo de modernização do Japão não abandonou o legado cultural dos samurais. O que ocorreu foi a reformulação discursiva, ou seja, a atualização moderna de seu código de ética, o *Bushido*, e mais especificamente uma de suas virtudes, *Meyo* – a honra. (FAIRCLOUGH, 2001). Esta mostrou-se uma poderosa ferramenta para a formação dos soldados japoneses durante a I e II Guerra e, para o restante da sociedade, um modelo de representação social do “espírito japonês” (IKEGAMI, 1995; 2003; MCCLAIN, 2002; NITOBÉ, 2005). Mesmo após os anos de ocupação ocidental pela SCAP (*Supreme Commander of the Allied*

*Forces*), que marginalizou e perseguiu as manifestações tradicionais samurais, podemos ver, na prolífera produção dos filmes de época japoneses, os *jidaigeki*, a constante releitura da história e dos costumes daqueles guerreiros (STANDISH, 2005).

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, J.L.; RICHIE, D. **The Japanese film: art and industry**. Princeton: Princeton University Press, 1982.

CURADO, M. E. Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação? *Temporis[ação]*, v. 1, n. 9, p. 88-102, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

IKEGAMI, E. **The taming of the samurai: honorific individualism and the making of modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Shame and the samurai: institutions, trustworthiness, and autonomy in the elite honor culture. **Social Research**, v. 70, n.4, pp. 1351-1378, 2003.

LACOUÉ-LABARTHE, P. **A imitação dos modernos**. Trad. João Camillo Penna. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

MCCLAIN, J. L. **Japan: a modern history**. Norton and Company: New York, 2002.

NITOBÉ, I. **Bushido: the soul of Japan**. São Paulo: Tahyu, 2005.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

STANDISH, I. **A new history of japanese cinema: a century of narrative film**. New York: The continuum international publishing group inc, 2005.

YOSHIMOTO, M. **Kurosawa: film studies and Japanese cinema**. Durham: Duke University Press, 2000.

#### 4.21. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

Yara Oliveira e Silva  
Aluna do MielT – UEG

Mirza Seabra Toschi  
Orientadora do MielT - UEG

O estudo sobre a Mediação Pedagógica (MP) em contextos de aprendizagem *online* tem por objetivo analisar como ocorre a mediação pedagógica nos ambientes de aprendizagem *online* e de que forma o conhecimento pode ser desencadeado a partir dessa mediação na formação continuada de professores. Especificamente, objetiva-se identificar e analisar a concepção dos professores sobre mediação pedagógica no curso a distância em nível de especialização. Nesse sentido, torna-se prudente investigar as intervenções didáticas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) analisando a mediação pedagógica, suas características, função e contribuição frente ao estímulo e motivação necessários para o desenvolvimento de cursos na modalidade a distância. A relevância desse estudo está na aspiração de demonstrar a importância da mediação pedagógica nos ambientes de aprendizagem *online* contribuindo para uma reflexão crítica sobre a formação continuada de professores a distância. A metodologia proposta para concretização desse estudo consiste em algumas fases. A primeira, que neste momento está em fase de construção, é a pesquisa teórico-bibliográfica com objetivo de conhecer, por meio de revisão de literatura, as pesquisas já realizadas sobre o tema. O estudo qualitativo se pautará no levantamento de informações sobre o processo de formação continuada de professores em ambientes virtuais de aprendizagem. A abordagem desse estudo se fundamenta na contribuição de Ludke e André (1986). A pesquisa de campo será desenvolvida em um curso em nível de especialização oferecido pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás (CIAR/UFG). Serão utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: questionários semiabertos aos cursistas e orientador acadêmico, observação no AVA e entrevista com a coordenação do curso. Após a coleta de dados, o próximo passo será a análise deles. Na perspectiva da pesquisa qualitativa, restringiremos os procedimentos de análise em conformidade com os objetivos de uma pesquisa dessa natureza. Logo, será utilizada a técnica de análise de conteúdo a partir da contribuição de Franco (2005). A mediação pedagógica na EAD só se torna realidade quando superadas algumas barreiras, e uma delas é a comunicação. O diálogo se torna essencial nesse processo, já que aproxima os sujeitos que interagem pelos ambientes virtuais e, para estabelecê-lo, as TIC podem se tornar aliadas, desde que não sejam concebidas isoladamente da mediação do professor. O que acredito é

que não basta prover o acesso, no entanto é necessário garantir o diálogo, as intervenções didáticas, a prática de ensino mediada, não apenas pelos recursos tecnológicos disponíveis, mas principalmente por pessoas. Trata-se de uma construção ampla em vias de mão dupla já que considerar a mediação pedagógica na educação a distância requer pensar não somente na formação continuada de professores, mas também na formação de formadores. Esses profissionais são convidados a reestruturarem sua *práxis* para trabalhar pedagogicamente em novos espaços mediados pelo uso intensivo de tecnologias. Um risco não se pode permitir: analisar esses espaços apenas pelo viés de sua mediação tecnológica desmerecendo a pedagógica. São os novos desafios da docência *online*. É certo que a mediação tecnológica existe e pode ser uma aliada para contribuir na dinâmica dos AVA, mas a construção do conhecimento só se torna possível a partir do momento em que ocorre a mediação pedagógica nos ambientes virtuais. Logo, como afirma Toschi (2010, p. 176), é necessário exercer a dupla mediação que se constitui num desafio apresentada à prática pedagógica já que incita “analisar as mediações na perspectiva dos processos de ensinar e aprender implica entendê-la em sua dupla mediação, a do professor e a do meio a que o estudante tem acesso”. Essa é a provocação apresentada nesse estudo.

## REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- HARASIM, Linda (et. al.). **Redes de Aprendizagem**: um guia para ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Editora SENAC, 2005.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. Quem é o aluno virtual? In: \_\_\_\_\_. **O aluno virtual**: um guia para trabalhar com estudantes *on-line*. Porto Alegre: ArtMed, 2005.
- PETERS, Otto. **A educação a distância em transição**: tendências e desafios. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012.
- TOSCHI, Mirza Seabra. A dupla mediação no processo pedagógico. In: \_\_\_\_\_ (org). **Leitura na tela**: da mesmice à inovação. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

#### **4.22. LITERATURA, CIDADE E VIOLÊNCIA URBANA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS EXPERIÊNCIAS URBANAS EM *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO E EM *CIDADE DE DEUS*, DE PAULO LINS**

Jade Cardozo Magalhães dos Santos<sup>23</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

Ewerton de Freitas Ignácio<sup>24</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

Esta pesquisa propõe a análise comparativa do espaço urbano, especificamente nos romances *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Partimos do princípio de que, na narrativa de Aluísio Azevedo, é representado o Rio de Janeiro do final do século XIX, num momento histórico em que a burguesia começava a ter poder na sociedade brasileira. Junto a isso, ocorria a marginalização de classes sociais desfavorecidas. Por sua vez, a narrativa de Paulo Lins retrata o Rio de Janeiro de meados do século XX, cujo problema está no complexo das favelas cariocas. Averiguar em que medida a modernização altera a vida das personagens, tendo como foco as representações da cidade do Rio de Janeiro no contexto narrativo dos romances-objetos da pesquisa. - Averiguar as descrições e o panorama do Rio de Janeiro enquanto espaço urbano e local da representação das obras *O Cortiço* e *Cidade de Deus*; - Analisar *O Cortiço* e *Cidade de Deus* enfocando o fenômeno da modernização, a evolução do tipo de moradia em destaque nas duas obras e os seus influxos na vida dos personagens principais; - Refletir sobre as evidências de violência no *modus vivendi* da urbe, e a possível relação desse fenômeno urbano com o tipo de habitação e situação social em que se inserem as personagens objetos de estudo. A análise em andamento é desenvolvida por meio das seguintes etapas: 1) Leitura das respectivas obras-objeto da pesquisa; leitura, análise e comparação entre os artigos e as demais obras basilares sobre: o estudo da cidade na literatura, a violência, o fenômeno da modernidade e a influência da urbanização na vida social dos indivíduos/personagens. 2) Releitura dos romances com o objetivo de encontrar toda a possível leitura do espaço urbano, as descrições a respeito da vivência dos personagens principais, os tipos de violência presentes nas obras escolhidas; e, por

---

<sup>23</sup> Pós-graduanda no Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail:

fim, serão sistematizados na forma de dissertação os resultados e as conclusões da presente proposta. A proposta de análise das descrições - sobre a cidade, a pobreza, a violência e a experiência moderna urbana -, nas obras, parte da suposição de que houve mudanças consideráveis na cidade do Rio de Janeiro, nesse recorte de espaço/tempo, e que a representatividade do modo de vida das personagens dos objetos de pesquisa está intrinsecamente relacionada a isso podendo ser descrita e analisada ao longo desse trabalho. Espera-se compreender e refletir sobre o perfil do homem moderno inserido na cidade.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo, Martin Claret, 2004.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. C. F. Moisés e A.M.L. Ioratti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História – suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana – Um Estudo de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

#### **4.23. PRÁTICA PEDAGÓGICA CRIATIVA, ECOFORMADORA E TRANSDISCIPLINAR DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO**

Marcos Vinícius Guimarães de Paula  
 Aluno regular do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias  
 Universidade Estadual de Goiás/ MIEL-UEG

Conforme destaca Zwiernicz (2013), é necessário pensar a instituição escola nos princípios e fundamentos da criatividade e da inovação, problematizando questões relacionadas aos valores humanos, à solidariedade, ao meio ambiente, e demais aspectos que refletem uma escola do século XXI conectada com a vida e para vida. Assim, é necessário reinventar a educação (ZWIEREMICZ, 2013), ou no mínimo, repensá-la. Nesse sentido, acredita-se que pensar a educação escolar do ponto de vista da transdisciplinaridade, da ecoformação e da criatividade é uma possibilidade de contribuir para uma escola que humaniza, potencializa valores e virtudes, e contribui na formação de seres críticos, sensíveis e conscientes de sua história e de sua contribuição para o planeta. Compreende-se, assim, a necessidade de se discutir a educação escolar dentro dos possíveis diálogos entre razão e emoção, sentimento e pensamento, numa visão do ser humano como ser integral, formado indissociavelmente por corpo e mente. Os ensinamentos transdisciplinares, cuja base epistemológica é a teoria da complexidade, demonstram uma preocupação com o respeito à diferença, a cultura de paz, o olhar sensível para o outro, a consciência de pertencimento ao planeta, dentre outros aspectos que corroboram para a formação de um mundo melhor para todos. A Educação Física Escolar como componente curricular tem muito a contribuir nessa formação humanística do ser. E assim, se propõe uma análise dessa área do conhecimento sob o olhar criativo, ecoformador e transdisciplinar. Por que não se discutir e vivenciar com os alunos a cooperação como forma de jogo? Por que não mostrar um olhar sensível para o outro? Por que não refletir o jogo para além das competições exacerbadas que marcam a Educação Física Escolar? Por que não despertar as consciências dos alunos quanto à escassez da água do nosso planeta? Por que não conscientizá-los em trazer suas garrafas para as aulas para que água do planeta não seja desperdiçada nos bebedouros? Por que não discutir a violência nos estádios que matam cada vez mais e transformam, muitas vezes, os jogos em verdadeiros espaços de guerra? Por que não problematizar o respeito às diferenças nas aulas de Educação Física? Por que não contribuir na formação de seres humanos que convivem em espaço harmonioso com a diferença (gordo, magro, baixo, alto, negro, branco, devagar, rápido, fraco, forte)? Por que não propor atividades

utilizando as TICs (tecnologias da informação e comunicação) que estimulem a construção do conhecimento? Por que não se pensar uma Educação Física Escolar crítica e humanística? Será realizada uma pesquisa de campo de caráter quanti-qualitativo. No que concerne à linha de pesquisa, o trabalho abordará a linha Educação, Escola e Tecnologias. Serão adotados os fundamentos epistemológicos e metodológicos da complexidade e da transdisciplinaridade. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, será realizado um estudo de caso, no qual se realiza um estudo profundo de um determinado objeto para seu detalhamento. Enquanto técnica de coleta de dados serão utilizados questionários mistos destinados aos professores de educação física da Rede Municipal de Educação da cidade de Anápolis-GO. O problema investigado será: O professor de educação física da segunda fase do ensino fundamental da rede municipal de Anápolis-GO desenvolve práticas pedagógicas transdisciplinares, ecoformadoras e criativas? Além disso, será realizada uma entrevista semiestruturada com o assessor pedagógico de Educação Física da referida rede para que se possa levantar dados relevantes para pesquisa. Participarão desse trabalho aproximadamente 24 professores de Educação Física que trabalham na segunda fase do ensino fundamental (6º ao 9º ano) na Rede Municipal de Ensino de Anápolis-GO.

## REFERÊNCIAS

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, BASARAB. **Projeto CIRET-UNESCO**: evolução transdisciplinar da universidade. Bangkok: Chulalongkorn University, 1997. Disponível em: <http://www.moodle.fmb.unesp.br/mod/resource/view.php?id=60>. Acesso em 05/04/2014.

SUANNO, João Henrique. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. Tese de Doutorado. Defesa em 09 de maio de 2013. Orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Brasília/DF: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2013.

ZWIEREWICZ, Marlene. **Do ensino linear ao ensino transdisciplinar: notas introdutórias para um nova consciência na educação**. In: ZWIEREWICZ, Marlene. *Criatividade e inovação no ensino superior: experiências latino-americanas e européias em foco*. Universidade da Paraíba, 2013.

#### 4.24. O USO DE SITE DE REDES SOCIAIS PELOS SURDOS

Juliana Guimarães Faria

Professora da Faculdade de Letras/UFG e  
Estágio Pós-doutoral no MIELT/UnUCSEH/UEG  
julianagf@yahoo.com.br

Mirza Seabra Toschi

Professora Pós-Doutora da UnUCSEH/UEG  
mirzas@brturbo.com.br

Este estudo está em andamento e se refere ao plano de trabalho de estágio pós-doutoral vinculado ao Laboratório de Mídias Interativas (LIM), Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) e ao Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da UnUCSEH. O tema é o uso dos sites de redes sociais pelos surdos, na perspectiva de inclusão digital e se justifica pela característica e penetrabilidade que as tecnologias exercem, sobretudo por meio dos sites de redes sociais (RECUERO, 2009) na sociedade, inclusive com a comunidade surda. O surdo foi submetido a três principais práticas educacionais e, portanto, de acesso ao conhecimento. O Oralismo é uma delas, e foi definido como o método mais eficiente em 1880, no II Congresso Internacional de Educação de Surdos. Porém, no decorrer dos anos, percebeu-se certo fracasso, visto que os surdos eram submetidos à práticas com foco no exercício da fala em detrimento da aprendizagem dos conteúdos escolares (GOLDFELD, 2002). Posteriormente, em meados dos anos de 1900, a Comunicação Total passa a ser um caminho alternativo, visto que surgiu como uma metodologia que permite o uso da língua de sinais como meio de aprendizagem para o desenvolvimento da língua oral. Mesmo permitindo o uso da língua de sinais nos processos educacionais, a Comunicação Total ainda valoriza a língua oral como objeto linguístico. Na década de 1960, Stocke, pesquisador americano, publicou a gramática da língua de sinais, possibilitando uma visão científica de que os sinais se configuram como língua e assim devem ser reconhecidos. Quadros e Karnopp (2004) argumentam que as línguas expressam padrões sociais, valores, ideais e culturas, ou seja, são epifenomenais, pois representam uma multiplicidade de fatores que caracterizam grupos sociais específicos. Para as autoras, a língua dos surdos é visuo-gestual e expressa, então, os valores, ideais e a cultura de seu povo por meio dessa modalidade visual. As autoras mostram que as Línguas de Sinais (LS) apresentam níveis de análise como quaisquer outras línguas, quais sejam: o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional). É esse reconhecimento da LS como língua que fortalece os surdos no Brasil na luta para experienciar o mundo por meio da sua própria língua. No

Brasil, o palco dessas lutas tem sido a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), o que também impactou no reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio oficial de expressão e comunicação da comunidade surda brasileira (Lei 10.436/2002). Além disso, em 2005 foi aprovado o Decreto 5.626, que regulamenta a referida lei e determina formas de uso e difusão da Libras. A partir do reconhecimento da importância da Libras, o objetivo desse estudo é identificar, analisar e compreender qual o uso que os surdos vinculados à Associação de Surdos de Goiânia (ASG) fazem dos sites de redes sociais e como se configura esse acesso. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa na perspectiva compreensiva e o instrumento de coleta de dados será por meio de um questionário estruturado e entrevistas semiestruturadas. Garcêz e Maia (2009) desenvolveram estudo sobre a contribuição da internet para as lutas por reconhecimento dos surdos e consideram que esse espaço possibilita que eles sejam os produtores e veiculadores de suas próprias narrativas, como espaço de debate e contato. Sendo um espaço propício para o desenvolvimento comunicacional da comunidade, visto que permite o contato e a interação (texto e imagem) que não exclusivamente a voz, mas utilizando textos e imagens. Com as possibilidades promovidas pelas tecnologias de informação e comunicação, principalmente com a internet, a língua pode transpor o real e atingir espaços antes não imaginados. A construção de valores, ideias, produção de cultura e narrativas está potencialmente posta pela internet, justamente por isso há a necessidade de se identificar e refletir sobre esse potencial trazido pela tecnologia e compreender a relação entre educação, linguagem e tecnologias no contexto do surdo e seu desenvolvimento e processo educativo.

## REFERÊNCIAS

GARCÊS, Regiane L. O.; MAIA, Rousiley. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos dos testemunhos. In: **Revista de Sociologia Política**, v. 17, n. 34, Curitiba, out, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

## 4.25. POLÍTICAS PÚBLICAS DE DIVERSIDADE NO BRASIL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Marlene Barbosa de Freitas Reis <sup>1</sup>  
(MIELT/UEG-Inhumas)

A questão da diversidade vem ganhando evidência na literatura e nas políticas públicas das últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 90 e temos notado uma discussão crescente com a inclusão social e escolar. Nas políticas públicas tem sido pauta de reivindicações por parte de vários segmentos sociais. O termo diversidade consiste, pois, em uma visão ampliada de inclusão, em reconhecer, valorizar e considerar as diferenças culturais, sociais, étnico-raciais, religiosas, sexuais, além daquelas pessoas possuidoras de alguma condição biológica que venha dificultar a convivência nos padrões das condições chamadas ‘normais’, conforme pontua Reis (2006). Diversidade, portanto, é aqui tratada como políticas públicas norteadoras da política nacional inclusiva em detrimento de políticas focalizadas, entendendo-a como forma de existir, “algo vivido, experimentado e percebido, gozado ou sofrido na vida cotidiana” de cada um de nós. (PIERUCCI, 1999, p. 33). Tal concepção incita pensar o espaço escolar como espaço de oportunidades de debates, de estilos e ritmos de aprendizagem diferentes. Por isso, abarca as concepções da educação inclusiva. Uma educação que prime para o reconhecimento do outro, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, para o favorecimento da construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas (CANDAU, 2008, p. 23). A par disso a questão se coloca é: em que medida ocorreram mudanças nos marcos legais que respaldam as políticas públicas de diversidade no Brasil? Responder a essa indagação nos conduz a refletir sobre a trajetória histórica e a construção da agenda das políticas públicas de diversidade no Brasil, apontando seus limites e suas possibilidades de mudanças, sobretudo, ao longo da historiografia brasileira, trazendo como elementos de referência os marcos legais internacionais e suas influências sobre a legislação brasileira, os embates, os interesses em jogo e os arranjos que gradativamente foram tecendo as estruturas necessárias para sua formulação e implementação em âmbito nacional. Sabemos que uma política pública não se efetiva em um passe de mágica, da noite para o dia, e nem sempre traduz, segundo a lógica capitalista, apenas os interesses do Estado. Mudanças vão se conformando e dando novos sentidos aos termos, às ações e aspirações.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela UFG. Especialista em Planejamento Educacional pela Salgado de Oliveira. Mestre em Educação pela Universidade de Havana - Cuba. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Professora no curso de Pedagogia da UEG – Inhumas e do Programa do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT) da Unidade Universitária de Ciências Sócio- Econômicas e Humanas de Anápolis/ UEG. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com

Assim, a terminologia diversidade adotada nesta pesquisa pode ser caracterizada como um conceito que engendra as concepções recentes. Daí, consideramos ser relevante revisitar a trajetória histórica pela qual foi-se delineando, a fim de identificarmos suas diferentes feições e interpretações, pois “falar de política é falar de diversidade e contradição” (SILVA, 2008, p. 90). Ademais, a relevância de se compreender a dependência das trajetórias pelas quais uma política pública vai sendo construída, adaptada e modificada, em conformidade com as condições históricas que a condicionam, está em considerar tanto o passado quanto o “depois”, conforme pontuam Mahoney e Thellen (2010). Nota-se, portanto, que as mudanças atingem todas as dimensões, inclusive do sistema educacional e redimensionam seus papéis e sua reconfiguração sendo claramente percebidas no arcabouço dos acontecimentos que sustentaram tais mudanças. Daí nosso interesse em identificar os seus desdobramentos nas políticas públicas brasileira de diversidade vigentes.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera M. **Multiculturalismo e educação**: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-37.
- MAHONEY, J.; THELEN, K. A theory of gradual institutional change. In: \_\_\_\_\_. **Explaining institutional change**: ambiguity, agency, and power. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-37.
- REIS, Marlene B. de Freitas. **Educação inclusiva**: limites e perspectivas. Goiânia: Deescubra, 2006.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- Maria Ozanira da Silva [et. al.]. **Pesquisa avaliativa**: aspectos teóricos-metodológicos. São Paulo: Veras Editora, 2008.

#### 4.26. PAPEL DO GÊNERO REPORTAGEM NA CONSTITUIÇÃO HIPERGENÉRICA E DISCURSIVA DA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO<sup>251</sup>

Amanda Oliveira Cunha<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

Sostenes Lima<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

Este trabalho tem como objeto de estudo o gênero reportagem e sua configuração sociorretórica e discursiva na revista semanal de informação. Busca analisar o papel que o gênero ocupa na constituição discursiva e hipergenérica da revista. Consideramos que os gêneros do discurso constituem o principal elemento discursivo dos eventos sociais. Nesse sentido, a análise do gênero reportagem pode contribuir para a compreensão do modo como o domínio discursivo jornalístico se constitui; de como o gênero incorpora em sua organização e em seu funcionamento elementos discursivos; e como atua na constituição discursiva e na configuração da revista semanal de informação como um hipergênero. Iniciaremos apresentando o quadro teórico da pesquisa. Apresentaremos o percurso metodológico e, em seguida, algumas considerações sobre os resultados já obtidos nesta pesquisa. A pesquisa tem como principal arcabouço teórico a Análise Crítica de Gêneros (ACG), ligada à Análise de Discurso Crítica (ADC) e Análise Sociorretórica de Gêneros (ASG), conforme propõe Bonini (2012). Esse quadro teórico é fundamental para a compreensão global da configuração discursiva e sociorretórica de gêneros (e hipergêneros). Fornece elementos teóricos para a compreensão do modo como o gênero está encaixado nos processos de representação da realidade, de construção das relações sociais, da constituição das identidades sociais (LIMA, 2013). A ACG possibilita a análise da relação entre gêneros específicos e práticas sociais particulares, em termo do funcionamento dos gêneros nessas práticas (RAMALHO; RESENDE, 2011) e do modo como gêneros constituem sociorretórica e discursivamente atividades específicas ligadas a essas práticas particulares. A pesquisa possui caráter qualitativo e é por princípio uma pesquisa interpretativa, situada na perspectiva teórico-metodológica da ACG, da ADC e da ASG. A amostra da pesquisa se constitui de dois exemplares de cada uma das três revistas, *Carta Capital*, *Época* e *Veja*, correspondentes a uma mesmo período de circulação. A análise segue três etapas: a) identificação de aspectos sociorretóricos e discursivos constituintes do

---

<sup>1</sup> Resumo derivado da pesquisa de mestrado da primeira autora sob a orientação do segundo autor.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis.  
E-mail: [amanda\\_yea@hotmail.com](mailto:amanda_yea@hotmail.com)

gênero; b) análise dos aspectos sociorretóricos do gênero reportagem na configuração hipergenérica da revista semanal de informação; e c) análise dos elementos discursivos do gênero reportagem na constituição discursiva da revista semanal de informação. As análises já realizadas indicam que componentes discursivos típicos do gênero reportagem atuam como elementos constitutivos da composição hipergenérica e discursiva da revista semanal de informação. Dentre esses elementos, destacamos os movimentos retóricos, a progressão temática, as conexões intertextuais e interdiscursivas. Nesse sentido, as análises apontam para o gênero reportagem como principal gênero na configuração discursiva da revista como um hipergênero.

## REFERÊNCIAS

- BONINI, A. Análise crítica de gêneros jornalísticos. 2012. SBJor. **10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nov. 2012. Disponível em:  
<<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1776/292>
- LIMA, S. **Hipergênero**: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado. Tese (doutorado). Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Programa de Pós-graduação em Linguística, 2013.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

#### 4.27. PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE GOIANÉSIA-GOÍÁS.

Gomes Avelar Bernardes<sup>1</sup>  
Aluna do MIELT-UEG  
giseleavelar@yahoo.com.br

Daniela da Costa Britto Pereira Lima<sup>2</sup>  
Professora orientadora do MIELT-UEG  
professoradanielalima@gmail.com

A definição do tema “Processo de Implementação das Tecnologias Educacionais na Rede Pública Municipal de Goianésia-Goíás” tem o propósito de pesquisar a trajetória da inclusão das tecnologias nas escolas de ensino fundamental da Rede Municipal da cidade. Para iniciarmos a pesquisa, partimos da seguinte **problemática**: em que medida e com quais procedimentos a rede pública municipal de Goianésia-Goíás implementa as políticas públicas educacionais para o uso das tecnologias na educação Básica (ensino fundamental-anos iniciais)? A pesquisa tem como **objetivo geral**: fazer o levantamento das políticas públicas de tecnologias educacionais no Brasil e relacioná-las com o processo de implementação pela rede pública municipal de Goianésia-Goíás. Para conduzir as investigações e alcançar o objetivo geral, a pesquisa possui como **objetivos específicos**: (i) Mapear e analisar a trajetória histórica e política das tecnologias educacionais no Brasil; (ii) Fazer um levantamento teórico e bibliográfico acerca do tema e das pesquisas já realizadas; (iii) Descrever e analisar a trajetória da implementação das tecnologias educacionais na rede pública municipal de Goianésia – Goíás; (iv) Caracterizar os limites e as possibilidades da implementação das tecnologias educacionais na rede pública municipal de Goianésia-Goíás na visão dos atores envolvidos no processo. A **metodologia** proposta para a realização desta, constituirá em uma pesquisa qualitativa, considerando o ciclo da pesquisa segundo Minayo (2000), em que estabelece que a mesma possa ocorrer seguindo três fases: exploratória, pesquisa de campo e análise dos dados. Na pesquisa exploratória será realizado um levantamento bibliográfico no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre 2000 e 2013, para visualizar os trabalhos e produções já realizadas, utilizando de palavras-chave como Políticas informatizadas, ensino fundamental, tecnologias. Dando seqüência à fase exploratória, também será feito um levantamento bibliográfico no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) nos respectivos anos, buscando nos grupos de trabalho (GTs) Educação e Comunicação (GT 16) e Estado e Políticas Educacionais (GT 5), trabalhos

que possam contribuir com a presente pesquisa. Posteriormente, será feito um levantamento documental, a partir de legislações e normatizações para construir a trajetória histórica das políticas públicas da inclusão das tecnologias na educação básica no Brasil e para construir a trajetória do processo de implementação das políticas para o uso das tecnologias em Goianésia, além do levantamento de documentos nos campos pesquisados (Secretaria de Educação, Secretaria de Planejamento, Núcleo de Tecnologia Educacional - NTE e nas escolas selecionadas). No trabalho de campo, considerada a segunda fase do ciclo da pesquisa (MINAYO, 2000), momento em que as técnicas e a coleta de dados são combinadas, utilizar-se-á de entrevistas semiestruturadas. Serão selecionados os atores da pesquisa delimitando a população base. Assim, tomando como referência Lima (2013), será construído um quadro como abordagem metodológica com categorias, variáveis e subvariáveis para melhor delinear o trabalho. E, por fim, será realizada a análise dos dados, terceira fase do ciclo da pesquisa. Como **base teórica** serão utilizados os seguintes autores: Ball(2001); Carvalho, Barbosa e Soares (2010); Bell (2006); Mainardes (2006); Teixeira (2002); Goldenberg (2004); Scartascini e Tommasi(2012); Souza (2006); Lopes e Amaral (2008); Nóvoa (2009); Dalben et all (2010); dentre outros. A pesquisa em questão possui relevância acadêmica e social, pois promoverá uma investigação e discussão teórica e prática sobre o processo de implementação das tecnologias educacionais na rede pública municipal de Goianésia, sendo estas concretizadas a partir das necessidades e reflexões construídas num determinado contexto, oportunizando a construção de documentos para estudos.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

LIMA, Daniela da Costa Britto Pereira. **Políticas públicas de EaD no ensino superior: uma análise a partir das capacidades do Estado**. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento)-Rio de Janeiro, UFRJ. 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

## 4.28. PRODUÇÃO ORAL E APRENDIZAGEM COLABORATIVA DE LÍNGUA INGLESA: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

,Waldeir Eterno<sup>1</sup>  
(PG – MIELT/ UEG)

Barbra Sabota<sup>2</sup>  
(UEG - MIELT)

Esta apresentação é um recorte dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de mestrado em andamento deste autor, sob supervisão da co-autora. A pesquisa de onde este se origina analisa um projeto de extensão desenvolvido no IFG cuja proposta é oferecer oportunidades de produção oral de língua inglesa. Na análise prévia até o momento realizada, esse projeto tem se revelado favorecedor da aprendizagem colaborativa, uma abordagem derivada de princípios da teoria sociocultural de Vygotsky (1934/1998). A análise também se dá a partir da consideração de conceitos de dialogicidade em Bakhtin (1929/2009) e do uso de ferramentas tecnológicas para auxiliar e mediar a interação em língua estrangeira, como apresentada em Paiva (2001) e Oliveira (2013). No desenvolvimento da pesquisa de mestrado alguns procedimentos metodológicos têm sido úteis na coleta e análise de dados (ainda em andamento) e serão discutidos nesta oportunidade. São discutidas as características da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, segundo Ludke e Andre (1986/2001) e Rees e Mello (2011), dentre elas destacam-se os princípios investigatórios que consideram o grupo, as perspectivas éticas, a natureza holística, a comparação, a teoria fundamentada em dados, as técnicas de coleta e uma detalhada análise dos dados. Para a construção da dissertação, fez-se a opção pela pesquisa qualitativa de cunho etnográfico por compreender que esse tipo de pesquisa abriga abordagens, métodos e técnicas que conseguem alcançar questões singulares como estratégias de interação e comunicação na aprendizagem de línguas em contextos dinâmicos. Para Rees e Mello (2011), o que caracteriza o paradigma qualitativo são as formas: Ontológica – A realidade é construída, dinâmica e contextualizada; Epistemológica – A teoria do mundo social é o relativismo, a realidade é construída na dinâmica dos fatos sócio-históricos; Metodológica – O pesquisador procura entender a realidade do ponto de vista do participante. De acordo com as autoras o termo qualitativo é o mais abrangente de

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Especialista em metodologia de ensino de Línguas pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em juventude contemporânea pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação, linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail:

todos, estando em um primeiro plano, o do paradigma, e inclui outras denominações como a etnografia, as histórias de vida e o estudo de caso. Para Spradley (1980), uma pesquisa deve “observar o que as pessoas fazem, observar as coisas que as pessoas fazem e usam, além de ouvir o que as pessoas dizem; suas interpretações dos seus comportamentos e artefatos”. O autor salienta a constituição do homem pela língua em sua relação com a cultura e afirma que compreender línguas significa compreender o mundo, aceitando e convivendo com as diferenças individuais que o compõem. Nesse sentido, uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, consiste em uma abordagem holística que perfaz o caráter ontológico, epistemológico e metodológico. Dentre os instrumentos utilizados para a coleta de dados estão: entrevistas; gravações em áudios e vídeos de 6 sessões dos encontros presenciais; diário de pesquisa; gravações em áudio e vídeos dos planejamentos das sessões presenciais e aplicativos e/ou plataforma de interação e comunicação como *Whatsapp* e *Wiggio*, instrumentos esses que também serão discutidos na apresentação.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem** – problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2009.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986/2001.
- OLIVEIRA, E. C. de. Navegar é preciso! – o uso de recursos tecnológicos para um ensino-aprendizagem significativo de línguas estrangeiras. In: PEREIRA, A. L.; GOTTHEIM, L. **Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso**. Campinas: São Paulo, Mercado de Letras, 2013. p. 185-214.
- PAIVA, V. L. M. de O. A *www* e o ensino de inglês. **Revista Brasileira de linguística aplicada**, v. 1, n,1, p. 93 – 116, 2001.
- REES, D. K.; MELLO, H. A. B. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/ língua estrangeira. **Cadernos do IL**, n. 42, junho de 2011.
- SPRADLEY, J. P. **Partipant observation**. Harcourt Brace College Publishers, 1980.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1934/1998.

#### **4.29. REPERCUSSÃO DAS AÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SUPERIOR NO BRASIL**

Lívia Soares de Lima Sousa <sup>1</sup>  
(MIELT/UEG)

Daniela da Costa Britto Pereira Lima <sup>2</sup>  
(UEG - UFG)

Este resumo visa apresentar a pesquisa em andamento por ora intitulada “Repercussão das ações do Conselho Nacional de Educação (CNE) na institucionalização da Educação a Distância (EaD) e Superior no Brasil”, cujo objetivo central do estudo é identificar e analisar as principais ações, limites e potencialidades do CNE (por meio de suas indicações, pareceres, resoluções e relatos), desenvolvidas entre 1996 e 2013 no que tangem a formação e a avaliação da política de educação superior a distância no país. Assim, buscaremos observar as relações entre a trajetória de regulamentação de constituição do CNE com a constituição da EaD na educação superior, além de analisar a visão dos atuais Conselheiros do CNE acerca das ações desse órgão para o desenvolvimento da modalidade. Vale destacar que o CNE e a EaD no Brasil foram regulamentados muito recentemente, ou seja, o CNE foi instituído a partir da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995 e a Educação a Distância regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A relação estabelecida nesse trabalho entre o CNE e EaD dar-se-á pela função normativa, deliberativa e de assessoramento do órgão para a Educação, ao formular e avaliar as políticas nacionais, e, por isso, será analisado como essas ações do órgão tem contribuído para a constituição da EaD no Brasil. A escolha de estudar as implicações dos atos normativos do CNE para a EaD se justifica pelos apontamentos de Alonso (2010) e Lima (2013) a respeito da expansão da modalidade no país, que passou de 25 instituições de ensino superior (IES) em 2002, para 150 IES em 2012, representando um crescimento de 600% no período. A pesquisa em questão é qualitativa e empírica, com apoio da pesquisa bibliográfica e documental para a coleta de dados (DUARTE, 2002). O referencial teórico que vai ancorar a pesquisa é baseado no ciclo da política pública (RIPLEY, 1995). Dentre os caminhos dessa pesquisa, o estudo encontra-se na fase inicial, de revisão bibliográfica, na qual estão sendo levantados os trabalhos que porventura já foram realizados sobre o tema, ou seja, o estado da arte, a partir do

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás e Universidade Federal de Goiás.

banco de teses e dissertações da CAPES, em que estão sendo analisados os trabalhos que podem contribuir para o aporte teórico e metodológico dessa pesquisa, conforme Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) definem essa fase de pesquisa: como a fase que é possível ter uma visão geral de trabalhos já realizados de modo a refletir sobre o próprio objeto. Assim, ainda em fase inicial, a pesquisa se justifica na relevância para o campo educacional para a compreensão de como as políticas de gestão vem sendo implementadas, apontando possíveis limites e possibilidades destas para a regulação do ensino, neste caso, da educação superior a distância no país (DOURADO, 2011), desvelando-a na sua regulamentação e na visão dos conselheiros nacionais membros do Conselho Nacional de Educação.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, K. M. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/14.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

ALVES-MAZZOTTI, A, J. ; GEWANDSZNAJDER, F. Revisão de Bibliografia. In: ALVES-MAZZOTTI, A, J. ; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Políticas e gestão da educação superior: múltiplas regulações e reforma universitária no Brasil**. VII Seminário da RedEstado, Buenos Aires, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom\\_seminario\\_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Luiz%20Fernandes%20Dourado.pdf](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Luiz%20Fernandes%20Dourado.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2014.

LIMA, Daniela da Costa Britto Pereira. **Políticas públicas de EaD no ensino superior: uma análise a partir das capacidades do Estado**. 2013. 285 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) - Programa de Pós- Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RIPLEY, Randall B. Stages Of The Policy Process. In: MCCOOL, Daniel C. **Public Policy Theories, Models, and Concepts: An Anthology**. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

#### 4.30. UMA VISITA AO HIPERMERCADO DOS POEMADS: DO PROSAICO AO POÉTICO

Maurício Gabriel Santos<sup>261</sup>  
Débora Cristina Santos e Silva<sup>2</sup>

Esta comunicação discute aspectos estético-formais da ciberliteratura contemporânea, no que toca ao processo de criação literária do sujeito lírico em seu diálogo criativo com os leitores na web. Para isso, contempla a obra do web-poeta português Rui Torres, tendo como objeto uma de suas recentes criações digitais, os poemAds. Nessa produção, Torres evidencia um discurso metalinguístico e autorreferente, no qual se utiliza da plagiotropia, num processo de devoração da publicidade atual. A crítica social que se anuncia nessa criação digital do autor não só denuncia uma dada realidade, como também procura, numa construção de linguagem que se torna familiar ao leitor, intervir nessa mesma realidade. Nesse âmbito, a internet, diferentemente de outras mídias, aproxima autores e leitores no tempo e no espaço, uma vez que estes participam simultaneamente da criação/fruição do poema. A arte do século XX encontra assim um problema recorrente na consciência artística, a liberdade do formal, do estrutural, deixando de ser mera cópia da natureza ou dos objetos culturais, em uma iconicidade que suplanta o próprio ícone, sendo muito mais metalinguística e autorreferente. "É preciso começar de novo, corajosamente, pesquisando formas, contemplando o mundo exterior (a natureza e a sociedade que existem dentro e fora de nós) e o mundo interior, o oceano aparentemente sem fundos nem margens do espírito." (BOSI, 1985, p. 73). A circunstancialidade se acentua na poética no século XX, sobretudo na segunda metade, sendo possível perceber um novo realismo que mira constantemente o interior. A poesia passa a ser orientada para a experiência, a lírica agora supõe um sujeito engajado na própria vida, preocupado com o cotidiano contemporâneo, valorizando o acaso, o gesto mínimo, o instante. "O movimento geral desta poesia é o de uma aproximação mais emocional e mais circunstancial ao que chamamos 'mundo'" (MARTELO, 2004, p. 250). Essa leitura torna-se mais intensa uma vez que a experiência individual de ambas as partes, escritor e leitor, articulada com o poema como experiência emocional do mundo, reveste-se da valorização do circunstancial. A presença do sujeito leitor passa a ser compreendida como "ator ou agente num processo discursivo e não como produto, ou resultante, ou efeito desse processo" (MARTELO, 2004, p.245). A Literatura Gerada por Computador (LGC)

---

<sup>1</sup> Mestrando do MIELT –Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Co-orientador do subprojeto Interação de Linguagens e Convergência de Mídias nas Poéticas Contemporâneas.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras da UnUCSEH e do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Coordenadora do Projeto e orientadora da pesquisa.

com novos recursos de significação e ressignificação do texto oferece em suporte eletrônico inúmeras possibilidades de escrita, reescrita e diversas leituras e releituras de uma mesma obra. Como observa Barbosa "a arte, na sua permanente mutação constitui em si mesma um sistema aberto: por isso o campo artístico, concebido como o conjunto das obras de arte, não pode deixar de ser também senão um conjunto aberto" (BARBOSA, 1995, p.15). Neste trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica para levantamento teórico, no intuito de verificar o estado de arte da temática abordada. Em seguida, foram realizados encontros de discussão teórica para orientação da dissertação de mestrado em andamento intitulada Convergência de mídias e interação de linguagens nas poéticas contemporâneas. Após o levantamento bibliográfico e os debates teóricos os PoemAds foram analisados e por fim foi produzido um artigo que mostra o resultado dessas discussões. A intertextualidade e a metalinguagem são bem presentes no tempo da lírica moderna, a auto referencialização proposta pelo poeta é internalizada pelo leitor, eis o ponto zero dessa relação, a implicação do leitor no escritor. A LGC com o recurso de interatividade tende a diluir essas fronteiras de autoria, o sujeito que está ante a tela, em rede, assume uma posição participativa frente a leitura que se pretende, determinando os desdobramentos que o texto terá, seu percurso, sua forma de realização e de continuidade. Rui Torres em seu hipermercado dos poemAds, parece brincar com as palavras, no entanto, a metáfora do consumo, a intertextualidade dos anúncios, a metalinguagem da constituição desse leitor-consumidor, acenam para uma produção que transcendeu o lúdico, o jogo lexical.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Pedro. **Metamorfoses do Real: Arte, imaginário e conhecimento estético**. Porto, Edições Afrontamento, 1995.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.
- MARTELO, R. M. **Reencontrar o leitor: alguns lugares da poesia contemporânea**.

#### **4.31. REPENSANDO A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVAS E PARADIGMAS**

Carmen Silvia Neves Carvalho  
(MIELT/UEG)[1]

Marlene Barbosa de Freitas Reis  
(MIELT/UEG)[2]

Nas últimas décadas, em várias Instituições de Ensino Superior, temos observado a manutenção de práticas pedagógicas pautadas no tradicionalismo, valorizando a ênfase no ensinar e na postura conservadora dos docentes. Behrens (1999) reflete que os professores continuam sofrendo a influência do paradigma newtoniano-cartesiano, o que os distancia da realidade e das necessidades de seus alunos. Esse paradigma influenciou por muitos anos a sociedade e a escola, nos vários níveis de ensino, propondo a fragmentação do saber em áreas, cursos, disciplinas e especificidades. Este modelo valorizou a reprodução do conhecimento, numa proposta tecnicista caracterizada por práticas pedagógicas mecânicas, que valorizavam as metodologias do escute, leia, decore e repita, sem qualquer estímulo à criticidade e à reflexão dos alunos (BEHRENS, 1999). É importante analisarmos a trajetória que o processo educacional tem registrado, compreendendo sua historicidade e os contextos que o constituíram a cada época. Vivemos num tempo complexo e muitas são as revisões de paradigmas que podemos observar no conhecimento, na ciência e na tecnologia. Com as mudanças na sociedade, a concepção do ensino tem sido discutida com foco em sua reformulação, não se objetivando mais apenas preparar um profissional apto para realizar suas atividades e alcançar seus resultados, mas atentando-se para desenvolver no aluno valores que os tornem cidadãos a serviço do bem comum. Uma educação holística, sistêmica, como propõe Moraes (1997). Diante deste cenário cabe-nos refletir sobre alguns questionamentos: os professores têm assegurado a formação de profissionais com competência para atuação no mercado atual? Além da técnica de profissionalização, também têm se preocupado com a formação de cidadãos comprometidos com a ética, com a capacidade de tomar decisões em que estejam presentes os valores humanos; com habilidades no relacionamento com pessoas; com capacidade crítico-reflexiva para lidar com os desafios da profissão, da vida? Em suas aulas, os docentes, favorecem a construção de cidadãos protagonistas? É hora de refletir sobre o papel da formação docente! O conhecimento se renova, se (re)constrói, e para atender às novas perspectivas de ensinagem (ANASTASIOU E ALVES, 2004), é importante que o docente contemple as práticas sociais da ação educativa e de ensinar como objeto de análise, de compreensão, de crítica, de proposição; desenvolva a atitude de pesquisar como forma de aprender; invista continuamente em sua

formação; tenha domínio das técnicas, recursos e estratégias; avance no científico e no tecnológico. Saber ensinar no século XXI é um permanente desafio à construção de um cotidiano escolar onde seja possível fazer valer as dimensões humanas da ética e da cidadania ativa, para que possamos ver e viver dias melhores e mais felizes. Segundo Edgar Morin (2011) é preciso reformar o pensamento para que o ensino seja reformado e, ao mesmo tempo, reformar o ensino para que o pensamento também se reforme. Este é um grande desafio.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Lea das Graças e ALVES, Leonir Pessate (org). **Processos de Ensinagem na universidade** - pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC, UNIVILLE, 2004.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1999

MORAES, Maria.Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

#### 4.32. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O TRABALHO INFANTIL

Fabiana Pessoni  
(MIELT/UEG)<sup>27</sup>

Marlene Barbosa de Freitas Reis  
(MIELT/UEG)<sup>28</sup>

Neste artigo apresentamos parte da história da educação pelo viés da luta de classes, ressaltando como as relações de poder têm sido preponderantes no que se refere a manter as diferenças entre classes. Neste contexto, identificamos a pedagogia da alternância como legitimadora do trabalho infantil.

Partimos das descrições e análises do livro *Educação e luta de classes*, em que Aníbal Ponce descreve cronologicamente e de forma bem sintética a história da educação e defende a tese, segundo a qual a educação é um privilégio das classes dominantes e que esta foi negada às classes menos favorecidas. A Pedagogia da Alternância apresenta uma proposta de trabalho que pretende adequar-se às necessidades das famílias rurais que se dedicam à agricultura familiar. Nesse sentido, acreditamos que os processos metodológicos adotados pela escola legitimam o trabalho infantil, tendo em vista a função que a criança e/ou jovem exerce no âmbito familiar. Neste modelo de escola, os jovens passam um período na escola e outro em casa e, nesta alternância, vivenciada entre prática e teoria, eles colaboram com o trabalho na manutenção e subsistência da família. Com base nas análises de Manacorda (1969) a respeito da educação no período da Revolução Industrial, apresentaremos possíveis semelhanças entre a educação das crianças proletárias daquele período e a prática pedagógica da alternância, tendo em vista a necessidade da cooperação de todos os componentes da família na produção agrícola. A função da educação tornou-se muito distinta de acordo com a classe a que se destina: instrução e conhecimento para as crianças das classes dominantes e preparação para o trabalho para as crianças das classes dominadas.

Para Saviani (2001) a escola funciona como um aparelho ideológico do Estado e, para compreendermos essa afirmação partimos do uso da linguagem como instrumento de poder, uma vez que é possível perceber intenções que vão além da manutenção da cultura campesina nos discursos

---

<sup>27</sup> Graduada em Letras pela UEG. Especialista em Mídias na Educação pela UFG. Professora na Rede Estadual de Educação. Aluna do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – MIELT/UEG.e-mail: [fabianapessoni@gmail.com](mailto:fabianapessoni@gmail.com)

<sup>28</sup> Orientadora. Pedagoga pela UFG. Especialista em Planejamento Educacional pela Salgado de Oliveira. Mestre em Educação pela Universidade de Havana - Cuba. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Docente permanente no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia e no curso de Pedagogia da UEG – Inhumas. e-mail: [marlenebfreis@hotmail.com](mailto:marlenebfreis@hotmail.com)

utilizados a favor da pedagogia da alternância. Assim sendo, encontramos explicações sobre o poder ideológico das palavras no texto de Fairclough (2001, p. 121). Para o autor “as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder”. Fairclough (2001), pontua ainda que nem todo discurso é irremediavelmente ideológico e que à medida que os seres humanos são capazes de transcender as barreiras das classes sociais dominantes e dominadas eles são capazes de transcender a ideologia. A par disso, este artigo pretende apresentar uma crítica à pedagogia da alternância, tendo como base os procedimentos metodológicos desta, as relações de poder expressas por meio da linguagem e como os privilégios das classes dominantes na história da educação contribuíram para manter alguns problemas na educação.

## REFERÊNCIAS

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001. (Cap. 3, p. 116-122).
- MANACORDA, M.A. *Marx y La pedagogia moderna*. Colección libros Tau. 1º ed. castelhana: Barcelona. 1969.
- PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. 7. Ed., Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez, 1986.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 34ªed. Ver., Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

### **4.33. O PROFESSOR MEDIADOR NO ENSINO FUNDAMENTAL QUE USA TIC: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL**

Luciana Caprice Silva Santos da Rocha<sup>29</sup>,

Jorge Manoel Adão<sup>30</sup>

<sup>1</sup> Pós-Graduação, Bolsa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade Estadual de Goiás  
mielt@ueg.br

<sup>2</sup>MIELT –Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual

Atualmente as discussões acerca do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC nos últimos anos é quase um lugar comum nos trabalhos que buscam analisar e apontar rumos para a educação em seus diferentes contextos e possibilidades. De maneira geral, um aspecto que se evidencia quando se dispõe a examinar esta temática é o fato de que as mudanças e transformações ocorridas nos mais diversos segmentos da sociedade nas últimas décadas, demanda no plano da atividade docente a necessidade de o professor manter-se numa reflexão constante sobre sua prática. Mas, será que o professor ao utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação tem sido de fato mediador? A partir dessa questão, buscamos compreender a prática dos professores mediadores ao utilizarem as TIC. Para tanto, faz-se necessário perceber o potencial e as dificuldades encontradas nas práticas dos professores; observar se na prática educativa os professores dos anos iniciais estão mediando aprendizagens significativas; analisar qual tem sido o uso efetivo das tecnologias nas escolas e pesquisar quantos professores tem formação especializada em tecnologias. Nesse sentido a metodologia de pesquisa adota no presente trabalho possui um caráter qualitativo, dado o sentido pessoal (crítico, criativo e rigoroso), além da sua dimensão social e significação política. Uma vez que conforme aponta Chizzotti (2011, p. 11) a pesquisa pretende “investigar sistematicamente uma situação problemática em uma dada comunidade ou em uma organização”, e será operacionalizada por meio do estudo de caso e pesquisa bibliográfica, ao buscar retratar a realidade de forma completa e profunda e visar à descoberta. Assim, esse texto torna-se de fundamental importância ao passo que propõe uma compreensão da mediação pedagógica, como uma proposta a ser considerada pelo professor a fim de contribuir para uma prática em que o educando é conduzido a participar do processo de ensino e aprendizagem de

---

<sup>29</sup> Aluna regular do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG Anápolis.

<sup>30</sup> Professor Dr. do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG Anápolis.

maneira ativa e efetiva, o que requer uma reflexão profunda sobre a educação, os atores que a constituem, e os seus espaços.

## REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

IBGE. **Censo 2012**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel.ph.htm>>. Acesso em: 30 maio 2013.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual**. São Paulo: 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manoel Genildere MASETTO, Marcos T e BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

TOSCHI, Seabra Mirza. Políticas de EAD – limites e perspectivas. In: TOSCHI, Seabra Mirza (org.). **Docência nos ambientes virtuais de aprendizagem: múltiplas visões**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2013.

#### **4.34. O POTENCIAL HISTÓRICO, SOCIAL E EDUCATIVO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ANÁPOLIS: UM RESGATE DA IDENTIDADE DO POVO ANAPOLINO (APONTAMENTOS).**

Diogo Jansen Ribeiro<sup>31</sup>

O escopo deste projeto é permitir que os professores da rede básica de ensino, bem como acadêmicos de cursos superiores e também pós graduandos, interessados na história de Anápolis e na pesquisa documental, tenham acesso aos documentos do Centro de Memória da Câmara Municipal de Anápolis/GO. Para tal, procura-se empregar aos documentos tratamento histórico imbricado dentro das concepções teórico-metodológicas da pesquisa documental bem como da análise do discurso. O gênero a ser inventariado é o Projeto de Lei e as décadas nesse primeiro momento da pesquisa serão 1940 e 1950. Sandra Elaine Aires de Abreu (2008) afirma que: “é a partir dos vestígios preservados pelo tempo que a história é construída/reconstruída. A relação do historiador com as fontes é uma das bases sobre as quais se edifica a pesquisa histórica, pois as fontes são a matéria-prima básica do historiador, indispensáveis para a reconstituição do passado. Esta é uma construção do historiador, portanto, uma parte da operação historiográfica.” Norteados por esta concepção espera-se contribuir para a pesquisa regional e historiografia da cidade de Anápolis. O Centro de Memória da Câmara Municipal de Anápolis possui documentos históricos desde a década de 1920 até a presente data. São relatos do dia a dia da política e também dos acontecimentos de todos os segmentos da cidade e do Estado de Goiás, já que parte do acervo são jornais e Requerimentos que trazem no seu escopo indícios da História anapolina. O presente trabalho parte da idéia de que os documentos existentes no Centro de Memória possuem elementos históricos relevantes para o ensino e pesquisa no município de Anápolis. Carlo Ginzburg, 1990, fala em seu texto: “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” sobre os elementos ínfimos e detalhes a primeira vista irrelevantes, mas que analisados a partir do conceito do paradigma indiciário de GINSBURG (1990) tornam-se para o historiador o que para o médico seria diagnosticar observando, investigando os sintomas, assim muitos outros saberes indiciários produzem um conhecimento lendo e interpretando os sinais, as pistas e os indícios. A saber:

---

<sup>31</sup> Aluno do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (MIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG); bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sob orientação da Profª Drª Sandra Elaine Aires de Abreu.

“Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, 1990, p. 151).”

Vislumbrando este potencial documental histórico do Centro é que surge a proposta de pesquisa. Com o trabalho monográfico intitulado “Apontamentos sobre a umbanda em Anápolis/GO: uma análise a partir dos documentos do Centro de Memória da Câmara Municipal de Anápolis (1959 – 1987)”, (JANSEN, 2012), que em uma ampla análise de Projetos de Leis buscou contribuir com a historiografia anapolina, deu-se o primeiro contato com os documentos do Centro de Memória com objetivos acadêmicos, também foi o vislumbre de possibilidades maiores a nível de pós-graduação, como é o caso destes apontamentos, feitos a partir da dissertação de mestrado que será apresentada ao Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás.

# 5. TRABALHOS DO TECCER

## 5.1 EDUCAÇÃO, LIVROS DIDÁTICOS E REGIMES DITATORIAIS

Fernanda Alves da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado  
Universidade Estadual de Goiás

No Brasil, as pesquisas sobre os livros didáticos, em sua grande maioria, se dividem entre as faculdades de História e Educação. O maior desenvolvimento desse tipo de pesquisa no final da década de 70 coincide, não por acaso, com o fim do regime ditatorial no Brasil. E, necessariamente, os livros didáticos usados durante esses regimes autoritários foram objetos de inúmeras pesquisas, nestas denunciava-se, sobretudo, a ideologia de regime ditatorial impressa em suas páginas. A redemocratização do Brasil culminou com a construção de uma imagem extremamente negativa dos regimes autoritários, e as pesquisas realizadas sobre os conteúdos dos livros didáticos nesse período procuraram demonstrar as “belas mentiras” e ideologias impressas dos livros didáticos. No entanto, a influência do Estado no conteúdo dos livros didáticos é bem anterior. De acordo com Bittencourt, a “passagem do voto censitário ao do alfabetizado, determinou os direitos políticos do cidadão, foi acompanhada de mudanças nas definições sobre o papel da escola na construção da cidadania, na constituição de uma população letrada”. Desta forma, a escola, segundo a autora, não poderia continuar a dedicar-se, exclusivamente, à educação das classes dirigente tradicional, pois existiam outras necessidades oriundas de:

novos empreendimentos que precisavam garantir o aumento da produtividade. As exigências dos projetos de modernização compreendiam novas formas de adquirir e usar o saber. Nesse processo, o Estado brasileiro teve de se defrontar com o problema da abolição do trabalho escravo e com a constituição de uma educação que deveria incluir trabalhadores livres, situação que interferiu nas concepções de escola e objetivos de seu ensino. (BITTENCOURT, 2008, p. 24)

Foi nesse período que teve início as primeiras propostas de “nacionalização” da literatura didática, em meio ao crescimento da rede escolar que, de acordo com Bittencourt, decorre, em parte, “das mudanças surgidas como a urbanização, imigração, do esfacelamento do trabalho escravo e modernizações tecnológicas dos meios de comunicação”. (Bittencourt, 2008, p. 26). É preciso lembrar que a relação do Estado com a educação se acentua na Era Vargas, com a criação do Ministério da Educação e Saúde<sup>2</sup>. Criado em 1930 este apresentou, desde o início, objetivos muito específicos. Para Ruben George Oliven, o mesmo teria um papel fundamental “na constituição da nacionalidade, o que deveria

---

<sup>1</sup> Bolsista da Central de Bolsas/UEG

<sup>2</sup> Os dois ministérios funcionavam juntos.

ser feito inserindo um conteúdo nacional à educação veiculada nas escolas, uma padronização do sistema educacional e uma erradicação das minorias étnicas” (2000, p. 25). Sob a direção de Francisco Campos, iniciou-se um período de consideráveis mudanças no sistema educacional, continuadas com a posse de Gustavo Capanema, em 1934. A nacionalização da educação, que já vinha ocupando espaço na produção intelectual e política do país há muito tempo, durante o Estado Novo, tomou novo fôlego. Medidas duras foram colocadas em prática a fim de desarticular grupos étnicos e culturais da responsabilidade da educação, o que culminou, entre outras sanções, no fechamento de várias escolas privadas.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar** (1810-1910). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008
- OLIVEN, Ruben George. Nação e região na identidade brasileira. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/Editora da FGV, 2000.

## 5.2. SENADOR CANEDO (GO): A APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO MULTIESCALAR

Gustavo Henrique Mendonça  
[geografia.gustavo@yahoo.com.br](mailto:geografia.gustavo@yahoo.com.br)  
 Mestrando do PPG Território e Expressões Culturais do Cerrado  
 UnUCSEH – UEG.

Janes Socorro da Luz  
 Orientadora

A pesquisa que se intitula **Senador Canedo (GO): a apropriação do território e a construção do espaço urbano multiescalar**, tem como objetivo central discutir a dinâmica de apropriação do território na dimensão local e regional, destacando o processo de (re) produção do espaço urbano do município de Senador Canedo (GO) em uma perspectiva multiescalar, com o intuito de perceber os agentes políticos e econômicos que contribuíram para formação territorial e (re) produção do espaço urbano, bem como entender a dinâmica econômica do município na Região Metropolitana de Goiânia (RMG) e as transformações do quadro socioespacial que influem na dinâmica local a partir das relações que estabelecem nas escalas regionais. O município de Senador Canedo (GO) tem atraído olhares devido há alguns fatores que resultaram no crescimento econômico e populacional acelerado, concomitante a uma dinâmica econômica intensa. É um dos municípios que mais arrecadam ICMS, devido à instalação do Polo Petroquímico ligado à Petrobrás. De acordo com o relatório da SEGPLAN (2009, p.7) “são 40 distribuidoras de combustíveis, três distribuidores de Gás Liquefeito de Petróleo e 10 transportadoras que, juntas, geram uma grande demanda por serviços”. No total, são 1.052 empresas em atividade (SEFAZ – GO, 2012). Sobre o aspecto demográfico ao comparar-se o Censo 2000 e 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observa-se que a população que era de 53.105 mil habitantes, passou para 84.443, representando um aumento de aproximadamente 60% da população do município. Será discutido a produção do Território, a partir de teorias empregadas por Andrade (1988), Raffestin (1993), Schneider e Peyré Tartaruga (2004), Sack (1986), Claval (1999), Storper (1994), Benko (1996), e Becker e Egler (1998). No que tange a percepção da cidade e do espaço urbano nas suas diversas escalas e na sua produção e reprodução, autores como Carlos (1994, 2003, 2004), Castells (1983), Cavalcanti (2001) Spósito (2001), Corrêa (1997, 1995), Santos (2001, 2009), e Villaça (1998) contribuirão teoricamente para essa leitura que procura entender a cidade nos seus diversos arranjos e rearranjos. O método utilizado para compor essa análise é o dialético, por ser um método que aceita de uma análise crítica e um posicionamento do pesquisador e reconhece as

contradições que se estabelecem na reprodução do território. Rudio (2007) contribui neste sentido, ao expressar que esta proposta metodológica oferece ao pesquisador a oportunidade de se manifestar e se expressar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, T. A.. **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro**. Texto para Discussão, Rio de Janeiro, IPPUR, n. 554, p. 1-27, mar. 1998.
- BECKER, B. K. e EGLER, C. A. G. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto. 2004.
- CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- CANO, W. **Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95**. Economia e Sociedade, Campinas, n.8, p.101-141, jun. 1997.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade: elementos da produção do espaço urbano. In: \_\_\_\_ (org). **Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001.
- CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. *GEOgraphia*, São Paulo, ano 1, n.2, p. 7-26, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**. 3ªed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- RUDIO, P. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas. 2007.
- SANTOS, Milton. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 15ª Edição. São Paulo: Record, 2001.
- SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press: 1986.
- \_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**. 5ª Edição. São Paulo: EdUSP, 2009.
- SEGPLAN. **Relatório do PIB goiano de 2009**. Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br/>> acesso em: 05/04/2014.
- SCHNEIDER, S. e PEYRÉ TARTARUGA, I. G. Território e abordagem territorial. **Revista de Ciências Sociais**, Campina Grande, vol. 23, n. 2, p. 99-117, jan.dez, 2004.
- SURIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. Nova Edição. São Paulo: Hucitec, Ed. Da Unicamp, 2000.
- SPÓSITO. **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Unesp, 2001.
- STOPER, M. T. Territorialização numa economia global In LAVINAS, L., CARLEIAL, L.M. e NABUCO. M. R. (orgs.). **Integração, Região e Regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

### 5.3. MEMÓRIA RADIOATIVA DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM NARRATIVAS SOBRE O ACIDENTE COM O CÉSIO-137 EM GOIÂNIA

Isaias Martins de Souza  
Mestrando na UEG-Mielt

Ademir Luiz da Silva  
Docente na UEG- TECCER

Pretende-se aqui identificar aproximações e distanciamentos entre duas obras que buscam uma recuperação de memórias (coletivas e individuais) sobre o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia no segundo domingo de setembro de 1987, bem como os liames entre memória filtrada via literatura e memória filtrada via jornalismo. Analisamos as duas obras que compõem o *corpus* para demonstrar marcas de historicidade na ficção e de subjetividade no texto que se pretende histórico, a saber: o romance-reportagem, *A menina que comeu césio* (1987), do repórter-escritor Fernando Pinto e *Sobreviventes do césio: 20 anos depois* (2007), da jornalista Carla Lacerda. Para substanciar a análise, buscou-se inicialmente a teoria de Rildon Cosson – *Romance-reportagem: o gênero* (2001; Luiz Gonzaga Motta – *Notícias do fantástico – jogos de linguagem na comunicação jornalística* (2006); Antônio Candido – *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1976); Eliézer Cardoso de Oliveira – *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades* (2008; Linda Hutcheon – *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção* (1991; Hayden White – *Meta história: a imaginação histórica do século XIX* (1995); Linn Hunt – *A nova história cultural* (2001) e Sandra Pesavento – *História & História Cultural* (2003). Inicialmente vale destacar que o autor Fernando Pinto apresenta elementos próprios da reportagem, com o objetivo, paradoxalmente, de escamotear a subjetividade do texto, assim, tece uma narrativa que flui pela voz de um *autor-narrador-testemunha*. Vemos um narrador *onisciente* e uma *linguagem coloquial*, quando da exteriorização do pensamento da personagem Betão, ao encontrar a cápsula de cobre que continha o Césio-137: “E foi em Wagner que ele [Betão] estava *pensando* ao deixar o interior do labirinto *fedorento*, retirando-se quase num pulo só” (PINTO, 1987, p. 16, grifo nosso). *Onisciência* e *intrusão* do narrador ao opinar sobre a masculinidade de Betão: “Não que ele não fosse macho, nada disso. Bastava olhar para se ter certeza que não tinha cara de viado” (ibidem, p. 27). O uso do *indireto-livre* pode ser notado em vários capítulos do referido romance-reportagem, e, não poucas vezes, há uma fusão das vozes do narrador com a da personagem. As vozes do narrador e de dona Maria Gabriela (sogra de Devair), quando esta analisava a filha e genro doentes, mesclam-se livremente: “Observando melhor, percebeu olheiras

profundas no rosto do casal, a pele dando a impressão que estava ressecada. *Será que os dois se resfriaram?* Ela estava ali de passagem [...]” (ibidem, p. 44, grifo nosso). Entretanto, quando voltamos aos relatos colhidos pela jornalista, por serem uma evocação de memórias, notamos que podem apresentar apagamentos (voluntários, ou não) e contradições surpreendentes: “Não foi debaixo da cama da Leide, como mostraram” (LACERDA, 2007, p. 38), assim dona Lourdes corrige a versão registrada comumente como verdadeira, a respeito do local em que os grãos de césio foram colocados por seu esposo Ivo. Além de esclarecer que os grãos foram trazidos envoltos em papel de saco de cimento e não em caixa de fósforo. “Não me lembro da data, mas teve um dia que ajudei a minha mãe a limpar a casa (que estava suja com o pó do césio)” (ibidem, p. 43), destaca Lucélia, irmã da menina Leide das Neves. “Acho que perto do ginásio Rio Vermelho, não me lembro” (ibidem, p. 70), afirma dona Maria Gabriela (sogra de Devair) sobre sua ida a um hospital no centro de Goiânia. Diante do altíssimo diálogo entre o romance-reportagem de Fernando Pinto e a pesquisa jornalística de Carla Lacerda, pudemos perceber (paradoxalmente), com segurança historiográfica, informações apresentadas numa narrativa ficcional e, paralelamente, contradições e omissões numa pesquisa histórica. Eis o intercruzamento a que nos referimos ao longo desse trabalho. Em face disso, e ao final desse percurso, não optaremos por eleger uma narrativa para substituir outra, pelo contrário, vemos como apropriada a valorização das multiplicidades narrativas sobre um mesmo objeto, uma vez que toda análise deve ultrapassar as escamas que tornam um gênero tão distinto do outro, para penetrar no âmago discursivo de cada um deles. É lá, no mais recôndito, que as vozes se encontram amistosamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COSSON, Rildon. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- LACERDA, Carla. **Sobreviventes do Césio-137: 20 anos depois**. Goiânia: Contato Comunicação, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do fantástico – jogos de linguagem na comunicação jornalística**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- PINTO, Fernando. **A menina que Comeu Césio**. Brasília: Ideal, 1987.

#### **5.4. ENTRE O MORAR, CIRCULAR E VIVER: A REPERCUSSÃO DAS OBRAS DO PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC) EM GOIÂNIA (GO).**

Francispaula Luciano

Marcelo de Mello

UEG/UnUCSEH - Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* TECCER

O movimento migratório direcionado à região Centro-oeste do Brasil, com a modernização da agricultura, favoreceu o crescimento populacional no Estado de Goiás. A nova capital representa bem um expressivo crescimento populacional. Contudo, Goiânia, como a maioria das cidades brasileiras afetadas por expressivos fluxos migratórios, não foi preparada para responder as novas demandas advindas de um rápido crescimento populacional. Segundo Jakob e Barêa (2000), na década de 1980 a cidade tem o maior inchaço populacional de todos os tempos, o que provocou a expansão urbana em direção as cidades de seu entorno, originando novos bairros em áreas mais afastadas do centro. Este processo de crescimento horizontal promoveu a conurbação entre Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade, dentre outras. O processo de metropolização em curso fez com que a nova cidade-capital goiana fosse o núcleo de uma Região Metropolitana: a Região Metropolitana de Goiânia (RMG). O representativo aumento da população de Goiânia e da RMG gerou sérios problemas socioespaciais, como: moradia digna, transporte de qualidade, saneamento básico, violência; além de outros, que interferem na qualidade de vida de seus habitantes. Segundo Lefebvre (1999), para melhor compreender as questões urbanas ou de urbanização, é válido realizar a leitura da cidade, principalmente a partir das centralidades, pois a cidade é o lugar da produção humana. É nela que temos a reprodução das classes sociais. Neste cenário marcado pelo crescimento populacional, o acesso ao solo urbano só acontece de duas maneiras na compra ou aluguel. O Eixo Minha casa, minha vida, associada ao PAC – Programa de Aceleração do Crescimento, foi elaborado para possibilitar o acesso da população de baixa renda à moradia. O Programa de Aceleração do Crescimento tem como objetivos promover a infraestrutura social e urbana para enfrentamento dos problemas das grandes cidades brasileiros, bem como conduzir o Brasil a uma condição de desenvolvimento justo para seu cidadão. Para promover as ações do PAC foram organizados seis eixos, tais como: Transporte; Energia; Cidade melhor; Comunidade Cidadã; Minha Casa, Minha vida; e Água, e Luz para todos. A pesquisa apresentada tem como objetivo principal investigar as propostas do PAC voltados para a

habitação em Goiânia (GO), verificando se o Programa tem promovido a acessibilidade dos cidadãos goianos a justiça social (HARVEY, 1980).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **A justiça Social e a Cidade**. Hucitec, São Paulo, (1980)

JAKOB, Alberto A. E. & BARÊA, Vera R. Mobilidade populacional intrametropolitana de Goiânia no período 1970-1991. IN: **Encontro de Estudos Populacionais**, 12. Anais Caxambu (MG), 2000.

LEFEBVRE, Henri. (1991). **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO – PAC 2 <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>

REIS, Nestor Goular. Notas sobre a organização das Regiões Metropolitanas. **Cadernos de Pesquisa do LAP**, nº 12, mar/abr. 1996.

## **5.5. CULTURA QUILOMBOLA E DOMÍNIO DO ESPAÇO: ESTRATÉGIAS DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO DE POMBAL PARA SOBREVIVER DO SEU TERRITÓRIO**

Neilson Silva Mendes  
Universidade Estadual de Goiás

Dulce Portilho Maciel  
Universidade Estadual de Goiás

Este resumo é componente de nossa dissertação de mestrado. Apresentamos aqui parte de uma discussão a respeito de território e sua relação com a cultura, sobretudo para compreendermos a relação dos remanescentes do Quilombo de Pombal, em Santa Rita do Novo Destino, região Norte de Goiás com o domínio do território. Isto é, quais são as estratégias utilizadas, a partir do viés identitário, eles conseguem acesso a capital para consumo de implementos e máquinas agrícolas? Cremos que a identidade quilombola é, em si elemento fundamental para melhorar as condições de vida no campo assim como garantir permanência na terra, no caso dessa comunidade. O espaço é importante não apenas por garantir a sobrevivência, mas também por ser fundamental para o sujeito, em razão dos laços culturais produzidos no espaço, porque o identifica, diz quem ele é. Além disso, as relações num determinado território produzem o controle sobre o espaço: “Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço”. (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Assim, o lugar torna-se para os entes envolvidos o resultado de suas ações, da capacidade produtiva do grupo, além de ser também o ponto em que os traços culturais da coletividade se fortalece, na medida em que exerce controle sobre o lugar, com isso, ele torna-se a fronteira cultural de uma dada comunidade quilombola. Nessa perspectiva, o espaço ocupado pelos grupos quilombolas é o território da sua existência cultural, da historicidade de comunidades negras rurais, onde as práticas religiosas, as festividades, as relações de parentesco e a produção de viveres atestam o domínio do grupo sobre o local. Isso implica que território, o abrigo, o lar, resultam do exercício de poder na área ocupada. É onde Moraes (2002) se materializa projetos de sujeitos históricos e sociais. O espaço é Yi-Fu Tuan (1983) uma organização que atende as necessidades biológicas e materiais. O que nos interessa é compreender como uma comunidade quilombola faz isso, como busca moldar Raffestin (1993) o território, adequando-o a suas expectativas. O que buscamos é compreender como esses quilombolas exercem seu controle sobre o território ocupado, em outros termos, como eles tem dado forma ao espaço em que vivem. O território, diferente do espaço Raffestin (1993) é uma construção histórica: “As formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesses, necessidades,

utopias. (MORAES, 2005, p. 22). A comunidade de Pombal soube usar sua identidade em proveito das famílias. Ao compararmos a condição do Pombal com a apresentada por outros pesquisadores em diversas regiões do Brasil; percebemos conquistas materiais que não vimos relatados em outras pesquisas. Essas conquistas resultam da autoidentificação e do reconhecimento da Fundação Cultural Palmares em 2006. Embora desde 1988, dez anos após a constituição reconhecer os direitos dessas comunidades, eles assumiram essa identidade ALMEIDA (2002) e passaram buscar o reconhecimento. O que proporcionou melhor qualidade de vida na comunidade. Depois disso, as famílias passaram a gozar de relativa prosperidade. De 2010 até o presente, conquistaram autonomia na elaboração de projetos para captação de recursos em fundações de empresas públicas e privadas. O trabalho na lavoura da comunidade hoje é todo mecanizado, a partir desses projetos eles adquiriram quatro tratores, um caminhão, veículos menores, uma colheitadeira de grãos, além de implementos agrícolas, máquinas para o manejo do solo. Uma fábrica de farinha bem aparelhada, contratam assistência técnica nas áreas de engenharia florestal, agronomia, construíram uma sede com escritório bem aparelhado. Enfim, assumir uma identidade, usá-la como instrumento na luta por direitos é uma forma de as comunidades quilombolas usufruir melhor do território, moldá-lo de acordo com as expectativas e projeções do grupo. As conquistas estão atreladas, no caso do Pombal, a histórica ocupação e moldagem do território, assim como a atualização de uma memória que mantém uma identidade em curso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Os Quilombos e as Nova Etnias**. In: O'Dwyer, Eliane Catarino (org.) Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- MORAES, Antônio Carlos Roberto. **Ideologias geográficas**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

## 5.6. ASPECTOS DO DESORDENAMENTO DAS CIDADES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Bruno Augusto de Souza

UEG/UnUCSEH - Mestrando do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* TECCER

A cidade é o lugar em que os investimentos de capital são maiores. Ela é o *locus* dos conflitos sociais (CORRÊA, 1995). A partir de processos econômicos, as cidades podem se tornar centros de atração populacional, atraindo migrantes que buscam oportunidades de trabalho etc. Em determinadas cidades que possuem fatores de atratividade para o crescimento habitacional, como: demanda por mão de obra, lazer, atividades especializadas na área de saúde, educação dentre outros, subsidiam o aumento na população. O que ocorre em algumas cidades, é que o quantitativo habitacional cresce exacerbadamente. Deixando de lado vários aspectos de crescimento planejado, que se buscou no início da edificação de determinadas cidades. Isso pode ser um dos fatores do que se conceitua metrópole, exemplo de crescimento não planejado, e que é foco de inúmeros problemas socioeconômicos. Para Galvão *et al.* (1969, p. 54), "a concentração de população, em quantidades crescentes em certas regiões, é um processo tão fundamental que tem implicações próximas e remotas com o conjunto da ordem política social e econômica". Os aspectos da funcionalidade também compõem o que se chama de metrópole, para Galvão *et al.* (1969, p. 55), "uma metrópole é, antes de mais nada, uma grande cidade, em termos de volume populacional. [...] Uma metrópole é também uma cidade grande, por suas funções urbanas bastante diversificadas e especializadas". Para Firkowski (2013, p. 27), "[...] à metrópole estão associados elementos definidores, como seu peso na economia, sua concentração de atividades superiores e conexão a uma rede urbana cada vez mais mundial". Ao drenar população, as metrópoles surgem como *locus* central de ideias de diferentes tipos, que são positivos em alguns aspectos, e negativos em outros. Na cidade, o crescimento desordenado promove uma série de problemas. Em muitos centros dinâmicos, congestionamentos, poluição, falta de água ou de espaço, (GALVÃO *et al.*, 1969), se fazem presentes. Por esta razão, o Estado deve intervir nos processos de planejamento e gestão dos espaços urbanos. A respeito da atuação do Estado pressionado por interesses da classe dominante, pode-se afirmar que de acordo com Corrêa (1995, p. 64):

A classe dominante ou uma de suas frações, [...] segrega os outros grupos sociais na medida em que controla o mercado de terras, a incorporação imobiliária e a construção, direcionando seletivamente a localização dos demais grupos sociais no espaço urbano. Indiretamente atua através do Estado.

A produção das cidades no Brasil é concebida por meio de diversos interesses. O Estado realiza meios para subsidiar o crescimento desordenado, para beneficiar a classe dominante. Isso faz com que até Leis são alteradas para viabilizar esse crescimento. Os problemas na educação, saúde, emprego, habitação que estão presentes nas cidades brasileiras (foco desse estudo), constituem um cenário caótico no país. Por meio do desordenamento instituído, esse caos é concebido e afirmado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. Metrôpoles e regiões metropolitanas no Brasil: Conciliação ou divórcio? In: FURTADO, Bernardo Alves; KRAUSE, Cleandro; FRANÇA, Karla Christina Batista de (Org.). **Território metropolitano, políticas municipais: por soluções conjuntas de problemas urbanos no âmbito metropolitano**. Brasília: Ipea, 2013, p. 21-51.
- GALVÃO, Marília Velloso; FAISSOL, Speridião; LIMA, Olga Maria Buarque de; ALMEIDA, Elisa Maria José Mendes de. Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 31 (4), p. 53-127, 1969.

## 5.7. “LUGARES DE OUTRO MUNDO”: ALTO PARAÍSO (GO) E O IMAGINÁRIO UFOLÓGICO-MÍSTICO

Pepita de Souza Afiune<sup>1</sup>  
 Universidade Estadual de Goiás  
[pepita\\_af@hotmail.com](mailto:pepita_af@hotmail.com)

Uma análise sociológica das formas de credices místicas relacionadas à ufologia e o “fim do mundo”, presentes no imaginário popular entre habitantes e visitantes da cidade de Alto Paraíso de Goiás. Cabe a esta pesquisa analisar as narrativas destes indivíduos e as percepções estéticas que se difundiram pela cidade, no que tange aos emblemas presentes, de modo a perceber de que forma este imaginário se apropriou desta região e se desenvolve como formas de representações sociais na contemporaneidade. Weber (1982) define o “desencantamento do mundo”, como um processo de desmistificação criada pelo florescer da ciência moderna. A ciência irracionalizou o misticismo. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX houve um processo reverso, o mundo se reencantou, havendo mudanças na relação entre ciência e natureza. Hobsbawm (1995) aponta que os relatos acerca de avistamentos de óvnis representam uma extensa desconfiança na ciência. As formações dessas formas de representações, na tentativa de preencher lacunas existentes na ciência, recorrem-se às explicações metafísicas. Tentativas estas, que deram lugar a diversas formas credices populares, como aponta Andrade (2000). Giddens (1991) afirma que os receios em relação à ciência, vista como incompreensível ou imprevisível, consideraram-na perigosa na pós-modernidade. Neste contexto procuramos compreender o surgimento das variadas formas de imaginário presentes na contemporaneidade a medida que

O imaginário simbólico estabelece-se sobre a omissão, uma falha do real [...] Se o imaginário simbólico entende compensar a ausência do real, o significado assume o aspecto de uma busca ontológica, em paralelo, e recaímos na ilusão especular. Se se compensa a falta de referente com a intrusão voluntária de referentes imaginários, chega-se ao lúdico, que elabora ficções explícitas, com as quais se brinca conscientemente. (DUBOIS, 1995, p. 22)

O primeiro passo da pesquisa compreende-se no levantamento bibliográfico para suscitar uma discussão entre teóricos que tratam de Imaginário, Representações Sociais, Sociologia da Religião, Pós-Modernidade e História do Planalto Central. A partir da segunda etapa da pesquisa, o momento de pesquisa de campo possui um aspecto empírico e com uma abordagem qualitativa. Momento que segundo Ludke e André (1986) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do

---

<sup>1</sup> Bolsista discente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. UEG / UnUCSEH Anápolis-Go. Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

pesquisador com o objeto de pesquisa e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Serão aplicadas técnicas de coleta, levantamento e tratamento de dados conforme Eco (2007). Pretende-se visitar hotéis e pousadas, instituições religiosas e residências, aplicando-se entrevistas. Essas formas de imaginário popular sob a nossa hipótese inicial fazem parte das consequências do fenômeno religioso na pós-modernidade. No século XXI, a ufologia ou do misticismo se engendraram nas tentativas de explicar alguns fenômenos não conhecidos ou esclarecidos pelos cientistas, arqueólogos e historiadores. Surgem neste contexto, as novas formas de religiosidades, baseadas nas credences místicas, como as comunidades esotéricas do Planalto Central, em reação ao cientificismo e ao materialismo da modernidade. Além de fugir dos grilhões das religiões tradicionais, estes grupos esotéricos procuram romper com os valores e práticas das sociedades modernas, criando um novo estilo de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O Fim do Mundo: Imaginário e Teledramaturgia**. São Paulo: Annablume: Fortaleza, Secretaria da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.
- DUBOIS, Claude-Gilbert (1995). **O imaginário da Renascença**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. Prefácio de Hamilton Costa. Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leão. 13ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2007
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- HOBSBAWM, Eric. Feiticeiros e Aprendizes - As ciências naturais. In: **Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914–1991**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.504 –536.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora SA, 1982.

## 5.8. INTERDISCIPLINARIDADE E ESCALA

Marcelo de Mello<sup>1</sup>

Genilder Gonçalves da Silva<sup>2</sup>

Do equívoco dos registros às escalas mais amplas das ações. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar sobre a noção de escala. A interdisciplinaridade, “definida como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) com lógicas diferentes, (...) é uma prática”<sup>32</sup>. Dessa forma, não caracteriza, necessariamente, um exercício orientado por epistemologias e metodologias definidas. A nossa pesquisa, pautada na complementação entre os diversos conhecimentos, busca apresentar respostas ao equívoco que coloca a Marcha para o Oeste como sendo a produtora de Goiânia. O Revolução de 1930 desencadeou outros eventos, entre eles, o processo de construção de Goiânia (1933-1942) e a Marcha para o Oeste: uma ação política do Estado Novo, anunciada no dia 31 de dezembro de 1937. Analisando eventos desta natureza, Santos (2009) esclarece que eles “são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história”<sup>33</sup>. Nesse sentido, o geógrafo considera o mundo como um conjunto de possibilidades, sendo o evento veículo e também vetor de possibilidades em um país, região ou lugar. Goiânia e a Marcha para o Oeste estão relacionados a um contexto caracterizado por diversas escalas de ações. Goiânia, um ‘objeto técnico’, no âmbito da escala local/regional teve o seu processo de construção liderado pelas ações de Pedro Ludovico. Já, a Marcha para o Oeste, propalada por Getúlio Vargas, teve como vetores para sua implementação, no território brasileiro, o estabelecimento de oito Colônia Agrícolas; a criação da Fundação Brasil Central e da Expedição Roncador-Xingu. A nova sede administrativa do estado de Goiás, assim como a Marcha para o Oeste, são eventos discutidos em diferentes áreas do conhecimento: Arquitetura, Antropologia, Sociologia, Economia, Política, História e Geografia. Entre as afirmações comuns relativas a nova capital estadual, destacamos a afirmação<sup>34</sup> de que Goiânia foi produto da Marcha para o Oeste. Contudo, trata-se de um equívoco. Nossa pesquisa pretende colaborar com a resolução deste entendimento errôneo. O fato é que uma série de sobreposições e superposições

---

<sup>32</sup> LEIS, Héctor Ricardo. *Sobre o conceito de interdisciplinaridade*. In.: Cadernos de pesquisa em ciências humanas. ISSN 1678-7730 N. 73. FPOLIS, agosto 2005.

<sup>33</sup> SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 4. ed. 5 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 144.

<sup>34</sup> Entrevistas concedidas por TAL, Fulana de. **Entrevistas I, II, III...** [jun. 2013]. Entrevistadores: Marcelo de Mello e Genilder Gonçalves da Silva. Goiânia, 2013.

nas escalas das ações dos governos estadual e federal promoveram confusões: “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso (...) lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca”<sup>35</sup>. Tecer um trabalho já permeado por distintas áreas do saber é tarefa árdua. A “interdisciplinaridade (...) procura um equilíbrio entre a análise fragmentada e a síntese simplificadora” (LEIS, 2005, p. 4). É necessário reafirmar o entendimento da escala como um conceito polissêmico, “significa tanto a fração de divisão de uma superfície representada, como também um indicador do tamanho do espaço considerado. Outras significações remetem ao sentido de medida do fenômeno”<sup>36</sup>. Acrescenta, contudo, a complexidade do espaço geográfico e as diferentes dimensões e medidas dos fenômenos sócio-espaciais exigem maior nível de abstração. Assim, a partir da análise dos discursos e das ações de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira, no contexto evidenciado, pretendemos delimitar as aproximações e os distanciamentos caracterizadores das escalas de suas realizações; com o intuito de verificar as causas dos equívocos relacionados a Goiânia e a Marcha para o Oeste.

---

<sup>35</sup> HOBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 13.

<sup>36</sup> CASTRO, Iná Elias de. *O problema da escala*. In: *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 119.

## 5.9. DOS DOIS LADOS DA TELA: O CAIPIRA NO AUDIOVISUAL GOIANO

Arnaldo S. de Moura<sup>1</sup>

Desde o início da ocupação, o habitante dos sertões da região descrita por Antonio Candido e Darcy Ribeiro como “Paulistânia” (compreendida por São Paulo, Goiás e parte dos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo), foi chamado de caipira. Através dos tempos a palavra passou a ter muitos significados bem como múltiplas e diferentes foram as representações construídas do caipira. Tais interpretações deste que é um dos tipos rurais brasileiros (como o sertanejo, o caboclo, o gaúcho pampeano...) geraram um longo debate argumentativo de ataques e defesas, sustentado por apologias e preconceitos, registrados a partir de vários olhares (literatura, imprensa, produção científica) e em diferentes suportes (livros, revistas, rádio, TV, cinema, e agora na internet). Fizemos um amplo levantamento destes discursos e observamos a(s) imagem(s) do caipira que ficou como saldo desta luta. Nossa pesquisa pretende ir além, e trazer esta discussão, que é geral, e muitas vezes específica sobre o caipira paulista, para o âmbito do Estado de Goiás e desta forma contribuir para o estudo da realidade social do caipira local, estudar o processo de produção, reprodução e adaptação de sua cultura ao mundo moderno. Neste trabalho, que pretendemos interdisciplinar, observaremos o caipira na produção audiovisual de Goiás; utilizaremos de instrumentos disponíveis nas ciências humanas para sua realização; a narrativa terá suas bases em fontes bibliográficas, sites de internet, jornais, revistas, entrevistas e vídeos. Teórico-metodologicamente, Chartier, Pesavento e Makowiecky nos darão amparo teórico para análise das representações do caipira goiano, Ramos (2005) e Xavier (\_\_\_\_\_) comporão a base teórica para análise de produções cinematográficas e a partir das reflexões de Bernardet (2003), atentando para o constante perigo da sacralização do objeto, ou, por outro lado, de uma visão condescendente do mesmo, analisaremos os limites da representação do caipira no seguinte conjunto de produções audiovisuais:

- Os vídeos da Caixego com o caipira Geraldinho (quatro vídeos de 60 segundos).
- A produção cinematográfica de Hugo Caiapônia, quatro filmes do caipira Imbilino
- De Nilton Pinto e Tom Carvalho, um curta: A galinha do João Flor e um longa metragem: O idiota e o mentiroso
- Um curta metragem de Viviane Louise: Domá da Conceição / Anjo Alecrim

De modo geral, independentemente da qualidade técnica, estas produções foram bem sucedidas e obtiveram bom retorno do público. São filmes que tratam de temas relativos ao universo caipira, rural,

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Goiás: Territórios e povos tradicionais do cerrado. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG UEG-UnUCSEH - Anápolis-GO CEP 75.110-390 Email: [arnaldosalu@bol.com.br](mailto:arnaldosalu@bol.com.br)

e direcionados a um público urbano. Esperamos que estes filmes, acrescidos de um curta produzido especialmente para este trabalho, forneçam elementos suficientes para uma análise satisfatória que nos leve a conclusões, que pretendemos, relevantes para o entendimento e definição do conceito do que seja o caipira goiano contemporâneo. Produção audiovisual (anexo ao trabalho): **O CAIPIRA DOS DOIS LADOS DA TELA**. Documentário. Depoimentos de autodenominados caipiras que assistem aos vídeos analisados na dissertação e emitem suas impressões sobre os filmes e sobre os caipiras que aparecem na tela.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: (parcial)**

- ALMEIDA, M.G.. **Em Busca do Poético do Sertão: Um estudo de representações**, in: Almeida, M.G. e Ratts, A.J.P. Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- CHAUL, Nasr Fayad. **A identidade Cultural do Goiano** In: Ciência e Cultura . vol.63 no.3 São Paulo July 2011
- LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro – História de uma ideologia**. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.
- LOBATO, Monteiro; **Velha Praga**; in Urupês. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- MAKOWIECKY, Sandra. **Representação - a palavra, a idéia, a coisa**. in Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas Nº 57 PPGICH, Florianópolis: UFSC, 2003
- NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: Anablume, 1998
- PESAVENTO, Sandra J. **Representações**. Revista Brasileira de História. São Paulo:
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Teoria Contemporânea do Cinema: Documentário e narrativa ficcional**. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

## 5.10. REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA DO CERRADO NAS VISÕES DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX

Lorena Borges Silva<sup>371</sup>  
UnUCSEH-UEG/TECCER

Quando falamos em Cerrado, facilmente identificamos suas principais características no tocante à sua formação física, vale dizer: a fauna e a flora. Um grande número de pesquisas científicas e entidades ecológicas dedicam-se a preservar esse bioma brasileiro e/ou diminuir o impacto causado pelo ser humano na imensa área no interior do país que ocupa cerca de dois milhões de quilômetros quadrados, abrangendo praticamente a totalidade de Goiás, Tocantins e Distrito Federal e partes consideráveis dos estados de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão e Piauí. A expansão da agricultura e da pecuária em larga escala eleva ainda mais o debate sobre a preservação desse bioma e os impactos causados pelo modelo de produção vigente baseado na monocultura agroindustrial. O desafio que a sociedade contemporânea se coloca em relação à natureza que pouco ou nada se assemelha aos desafios enfrentados pelos desbravadores do passado. Para os primeiros viajantes, o cerrado se constituía num mistério, se por um lado havia o total desconhecimento dos ambientes, plantas e animais encontrados, por outro lado, havia a necessidade premente de relatar estas paisagens nunca dantes vistas. Este sertão habitado pelo gentio despertou em seus primeiros exploradores os piores temores devido à dificuldade de adaptação aos rigores de um ambiente que desconheciam. Desde o século XVI, bandeirantes paulistas se deslocavam por estes sertões longínquos apresando índios para servirem como mão de obra nas *plantations* açucareira no nordeste (MONTEIRO, 1994: 76-85). Os primeiros a virem para esta região foram os bandeirantes liderados por Bartolomeu Bueno da Silva o Anhanguera, que ao adentrarem nesse novo ambiente, se depararam com grandes dificuldades. Esse serviu como um teste de sobrevivência em local estranho, sendo que muitos morreram nas diversas expedições devido às intempéries naturais do cerrado. Para Bertran “Sobreviver antigamente nos cerrados, as assim chamadas savanas do interior brasileiro, era um exercício da arte ecossistêmica” (BERTRAN, 2000, p.33). Essa dificuldade é caracterizada pelo não conhecimento do bioma encontrado, já que esses viajantes originavam de locais com clima temperado e úmido, fato constantemente presente nos relatos, muitas vezes pautados por reclamações acerca do clima seco e quente. Este trabalho se vale da História Cultural, já que faz uso do conceito de “representação”,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado(TECCER)/UnUCSEH-UEG; sob orientação do professor Dr. Robson Mendonça Pereira

geralmente utilizado em pesquisas que buscam captar o imaginário da época, mas, sabendo das distorções que cada tempo produz sobre o objeto de pesquisa. A história ambiental trás em seu âmago a interdisciplinaridade, importante por se inserir como um componente para dialogar com outras áreas como: Geografia, Biologia, Química e outras. Donald Worster (1991) afirma que “O historiador ambiental, além de fazer algumas perguntas novas, precisa aprender a falar algumas línguas novas”. O intuito da pesquisa é analisar os relatos dos viajantes com a finalidade observar as representações desse ambiente no imaginário do século XIX. Inspirando-se no conceito de representação, cunhado por Sandra Jatahy Pesavento (2005), analisaremos as simbologias construídas por esses viajantes na intenção de compreender o imaginário social daquele período.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador**. Brasília: Verano, 2000.
- D'ALINCOURT, Luiz. **Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PÁDUA, J. A. “As bases teóricas da história ambiental”. In: **Estudos avançados** 24 (68), 2010.
- PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. Tradução de Regina Regis Junqueira. São Paulo: USP, 1975.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos**. Tradução José

## 5.11. O PARADOXO DA VALENTIA: HOMENS BRUTOS NUMA SOCIEDADE PACIFICADA – ESTUDO DE CASOS DE REAÇÃO A ASSALTO EM GOIÂNIA

Eliézer Cardoso de Oliveira  
ezi@uol.com.br

O objetivo deste texto é analisar empiricamente alguns casos de reação a assaltos por parte de policiais militares ocorridos recentemente em Goiás. O ato de reação a assalto foi considerado como ilustrativo do paradoxo da violência contemporânea: uma sociedade em que o processo civilizador (Norbert Elias) e a monopolização da violência pelo Estado (Weber) difundiram comportamentos pacificados entre os cidadãos, mas que, ao mesmo tempo, forneceram mecanismos técnicos e psicológicos de brutalização e insensibilização que potenciaram atitudes violentas por parte de policiais e criminosos. Os policiais militares brasileiros – que adotaram treinamentos que reforçam a insensibilização – e os jovens criminosos –que conviveram com imagens violentas – representam uma rara categoria de pessoas capazes de matar. Nesse sentido, o assalto à mão armada em que policiais são vítimas é um momento em que, quase sempre, resulta na morte de um dos envolvidos. Um dado curioso é que a polícia aconselha ninguém a reagir a um assalto, mas é justamente os policiais, mesmo não utilizando uniforme militar, os que mais reagem aos assaltos. Isso aconteceu, em Goiânia, quando um criminoso tentou roubar um veículo que estava sob os cuidados de um sargento da Polícia Militar, que estava em trajes civis, prestando serviço de segurança particular ao dono do veículo. O policial estava sozinho no automóvel e entregou as chaves ao assaltante, mas quando estava descendo, reagiu e atirou, matando-o na mesma hora<sup>38</sup>. Embora na maioria das vezes os policiais levem uma nítida vantagem sobre os assaltantes, há casos em que eles são as vítimas. Em Anápolis, um tenente da Polícia Militar reagiu a um assalto de um celular e trocou tiros com o assaltante, sendo ferido fatalmente no peito<sup>39</sup>.

Um caso que demonstrou a nítida superioridade do militar sobre o criminoso foi o de um major, abordado por três assaltantes que exigiram a entrega de seu veículo. Ele entregou as chaves e reagiu atirando nos três assaltantes, sendo que dois morreram no local e o outro morreu no hospital. A ação do policial ganha mais destaque porque, antes de assaltar o militar, o trio havia assaltado e matado um aposentado poucas horas antes. Tratava-se, portanto, de pessoas capacitadas e dispostas a matar outro

---

38 Segurança de deputado reage e mata suspeito de assalto em GO, diz polícia.. 29/10/2012. In.<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/10/seguranca-de-deputado-reage-e-mata-suspeito-de-assalto-em-go-diz-policia.html>. Acesso: 14 ago. 2013.

39 Tenente da PM é morto durante troca de tiros com assaltante em Goiás. 26/11/2012. In.<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/11/tenente-da-pm-e-morto-durante-troca-de-tiros-com-assaltante-em-goias.html>. Acesso: 12 jul. 2013.

ser humano<sup>40</sup>. Um caso também dramático foi a reação de um sargento da Polícia Militar a um assalto de uma empresa de climatização e ventilação, em Aparecida de Goiânia. Segundo um site de notícias:

por volta das 15h, dois homens armados chegaram ao local e anunciaram o assalto, segundo a PM. Um sargento da corporação estava no local e deu voz de prisão para os suspeitos. Um deles reagiu e atirou no militar, que mesmo ferido matou o homem com um tiro na cabeça e outro no pescoço<sup>41</sup>.

O policial, atingido no abdômen, recuperou-se do ferimento. Enfim, esses exemplos são suficientes para demonstrar um pouco da dinâmica da violência contemporânea. O processo civilizador (Elias, 1993) seguido da monopolização da violência por parte do Estado (Weber, 1999), inegavelmente, resultou numa conduta pacificada da maioria absoluta dos cidadãos comuns. Proibidos de portarem armas e inibidos de usar atos de violência física em crianças, mulheres e animais, os homens contemporâneos provavelmente são os menos familiarizados com a experiência direta do uso da violência em toda a história. Porém, o efeito perverso desta situação é que os militares e os criminosos concentraram uma capacidade de usar a violência de um modo sem precedentes. Estão à disposição deles toda uma tecnologia de armas e técnicas de subjugação física por meio de treinamentos marciais. E o mais decisivo: os métodos de brutalização e insensibilização saíram do ambiente do campo de batalha e se espalharam pelo cotidiano das cidades. Diante desses valentes, o homem comum está mais vulnerável do que as ovelhas diante dos lobos. O resultado dessa aritmética é fácil de ser percebido: basta ler o jornal de amanhã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização**. Vol. 2. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. 2. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 1999.

---

40 Policial Militar reage a assalto e mata três assaltantes em Goiânia. 1º/11/2012. In.<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/11/policial-militar-reage-assalto-e-mata-tres-assaltantes-em-goiania.html>. Acesso: 13 jul. 2013.

41 Duas pessoas morrem e policial fica ferido durante assalto, em Goiás. 27/02/2012. In.<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/02/duas-pessoas-morrem-e-policial-fica-ferido-durante-assalto-em-goias.html>. Acesso: 9 ago. 2013.

## **5.12. QUILOMBOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA: UM ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DAS COMUNIDADES VÓ RITA E JARDIM CASCATA**

Mestrando: Fernando Bueno Oliveira  
Universidade Estadual de Goiás

Professora Orientadora: Prof. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia  
Universidade Estadual de Goiás

O presente projeto de pesquisa propõe realizar um estudo sobre os quilombos da região metropolitana de Goiânia, tendo, para isso, a necessidade de realizar uma abordagem etnogeográfica relacionada às comunidades Vó Rita, situada em Trindade, e Jardim Cascata, situada em Aparecida de Goiânia. À luz de diferentes autores, considera-se o espaço como elemento constitutivo e produto de encontros/confrontos étnicos e raciais; é o lócus da reprodução das relações sociais de produção ou, em outras palavras, da sociedade; é social. Levando-se em consideração que o espaço urbano é formado por territórios, por muitas vezes etnicamente diferenciados (RATTS, 2003), pode-se dizer que, no caso de comunidades de quilombolas urbanos, trata-se de territórios vistos e/ou vividos, locais de relações e, enfim, espaços que se tornaram uma relação social de comunicação. A etnogeografia tem possibilitado uma base teórico-conceitual e metodológico-instrumental que vem permitindo que o pesquisador amplie suas perspectivas de apreensão das realidades estudadas quando procura conhecer junto aos sujeitos pesquisados as dimensões simbólicas e afetivas de suas espacialidades. Dessa forma, com o intuito de fazer um estudo etnogeográfico dessas comunidades é preciso haver o entendimento da territorialidade como elemento fundamental que ao mesmo tempo deve compor e influir diretamente na identidade daqueles grupos étnicos (CLAVAL, 2006). Espera-se que com o nosso trabalho contribuamos com as próprias comunidades pesquisadas no sentido de resgatar, de certa forma, as memórias relativas à construção de suas identidades e do significado que, ao longo de sua história, atribuíram ao território em que estão situados. A pesquisa a ser realizada será qualitativa. O método de apreensão ocorrerá por meio de observação. Algumas das seguintes etapas já vêm sendo realizadas: revisão bibliográfica inicial; realização de pesquisa de campo nas comunidades Vó Rita, em Trindade, e Jardim Cascata, em Aparecida de Goiânia, para o procedimento de observação e prática de entrevistas semi-estruturadas; revisão bibliográfica com o propósito de fundamentar os dados coletados nas pesquisas de campo; elaboração/finalização da dissertação de mestrado com o estabelecimento de conclusões e demonstrações de resultados; defesa do trabalho realizado e dos resultados apreendidos.

As primeiras leituras sobre essa temática têm demonstrado que os quilombos urbanos podem ser resultantes de processos migratórios, expansões urbanas e políticas de reorganização espacial (CAMPOS, 2012); as primeiras pesquisas em bibliotecas diversas e acervos de algumas instituições têm permitido estabelecer um traçado histórico dos quilombos no Brasil e em Goiás. É oportuno considerar que as produções goianas de cunhos etnohistórico e etnogeográfico relativas aos quilombos urbanos ainda são poucas, visto que, ao se falar de comunidades quilombolas, o mais comum são as produções direcionadas à formação de quilombos rurais (KARASCH, 1996) e, especificamente, à comunidade Kalunga (BAIOCCHI, 1999). Com a continuação do levantamento bibliográfico e a realização de trabalhos de campo, espera-se que o nosso trabalho sirva de referência aos estudos de quilombos urbanos do Brasil e, especialmente, do Estado de Goiás e que, de certa forma, contribuamos com as próprias comunidades pesquisadas no sentido de resgatar as memórias relativas à construção de suas identidades e do significado que, ao longo de sua história, atribuíram ao território em que estão situados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga. Povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 123 p.
- CAMPOS, A. **Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado”** no Rio de Janeiro. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, E. I., GOMES, P. C. C. da. CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006. p. 89-117.
- KARASCH, M. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, J. J. R e GOMES, F. S. (Orgs.) **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 240-262.
- RATTS, A. J. P. A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, M. G & RATTS, A. J. P. (Orgs.) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, pp.29-48.

Realização:

CÂMPUS DE CIÊNCIAS  
SÓCIO ECONÔMICAS  
E HUMANAS



Apoio:

**FAPEG**  
FUNDAÇÃO DE AMPARO  
À PESQUISA  
DO ESTADO DE GOIÁS

